

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

ISADORA CARDINALLI

**NINHO DE NÓS: sentidos da atividade humana
em terapia ocupacional**

SÃO CARLOS - SP

2022

ISADORA CARDINALLI

NINHO DE NÓS: sentidos da atividade humana
em terapia ocupacional

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos para defesa da tese de doutorado em Terapia Ocupacional.

Área de concentração: Redes sociais e vulnerabilidade

Orientadora: Profa. Dra. Carla Regina Silva



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Isadora Cardinalli, realizada em 22/02/2022.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Carla Regina Silva (UFSCar)

Profa. Dra. Sabrina Helena Ferigato (UFSCar)

Profa. Dra. Elizabeth M. F. Araújo Lima (USP)

Profa. Dra. Sandra Maria Galheigo (USP)

Profa. Dra. Luciana de Souza Gracioso (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional.

Apoio

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Agradecimentos

Essa atividade-escrita foi produzida graças à relação de amor e cuidado da comunidade da qual faço parte. Sem todas essas relações e a esperança que cultivamos conjuntamente, nada teria sido possível, não haveria o sentido e a sustentação necessária para germinar, gestar, cultivar, cuidar e parir. Agradeço a quem tem passado pela minha vida e sonhado junto uma terapia ocupacional e um mundo mais acolhedores.

Agradeço ao Romerito Pontes, meu companheiro de vida que me ajuda a sustentar meus sonhos e a fortalecer meus projetos. Obrigada por cada escuta, cada leitura, cada partilha, por gestar meu pensamento vivo a cada atividade cotidiana que partilha comigo. Obrigada pelas orientações, reflexões e inspirações sempre pertinentes.

Agradeço à minha querida orientadora, Carla Regina Silva, quem me apresentou os caminhos e está sempre ao meu lado nessa produção de vida, da qual a terapia ocupacional é parte. Você, seu afeto e generosidade e nossa comunidade são o motivo de tanta esperança e cultivo de belezas. Obrigada à toda constelação que gesta com o nome de AHTO – Atividades Humanas e Terapia Ocupacional, este lugar no qual nos reconhecemos. E aproveito para agradecer à querida Jéssica Cristina Poellnitz e sua importante parceria na investigação de temáticas comuns.

Agradeço à Mariangela Quarentei, por ser referência e inspiração, por seu acolhimento e generosidade, por sua orientação rigorosa que destaca as belezas que vê em nós e nos motiva às nossas próprias criações. Obrigada ao Coletivo de Terapia Ocupacional como Produção de Vida e à toda construção de sentido.

Agradeço às minhas companheiras de criação e sustentação dessa tese, obrigada pela existência comum, Carolina da Silva Shiramizo, Fernanda de Cássia Ribeiro e Paula Tatiana Cardoso, em nome de tantas outras mulheres terapeutas ocupacionais que estão sempre ao meu lado me incentivando, obrigada por cada apreciação e construção poética.

Agradeço, especialmente, à banca avaliadora por ser acolhedora e generosa compartilhando essa produção comigo. Suas apreciações, sugestões e notas foram preciosas e motivadoras para essa construção que deve muito a vocês.

Agradeço às turmas de estudantes do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos que ingressaram em 2013, 2016 e 2017, cujas trocas me motivaram a buscar o doutorado. Amanda Mendes Molina, Ketlin Cristina, Daniela Gonçalves da Costa e Rafaela Gonçalves, agradeço pela contribuição no trabalho de tabulação de dados da pesquisa.

Agradeço à Ivy Ota Calejon e ao grupo do Tecituras de Lina que me ensinou sobre a poética do gesto do bordado e sobre o desbordar.

Agradeço aos que vieram antes de mim, por suas vidas e lutas para que eu pudesse existir e criar. Agradeço também aos que têm vindo com curiosidade. E agradeço, sobretudo, pela vida!

*E aquele
Que não morou nunca em seus próprios abismos
Nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas
Não foi marcado. Não será marcado. Nunca será exposto
Às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema.*

Manoel de Barros

Resumo

A questão terminológica envolve diversas dimensões, forças e interesses, porém a elaboração conceitual está no centro do debate filosófico e científico. O enunciado atividade humana se fortaleceu nos discursos da terapia ocupacional brasileira após o questionamento de contradições em suas práticas, cujo sentido estaria sendo instrumentalizado para dominação por estruturas de poder. A recusa ao imperialismo e à reprodução de modelos descontextualizados apareceu entre as primeiras publicações nacionais, que estabeleceram diálogos com outros campos de conhecimento e perspectivas críticas, as quais embasaram a significação humana e cultural para atividade em terapia ocupacional. Esta pesquisa se dedicou aos discursos, acontecimentos e condições em torno do aparecimento e sustentação do enunciado atividade humana e suas compreensões junto a produções de terapeutas ocupacionais brasileiras(os); assim como promoveu experiências e produziu sentidos sobre atividade humana. A arqueologia do saber e genealogia do poder embasaram a escavação do enunciado e a implicação de forças relacionadas à linguagem, cultura, construção sócio-histórico-política, influência econômica e científica. Os discursos acadêmicos e profissionais foram escavados em três camadas: revisão de literatura (60 artigos), questionário virtual (81 participações) e cartas-narrativas da experiência (14 participações). A pesquisa-intervenção se referenciou em pistas do método da cartografia para promover relações entre experiência, vida e produção de conhecimento, revelando três investimentos: as palavras, as experiências e a criação de sentidos. A análise conceitual revela graduações e diversos elementos para a compreensão do enunciado: desde uma noção técnica a compreensões embasadas na expressão da vida. As narrativas mostram que a elaboração singular da experiência, implicada no encontro e no fazer junto, reconhece referenciais e inspirações, assim como produz recriações e um saber-fazer autoral. Os discursos mostram impactos da percepção da dominação e da violência na construção cultural brasileira, mas também revelam iniciativas esperançosas pela transformação das condições, o que marca uma produção da diferença na terapia ocupacional brasileira; há destaque para a filosofias e artes, além das ciências, contribuindo para a elaboração de saberes da experiência, o que agrega sentidos complexos à atividade humana em terapia ocupacional. A discussão do que foi produzido pela pesquisa-intervenção envolve uma consideração ética-estética-política da linguagem e uma construção de saberes da experiência no sentido do fazer-saber. Afirma-se a reflexão sobre a significação da atividade humana relacionada intrinsecamente com a produção de vida e de conhecimento, contribuindo para a construção de uma terapia ocupacional acolhedora de experiências e promotora do cuidado de si e da produção do mundo comum.

Palavras-chave: terapia ocupacional; atividades humanas; epistemologia; terminologia; narrativa pessoal

Nest of us/knots: meanings of human activity in occupational therapy

Abstract

The terminological issue involves several dimensions, forces and interests, but the conceptual elaboration is at the center of the philosophical and scientific debate. The statement human activity was strengthened in the discourses of Brazilian occupational therapy after the questioning of contradictions in its practices, whose meaning was being instrumentalized for domination by power structures. The refusal to imperialism and the reproduction of decontextualized models appeared among the first national publications, which established dialogues with other fields of knowledge and critical perspectives, which supported the human and cultural significance for activity in occupational therapy. This research was dedicated to the discourses, events and conditions surrounding the emergence and support of the statement human activity and its understandings along with the productions of Brazilian occupational therapists; as well as promoting experiences and producing meanings about human activity. The archeology of knowledge and the genealogy of power supported the excavation of the statement and the implication of forces related to language, culture, socio-historical-political construction, economic and scientific influence. Academic and professional discourses were excavated in three layers: literature review (60 articles), virtual questionnaire (81 participations) and experience narrative letters (14 participations). The intervention research was based on clues from the cartography method to promote relationships between experience, life and knowledge production, revealing three investments: words, experiences and the creation of meanings. The conceptual analysis reveals graduations and various elements for understanding the utterance: from a technical notion to understandings based on the expression of life. The narratives show that the unique elaboration of the experience, involved in the encounter and in doing together, recognizes references and inspirations, as well as producing recreations and an authorial know-how. The discourses show impacts of the perception of domination and violence in the Brazilian cultural construction, but also reveal hopeful initiatives for the transformation of conditions, which marks a production of difference in Brazilian occupational therapy; philosophy and arts are highlighted, in addition to science, contributing to the elaboration of knowledge from experience, which adds complex meanings to human activity in occupational therapy. The discussion of what was produced by the intervention research involves an ethical-aesthetic-political consideration of language and a construction of knowledge from experience in the sense of making-knowing. The reflection on the meaning of human activity intrinsically related to the production of life and knowledge is affirmed, contributing to the construction of an occupational therapy that welcomes experiences and promotes self-care and the production of the common world.

Keywords: occupational therapy; human activities; epistemology; terminology; personal narrative

Primeiras palavras

Escrevo esta carta a quem chega, como um convite para adentrar nessa produção que, antes de tudo, é produção singular com base na afetação. Você inicia sua experiência a partir de tantas que tive e compartilhei por aqui. Mostram-se caminhos, múltiplos fios e fluxos de sentido que se pode acompanhar... Eis aqui um texto fragmentado, textos, fragmentos, organizados em três cadernos. Não há uma ordem, uma necessidade de passar por todos, mas há um sentido que passa por todos eles. Portanto, esta carta não é um manual de usos e funções, é mais um catálogo do que está exposto, uma microcartografia que aponta lugares, um prefácio para preparar sua chegada. Avance por onde lhe despertar curiosidade, te encontrarei por lá!

O caderno 1, "MARCAS NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: atividade humana na terapia ocupacional no Brasil", mostra um jogo de palavras que é também um jogo de forças. Os quatro primeiros textos – **mote (sm.)**, **motim (sm.)**, **motivo (adj. sm.)** e **língua (sf.)** – apresentam a problematização terminológica na terapia ocupacional por diferentes perspectivas e com referenciais que deslocam o debate e propõem discussões e contextualizações de experiências e produções brasileiras. Também mostra a motivação pessoal para o investimento na pesquisa. Os quatro textos finais – **registro (sm.)**, **diferir (vb.)**, **propagar (vb.)** e **discorrer (vb.)** – se dedicam à perspectiva teórico-metodológica da arqueologia do saber e genealogia do poder, a partir de Michel Foucault, para conduzir um processo de escavação de enunciados, discursos e condições de acontecimentos envolvendo a terapia ocupacional brasileira. A pesquisa se faz em camadas que adentram em discursos acadêmicos e profissionais sobre o enunciado atividade humana, se dedicando a acontecimentos, referenciais e elaborações conceituais.

O caderno 2, "EXPERIMENTAR, APRECIAR E AFIRMAR: pesquisar é atividade humana", inicia uma tecitura de sentidos entre o pesquisar e o experienciar a atividade humana. O **fio da meada** relaciona os dois primeiros cadernos da pesquisa e aproxima de pistas do método da cartografia para se afirmar uma pesquisa-intervenção crítica e sensível. O **bastidor** propõe o dispositivo de cartas-narrativas para fazer-pensar atividade humana e terapia ocupacional, como última camada na escavação do enunciado, por meio da escrita de terapeutas ocupacionais sobre o a-con-tecer da atividade humana que, quando se encontram, passam a **alinhar novos retalhos** sobre saberes-fazer ou fazer-saberes. Com **ponto atrás e ponto haste** se apresenta uma artesanania entre o que se é, faz, pensa e sente implicados na produção de conhecimento, conta-se sobre o trans-bordar da pesquisa. O **fio na agulha** traz pistas sobre a elaboração do enunciado na formação em terapia ocupacional, pela

perspectiva de participantes. E, pelo **avesso e fios soltos**, se revelam referências, inspirações, recriações e devires autorais, afirmando o autorar baseado na experiência.

E o caderno 3, "ESPERANÇAR LUGARES QUE ACOLHAM A FALTA DE LUGAR: linguagem, experiência e criação", se dedica a reflexões que foram aparecendo com os afetos de produzir a pesquisa em terapia ocupacional pela atividade humana, percebidos na implicação de ser terapeuta ocupacional e investir no enunciado atividade humana. São dois mergulhos e construções de sentido em temas que se desdobraram na pesquisa: a **ética-estética-política da linguagem** e o **saber da experiência, saber-fazer, fazer-saber**. E, como fechamento da tese, recuperam-se pontos de força do que foi produzido ao **fazer-pensar atividade humana, reconhecimentos e alianças** e são tecidas reflexões propositivas para **criar, gestar, cultivar, parir e cuidar em terapia ocupacional**, com inspiração na produção de vida, no reconhecimento e cuidado de si e na construção de um mundo comum.

O título do trabalho é inspirado na palavra guarani *ñe'e raity* (ninho das palavras-alma), para nos lembrar que são nossas experiências que fecundam nossa garganta-ninho, gerando palavras-alma repletas de sentido de vida; e "nós" assegura múltiplos sentidos ao que é gestado nesse ninho, cuja beleza de seu emaranhado indiscernível continua a ser cuidado. Os títulos dos três cadernos fazem referência e são uma homenagem a proposições da terapeuta ocupacional e artista Mariangela Scaglione Quarentei, que nos ensina sobre transgressão e produção de conhecimento como produção de vida.

Entre desejos, desconfortos e curiosidade, vou rasgando e remendando linguagem, experiência e criação durante o pesquisar, cuidar e produzir terapia ocupacional, na relação com a atividade humana. Amparada por tantas de nós, deixo para você o que temos tecido juntas em nossos encontros.

Com carinho,
Isadora Cardinalli

Caderno 1

**MARCAS NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO:
atividade humana na terapia ocupacional no Brasil**

*Jurei mentiras e sigo sozinho
Assumo os pecados
Os ventos do norte não movem moinhos
E o que me resta é só um gemido
Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos
Meu sangue latino
Minh'alma cativa
Rompi tratados, traí os ritos
Quebrei a lança, lancei no espaço
Um grito, um desabafo
E o que me importa é não estar vencido
Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos
Meu sangue latino
Minh'alma cativa*

(Sangue Latino – João Ricardo e Paulinho Mendonça)

Sumário do Caderno 1

mote (<i>s.m.</i>)	3
motim (<i>s.m.</i>)	9
motivo (<i>adj. s.m.</i>)	15
língua (<i>s.f.</i>)	17
registro (<i>s.m.</i>)	22
Raízes, heranças e marcas na produção do conhecimento	25
Reelaborando a terapia ocupacional pela atividade e atividade humana	34
diferir (<i>vb.</i>)	47
propagar (<i>vb.</i>)	53
Fluxo temporal dos 60 artigos	54
Autoria dos 60 artigos	55
Locais de publicação dos 60 artigos	55
Referenciais em 49 artigos	56
Análise conceitual nos 49 artigos	57
discorrer (<i>vb.</i>)	65
Perfil de participantes (81 participações)	66
Terminologia relacionada à atuação em terapia ocupacional (81 participações)	68
Significação da atividade humana no discurso de 74 profissionais	69
Referenciais indicados que ajudam a pensar as atividades humanas	76
Breves apontamentos discursivos	78
referências do caderno 1	79
apêndice 1	90
apêndice 2	96
apêndice 3	97

mote (*sm.*)

‘*extensivo a tema, assunto*’

Do provençal ou do francês *mot* ‘palavra’¹

Os estudos sobre a produção de conhecimento da terapia ocupacional no Brasil que temos realizado no diálogo com a história e a epistemologia a partir de narrativas orais, publicações e dados cadastrados em grupos de pesquisa e currículos de pesquisadores da área (CARDINALLI, 2014; CARDINALLI, 2017; POELLNITZ, 2018; CARDINALLI; CASTRO, 2019; POELLNITZ; SILVA; CARDINALLI, 2020; ALBUQUERQUE; CARDINALLI; BIANCHI, 2021; CARDINALLI; SILVA, 2021) têm colocado o debate sobre a questão terminológica da profissão em contextos nacionais e internacionais. Nesse percurso, deparamo-nos com ensaios e pesquisas que se dedicaram ao tema, sendo ele recorrentemente apresentado como dicotomia ou duelo, e pouco como dueto, formado entre “atividade” e “ocupação” (GALHEIGO, 1988; SOARES, 1991; FRANCISCO, 2001; CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001; LIMA, 2003; PIERCE, 2003; QUARENTEI, 2007; MEDEIROS, 2010; LIMA; PASTORE; OKUMA, 2011; GALHEIGO, 2012; FERIOTTI, 2013; LIMA; OKUMA; PASTORE, 2013; MAGALHÃES, 2013; SALLES; MATSUKURA, 2016; GALHEIGO, et al, 2018; FIGUEIREDO et al, 2020).

Os estudos que contemplaram diferentes termos na análise das publicações de terapeutas ocupacionais no Brasil, como “ação”, “atividade”, “cotidiano”, “fazer”, “ocupação”, “práxis” e “trabalho”, constatam o uso concomitante deles, além de uma polissemia de significados compreendidos, quando um deles é analisado independentemente. O termo “atividade” aparece enquanto o mais utilizado e teorizado, a partir de 1990, sendo utilizado com ou sem alguma de suas dezenas de qualificadores, como a variação “atividade humana” (TOYODA; AKASHI, 1993; LIMA; OKUMA; PASTORE, 2013; POELLNITZ, 2018; POELLNITZ; SILVA; CARDINALLI, 2020).

Há textos que abordam sobre “atividade” e “ocupação” mostrando uma transição no uso deste por aquele e o contexto discursivo brasileiro que embalou esse percurso (GALHEIGO, 1988; SOARES, 1991; MEDEIROS, 2010; FERIOTTI, 2013; GALHEIGO, et al, 2018), como também propondo ou investigando sobre a diferenciação de seus respectivos significados

¹ CUNHA, A. G. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010, p. 438.

(FRANCISCO, 2001; CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001; QUARENTEI, 2007; GALHEIGO, 2012; SALLES; MATSUKURA, 2016; FIGUEIREDO et al, 2020).

Magalhães e Galheigo (2010) partiram de uma preocupação internacional com a padronização terminológica da profissão ao conduzirem uma investigação junto a terapeutas ocupacionais do Brasil, que além de constatar o uso do termo “atividade” como mais recorrente, mostrou que não havia interesse das(os) participantes pela padronização ou alcance de um consenso que priorize este ou qualquer outro termo sobre outros, pois reconhecem que há determinantes políticos e relação intrínseca com o poder na constituição da linguagem. Magalhães (2013), então, analisou publicações de língua inglesa para mostrar que “ocupação” tem sido sugerida para o aprofundamento das bases científicas da profissão, mas coloca que o termo carrega significados dúbios, mesmo no idioma inglês, o que dificulta sua tradução adequada para outros contextos linguísticos.

A premissa de que um termo seja consenso na profissão tensiona um debate identitário unitário para a terapia ocupacional – seja no Brasil ou no mundo – a partir de um idealizado melhor caminho e, portanto, dominante e excludente. O argumento implícito parte comumente de uma análise que coloca a terapia ocupacional em condição de fragilidade – e que, portanto, deve ser corrigida – em uma perspectiva mercadológica, competitiva e impositiva. Mostra-se, com isso, um raciocínio positivista, medicamentoso e funcionalista, colocando “o objeto único” como resolução para o desejado fortalecimento científico. Pouco se vê, no debate, pesquisas amparadas por vias epistemológicas, construtivas e solidárias à pluralidade, que considerem outras racionalidades, filosofias ou perspectivas.

Bauerschmidt e Nelson (2011) analisaram as publicações do *American Journal of Occupational Therapy* entre 1922 e 2004, com foco na variação do uso dos termos “atividade” e “ocupação”. Viram que o termo “ocupação” teve seus picos nos anos 1920 e 2000, enquanto nas outras décadas o uso foi pequeno. Já “atividade” esteve em alta entre 1930 e 1960, período avaliado como frágil para a profissão, caindo nas décadas seguintes e voltando a ter pico em 2000. Nenhum dos termos foi muito utilizado nas décadas de 1970 e 1980. Em números totais, embora os picos de “ocupação” tenham sido maiores se comparados aos picos de “atividade”, na soma total de todas as décadas, “atividade” foi o termo mais mencionado nas publicações do periódico. Ainda assim, na conclusão, fazem referência a Gary Kielhofner, que desenvolveu o Modelo da Ocupação Humana na década de 1970, para indicar que “ocupação” deve ser priorizado, já que estava na essência profissional.

Morrison Jara (2018), também referenciado por Kielhofner, aponta que o estímulo à “ocupação” foi o foco inicial da profissão nos Estados Unidos da América, tendo múltiplas disciplinas como referência. Mas, na busca por evidências científicas e validação do tratamento e benefício à saúde, legitimou-se como disciplina ligada e hierarquizada à medicina embalando um Paradigma Mecanicista da profissão, o qual embasou sua difusão por muitos países. Esse período é relacionado ao uso do termo “atividade” por ser mais acessível às outras profissões médicas, mas a justificativa de que “ocupação” seria sua garantia de especificidade prevalece (BAUERSCHMIDT; NELSON, 2011; ZANGO MARTÍN, 2015; MORRISON JARA, 2018).

Com a criação de modelos profissionais na América do Norte e do Doutorado em Ciência Ocupacional no Canadá, esforços que apontam um Paradigma da Ocupação enquanto discurso resolutivo para a identidade profissional, pois exaltam sua origem relacionada à “ocupação”, vista como ontologia da terapia ocupacional (MORRISON JARA, 2018), derivando em outros termos, como: comportamento ocupacional, desempenho ocupacional, competência ocupacional, equilíbrio ocupacional, bem estar ocupacional, ocupação significativa, identidade ocupacional, rotina e papel ocupacional (ZANGO MARTÍN, 2015).

Porém, as compreensões de “ocupação” e “saúde” também foram criticadas por sua manutenção de um discurso e prática liberais, decorrendo no Paradigma Social da Ocupação cujo enfoque se baseia nas comunidades e no reconhecimento de injustiças produzidas pela desigualdade, absorvendo uma tendência crítica que já se expressava em países com economias periféricas do capitalismo global, em países da América Latina, como Brasil, Argentina, Chile, e Colômbia, e na África do Sul (MORRISON JARA, 2018). Dentre as terminologias que passam a se destacar, estão: justiça ocupacional, apartheid ocupacional, privação ocupacional, alienação ocupacional, co-ocupação e de ocupações coletivas (ZANGO MARTÍN, 2015).

Se, por um lado, aparece um certo consenso internacional sobre a padronização do uso de “ocupação” por trazer um caráter mais específico à terapia ocupacional (BAUERSCHMIDT; NELSON, 2011), por outro, a falta de embasamento nas ciências sociais e na filosofia mantém uma escassez de análises críticas pela terapia ocupacional, o que incide mesmo na ideia de justiça ocupacional que tem sido reproduzida sem contraposições, em uma falsa construção de consenso, o que torna a formação confusa e o tema inutilizado na atuação profissional (HAMMELL, 2020).

Pierce (2003), pesquisadora estadunidense, encara a disputa terminológica como parte da reivindicação por uma fatia do mercado profissional e problematiza o lugar de poder de órgãos

representativos que decidem estabelecer normativas conceituais, como a *American Occupational Therapy Association* – AOTA, pois sua função não deveria ser teorizar ou criticar teorias. O estabelecimento de hierarquias conceituais ou o banimento de termos, para ela, também não promovem uma discriminação lógica. Pierce (2003) acredita que o uso dos termos “atividade” e “ocupação” são centrais e igualmente válidos para a terapia ocupacional, tendo sido usados de forma intercambiável, mas que possuem definições distintas e deveriam ser considerados separados e complementarmente.

A questão se aprofunda quando o debate emerge da experiência de diferentes contextos culturais. Chan (2007), por exemplo, escreve sobre os desafios da incorporação da profissão ocidental na China, assim como sobre os dilemas da tradução como, por exemplo, das palavras “terapia” e “ocupação” e suas compreensões culturais, com destaque à diferença de valores ocidentais e orientais.

Ivarsson e Müllersdorf (2008) investigaram qual seria a melhor tradução sueca para o termo “ocupação”, como utilizado no inglês, utilizando a etimologia das duas línguas junto com uma revisão da literatura da área, e concluem que, enquanto *syssla* (ocupação) seria uma tradução livre, *aktivitet* (atividade) se mostra como um termo melhor para a expressão da profissão na Suécia, já que seu significado semântico detém mais “poder, força e espírito” (p. 59). O mesmo estudo identificou que a definição em inglês do termo *activity* (atividade) é “qualquer coisa ativa; uma força ou operação ativa, atividades concretas e práticas dirigidas a algum fim previsto” (p. 57). Já *occupation* (ocupação), seria: “oportunidade de gerenciar sua vida cotidiana pela maestria, escolha e controle” (p. 57), estrutura que organiza tempo, ritmo e lugar, o que aponta seu uso “como um meio para atingir um objetivo” (p. 57), incorporando a conexão com saúde e bem-estar.

Já os estudos nos contextos brasileiros, como de Salles e Matsukura (2016) e Galheigo et al (2018), mostram que a produção de conhecimento da terapia ocupacional no Brasil nem sempre buscou reproduzir ou equiparar conceitos, significados e compreensões sobre o saber-fazer da profissão referenciada pela produção estadunidense ou da língua inglesa; estabelecendo, assim, caminhos próprios de adoção terminológica e construção semântica cujos sentidos privilegiam suas próprias experiências culturais.

Figueiredo e colaboradores (2020), estudando o uso dos dois termos na literatura nacional, mostram que “ocupação” tem sua utilização difusa e, prioritariamente, embasada no Modelo de Ocupação Humana (MOHO) e/ou na Ciência Ocupacional. Já “atividade” estaria

em 73% dos achados, relacionada à ampliação e reflexão dos campos de prática e à análise de problemáticas contemporâneas e desafios históricos específicos da profissão no país, como “processos de desigualdade e exclusão, as crises políticas, econômicas e ambientais, os processos de precarização do trabalho e da geração de renda, as violências e intolerância à diversidade humana e cultural” (FIGUEIREDO et al, 2020, p. 977).

A questão terminológica nos campos de conhecimento envolve dimensões e dinâmicas que interferem em sua adoção e elaboração de sentidos. A análise terminológica indica uma produção epistemológica e social fortemente implicada na cultura e nas relações interculturais, com o destaque linguístico e dos processos de tradução. A terapia ocupacional foi criada em certa realidade, condições, cultura e idioma, mas quando se expressa em outras nem sempre é acompanhada de questionamentos importantes, dentre eles, o como se deu sua inserção enquanto saber-poder advindo do principal centro econômico e político do mundo.

Hammell (2009) questiona o fato de raramente se contestar as suposições básicas que acabam sendo mantidas no como se compreende a “ocupação”, lembrando que apesar de serem determinadas culturalmente, são refletidas como universais e/ou naturais. A terapia ocupacional tem sido vista como uma disciplina científica positiva, unitária e neutra e os profissionais que não aceitam tais convenções são acusados de não defenderem seu fortalecimento. Por outro lado, sua aceitação acrítica revela traços messiânicos diante de textos sagrados e seus pressupostos, valores e crenças, perpetuando o etnocentrismo e imperialismo teórico como forma de colonialismo intelectual. A autora nos lembra que a terapia ocupacional, como qualquer produção humana, é condicionada pela cultura.

As produções que investem em posicionamentos críticos têm reconhecido o papel das ciências humanas e sociais na qualificação da produção de conhecimento em terapia ocupacional, inclusive na análise da questão terminológica. Os termos são considerados, pelas ciências humanas, unidades de comunicação que envolvem um esforço para descrição de determinadas experiências em um certo universo temático, acompanhados por noções que são imagens de aproximação ainda não suficientemente delimitadas. Alcançam o estatuto de conceitos quando se tornam unidades de conhecimento implicadas em quadros teóricos e perspectivas sobre alguma realidade. A distinção entre essas unidades pode ser sutil e requer a inserção no debate da comunidade referida para diferenciá-los (BARROS, 2016).

Os conceitos visam determinadas experiências e realidades, sendo potencialmente generalizáveis, o que ajuda a organizar os campos para que sejam analisados, porém, como não

podem assegurar uma apreensão total, não são definitivos, continuam sendo reelaborados teoricamente. Conceitos são, sobretudo, palavras e, concretamente, não existe “uma linha definitiva separando os conceitos das palavras comuns” (p. 30), o que indica seu “status de conceito, em muitos casos, é o campo no qual ela se encontra” (BARROS, 2016, p. 29).

Em casos de anacronismo, isto é, quando um conceito se mostra inadequado para analisar problemas históricos e sociais fora de seu tempo, tanto ao analisar questões passadas com conceitos atuais quanto na importação de conceitos para aplicações atuais, sem considerar as possibilidades de variações nos seus significados, pode-se gerar equívocos, o que tem levado análises históricas a preferir não traduzir, por exemplo, termos de línguas estrangeiras relacionadas a regiões específicas (BARROS, 2016).

Também podem ser criticados os casos em que a compreensão do conceito é construída de cima para baixo, como mero constructo ideal, sem considerar a experiência da vida e as situações concretas que deveriam inspirá-la, ou uma análise honesta da totalidade de casos que podem dar ou não sustentação à formulação conceitual proposta. Em muitos casos, o conceito é construído apenas na mente, e depois se tenta forçar os casos concretos a caberem na sua compreensão forjada idealmente (BARROS, 2016, p. 125).

Na análise histórica conceitual relacionada a práticas, os termos vão ganhando sentidos, aprofundamentos e contradições, o que produz a coexistência de diversas perspectivas teóricas e a polissemia (uma variedade de sentidos) dos conceitos. Para isso, é necessária uma arqueologia dos inúmeros sentidos que podem estar encobertos, entrelaçados e alternados em camadas temporais de seu campo. Por se tratar de uma construção histórica e reflexiva de experiências, as pesquisas conceituais são recorrentemente relevantes para os campos de saberes e práticas (BARROS, 2016).

Ainda que o debate filosófico e científico sobre linguagem se torne imprescindível aos campos disciplinares, também é preciso considerar que a conceitualização especialista pode permanecer inacessível para os não iniciados ou para os que estão mais distantes de certa formatação disciplinar. Assim, ao mesmo tempo em que se comunica com alguns também se interdita a comunicação a outros, isso porque o saber é um poder “disposto a conservar a distância todos aqueles que não demonstrem possuir a devida competência conceitual” (BARROS, 2016, pp. 36-37). Por isso, a adoção terminológica ou conceitual não é uma escolha apartada de relações de poder e opressão com aqueles que não compõem o campo ou o compõem em outras comunidades de sentido.

motim (*sm.*)

‘revolta, rebelião, sublevação popular’¹

O debate terminológico da terapia ocupacional aparece com o interesse pelo estabelecimento de definição identitária diante do mercado profissional. Órgãos reguladores e representativos, como a Federação Mundial de Terapia Ocupacional – WFOT, a Associação Brasileira dos Terapeutas Ocupacionais – ABRATO e o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional – COFFITO, propagam suas próprias definições. Com influência internacional, poderíamos citar, entre outros: a Associação Americana de Terapia Ocupacional – AOTA, a Associação Canadense de Terapeutas Ocupacionais – CAOT, a Rede Europeia de Terapia Ocupacional em Educação Superior – ENOTHE, a Associação Argentina de Terapia Ocupacional – AATO e o Colégio de Terapeutas Ocupacionais do Chile (ENOTHE, 2012; WFOT, 2017; 2020; AATO, 2020; AOTA, 2020; COFFITO, 2020).

No geral, as definições apresentadas internacionalmente apresentam grande similaridade: a terapia ocupacional é tratada como uma disciplina, profissão ou arte e ciência (quando em nível de pós-graduação) dedicada à saúde, qualidade de vida e bem estar nos âmbitos sanitário, educativo, laboral, judicial e sócio-comunitário, com engajamento na vida cotidiana e na ocupação humana. Destinando-se ou sendo centrada no indivíduo, grupo e comunidade, pessoas em situações de estresse, enfermidade, incapacidade e disfunções, com foco em lesões, doenças ou incapacidade por se dedicar ao desempenho ocupacional, habilitação, capacitação, adequação e adaptação das pessoas, de suas capacidades e/ou do ambiente (ENOTHE, 2012; WFOT, 2017; 2020; AATO, 2020; AOTA, 2020).

Os objetivos e a função profissional aparecem como: adaptar pessoas ao ambiente; adaptar a ocupação ou ambiente às necessidades da pessoa; habilitar e capacitar as pessoas; capacitar o desempenho ocupacional; superar barreiras que impedem o desempenho de atividades em sua vida cotidiana; participar de ocupações ou atividades da vida diária e da sociedade; habilitar uma sociedade justa e inclusiva; alcançar plenitude da vida; visar o ser produtivo e com autonomia no trabalho e no tempo livre; tendo como instrumento de intervenção as ocupações, principalmente, mas também as atividades da vida diária (ENOTHE, 2012; WFOT, 2017; AATO, 2020; AOTA, 2020).

As definições mescladas acima empregam termos bastante próximos como se houvesse uma unificação de sentidos, porém suas concepções podem ser questionáveis: capacitar, habilitar, adequar e adaptar as pessoas considera uma métrica normatizadora? Remover

barreiras ambientais é suficiente para tornar uma sociedade justa e inclusiva ou seria uma idealização abstrata da realidade? Buscar maior desempenho, funcionalidade, autonomia e engajamento é parte de uma visão capitalista de vida produtiva? Priorizar trabalho e tempo livre como únicas esferas da vida seria restringi-la a essa condição produtivista? Bem estar, qualidade de vida e saúde seriam valores genéricos em qualquer contexto? Será que apenas os termos estão sendo propagados globalmente ou concepções hegemônicas também?

A ênfase no condicionamento das pessoas que estão fora de um perfil social adequado condiciona uma compreensão de funcionalidade produtivista como ideal de condição significativa, justa e saudável. Nesse sentido, há um ciclo intervencionista que se retroalimenta, já que o desajuste social é alimentado no próprio discurso normativo, o que garante poder às especialidades para intervir sobre a vida humana, destrinchada como mercadorias.

O COFFITO (2020), especificamente no contexto brasileiro, considera-a como uma profissão não só da saúde, como também do social, inserida em diferentes níveis das políticas públicas de saúde e assistência social do país, mostrando condições bastante particulares para essa especialidade. Contudo, como esse conselho tem a tarefa de diferenciar duas profissões para o mercado – que partilham um mesmo patrimônio, mas com forças políticas desiguais –, especifica que a terapia ocupacional visa a qualidade de vida se dedicando a indivíduos “portadores”² de alterações, distúrbios e/ou doenças que afetam o cotidiano e suas funções práticas, para melhorar sua capacidade “psico-ocupacional” e seu estado psicológico, social, laboral e de lazer, por meio da atividade humana.

Ao olharmos apenas para as terminologias das definições, ou seja, analisando apenas documentos e histórias que alcançaram a oficialidade, ficam invisibilizados os acontecimentos e processos que sustentaram diferenças explicitadas, como no caso, da definição da ABRATO, que alcançou oficialidade junto à WFOT, mas cujo deslocamento conceitual nem sempre se faz compreendido. Tal definição, dentre as visitadas, é a única que considera a terapia ocupacional além da dinâmica mercadológica, mas implicada nas experiências contextualizadas e nos direitos das pessoas.

² Terminologia politicamente ultrapassada, sendo indicada pela Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, assinada em Nova York em 30 de março de 2007 e adotada pela Constituição Brasileira pelo Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, a referência à “pessoa com deficiência”.

A definição adotada pela ABRATO foi, entretanto, formulada pelo corpo docente da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para divulgação de seu curso, em 1997. Primeiro, considera-a como um *campo de conhecimento* interdisciplinar, sendo voltado para a saúde, a educação e a esfera social. Então, descreve sua atuação junto a pessoas com problemáticas, temporárias ou definitivas, sem limitar especificações, mas que acarretem dificuldade na inserção e participação na vida social e, para isso, reúne *tecnologias orientadas para emancipação e autonomia*. E sua atuação é *dimensionada pela atividade*, que é colocada como elemento centralizador e orientador dessa construção que é complexa e contextualizada (WFOT, 2017).

Embora seja uma definição elaborada há mais de vinte anos, mostra sua força de resistência ao prevalecer marcas de deslocamentos que não podem ser discutidos apenas como questão terminológica ou pela perspectiva científica. Definir seria uma busca por delimitar a extensão, dar limites a algo ou alguém, para restringir seus significados (CUNHA, 2010). Tem-se em Aristóteles uma das grandes referências da ciência moderna, o qual propôs o que deveria ser a delimitação de conceito, suas proposições ou usos e o raciocínio que infere conclusões lógicas, ou seja, seria um método de abstração do real para definir – e defender – uma essência das coisas. O raciocínio dedutivo enquanto pilar da racionalidade cartesiana moderna (“penso, logo existo” de Descartes), colocou a dedução ou definição como base para a reprodução de experimentações sob mesmo fundo teórico (CARVALHO, 2013). Essa proposição baseada no controle traçou um “caminho seguro e previsível da ciência” (LARROSA, 2016, p. 33).

A busca pela definição, essência ou ontologia é a crença que alimenta uma célula originária como delimitação do que se é e do que não se é, porque “gosta-se de acreditar que as coisas no início se encontravam em estado de perfeição” (FOUCAULT, 2018, p. 59). Assim, quem for capaz de definir – e defender – que um momento histórico pode ser disseminado como originário, adquire estatuto para comprovação de uma verdade. Portanto, postulados como a origem, a identidade e, inclusive, a história acabam operando a serviço do poder na disputa pela verdade, que é a própria disputa pelo poder (FOUCAULT, 2018).

Boaventura de Sousa Santos (2010) explica que o pensamento moderno ocidental produziu um pensamento abissal, que consiste em um sistema de distinções visíveis fundamentadas por distinções invisíveis; ou seja, *a distinção visível é a tensão entre regulação e emancipação social*, que está na base de todos os conflitos modernos e críticas à modernidade; já *a distinção invisível é a tensão entre apropriação e violência*, o que diferencia e separa as

sociedades metropolitanas dos territórios coloniais pela linha abissal, pois nesses territórios não existe nem regulação nem emancipação. Assim, a característica fundamental do pensamento abissal “é a impossibilidade da copresença dos dois lados da linha” (SANTOS, 2010, p. 32).

O projeto de modernidade foi pautado no desenvolvimento econômico das metrópoles, e alimentado pela exploração das colônias, criando essas distinções que se expressam na produção do direito e do conhecimento. A cartografia travou o limite entre o legal e o ilegal, difundindo a ideia de que “não existe pecado do lado de baixo do Equador”³, onde vale outra jurisprudência. Essa configuração garantiu a diferença entre humanidade civilizada e povos selvagens, o que embasou o argumento de que esses tinham almas vazias e, portanto, justificava-se a invasão e a ocupação de seus territórios (SANTOS, 2010).

As teorias humanistas dos séculos XV e XVI, voltadas ao desenvolvimento daquela humanidade, criaram um personagem sub-humano como grau zero da evolução, apagando as diferenças territoriais, históricas e culturais e se justificando pela ideia de dignidade humana. A ciência “inventa passados para dar lugar a um futuro único e homogêneo” (p. 37), conduzida pela lógica clássica dada como universal para embasar a distinção entre verdadeiro e falso, conquistando o monopólio do saber e marcando toda disputa epistemológica moderna. “A sua visibilidade assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não encaixam em nenhuma destas formas de conhecer” (SANTOS, 2010, p. 33).

Com a verdade sendo colocada por esta ciência, a humanidade foi caracterizada pela métrica da civilidade e da moralidade do homem branco europeu e a ideia de desenvolvimento ficou dependente da relação econômica capitalista, o que instituiu toda a base da hegemonia epistemológica retroalimentada pelos poderes hegemônicos da colonização, do patriarcado e do capitalismo. Pilares que continuam justificando e se alimentando das distinções invisíveis em que “a apropriação envolve incorporação, cooptação e assimilação, enquanto a violência implica destruição física, material, cultural e humana” (SANTOS, 2010, p. 37-38).

A epistemologia foi instituída como um projeto filosófico indissociável da ciência moderna que justifica e legitima autoridades hegemônicas. Por isso, Santos propõe uma nova epistemologia que vá além da ciência como padrão de conhecimento, uma epistemologia pós-colonial que aborde mais do que um mundo orientado pelo pensamento ocidental, com intenção

³ “Não existe pecado do lado de baixo do Equador” é uma canção composta pelo músico brasileiro Chico Buarque

de alcançar um pensamento pós-abissal (NUNES, 2010). Será preciso reconhecer o pensamento abissal para que se comece a pensar e agir além dele, um pensamento pós-abissal que rompa com a monocultura do saber. Apenas então será possível pensar em uma ecologia dos saberes que não terá como base uma epistemologia geral, mas epistemologias diferentes para contextos diversos (SANTOS, 2010).

Até lá, Santos (2007a, p. 83) propõe um “pensamento alternativo de alternativas” para romper com a cosmovisão da modernidade, conectando ciência e sociedade por conhecimentos locais. A ordem da apropriação/violência só poderá ser enfrentada ao situar perspectivas epistemológicas “na experiência social do outro lado da linha, isto é, do Sul global não-imperial” (SANTOS, 2010, p. 53). Um pensamento pós-abissal necessita aprender com as experiências do Sul, o que requer a valorização das Epistemologias do Sul.

Com isso, segue-se uma “crítica interna da ciência”, uma “crítica a partir dos saberes, conhecimentos e práticas que a epistemologia dominante caracteriza como não-científicos” e a crítica da “própria concepção da epistemologia como discurso normativo” (NUNES, 2010, p. 281). Uma nova epistemologia, mesmo que pareça um paradoxo, servirá para a “caracterização de uma epistemologia do Sul como uma epistemologia geral da impossibilidade de uma epistemologia geral” (NUNES, 2010, p. 281). Nesse caminho, Santos (2007b) indica quatro proposições que se inter-relacionam: a sociologia das ausências, a sociologia das emergências, a tradução cultural e a ecologia dos saberes.

É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer a sua autonomia. A ecologia dos saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento (SANTOS, 2010, p. 53).

Nunes (2010, p. 279) lembra que reconhecer a dignidade e a validade de todos os saberes não significa assumir o relativismo onde todos se equivalem, ao contrário, “implica que nenhum saber poderá ser desqualificado antes de ter sido posta à prova a sua pertinência e validade em condições situadas”.

No que diz respeito à terapia ocupacional, sua constituição moderna se pautou na lógica dicotômica e hierarquizante entre fazer/pensar, corpo/mente, natureza/cultura, exclusão/inclusão, incapacidade/capacidade, dentre outros, não apenas embasada pela ciência moderna, como sendo condizente com os valores capitalistas, imperialistas e colonialistas, considerando, no máximo, a tensão entre regulação e emancipação e ignorando a apropriação e

a violência. A crítica se inicia com a autocrítica, portanto, para propor caminhos pós-coloniais e contra-hegemônicos, será necessário tanto ressignificar conceitos e preceitos, como reconhecer a produção que parte de outras experiências.

motivo (*adj. sm.*)
'que pode fazer mover'¹

Com essa pesquisa, seguiremos pistas pelo *Outro* sentido apontado, para afirmar *outras* terminologias em busca de significados tecidos na criação de trajetórias singulares, sentidos compartilhados e terapias ocupacionais plurais que foram produzidos no Brasil. Para isso, as primeiras experiências que precisam ser reencontradas e reconhecidas serão a desta pesquisadora.

Neste processo de doutoramento, entre 2018 e 2022, a percepção de que minha trajetória na terapia ocupacional se configurava em territórios *outros* se intensificou. As interfaces em vez dos campos, as diferenças em vez da totalização, o encontro entre o sensível e o crítico, a premissa pelas proposições coletivas, o reconhecimento pelo debate cultural, a dificuldade em assumir uma única perspectiva teórica ou seguir uma metodologia fechada.

Após as pesquisas que realizei sendo orientada pela Profa. Eliane Dias de Castro e pela Profa. Carla Regina Silva, que buscaram reconhecer trajetórias e produções de conhecimento singulares, coletivas e plurais em terapia ocupacional, também aprendi sobre mim.

Em direção contra hegemônica, alguns profissionais procuraram *outras* estratégias para construir conhecimento, por meio da potência de criação da própria terapia ocupacional, que na experiência dos profissionais apresenta uma tessitura de conceitos e, ao mesmo tempo, atua com formas de existência individuais e coletivas peculiares, numa conjunção de mútua implicação (CARDNALLI; CASTRO, 2019, p. 583, grifo meu).

É na experimentação que se realiza o inventar e o criar. Vê-se que a terapia ocupacional contemporânea vem experimentando, se reconhecendo e se conectando a novos descritores que reconstituem o cenário profissional. E assim, entram em operação ideias de produção de cuidado, de saúde, de subjetividade, de redes, de vida, de modos de vida. Tem-se investido em *outras* formas, mais livres, mais plásticas, de habitar e percorrer novos caminhos através de fendas, encontrando brechas no sistema formal e dominante e admitindo que haja fios soltos. Há uma necessidade de respirar e de conhecer com liberdade (CARDNALLI; CASTRO, 2019, pp. 596-597, grifo meu).

Esse desejo pelos *outros* caminhos, o desejo pela diferença, como coloca Elizabeth Lima (2003), foi também realçando lugares ou não-lugares, “criando lugar(es) para acolher a falta de lugar”, como disse Mariangela Quarentei (1999a).

[Junto à] A Terapia Ocupacional como Produção de Vida, enunciada por Quarentei, [...] investir em *outra* lógica de construção de conhecimento teórico

e prático. Onde será necessário o exercício de “fazer-pensar terapia ocupacional”, como sugere a terapeuta ocupacional, na trajetória de cada profissional, para encontrar sua concepção mais coerente (CARDNALLI; CASTRO, 2019, pp. 596-596, grifo meu).

Nessa trajetória reconheci lugares flexíveis, inventivos, profundamente amorosos, acolhedores e criadores de sentidos como terapeuta ocupacional, na relação com a universidade e a produção acadêmica, com deslocamentos sensíveis e criativos. A composição com o Laboratório e Grupo de Pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (AHTO) desde 2013, o encontro com o Laboratório de Estudo e Pesquisa Arte e Corpo em Terapia Ocupacional (PACTO) em 2014 e a referência da Terapia Ocupacional como Produção de Vida desde a graduação, tudo provocado pela formação com a Profa. Carla Regina Silva, desde 2009.

Tantas marcas me constituem. Me formei e atuei em dois cursos públicos de terapia ocupacional do estado de São Paulo: na Universidade Federal de São Carlos, durante graduação, mestrado, doutorado e como professora substituta por dois anos, e na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, realizando especialização e atuando em parceria com o PACTO. Sou uma mulher branca heteronormativa de classe média, que estudou em escolas particulares durante o ensino fundamental e médio. Recebi bolsa de estudos no mestrado e no doutorado, inserida no primeiro programa brasileiro de terapia ocupacional.

Estou implicada na hegemonia econômica, política e científica sobre a qual se sustenta o estado de São Paulo. Descendo de imigrantes europeus, que foram acolhidos e favorecidos na construção deste país, e de povos originários, cuja história é desconhecida. Enquanto mulher, também sinto quando sou subjugada e inferiorizada pelos poderes hegemônicos.

Estou implicada e curiosa pelo campo de forças ao qual me dedico – produções de terapeutas ocupacionais, majoritariamente mulheres brancas e de classe média, principalmente propostas a partir do centro econômico do país –, vejo as contradições e hierarquias corporificadas. Afirmo uma perspectiva sensível e crítica no sentido da composição diversa entre terapias ocupacionais produzidas. Orientada por narrativas orais e afetivas na constituição de trajetórias, buscando um *outro* modo de pesquisar e de conceber terapia ocupacional, possível de “caminhar na contramão e exercitar um diálogo profissional mais afetivo, não hierarquizado e de reconhecimento de esforços individuais e coletivos pela profissão” (CARDINALLI; SILVA, 2021, p. 14).

língua (sf.)

‘sistema de comunicação verbal, idioma’¹

O português brasileiro é o idioma oficial e mais falado no Brasil. A língua portuguesa tem sua origem da diferenciação de um seguimento do latim na Península Ibérica, resultado de processos de migração e dominação entre povos na Europa desde século II a.C. Encontrou-se com o latim já transformado pelas línguas germânicas e com o árabe antes de se estabelecer na região onde se formaria Portugal, inicialmente enquanto galego-português até se efetivar como português (GUIMARÃES, 2005).

Após a invasão e colonização de Portugal no território que se tornaria Brasil, no início do século XVI, o idioma sofreu intercorrências históricas e sociais distintas até que fosse considerado língua hegemônica entre seus habitantes originários, milhões de pessoas traficadas do continente africano e os ocupantes europeus, predominantemente portugueses. Sobretudo, sua história linguística é completamente distinta da história da língua em Portugal, mesmo em “um dos raros casos em que as fronteiras políticas e linguísticas coincidem quase plenamente. A hegemonia da língua portuguesa no Brasil, ao contrário, decorreu de um processo que durou séculos” (LUCCHESI, 2017, p. 357).

Lucchesi (2017, p. 363) conta sobre a história sociolinguística do Brasil, considerando que a primeira fase “se inicia após o ano mil, com a expansão tupi pelo litoral, e se encerra no ano de 1532, com efetivo início da colonização do Brasil pelos portugueses”. A segunda fase, iniciada com a fundação da Vila de São Vicente, no litoral de São Paulo, e o povoamento exclusivamente interessado pela exploração estabelecido pelo sistema de Capitânicas Hereditárias. Nesse período, mesmo após a fundação da capital Salvador, o “nível de letramento da sociedade colonial brasileira era baixíssimo, em função de uma política deliberada do Estado português” que proibia qualquer estrutura desenvolvimentista no território, o restringindo a postulados da metrópole (LUCCHESI, 2017, p. 358).

Durante a segunda fase, estima-se que um terço da população era composto pelos colonos portugueses e seus descendentes, e a maioria da população do Brasil era composta “por africanos e índios, obrigados a adquirir o português como língua de intercurso na sociedade colonial e do Império” (p. 358). Devido ao fato de ser uma segunda língua, precariamente adquirida, “tem-se um processo de transmissão linguística geracional irregular, já que em algum momento o modelo da aquisição da língua materna das crianças é constituído, em grande parte, por variedades de segunda língua” (p. 358). Assim, na transmissão da língua portuguesa de uma

geração para outra, criaram-se variedades e diferenciações significativas entre os processos de aquisição pelos filhos de colonos e de imposição aos filhos da maior parte da população, nativa e dominada ou traficada e escravizada (LUCCHESI, 2017).

Nesse seio, emerge um multilinguismo marcado pelo povoamento da costa do Brasil pelos portugueses e a coexistência de centenas de línguas indígenas que se falavam no interior do país, com destaque ao tupi em São Paulo e ao tupinambá no sul da Bahia e em suas variações denominadas línguas gerais no Estado do Grão-Pará e Maranhão. E, no Nordeste e seus entornos, onde a população indígena havia sido exterminada e a monocultura da cana-de-açúcar era mantida pela escravidão dos povos africanos, as línguas francas africanas eram faladas nos quilombos e senzalas, com destaque para o quimbundo (LUCCHESI, 2017).

A terceira fase, que se inicia em 1695, contudo, foi impactada por

um amplo, profundo e violento processo de homogeneização linguística, no qual o português se impõe como língua hegemônica, tornando-se a língua materna da imensa maioria da população brasileira. Como resultado de todo esse processo, nenhuma das línguas africanas conservou-se no Brasil, e o uso das línguas indígenas foi drasticamente reduzido, ficando confinado às regiões mais recônditas do país, nomeadamente na Amazônia e no Centro-Oeste. O desaparecimento das línguas africanas deveu-se à desmedida violência física, cultural, simbólica e psicológica inerente ao processo de escravidão, ao passo em que a extinção de muitas línguas indígenas deveu-se ao extermínio dos povos que as falavam, não obstante muitas outras tenham desaparecido pela aculturação forçada de seus falantes, inclusive pela catequização dos jesuítas, que lhes impunham a língua geral de base tupi ou tupinambá, de modo que a homogeneização linguística de muitas populações indígenas passou por uma fase intermediária de assimilação da língua geral, até a imposição do português (LUCCHESI, 2017, pp. 365-366).

A terceira fase engloba o ciclo do ouro ao longo do século XVIII, com a rota entre Rio de Janeiro e Minas Gerais, a chegada da Corte Portuguesa em 1808, a abertura para o comércio exterior e a independência política em 1822. A capital foi transferida para o Rio de Janeiro, onde se instituiu a cultura civilizatória que se pretendia alcançar: Biblioteca Nacional, imprensa, ensino público oficial, ensino superior, produção literária, entre outros. E o encerramento da base escravista desencadeou “uma política de incentivo à imigração europeia e asiática, no bojo de um projeto de “branqueamento” da sociedade que a elite brasileira encampou, na segunda metade do século XIX e início do século XX” (LUCCHESI, 2017, p. 366).

A explicitação da política de homogeneização linguística do Brasil se iniciou com a proibição do uso da língua geral, pelo Diretório de 1757, mas seu aprofundamento se deu na segunda metade do século XIX com a proliferação das gramáticas normativas, a criação da

cátedra de língua portuguesa no Colégio Pedro II e da Academia Brasileira de Letras, “tudo isso sob a hegemonia de uma mentalidade purista lusitanizante, que vai perdurar pelas primeiras décadas do século XX, com o Parnasianismo dando o tom da produção literária até a eclosão do Movimento Modernista, em 1922” (LUCCHESI, 2017, pp. 371-372).

O discurso para construção de uma “língua brasileira”, na qual o português passa de “língua oficial” para “língua nacional”, foi postulado em relações de legitimidade muito distintas: de um lado as línguas dos imigrantes alemães, italianos, japoneses, coreanos, holandeses, ingleses, entre outros, sendo consideradas por sua civilidade e seus falantes em situação privilegiada de cooperação com o governo; de outro, as línguas indígenas e africanas e seus povos massacrados e destituídos de lugar. Ainda assim, “enquanto língua nacional, o português é significado como a língua materna de todos os brasileiros” (GUIMARÃES, 2005, p. 25). Soma-se a rápida ascensão social de muitos imigrantes, o que “viria a constituir um fator atenuante da forte clivagem linguística do país” (LUCCHESI, 2017, p. 371).

Estima-se que eram faladas mais de mil línguas indígenas no início do século XVI e mais de duzentas línguas africanas foram introduzidas entre 1550 e 1850, o que durante quase dois séculos colocou o português em situação minoritária dentre as muitas línguas faladas no território brasileiro. Hoje o multilinguismo é localizado e concentrado em apenas dois por cento da população, o que, paradoxalmente, torna o Brasil “um dos países de maior diversidade linguística do planeta, com centenas de línguas indígenas pertencentes a cinco famílias tipologicamente diferenciadas (embora a maioria esteja em vias de desaparecimento) e dezenas de línguas de imigração” (LUCCHESI, 2017, p. 349).

Como a “mudança na estrutura linguística e, sobretudo, na estrutura social é um processo extremamente complexo e regido por múltiplas variáveis [...] tende a se prolongar no tempo, não apenas por décadas, mas por séculos” (LUCCHESI, 2017, p. 360). Essa assimilação cultural não se trata apenas do idioma ou sistema de comunicação: criaram-se e sustentam-se experiências de apropriação, violência e invisibilização da diferença em um dos países mais diversos do mundo; temos um repertório de invasão e ocupação de território, dominação e massacre de nativos, tráfico e escravidão de trabalhadores e garantia de privilégio a quem representa pureza social. São experiências duradouras de genocídio e epistemicídio, que nos deixaram um racismo estrutural de herança, mas que não foram consideradas ameaças mundiais tais como o fascismo e o nazismo que acometeram a Europa posteriormente, do outro lado da linha abissal.

Como já apontado, a diferença entre os “povos selvagens” não-brancos e a humanidade civilizada branca, embasada pela crença de que aqueles tinham almas vazias, justificou a invasão e a ocupação de territórios (SANTOS, 2010), mas também propagou uma cultura da dominação necessária àqueles que atrapalhassem a ordem e o progresso da civilização, lema que foi estampado na bandeira nacional. A construção da linguagem cultural brasileira, de referência europeia, branca e masculina, foi uma experiência dominadora e aniquiladora baseada na apropriação, na monocultura e na capitalização de bens naturais.

Um dicionário básico da língua portuguesa no Brasil refere que “ocupação” seria um “ato ou efeito de ocupar ou de se apoderar de qualquer coisa”, com uso no discurso jurídico como em “apropriar-se de um bem”, e com uso no discurso militar como em “ação de tomar o controle de um lugar e se estabelecer nele”, sendo essa “ação de invadir um lugar ou espaço e lá permanecer, geralmente de modo arbitrário”. Ainda indica um “período de tempo durante o qual tais ações se mantêm” ou “atividade de qualquer ordem que se realiza por determinado período de tempo”, além de “trabalho remunerado” entendido como “principal atividade de uma pessoa; emprego, ofício, serviço” (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2015, s/p).

No mesmo dicionário, “atividade” se refere a “qualidade do que é ativo; estado do que se move ou funciona; ação, movimento, operação; rapidez de ação; diligência, presteza, prontidão” ou “processo que um organismo realiza ou do qual participa devido ao fato de estar vivo”. Pode representar um “conjunto de trabalhos, ações ou funções específicas que se fazem com um fim determinado” e um “conjunto de trabalhos, deveres, projetos etc. que devem ser realizados”. Tendo uso no discurso educacional, como uma “modalidade de estudo”, no discurso filosófico, como um “modo do ser que age ou tem capacidade de ação, não sendo, portanto, meramente receptivo ou passivo”, e no discurso psicológico, como um “comportamento de um organismo ou de um indivíduo humano que é diretamente estimulado por condições internas” (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2015, s/p).

Ambas têm como sinônimos a “ação”, assim como “ocupação” aparece como um tipo de “atividade”. “Ação” é apresentada como “ato ou efeito de agir; ato, feito”, “evidência, efeito e resultado de uma força produzida por um agente sobre algo ou alguém”, “faculdade ou possibilidade de agir, de executar alguma coisa”, “disposição para realizar coisas: energia, movimento”, “modo de proceder; comportamento”, “acontecimento ou fato imprevisto e inesperado; ocorrência” (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2015, s/p).

Um dicionário de etimologia da língua portuguesa revela que alguns desses sentidos já estavam presentes no latim. “Ocupação”, assim como “desocupação”, “ocupante” e “desocupado”, relaciona-se com o verbo “ocupar”, que indica “estar na posse de” e “conquistar” (pp. 457-458). “Atividade” aparece junto com “ativar”, “ativação”, “inatividade”, “inativo” e “ativismo” derivadas do adjetivo “ativo”, que seria aquilo “que exerce ação, que age”, é “vivo, ágil” (p. 67). “Ação” tem a noção de “ato, feito, obra”, derivando em “acionar” e “reação”, mas é apresentada em muitos casos como sufixo, por exemplo, em “atuação”, o que amplia seu universo de possíveis sentidos (CUNHA, 2010, p. 6).

Em tais verbetes, “ocupação” aparece como uma ação que se mantém dentro de uma medida de tempo e espaço, com uma função determinada, podendo remeter à mercantilização ou ao exercício do poder. A referência do dicionário da língua corrente remete implicitamente o sentido de imposição que está na base da constituição cultural brasileira. Enquanto a palavra “atividade” aparece como qualidade de um ser ou processo ativo, com ação própria, mas também podendo estar implicada em intencionalidades específicas, aparecendo no estudo e na prática das ciências humanas. “Ação” aparece como termo mais amplo e versátil, além de ser a base das palavras anteriores.

Nessa breve consulta dos dicionários, podemos perceber que as palavras não carregam apenas significados, mas históricos que se referem a contextos, porém, esse reconhecimento somente se torna possível quando temos conhecimento sobre histórias, contextos e suas condições para a produção e sustentação de discursos.

registro *(sm.)*

‘ato ou efeito de escrever ou lançar em livro especial’
‘instituição, repartição ou cartório, onde se faz a inscrição, ou a transcrição de atos, fatos etc.,
para dar-lhes autenticidade e força de prevalecer contra terceiros’¹

A partir daqui, fica colocada a especificidade temática da pesquisa que envolve a terapia ocupacional, palavras e a construção de significados em experiências brasileiras. Seguiremos as pistas da palavra “atividade”, em busca das condições de enunciação da “atividade humana” e os significados e sentidos produzidos por terapeutas ocupacionais, assim como a expressão das marcas contextuais que foram registradas nos discursos profissionais. A curiosidade pelas experiências e pela crítica mobilizam uma escavação inspirada por questões arqueogenalógicas colocadas por Michel Foucault.

O problema de conceber o conhecimento apenas como ordenamento científico, de acordo com Foucault (2018), é que se impõe sobre as realidades ao criar categorias para representá-la e enquadrá-la, tornando-se uma demonstração de poder por quem o detém. O autor se interessava pela busca por compreender como se dá a construção dessas categorias em vez de criá-las e/ou tomá-las como postulado científico, sendo preciso “antes interrogar sobre a ambição de poder que a pretensão de ser uma ciência traz consigo” (FOUCAULT, 2018, p. 269). No jogo das forças, a valorização de um discurso científico é também uma desqualificação de experiências e saberes que não compartilham o mesmo estatuto.

Foucault analisou os saberes, que seriam um conjunto de elementos (formulações, conceitos e escolhas teóricas), científicos ou não, elaborados em formações discursivas. O saber é aberto e agrega diferentes discursos, mudando ao longo da história, não depende de uma definição ou um estatuto de verdade, pois é um pensamento que se interroga, visto sempre a partir de uma forma de interpretação e, quando se interpreta um saber, faz-se também a interpretação de si próprio (SOUZA, 2014). Em suas palavras:

chamarei de saber das pessoas e que não é de forma alguma um saber comum, um bom senso mas, ao contrário, um saber particular, regional, local, um saber diferencial incapaz de unanimidade e que só deve sua força à dimensão que o opõe a todos aqueles que o circulam - que realizou a crítica (FOUCAULT, 2018, pp. 266-267).

Na formação dos discursos, de certa maneira alguns discursos se tornam sacralizados ou dominantes historicamente. Por isso, a Arqueologia do Saber de Foucault não se dedica à história das ideias, porque ela não envolve os discursos marginalizados, subjugados ou

inclassificáveis. Para abranger o embate entre os discursos, estabelece-se uma cartografia da história do saber em um universo cultural com base na análise arqueológica das práticas (éticas, estéticas e políticas) discursivas e suas regras, tendo como ponto de partida enunciados e discursos. Assim, a Arqueologia do Saber busca as condições de formação de enunciados, reconstituindo momentos e acontecimentos em busca de afirmações, predecessores e sucessores (SOUZA, 2014).

A Arqueologia do Saber se interessa pelas condições de criação e existência dos discursos, a manifestação do não dito no acontecimento discursivo, dispensando a repetição de enunciados por eles mesmos ou interpretações desprovidas de determinação e plasticidade históricas. Isso rompe com a continuidade infinita de enunciados e significados atrelados a uma origem longínqua, sem recusá-los definitivamente, mas os coloca em suspenso, sacudindo sua quietude. E acolhe o jogo da instância: “cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado” (FOUCAULT, 2016, p. 31).

A escavação arqueológica, então, envolve um conjunto de acontecimentos e sua descrição revela formações discursivas com certa regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos e transformações). Buscam-se regras de formação, ou seja, as condições em que os elementos discursivos estão enraizados, o que permite que certos enunciados apareçam em vez de outros neste lugar. “As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva” (FOUCAULT, 2016, p. 47).

Um enunciado articula uma palavra ou expressão, no entanto, é também um acontecimento que não se esgota na língua ou no sentido, está ligado a situações que o provocam ou são ocasionadas por ele, assim como a outros enunciados. Sua existência é única, restituindo “ao enunciado sua singularidade de acontecimento” (p. 34), “que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?” (p. 34) e, ao mesmo tempo, se torna “remanescente no campo de uma memória” (p. 35), mantendo-se aberto à repetição, transformação e reativação. A estreiteza de sua situação determinará as condições de sua existência, fixando seus limites, estabelecendo correlações com outros enunciados e mostrando quais outras formas de enunciação exclui (FOUCAULT, 2016).

O acontecimento enunciativo descreve seus jogos de relações, fatos do discurso, coexistência, sucessão, funcionamento mútuo, determinação e transformação, portanto, seus

elementos não podem ser isolados para a análise do discurso, mas se apresentam em recortes provisórios. Enquanto o discurso é compreendido como descontínuo e disperso, o enunciado é um acontecimento que não se esgota inteiramente pela língua e pelo sentido (FOUCAULT, 2016). A busca do não explícito se dá porque o “novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2014, p. 25), o que envolve

a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda o jogo inconsciente que emergiu involuntariamente do que disse ou da quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas; de qualquer forma, trata-se de reconstituir um outro discurso, de descobrir a palavra muda, murmurante, inesgotável, que anima do interior a voz que escutamos, de restabelecer o texto miúdo e invisível que percorre o interstício das linhas escritas e, às vezes, as desarruma (FOUCAULT, 2016, pp. 33-34).

Tendo em vista que, ao lidar com uma disciplina, que tem por princípio o controle da produção do discurso, será preciso atenção aos limites do jogo de sua identidade e às formas de reatualização permanente de suas regras. Considerando que coexistem na produção disciplinar tanto os recursos para criação de discursos quanto os princípios de sua coerção, “e é provável que não se possa explicar seu papel positivo e multiplicador, se não se levar em consideração sua função restritiva e coercitiva” (FOUCAULT, 2014, p. 34).

Essa arqueologia, então, revolve o que foi submerso na história do pensamento, retoma o esquecido, fragmentado e descontinuado na busca por configurações singulares, reparte a diversidade e a multiplica. Porém, para proteger esses “fragmentos libertos”, lida-se com o risco da construção de “um discurso unitário” (p. 271). Por isso, a importância de se conectar à genealogia, que estuda as relações de poder estruturantes do campo discursivo desvelado pela arqueologia, para “a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais” (FOUCAULT, 2018, pp. 267-268).

A genealogia não apenas estuda as relações de poder que estruturam o saber - ou seja, a formulação e aplicação do conhecimento nas relações assimétricas de poder - como também propõe uma insurreição contra elas para criticá-las e transformá-las (SOUZA, 2014). Essa insurreição dos saberes não atua necessariamente contra temas, métodos e conceitos científicos, mas “antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico” (FOUCAULT, 2018, p. 268). Torna-se

um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico. [...] Enquanto a arqueologia é o método

próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem dessa discursividade (FOUCAULT, 2018, p. 270).

Será proposto um acompanhamento do enunciado atividade até que apareça o enunciado da atividade humana e de discursos referentes a deles, a partir de condições e contextos epistêmicos, sociais, históricos, culturais, políticos, econômicos, entre outros, de onde emergiram os acontecimentos enunciativos e discursivos. O interesse é pelas questões que fizeram emergir e sustentaram o enunciado atividade humana na terapia ocupacional brasileira, portanto, não se trata de propor uma narrativa histórica, mas de escavar forças enunciativas e discursivas. A escavação se inicia com a imersão em textos de terapeutas ocupacionais, que participam da formação histórica sobre as atividades no campo, e seguirá para três camadas discursivas: uma revisão de artigos acadêmicos para análise conceitual, um formulário que colheu discursos profissionais sobre suas compreensões do enunciado e uma troca de cartas-narrativas sobre acontecimentos enunciativos da atividade humana para a terapia ocupacional.

Raízes, heranças e marcas na produção do conhecimento

Na busca por marcas expressivas nos discursos, retomam-se raízes e heranças históricas, tais como a sociolinguística apresentada por Lucchesi (2017), sobretudo pela instauração de um modelo cultural de segregação para aquele que atrapalha, ou de privilégios para aquele que coopera, em nome do projeto de homogeneização cultural e progresso econômico.

Dentre as mudanças instituídas após 1808, houve a construção do Hospício Dom Pedro II, fundado em 1852 no Rio de Janeiro, destinado a esconder a miséria e a loucura em nome solidariedade e caridade cristã. São Paulo e as demais regiões logo buscaram angariar recursos para a institucionalização de seus alienados, obtendo ajuda também de associações religiosas para tal empreendimento. Ainda no final do século XIX, relatórios do Hospício Dom Pedro II acusam sua superlotação devido à entrada indiscriminada de pacientes classificados como curáveis ou incuráveis, o que se repetirá largamente no país (CCMS, s/d), conduzindo ao que a jornalista Daniela Arbex chamou de Holocausto Brasileiro, em seu livro sobre o Hospital Colônia de Barbacena, em Minas Gerais.

O século XX foi embalado pela industrialização e o crescimento dos centros urbanos brasileiros, impulsionados de maneira autoritária na Era Vargas, com Getúlio Vargas sob Governo Provisório (1930-1934), Governo Constitucional (1934-1937) e Estado Novo (1937-

1945), essa última fase considerada como ditadura. O país passou por mudanças políticas e sociais direcionadas para o desenvolvimento econômico urbanizado, com a implantação das indústrias de base, a regulamentação das leis trabalhistas e a criação do Ministério da Educação e Saúde, o que realçou a crença na dependência entre regime autoritário e crescimento econômico e cultural no Brasil (FREITAG, 1980; LUCCHESI, 2017). Também fortaleceu o Movimento Nacional de Higiene Mental, com motivação segregacionista sob argumentos positivistas da sociologia norte-americana, e o incentivo ao enclausuramento em hospícios, colônias, asilos e instituições totais – o que constituiu o primeiro e principal cenário de estímulo à ocupação como terapia, laborterapia ou tratamento pelo trabalho, com forte influência do tratamento moral (MAGALHÃES, 1989; NASCIMENTO, 1991; SOARES, 1991).

A medicina higiênica e a polícia médica tinham o propósito de estabelecer a ordem e a disciplina urbanas, insuflando o crescimento de instituições penais e asilares. Internamente, o tratamento proposto pelo Hospício Dom Pedro II era diferenciado mediante classe social. A primeira classe recebia a elite branca, a segunda os lavradores e trabalhadores domésticos, a terceira as pessoas de baixa renda e pessoas escravizadas pertencentes a ‘senhores’ importantes e a quarta, mais numerosa, os marinheiros de navios mercantes e, principalmente, pessoas alforriadas, ou pessoas sem recursos escravizadas pelos ‘seus senhores’. Enquanto os primeiros e segundos recebiam quartos individuais ou duplos e tinham como entretenimento trabalhos manuais, jogos e leitura, os demais trabalhavam na cozinha, manutenção, jardinagem e limpeza (CCMS, s/d).

No Hospital do Juqueri, em São Paulo, os pobres eram destinados à laborterapia: plantação de pomar, criação de vacas, porcos e galinhas. “A não aplicação da terapêutica do trabalho aos pacientes ricos reforça a ideia de que este relacionava-se mais com a manutenção da instituição do que com a reabilitação” (NASCIMENTO, 1991, p. 94). O que deixava a contradição aparente de que o trabalho não trazia real benefício, embora fosse a base do tratamento (MAGALHÃES, 1989; NASCIMENTO, 1991).

Aos ricos o ócio e aos pobres o trabalho como regra terapêutica. O trabalho era recomendado àqueles que não viam a possibilidade de reintegração social, sendo considerados crônicos e incuráveis. Sob argumentos científicos, estabeleciam-se rotinas e regras disciplinares baseadas no trabalho enquanto recursos laborterápicos para a reeducação dos internos, a maioria sem expectativa de alta (MAGALHÃES, 1989). A concepção do tratamento moral justificava tanto o enclausuramento, quanto a aprendizagem da ordem e da

disciplina pelo trabalho, ou seja, o controle social dos corpos com benefício duplicado à instituição (NASCIMENTO, 1991).

Como expoentes e pioneiros de mudanças na psiquiatria brasileira, até meados do século XX, tem-se os alagoanos Osório César, que foi diretor do Hospital do Juqueri e propôs as artes plásticas como método terapêutico, Luiz da Rocha Cerqueira, que promoveu a psiquiatria social atuando e influenciando diferentes estados do país, e Nise da Silveira que inaugurou a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação e o Museu Imagens do Inconsciente no Centro Psiquiátrico Nacional, além de participar da fundação da Casa das Palmeiras baseada na humanização dos tratamentos psiquiátricos pela produção artística (CCMS, s/d).

Nise da Silveira⁴ se tornou precursora da terapia ocupacional no Brasil ao fundar, em 1946, a Seção de Terapêutica Ocupacional. A psiquiatra, após ter sido denunciada e presa política em 1936 durante o Estado Novo, em sua volta ao trabalho, recusou-se a aplicar os procedimentos agressivos para controle de comportamentos indesejados dos pacientes. Teve, então, seu posto remanejado, ficando responsável pelo que era uma terapia subvalorizada, mas que significou um espaço de invenção para sua terapêutica ocupacional. Estabeleceu uma relação terapêutica com as atividades lúdicas e artísticas, construindo uma herança baseada na expressão, na criação e na reinvenção afetiva do cuidado (MAGALHÃES, 1989; SOARES, 1991; SILVA, 2011).

Nise rejeitava as concepções de que as ocupações fossem curativas ou deveriam ser mantenedoras do hospital ou mesmo educativas, buscando compreensão dos sintomas por meio da expressão de conflitos e necessidades subjetivas inconscientes. “Ela foi a primeira, e por vários anos a única, a imprimir caráter psicoterápico analítico às atividades desenvolvidas pelos internos no hospital psiquiátrico” (NASCIMENTO, 1991, p. 109).

Em 1948, Nise iniciou o Curso Elementar de Terapêutica Ocupacional vendo a necessidade de preparação de pessoal para atuar em sua perspectiva. A carreira de auxiliar de praxiterapia foi criada pelo Serviço Nacional de Doenças Mentais, tendo sido nomeados os primeiros auxiliares em 1952. O curso foi ministrado até 1961, ano em que o presidente Jânio Quadros teria iniciado um processo para regulamentação da Seção de Terapêutica Ocupacional

⁴ Junto a um coletivo de profissionais que ela foi formando ao longo do tempo, como Ivone Lara (que também contribuiu para a terapia ocupacional), como contam Leite Junior, Farias e Martins no artigo “Dona Ivone Lara e terapia ocupacional: devir-negro da história da profissão” publicado em 2021 nos Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional (v. 29, e2171, disponível em <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoARF2171>).

junto ao Ministério da Saúde; porém, logo o presidente deixaria o governo e as mudanças políticas do período se agravariam. No final da década, quando a terapia ocupacional finalmente foi regulamentada sob outro contexto, os auxiliares de praxiterapia ficaram à margem da história oficial da profissão (MAGALHÃES, 1989; SOARES, 1991).

Em meados da década de 1950, são criados os primeiros cursos técnicos de terapia ocupacional no Brasil, com o apoio de agências e organizações internacionais. Monzeli (2019) lembra que o incentivo aconteceu em vários países da América Latina junto à intencionalidade de ampliar a perspectiva liberal entre os países considerados subdesenvolvidos. Considerando o contexto da Guerra Fria e as rivalidades entre capitalismo e socialismo, firmaram-se políticas internacionais de cooperação entre países imperialistas e países que desejavam prosperidade econômica, muitos deles, sob governos ditatoriais (MONZELI, 2019).

O modelo de terapia ocupacional implantado pelos cursos seguia padrões do Movimento Internacional de Reabilitação em uma vertente biomédica, mecanicista e reducionista, perspectiva que Galheigo (2012; 2016) chamou de estrutural-funcionalista, por se basear na concepção de que o indivíduo é o único responsável por sua condição e caberia à terapia ocupacional buscar pelas atitudes desviantes e disfuncionais para serem suprimidas, adaptadas e ajustadas, visando proporcionar sua inserção social.

Tal raciocínio positivista favorecia a condução das políticas segregativas e disciplinadoras, reforçando a contradição da profissão frente a seu objetivo de inserção social (MAGALHÃES, 1989; MAROTO, 1991; SOARES, 1991). A condução autoritária para o crescimento econômico do país, baseada no controle da população, iria se aprofundar com a Ditadura Militar iniciada em 1964, cuja marca foi o alinhamento e submissão ao imperialismo norte americano. A restrição dos direitos sociais, com violenta perseguição aos movimentos populares e à organização política até o final da década de 1970, aprofundou o caráter tardio e dependente do capitalismo brasileiro (LUCCHESI, 2017).

Os regimes ditatoriais no Brasil investiram política, educacional e culturalmente em uma identidade nacionalista, o que invisibilizava perdas individuais em nome de “algo maior”, mantendo velada a perpetuação do projeto colonial. O liberalismo, portanto, não se expressou nacionalmente como na referência estadunidense. O que se tinha era uma política nacional-desenvolvimentista, sob condução de um Estado interventor, cujo projeto nacionalista visava preparar a população para a economia capitalista ainda iminente (CEPEDA, 2012).

O nacional-desenvolvimentismo é o resultado dessa confluência que envolveu uma situação histórica particular (a situação de capitalismo tardio e periférico e, em vários casos, herança colonial), a produção de um complexo explicativo rompido com o liberalismo econômico (incapacitado de dar conta do problema do atraso periférico) e o esforço social condensado em um projeto nacional pautado pela superação do subdesenvolvimento pela via da modernização econômica (CEPEDA, 2012, p. 81).

Diferente dos países que tiveram grande demanda com os veteranos de guerra, o estímulo pela capacitação e funcionalidade também ganha outros contornos. As primeiras terapeutas ocupacionais brasileiras foram incorporadas por hospitais para reabilitação de crianças atingidas pela epidemia de poliomielite, além da crescente proliferação de instituições totais voltadas para controle e medicalização de situações que convergiam condições de saúde, pobreza e criminalidade (GALHEIGO, 2016; MONZELI, 2019). “Así, esta perspectiva funcionalista reduce los problemas sociales a problemas individuales y utiliza como referencia escalas o patrones de normalidad” (GALHEIGO, 2012, p. 178).

As terapeutas ocupacionais eram, na grande maioria, mulheres brancas da classe média e elite urbana, em um período histórico em que tal grupo começava a desenvolver atividades profissionais. Representavam essa profissão, também nova, em posição submissa em relação à medicina e às diretrizes do governo autoritário. Sendo requisitadas para o trabalho assistencial medicalizante, asilar, com caráter filantrópico e beneficente (PINTO, 1990; LOPES, 1991; MAROTO, 1991; SOARES, 1991). Seguindo a idealização do lugar do feminino na sociedade, que foi produzido pelas representações masculinizantes da cultura ocidental para justificar a exclusão e controle da mulher no espaço político (CAPELATO, 2009).

Os conceitos de laborterapia e ergoterapia eram utilizados para se referir ao uso da ocupação como exercício para o trabalho, que era o objetivo da reabilitação profissional: a inserção social pelo trabalho (PINTO, 1990; SOARES, 1991). Apesar do discurso propagado, tal inserção ficava reclusa ao ambiente asilar. Em 1967, o Ministério da Saúde divulgava que “a ocupação dos doentes” (p. 52) realizada nos hospitais-colônia envolvia oficinas ou serviços terapêuticos ocupacionais no quadro educativo, trabalhos agrícolas e artesanais, além da produção interna para prover a instituição. A “nova” política de saúde mental “referendava-se na prática alienista já institucionalizada e historicamente hegemônica que era exercida sob as designações de Laborterapia, Ergoterapia” (MAROTO, 1991, p. 53).

A maioria dos hospitais contratava terapeutas ocupacionais para responder às exigências de laborterapia, com serviços de limpeza e manutenção da instituição e, para o tempo livre, a

“ocupação do maior número possível de pacientes em atividades esportivas, recreativas, artesanais e culturais” em muitos casos de forma restrita e, “em outros, desde que os pacientes estejam ocupados, os terapeutas ocupacionais podem se dedicar a formas de atenção mais individualizada”, desde que não contradissem a “lógica da ocupação e da laborterapia” (NASCIMENTO, 1991, pp. 6-7).

A tendência da atualização humanista fez circular o conceito de praxiterapia que se aproximava das mudanças vanguardistas no campo da psiquiatria, compreendendo a ocupação terapêutica ou atividade terapêutica como processo de cuidado das pessoas, independente de finalidades estruturais e utilitaristas (PINTO, 1990; MAROTO, 1991; SOARES, 1991). Luiz Cerqueira considerava a praxiterapia e a terapia ocupacional como sinônimos, cujas atividades realizadas incluíam a autoexpressão, a espontaneidade e a comunicação, portanto diferentes da compreensão de reabilitação ou ocupação associado à profissionalização (SOARES, 1991).

Nascimento (1991, p. 10) ressalta que não bastava compreender os trabalhos, ocupações ou atividades como terapêuticos, já que, em geral, ajudavam a preencher o vazio existencial criado pelo contexto institucional, mas era preciso questionar o quanto também eram úteis à instituição: reconhecidas pela palavra de ordem “ocupação para todos”. Esse questionamento foi compartilhado, por exemplo, por Nise da Silveira, Luiz Cerqueira, Elso Arruda e seguidores da psicodinâmica.

Luiz Cerqueira foi o coordenador de Saúde Mental do estado de São Paulo entre 1973 e 1974 cujo discurso causou certa ambiguidade nas publicações oficiais da época. Ele participou de encontros de terapeutas ocupacionais, influenciando uma geração de profissionais. Para ele, a terapia ocupacional era um tratamento baseado no “estímulo ao convívio social e à ação”, o que “manteria o indivíduo em atividade, potencializaria os medicamentos e impossibilitaria a cronificação do doente” (MAROTO, 1991, p. 55). A ocupação era compreendida por ele como produção ou reabilitação, devendo ser introduzida apenas na fase final do tratamento e ser remunerada (MAGALHÃES, 1989; MAROTO, 1991).

A referência do casal Fidler, incorporada da fundamentação estadunidense, também se contrapunha à concepção de exercício para o trabalho, como tratamento de sintomas ou fonte de recursos para o hospital, propondo o uso terapêutico das atividades com base nos princípios psicodinâmicos (SOARES, 1991). Na revisão de Bauerschmidt e Nelson (2011), um artigo de Gail Fidler, de 1948, mostra seu enfoque na atividade, mais adiante, em 2000, outro artigo mencionará o termo ocupação como alternativo à atividade.

Nise da Silveira, Luiz Cerqueira, Fidler e Fidler são exemplos que contribuíram na construção de novos discursos em terapia ocupacional e na psiquiatria, junto a um arcabouço teórico crítico que começa a ser adotado, como Antonio Gramsci, Erving Goffman, David Cooper, Franco Basaglia, Ivan Illich, Jacques Donzelot, Karl Marx, Louis Althusser, Michel Foucault, Paulo Freire, Pierre Bourdieu, Robert Castel, Roberto Machado e Roland Laing (NASCIMENTO, 1991; GALHEIGO, 2016).

Para Nascimento (1991, p. 10), a “bibliografia de Terapia Ocupacional não oferecia subsídios para a superação do paradigma da ocupação. Ao contrário, sustenta-o através da valorização e promoção de uma história edificante da ‘ocupação terapêutica’”, porém “ocupação e contenção” (p. 16) era a síntese da história psiquiátrica. O termo ocupação era relacionado à laborterapia, ergoterapia ou reabilitação profissional e à dinâmica institucional que se queria superar, enquanto o enunciado da atividade era relacionado a sentidos terapêuticos, expressivos, comunicativos e artísticos, no investimento de um cuidado humanizado e singularizado voltado para o convívio social.

Naquele momento, as poucas referências estadunidenses de atualização da terapia ocupacional que chegavam ao Brasil promoviam um descompasso de sentidos. As novas tendências miravam um sentido de equilíbrio, normalidade e vida harmônica como valores para a profissão. Porém, explica Medeiros (2010), isso indicava um desejo de superação de “uma situação excepcional e desequilibrada na América [do Norte], com a chegada de muitos estrangeiros no país e com a depressão econômica do início do século” (p. 134). O estímulo à ocupação foi considerado normalidade e padrão terapêutico na correção de desorganizações e desvios, mas que também eram sociais, almejando e propagando uma ideia de estrutura saudável. Isso, que foi considerado um resgate da “herança perdida” da profissão, estava associado a um padrão da ontogênese funcional que respondia à hegemonização cultural almejada naquele contexto (MEDEIROS, 2010, p. 134).

As metodologias centradas no cliente, como o Modelo da Ocupação Humana, a Teoria Geral de Sistemas e a perspectiva humanista mostravam avanços, como a singularização da atenção, mas remetiam à uma lógica liberal que descompassava com a realidade da maioria das pessoas no contexto brasileiro. Reforçavam uma compreensão individualista na tomada de decisões, exaltando concepções como autonomia e independência. E o discurso do ser humano ocupacional, condição natural da ocupação, se pautava em uma produtividade implícita – para criança o lazer, como forma de preparação para o trabalho, e para o adulto a funcionalidade, o

papel e o desempenho no mesmo –, o que não respondia a anseios pela transformação da assistência brasileira (MEDEIROS, 2010; GALHEIGO, 2012).

A constituição social do Brasil se formara na base da violência, do abuso e da exploração de pessoas e territórios, promovendo riquezas para a economia do Norte e invisibilidade para as condições do Sul. No Brasil, a falta de políticas sociais que garantissem reparação, apoio e incentivo às populações não-brancas corroboraram com a manutenção de sua exploração e violação, situação que imbricou em sua marginalização social. Somada à promoção de estereótipos como a vagabundagem e de estigmas como a criminalização e a loucura, descredibilizavam-se as possibilidades de reversão desse quadro e justificava-se sua contenção e tutela pelo Estado. Àqueles “sem alma” e sem trabalho, convinha o discurso da ocupação.

As relações raciais estão no centro do processo desenvolvimentista brasileiro, em que o racismo permaneceu velado, tendo a Ditadura Militar censurado e intimidado instituições e pesquisadores da temática, enquanto se construía o mito da democracia racial. Os discursos da literatura científica não posicionada, assim, contribuíram para anular tais existências, já que a narrativa da mistura de raças dissolveu as raízes africanas e indígenas em nome da sociedade brasileira. A falta de denúncia social negligenciou a violência política, econômica, discursiva e militar, contribuindo com a normalização de práticas racistas (NASCIMENTO, 1978).

O incentivo à institucionalização durante a Ditadura Militar esteve voltado para a segregação da população urbana pobre, portanto negra, com políticas compensatórias voltadas aos vulneráveis socialmente. Maroto (1991) conta que o enfoque era dado às faixas etárias não produtivas, crianças carentes à deriva da criminalidade e idosos desocupados receberiam disciplina e utilidade pela ocupação: terapeutas ocupacionais eram contratadas(os) para a oferta institucional de atividades recreativas e capacitação para o trabalho.

Na implantação da política privatista, após 1960, os hospitais previdenciários se destacaram na modernização da assistência psiquiátrica, sendo sua remuneração equivalente a suas condições de hotelaria, recursos humanos e oficinas de trabalho, que somavam pontos para a classificação dos hospitais (NASCIMENTO, 1991; MAROTO, 1991). O tratamento privilegiava o uso intensivo de psicofármacos, eletrochoque e coma insulínico, adiantando as possibilidades de alta. A intensa rotatividade das internações inviabilizava a laborterapia, favorecendo a “ocupação do tempo livre”, como festas, jogos e bazares que retornavam renda para manutenção do próprio setor de terapia ocupacional (NASCIMENTO, 1991, p. 107).

As instituições voltadas para reabilitação profissional que ofertavam atendimento público recebiam “clientes” classificados como “mão de obra desqualificada”, que eram pessoas pobres e moradoras da periferia, portanto negras, em busca de capacitação para “um trabalho remunerado”, mas “as condições para que tivessem alta eram desvinculadas de qualquer inserção no mercado de trabalho” (PINTO, 1990, p. 94).

As políticas do período militar acabaram favorecendo, portanto, o mercado de trabalho para a terapia ocupacional, pois interessava seu embasamento técnico-científico enquanto modernização discursiva da atenção à saúde e à carência social. O status médico, psiquiátrico e sociológico foi utilizado para embasar a institucionalização da população desviante, majoritariamente negra. O Estado classificava e encaminhava o “menor marginalizado”, já que poucos eram “propriamente sadios e normais” necessitando de “habitação, vestuário, alimentação, tratamento médico e assistência psiquiátrica” para sua “ressocialização” (MAROTO, 1991, pp. 66-67).

Por isso, mesmo a prática pedagógica do trabalho ou de atividades recreativas enquanto “sistema de ressocialização” revelam “mecanismos de regulação interna das instituições, as quais se caracterizavam pela privação da liberdade e pela retirada dos direitos de cidadania” (NASCIMENTO, 1991, p. 104).

A ideia do trabalho como fator de moralização encontrou ambiente político e ideológico propício ao seu desenvolvimento [...]. Era preciso reverter a imagem de que o brasileiro era “preguiçoso” e, por isso mesmo, a ideia de moralização através do trabalho, contrapondo-se à herança da sociedade escravagista (NASCIMENTO, 1991, p. 92).

A terapia ocupacional, assistencialista e subordinada, foi beneficiada e contribuiu para a manutenção da ordem e o progresso do projeto desenvolvimentista. Nesse período, teve sua regulamentação federal em 1969, a primeira expansão dos cursos e vagas universitárias na década de 1970, a criação de associações e conselhos profissionais, a legislação para expansão do currículo mínimo da formação nacional, a abertura dos primeiros concursos públicos no estado de São Paulo, etc., como expressão de sua contradição implícita em tal contexto (MAGALHÃES, 1898; MAROTO, 1991; SOARES, 1991; MELO, 2015; CARDINALI, 2017). Porém, tal contradição não seria exclusividade dessa categoria profissional.

A Associação Paulista dos Terapeutas Ocupacionais (APTO) e a Associação dos Terapeutas Ocupacionais do Brasil (ATOBR), fundadas em 1964, representaram palco importante para que a categoria se reconhecesse frente à rejeição da visão assistencialista,

filantrópica e caritativa, assim como à problematização do discurso de “ocupar os pacientes [...] só ocupar” (MAROTO, 1991, p. 57). Porém, as aspirações por seu reconhecimento fortaleceram a formação do Conselho de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, em 1978, tornando-se a centralidade organizativa. O enfraquecimento das associações levou a suas dissoluções até 1985 (MAGALHÃES, 1898; MAROTO, 1991).

Reelaborando a terapia ocupacional pela atividade e atividade humana

A análise da produção de conhecimento da terapia ocupacional no Brasil foi proposta, por Galheigo e colaboradoras (2018), em quatro movimentos temporais, os quais vão amparar a construção do discurso sobre a atividade até chegar ao enunciado atividade humana e seus discursos. O *primeiro movimento* durou de 1956 a 1970 e abrange o surgimento dos cursos técnicos de terapia ocupacional no Brasil e a configuração das primeiras bases teórico-práticas da profissão no país (GALHEIGO et al, 2018).

A herança histórica da institucionalização do país, como abordado, promoveu uma visão de terapia ocupacional voltada para o “trabalho, a recreação e o exercício como meio de desenvolvimento e adaptação” de indivíduos à sociedade, o que lhe apresentou um papel social contraditório, já que lhe faltavam condições para alcançar “autonomia do indivíduo em suas atividades de vida diária e sua absorção ao mundo do trabalho” (SOARES, 1991, p. 13).

Até meados da década de 1970, a terapia ocupacional ficou dependente da legitimidade do discurso médico e político dominante. O modelo biomédico reducionista marcou sua prática pela aplicação de trabalho, ocupação ou atividade como tratamento. Sua terapêutica era relacionada à laborterapia e ergoterapia dentro da lógica institucional, terminologias que eram intercambiáveis nos discursos políticos, com sentido curativo, pedagógico, passatempo ou recreação, preparação profissional, reabilitação e inserção social, mantendo as instituições e o controle, disciplina e dominação dos corpos (MAROTO, 1991; NASCIMENTO, 1991; SOARES, 1991; FERIOTTI, 2013; SALLES; MATSUKURA, 2016).

Os conceitos de saúde e de incapacidade incorporados e transmitidos pelas primeiras gerações de profissionais foram fundamentados na visão saúde-doença como fenômenos excludentes e isolados, cuja superação se restringia à cura imediata do problema. Nessa compreensão, seus determinantes estavam no indivíduo e em sua predisposição a doenças ou condições socioeconômicas e culturais, que eram consideradas imutáveis (FERRIGNO, 1991).

Neste período, também houve influência de teorias humanistas e das perspectivas psicanalítica e psicodinâmica (GALHEIGO et al, 2018). Autores da nova psiquiatria, como apontado, contribuíram para a crítica ao discurso curativista que mantinha a exploração estrutural da população pobre e negra, como “ocupação para todos”, e a lógica funcionalista da “ocupação do tempo livre”. Os discursos da profissão incorporaram aspectos psicológicos, relações interpessoais e a compreensão de bem-estar, considerando prioritariamente a família “como núcleo de socialização”, em uma tendência de avançar os limites da institucionalidade (MAROTO, 1991, p. 129).

Nessa construção, desponta-se a compreensão da atividade terapêutica como expressão singular, comunicação e convívio social, também relacionada à praxiterapia, porém enquanto orientações não hegemônicas diante do discurso da época (MAROTO, 1991; NASCIMENTO, 1991; SOARES, 1991). Dentre as primeiras proposições de terapeutas ocupacionais imersas em contextos brasileiros, sobretudo, no diálogo com a psiquiatria, veem-se concepções sobre as atividades e a relação terapêutica promovida pela terapia ocupacional.

Maria José Benetton, desde a década de 1970 em São Paulo, promoveu uma compreensão psicodinâmica da terapia ocupacional – posteriormente reformulada no Método da Terapia Ocupacional Dinâmica – buscando superar a compreensão do uso das atividades/ocupações sobre os sintomas ou doenças e para o benefício institucional. Benetton propôs que a terapia ocupacional seria um processo de comunicação dependente da relação triádica entre terapeuta-paciente-atividade. Ela negou a compreensão do casal Fidler sobre as atividades e materiais conterem significado previamente, pois o processo de realização das atividades seria muito particular e sua significação, história ou associação depende da tríade (NASCIMENTO, 1991).

Posteriormente, em sua tese de doutorado, Benetton (1994) propõe seu método e expõe sobre o “uso de atividades”. As “atividades”, sempre colocadas no plural, como explica Ferrari (2008), só atingiriam potencial instrumental para a terapia ocupacional na singularidade da dinâmica triádica.

Retornando ao período histórico abordado, Maria Auxiliadora Ferrari (1975, p. 49), em sua dissertação de mestrado, abordou os sentidos e significados singularizados: “A atividade, pois, só tem valor quando o indivíduo realmente participa dela, isto é, quando a mesma tem significado para a pessoa”.

Octacília Josefa de Melo (1978) contou em seu livro “Terapia Ocupacional minhas experiências” sobre o trabalho no Serviço de Praxiterapia, junto a Luiz Cerqueira, no Instituto

de Psiquiatria da Universidade do Brasil – que se tornaria Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em seu relato, utiliza os termos ocupação, trabalho e atividade de forma intercambiável, mas no índice optou por “paciente em atividade” e “atividades expressivas”. Conta que os pacientes podiam escolher o que quisessem realizar dentre as condições oferecidas, considerando a motivação, e após a apreensão da técnica havia “maiores condições de se autoexpressar” (p. 23). O que se produzia na praxiterapia, ela explica, não interferia na data da alta, sendo mais importante “o dia-dia do paciente na terapia ocupacional” (MELO, 1978, p. 25).

Rui Chamone Jorge, insatisfeito com o tratamento hospitalar, fundou o SER.TO em 1974, em Minas Gerais, um serviço ambulatorial pioneiro para atenção de pessoas com transtornos psiquiátricos. Uma equipe multidisciplinar propunha atividades, como modelagem, pintura, culinária, couro, musicoterapia e teatro, além de orientações às famílias, atendimento médico e atividades no território. Em 1981, publicou seu primeiro livro apresentando seu estudo sobre as atividades como “tecnologia de cuidado” da terapia ocupacional, o que envolveria conhecer “as características culturais e antropológicas de cada atividade, os aspectos físicos, psicológicos e psicodinâmicos, em termos de habilidades exigidas, possibilidades de utilização e exploração do material e das ferramentas” (p. 310). Em 1990, em outra publicação, Jorge apontaria que as atividades são recurso técnico, conceituadas como “atividades livres e criativas” (DA MATA, 2019, p. 310).

Essas produções mostram o início de uma construção terapêutica que visava a saída da institucionalização. Ressalta-se não mais a dimensão da cura ou do controle, mas a aplicabilidade das atividades como meio/instrumento/ferramenta/recurso para incentivar relações (com paciente e terapeuta ocupacional) e convívio social (em grupos ou com familiares), cuja significação ou expressão singular contribuem para sua inserção social.

A perspectiva humanista teve enfoque na experiência individual e subjetiva, caracterizada pela visão de mundo individual, favorecendo a busca por significados. O uso das atividades conduzia as práticas de autoconhecimento, facilitação de novas aprendizagens e a busca por autorrealização. Porém, como as possibilidades e condições de controle e direção da própria vida continuavam sendo mínimas, começava-se a incorporar a concepção liberal de que cada pessoa é “naturalmente livre, desconsiderando as desigualdades sociais e políticas que levam ao centro da questão social” (GALHEIGO, 2016, pp. 62-63).

O estímulo das políticas assistencialistas e institucionalizantes das décadas de 1970 e 80 caracterizaram a categoria como especialista em casos complexos e crônicos (SOARES, 1991). Com um crescente incômodo, terapeutas ocupacionais do estado de São Paulo e da região sudeste do país, principalmente, engajaram-se na luta

por reconhecimento social, buscando legitimar suas bases técnico-científicas, contrapondo-se à Laborterapia e à ideia de ‘simples ocupação terapêutica’. As instituições psiquiátricas esperavam ‘ocupar os pacientes para diminuir ansiedade e manter a ordem institucional’. Mas a ‘ocupação pela ocupação’ era uma afronta aos anseios científicos da profissão e ‘manter a ordem institucional’ era uma afronta aos ideais revolucionários em tempos de opressão! Provavelmente, isso explique a aversão pela palavra ‘ocupação’ presente na história da Terapia Ocupacional brasileira (CARDINALLI; FERIOTTI; SILVA, 2020, p. 259).

Essa contradição colonial que se coloca para a terapia ocupacional, embalada pela perspectiva imperialista, esteve no seio da divergência das produções nacional e internacional. A desigualdade profunda sobre a compreensão de ser humano, aprofundada pela segregação autoritária e institucional brasileira, começou a aparecer no discurso e produção de terapeutas ocupacionais. O desgaste do termo ocupação abriu espaço enunciativo no movimento crítico que se iniciava e acompanharia a reforma estrutural e política brasileira frente à redemocratização, o que confluía com um momento de estímulo à pesquisa e produção nacional da terapia ocupacional (CARDINALLI, 2017). A tendência crítica na produção, como já mencionado, emergiu primeiro em terapias ocupacionais do Sul do que em cenários internacionais dominantes.

El término ocupación no fue bien aceptado por su connotación ordinaria de actividad de menor valor: hacer algo para ocupar el tiempo libre. Además, en este contexto, ocupación es una palabra comúnmente usada con el sentido de ‘tomar posesión’ y/o de ‘ocupar un territorio’. Incluso los significados de ‘profesión, empleo, trabajo, negocio’ atribuidos a ocupación, no engloban todo lo que las personas hacen en sus vidas (GALHEIGO, 2012, p. 184).

Dentre as marcas da produção nacional da terapia ocupacional que se convergiram estão: o início da carreira docente em terapia ocupacional, com requisito da capacitação acadêmica, o envolvimento com os movimentos pela redemocratização do país, a revisão curricular e dos fundamentos da profissão, a definição do campo social para além da atuação em saúde, a participação na construção e inserção profissional nas políticas públicas sociais, a luta por direitos das populações marcadas por diferentes condições e rupturas (SALLES;

MATSUKURA, 2013; GALHEIGO, 2016; CARDINALLI, 2017; GALHEIGO ET AL, 2018; CARDINALLI; CASTRO, 2019).

O *segundo movimento* então, compreendido entre o final dos anos 1970 até 1996, foi marcado pela problematização dos saberes e práticas da terapia ocupacional, a partir de aportes da saúde coletiva e das ciências humanas e sociais. “Destaca-se o surgimento do pensamento crítico na terapia ocupacional brasileira, ao final dos anos 1970, inicialmente, por meio de crítica às práticas hegemônicas, e posteriormente, através de proposições de práticas emancipatórias” (GALHEIGO et al, 2018, p. 734). Neste período, vemos também o uso do enunciado atividade humana.

Sandra Galheigo (1988) cita que o conceito de atividade humana começava a ser utilizado por terapeutas ocupacionais avançando a ideia de trabalho dentro das instituições. Essa reflexão caminha no sentido da emancipação e da promoção da vida dos sujeitos para além da lógica do trabalho, porque o

conceito de atividade possibilita à Terapia Ocupacional acesso à toda manifestação humana. Coloca sob seu domínio: o cotidiano nas necessidades de autocuidado e automanutenção, a capacidade de criação e produção, o lazer, a brincadeira infantil, a necessidade de instrumentos para a adaptação (GALHEIGO, 1988, p. 69).

Berenice Rosa Francisco, em seu livro “Terapia Ocupacional” publicado em 1988, analisa compreensões da atividade associadas aos modelos positivista, humanista e materialista histórico. A ocupação teria como pressuposto uma natureza ocupacional das pessoas, considerando o lazer como uma preparação evolucionária para o trabalho ou produção, segmentando e hierarquizando a vida em atividades de vida diária em uma lógica social sistêmica e positivista com incentivo à produtividade. A “atividade = exercício” (p. 30) dependente de roteiros minuciosos de análise e protocolos de adaptação e graduação, tendo o modelo biomédico positivista reducionista como orientação. A “atividade = expressão” (p. 36) teria como referências a psicodinâmica e a psicanálise e, como os conceitos anteriores, se caracterizaria como recurso terapêutico. E, com novo sentido, a “atividade = criação, transformação”, com embasamento marxista, seria a atividade humana compreendida enquanto práxis (FRANCISCO, 2001).

A influência marxista engajou forte crítica na profissão, nesse período, visto que sua intervenção vinha sendo prioritariamente orientada pelo e para o trabalho, o que pode ser problematizado como exploração humana. Desvela a opressão camuflada por práticas alienadas

e alienantes junto com a possibilidade de ressignificação dessas práticas justamente por outra dimensão do trabalho: a práxis.

O terapeuta ocupacional lida com um homem real, que apresenta conflitos advindos de um mundo da primazia do trabalho, lugar este por excelência onde se cristaliza a exploração humana. Nesse mundo, o homem é alijado da verdadeira compreensão de suas atividades práticas, quaisquer que sejam elas. Portanto, se existe uma profissão que se propõe trabalhar com as dificuldades e os problemas enfrentados pelo homem no transcorrer da sua vida, esta deve estar compromissada com um entendimento da atividade humana somente como práxis, pois de outra maneira, estará apenas reforçando a divisão entre trabalho teórico e trabalho manual. [...] A compreensão da terapia ocupacional, por meio dessa prática, nos faz acreditar num significado de terapia que leva o homem a lidar com sua realidade de vida, podendo assim promover a transformação de si mesmo e do meio social no qual está inserido (FRANCISCO, 2001, pp. 48-49).

A análise epistemológica e social da terapia ocupacional proposta pela dissertação de mestrado de Medeiros, de 1988, indica que a profissão se interessava pelos problemas das pessoas em sua vida de atividades. Nesse sentido, e em acordo com Francisco, considera as atividades humanas como produto e meio de construção do próprio ser humano, sendo papel da profissão buscar entender as relações que este ser ativo estabelece em sua condição de vida e saúde (MEDEIROS, 2010). A profissão teria, segundo a autora,

intenção de estruturar um conhecimento a respeito do homem-ativo, de suas possibilidades de ação e das interdeterminações de suas diferentes dimensões e contextualização histórico-social, na construção de si mesmo e de um mundo humanizado, como ponto de partida e meta de sua intervenção (MEDEIROS, 2010, p. 28).

Como ressalva, a autora também aponta que as atividades nem sempre são centrais em todas as perspectivas profissionais, já que a história da profissão é marcada por rupturas e produção de diversos princípios e ações (MEDEIROS, 2010).

O artigo de Nascimento (1990, p. 17 [grifos da autora]) questiona enfaticamente as práticas de terapia ocupacional em que se “*aplique* ou *supervisione* atividades com determinados pacientes, dando-lhes um caráter terapêutico [...] o sentido terapêutico, capaz de transformar qualquer atividade em *atividade terapêutica*. Isto é, na minha opinião, um mito”. Em sua crítica, denuncia a construção hegemônica do modelo biomédico que introjetou a visão linear de caráter causa/efeito e a medicalização do cuidado pelas atividades, imprimindo-lhes crenças benfeitoras e terapêuticas de forma descontextualizada (NASCIMENTO, 1990).

No mesmo ano, Castro e Silva (1990) publicaram um artigo sobre os processos criativos em terapia ocupacional, no qual contextualizam sujeito e atividades humanas, assim como sua dimensão cultural e criadora:

toda atividade humana está inserida numa realidade social, portanto, ao realizar uma atividade, o homem criador não está exclusivamente exprimindo seus sentimentos, mas projetando nela tudo que percebe como próprios dos homens de sua época e lugar, em outras palavras, do seu contexto cultural que afetou, direta ou indiretamente suas experiências. As experiências sejam elas pessoais, sociais ou afetivas, são fundamentais visto que se constrói pelas relações (CASTRO; SILVA, 1990, pp. 73-75).

Eliana Anjos aponta sobre estereótipos e estigmas relacionados à terapia ocupacional que, para ela, derivam de seu desconhecimento associado a compreensões enviesadas de sua prática como “ocupar as pessoas” ou “realizar atividades manuais”. Salienta que a diferenciação entre o fenômeno e o objeto de sua atuação seria a única saída para transformação de seu valor profissional, ou seja, a profissão não deveria ser definida pelas técnicas empregadas, mas pelas variáveis que determinavam suas formas de atuar (FURTADO, 1991).

Maria Caníglia marca esse deslocamento com sua proposição que visava criar um corpo de conhecimento próprio à terapia ocupacional, abrangendo o sujeito e o objeto de estudo da profissão em torno do “significado da atividade humana” (p. 63). Ela sugeriu uma mudança etimológica, considerando a praxiterapia e praxiologia que traduziriam melhor sua atuação pela (meio) e para (fim) práxis, a tornado “a ciência da atividade humana” (MACHADO, 1991, p. 70). Para a autora, essa ciência se dedicaria ao ser humano em atividade, visando a práxis ou atividade humana em sua completude teórica e prática, indissociando “idealização e realização, objetivação e subjetivação, pensamento e ação” (CANÍGLIA, 2005, p. 89).

As perspectivas a-históricas foram contestadas na busca por realizar trocas não hierárquicas com a população, oferecendo elementos de reflexão para escolha dos caminhos, buscando denunciar, negar e se reposicionar diante das armadilhas do poder, além de realizar autocrítica frente aos mecanismos disciplinares (GALHEIGO, 2016). Construindo um arcabouço para superar os valores das perspectivas hegemônicas, olhando para o sujeito histórico imerso em sua realidade social, revelavam-se novas intencionalidades na investigação de uma terapia ocupacional pautada na crítica, criação e transformação (MEDEIROS, 2010).

O cenário foi a reelaboração das políticas nacionais, derivando na Constituição de 1988, na Política Nacional de Saúde (1990), na constituição do Sistema Único de Saúde, na Reforma Psiquiátrica, no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), na Política Nacional de

Assistência Social (1993), no Sistema Único de Assistência Social, no Programa Nacional de Direitos Humanos (1996), na Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência (2002), no Estatuto do Idoso (2003), no Plano Nacional de Cultura (2003), dentre outras garantias em relação aos direitos sociais que terapeutas ocupacionais se envolveram e foram inseridas(os) nos diversos setores públicos e na atenção voltada para os territórios e comunidades.

A elaboração crítica instaurou uma concepção de atividade humana como práxis e contribuiu para o deslocamento de uma visão eminentemente técnica para também ética e política da profissão, problematizando diretamente sua função e sua identidade. A constituição de alicerces contextualizados por reflexões sociais, políticas, econômicas e culturais, presentes no período, fortalece-se no movimento seguinte.

O *terceiro movimento*, que envolve 1997 a 2005, esteve relacionado à ampliação e à diferenciação dos campos de investigação, saberes e práticas da terapia ocupacional, com contextualização sociopolítica, problematização teórico-conceitual e proposição de práticas emancipatórias desde/para/com experiências singulares e coletivas, envolvendo a atividade humana e o cotidiano (GALHEIGO et al, 2018).

Galheigo (2003) observou o foco da atuação da terapia ocupacional na resignificação do cotidiano, substituindo o treinamento das atividades de vida diária, abrangendo a subjetividade e as relações sociais. Para Surjus (2017, p. 902) a atividade humana foi tomada como elemento fundamental de inserção de indivíduos ou grupos em espaços cotidianos, considerando a superação das políticas de institucionalização, sendo “revista de modo a superar a restrição da definição da profissão ao seu instrumento de trabalho, reorientando-se pelas condições e necessidades da população marginalizada e excluída”.

A dimensão da cidadania foi priorizada como “o eixo norteador de novas práticas em Terapia Ocupacional, buscando produzir acesso e garantia de direitos para os sujeitos e coletivos” (GALHEIGO et al, 2018, p. 730). Assim, a luta pela ampliação dos direitos e a defesa da cidadania, pautadas inicialmente por alguns campos e práticas, também passaram a ser incorporados como base dos fundamentos da terapia ocupacional.

Lima (2003) e Quarentei (1999b), entre outras(os), mostram a aproximação com os filósofos da diferença também como embasamento crítico. A partir da inversão da lógica disciplinar, a terapia ocupacional produziu caminhos na contramão, afirmando não apenas o direito à diferença, mas afirmando as diferentes formas de vida com compromisso ético-político em defesa dos direitos das populações, o que expressou também um desejo pela diferença

(LIMA, 2003). Não bastava “reconhecer o direito às diferenças identitárias, com essa tolerância neoliberal tão em voga, mas caberia intensificar as diferenciações, incitá-las” (QUARENTEI, 1999b, p. 200).

Ao pensar a terapia ocupacional como um território de fronteira entre várias disciplinas, Lima (1997, p. 100) se apoia na proposição de Félix Guattari de que a arte seria “dimensão intrínseca a toda forma de produção e atividade humana”. Nessa perspectiva, adoecimento seria o impedimento da criação e clínica seria o acolhimento para libertação da potência criadora da vida. Nesse sentido, o trabalho clínico não se esgota, pois instaura um estado permanente de criação que se desdobra em novos modos de ser. “É preciso também que essas novas formas constituídas de existência, sua processualidade própria, bem como suas produções materiais possam ganhar significação coletiva” (LIMA, 1997, p. 100).

Para Quarentei (2001) a compreensão da inesgotável conexão com outros campos do saber e o distanciamento da racionalidade moderna, de base lógica e positivista, aproximavam a terapia ocupacional da produção de vida, dos modos de vida, das formas subjetivas de existência e da própria fabricação de mundos. Para ela, a vida é um “*continuum* incessante de atividades” (p. 2), onde as atividades são matéria de vida e de investimento de terapeutas ocupacionais. A atividade humana seria o acontecimento da vida e o engendramento das vidas e dos mundos, ligada à potência de expressão e criação de mais vida (QUARENTEI, 2001).

Nesse momento, as concepções de atividade humana avançavam de uma condição de instrumento ou recurso para sua consideração como elemento cultural entretecido nas dimensões sociopolítica, subjetiva e afetiva da condição humana (GALHEIGO et al, 2018).

Brunello (1991, p. 31), em artigo publicado ainda no movimento anterior, já mencionava o fator cultural do processo terapêutico ocupacional, advertindo que é “necessário conhecer a realidade do universo cultural para se compreender realmente o outro”. Para Barros (2004, p. 96) tornara-se imperativo “desenvolver atividades culturalmente pertinentes, pois se trata de compreender como as atividades mais valorizadas são percebidas na comunidade”.

Barros, Ghirardi e Lopes (2002), em relação à Terapia Ocupacional Social, apresentam o conceito de atividade como um construto,

uma mediação de relações múltiplas, mas situada no tempo e no espaço culturais; é um conceito inacabado e incorpora em si essa incompletude, constituindo-se pelo movimento, pelo processo de comunicação em linguagem (verbal, gestual, sonora, ou seja, icônica, indicial e simbólica). Trata-se de um conceito que se realiza na experiência e na situação vivida (BARROS; GHIRARDI; LOPES, 2002, p. 102).

Galheigo (2006), em diálogo internacional, aponta que

los terapeutas ocupacionales deberían hacer uso del relativismo cultural, que tiene en cuenta las creencias y las costumbres de las otras personas en el contexto de su propia cultura, no en la del terapeuta. También deben tener en cuenta los derechos humanos, como el derecho a la vida, a la dignidad y a la autodeterminación (GALHEIGO, 2006, p. 89).

A publicação do livro “Terapia Ocupacional no Brasil” apresentou um capítulo de Castro, Lima e Brunello (2001) sobre as atividades humanas, colocando uma concepção que envolve um circuito de relações humanas e trocas sociais:

o lúdico, o corpo, a arte, a criação de objetos, os estudos e o conhecimento, a organização dos espaços e o cuidado com o cotidiano, os cuidados pessoais, os passeios, as viagens, as festas, as diversas formas produtivas, a vida cultural, são alguns exemplos de temas que referendam, conectam e agenciam experiências, potencializam a vida, promovem transformações, produzem valor (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001, pp.46-47).

A atividade passa a ser compreendida como humana e cultural, elemento articulador entre indivíduo e comunidade, vida cotidiana e produções culturais. “O sentido fundamental das atividades é ampliar o viver e torná-lo mais intenso, nunca diminuí-lo ou esvaziá-lo” (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001, p.55). Castro, Lima, Castiglioni e Silva (2004) e Lima (2004) também abordam a análise das atividades a partir desses apontamentos e reflexões, atualizando essa análise em terapia ocupacional.

Nesse *quarto movimento*, diferentemente do debate internacional, houve uma diminuição das discussões sobre os fundamentos e a pauta identitária na terapia ocupacional (CARDINALLI, 2017). Na avaliação de Sandra Galheigo⁵, a particularidade da trajetória profissional brasileira se expressa no fato de não ter se desenvolvido por modelos, como aconteceu internacionalmente, mas sim por campos teórico-práticos, os quais foram influenciados e conduzidos pela ampliação e sua inserção nas políticas públicas sociais (GALHEIGO, 2016).

O *quarto movimento*, iniciado em 2006, envolve dificuldades de análise, visto que ainda perdura. Percebe-se uma intensa diversificação teórico-conceitual e metodológica na produção

⁵ Mencionada em uma aula *online* sobre o tema cotidiano no dia 17 de outubro de 2020.

de saberes e práticas de terapia ocupacional, marcada pelo aumento progressivo da produção acadêmica, publicações de livros e pesquisas empíricas. Além da ampliação das cooperações internacionais e “uma reincorporação de perspectivas teórico-metodológicas, referenciais teórico-práticos e modelos de terapia ocupacional internacionais [...] com destaque para os papéis ocupacionais, e a Ciência Ocupacional” (GALHEIGO et al, 2018, p. 733).

Nessa direção, a ampliação da produção acadêmica e das relações internacionais engendra uma mudança substancial, verificando que isso também interferiu nos debates em relação à atividade humana, sobretudo porque os referenciais e modelos internacionais referem-se à ocupação humana e despertam o interesse pela homogeneização profissional.

Por outro lado, nesse período também foram realizadas investigações relacionadas a terminologias e conceitos na produção de conhecimento no Brasil, baseadas em retrospectivas históricas. Constatando a simultaneidade dos termos, mas que o termo atividade seria o mais utilizado e teorizado a partir de 1990 (FERIOTTI, 2013; SALLES; MATSUKURA, 2016; LIMA; PASTORE; OKUMA, 2011; LIMA; OKUMA; PASTORE, 2013; POELLNITZ, 2018; FIGUEIREDO et al, 2020).

Na revisão de periódicos nacionais realizada por Lima, Pastore e Okuma (2011; 2013), sobre a atividade em artigos de terapia ocupacional publicados entre 1990 e 2008, foram identificadas perspectivas teórico-metodológicas em 85% dos artigos, coexistindo mais de uma perspectiva em muitos. As perspectivas que embasaram a discussão sobre as atividades foram: a desinstitucionalização, as abordagens psicodinâmicas, as abordagens sócio antropológicas, além de teorias filosóficas, como o materialismo histórico, teorias da complexidade, filosofias da diferença e teorias da estética (LIMA; PASTORE; OKUMA, 2011). Especificamente, em relação à atividade humana, o referencial do materialismo histórico foi encontrado com maior frequência (LIMA; OKUMA; PASTORE, 2013).

A atividade humana é apresentada como um “elemento fundamental para a construção da existência”, “algo vivo, mutável, diverso e plural”, uma “forma de expressão de quem a realiza” que está “inserida e produzida por uma realidade social” (p. 246). O conceito aparece como intrínseco às transformações do mundo e da própria existência humana. Envolve características contextuais permeadas pela historicidade e “pela dimensão sociopolítica, de forma a articularem-se o processo individual, a história e a cultura de um grupo”, apontando também componentes singulares e subjetivos “como a sensação, o significado, o pensamento e o movimento” (LIMA; OKUMA; PASTORE, 2013, p. 246).

Lima (2017), em sua tese de livre-docência, aborda o conceito de atividade humana a partir da obra de Hannah Arendt, acompanhando seu estudo histórico, desde a proposição aristotélica. Problematiza a sociedade capitalista, o totalitarismo e as condições que produzem isolamento e desenraizamento social. Enquanto as estratégias de resistência visariam a recuperação das diferentes esferas da atividade humana junto ao espaço público e ao mundo comum, no sentido da vida ativa. Tais estratégias se imbricam e se articulam: no reencantamento do mundo comum através da arte; no investimento da ação e da dignidade política; no exercício do pensamento e da atividade de compreender; e na reinvenção da convivência com estabelecimento de uma política da amizade (LIMA, 2017).

Em 2019, é lançado o primeiro livro sobre o tema, “Atividades Humanas & Terapia Ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências”, que reuniu discussões teórico-práticas de autores que compõem o Grupo de Pesquisa interinstitucional Atividades Humanas e Terapia Ocupacional - AHTO (SILVA, 2019).

Esse quarto movimento mostra a multiplicação de práticas relacionadas a políticas sociais como saúde, educação, assistência social, cultura, trabalho e direitos humanos e a “contextos variados, incluindo serviços, equipamentos, projetos e ações de base domiciliar, comunitária, territorial, institucional e privada” (GALHEIGO et al, 2018, p. 733). Assim como a incorporação do debate da cultura pela terapia ocupacional que, inclusive, constituiu-se como campo amparado por políticas e direitos específicos e integrados às dimensões culturais simbólica, econômica e cidadã (GONÇALVES; COSTA; TAKEITI, 2017; SILVA et al, 2017; SILVESTRINI; SILVA; ALMEIDA PRADO, 2019).

Após 1990, o Brasil absorveu intensamente a perspectiva neoliberal produtivista, individualista e especialista. O que imprimiu pluralidade no debate identitário profissional também recuperou um interesse pela unificação pautada no objeto único. A redução dos investimentos públicos pelo governo federal gerou uma intensa precarização dos serviços que são base da atuação da terapia ocupacional no Brasil. A compreensão mercadológica da assistência, cada vez mais forte, que considera a especificidade profissional um produto, acirra o interesse totalitarista em busca de legitimidade e competitividade. Assim como recupera um apego a técnicas “originárias” como caracterização de sua especialidade.

Há uma certa anacronia à experiência liberal estadunidense de 1970, que viu na ocupação um resgate ontológico da profissão. Isso garante uma demanda ocupacional no mercado, que apenas essa profissão ocupacional pode responder. Como já discutido por Medeiros (2010, p.

137), torna “a profissão vendável e única, o que é uma saída corporativista”. A constante ameaça tensiona a produção de táticas e estratégias, mas ainda que se queira propagar uma ontologia, a questão que aparece é: por que a origem que interessa é sempre a estrangeira, ainda que não se compartilhem as mesmas condições? Isso mostra como é forte a construção pela dominação e silenciamento em realidades como a do Brasil, a qual não se importa em desperdiçar uma diversidade de experiências, referências, produções e especificidades do histórico local.

diferir (vb.)

‘ser diferente, distinguir-se’
diferença, diferenciar¹

Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso (SANTOS, 1993, p. 31).

O que é terapia ocupacional? Embora o empasse da falta de resposta única possa causar angústia, Quarentei (1999b, p. 1) nos lembra que ela também pode despertar a criação porque “guarda toda a potência e todos os limites da produção de conhecimento em Terapia Ocupacional e constitui-se, portanto, em algo como um eixo, uma busca que nos conduz”. Isso ressignifica e acolhe o desconforto, para buscar e construir o que não aparece nas definições prontas, mas se ampara nas experiências e em caminhos de inventividade. A terapia ocupacional também é constituída por diferenças que coexistem em movimentos entre as singularidades e a pluralidade na produção do comum (CARDINALLI, 2017).

A diferença pode ser compreendida como a relação de alteridade existente entre duas coisas que, para se relacionarem, requisitam elementos de identificação e comunicação. Essa é a base científica moderna, que compara dois objetos, categoriza semelhanças e diferenças e a diferença máxima entre eles será sua contradição (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001).

A contradição foi considerada a chave da dialética de Hegel, filósofo alemão da virada do século XIX, que se baseou no pensamento clássico ocidental. Dialética, para ele, é uma estrutura dinâmica das ideias, onde uma tese que foi afirmada em um momento é negada em outro pela sua antítese, gerando, assim, uma síntese. Para Hegel, essa seria a mediação de toda relação entre sujeito e objeto no ato de conhecer a realidade. Esse movimento das contradições gera transformação do pensamento para a resolução das próprias contradições. A afirmação da verdade se torna apenas um momento provisório e a compreensão de que a existência contém em si sua própria negação, como em $A=A$ e também $A=B$, é o que torna possível uma superação (PECORARO, 2013; JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001).

A dialética é um enfoque que trata de captar toda a realidade exatamente como é, e ao mesmo tempo como deveria ser, de acordo com o que ela mesma contém como potência. A dialética significa conhecer as coisas

concretamente, com todas as suas características, e não como entes abstratos, vazios, reduzidos a uma ou duas características. Por isso, a dialética significa ver as coisas em movimento, ou seja, como processos; por isso a dialética desvela e estuda a contradição que há no seio de toda unidade, e a unidade à qual tende toda contradição (PEÑA, 2014, p. 43).

Contudo, para Hegel, o real será resultado do pensamento, ou seja, são as ideias que geram o mundo. Por isso a crítica marxista reelaborou a dialética, invertendo a compreensão de que o mundo seria consequência das ideias, ao colocar as ideias como parte do mundo. O materialismo histórico dialético, assim, parte da experiência relacional como produtora da realidade e o pensamento como um momento da atividade criadora, mas não a atividade criadora em si, conectando teoria e prática. Para Marx e Engels, a contradição dialética não produz apenas novas ideias, mas a própria modificação do mundo (PRADO JR., 2005).

Essa colocação ajuda a compreender por que o marxismo foi uma referência importante para terapeutas ocupacionais brasileiras(os). A percepção de que a importação e reprodução de modelos descontextualizados não promove os mesmos sentidos do seu contexto de criação foi a própria percepção da contradição. Tiveram como referência uma dialética que não crê ser suficiente uma reelaboração teórica para que seja resolvida a contradição, mas que propõe sua superação concreta (teórico-prática) na realidade material e histórica.

Porém, no discurso da terapia ocupacional brasileira, esse referencial ficou conhecido apenas como materialismo histórico sem abranger o dialético, mesmo sendo esse o elemento chave para a transformação da realidade. A compreensão da dialética qualifica a práxis como consciente e criadora, teórico e prática, rejeitando a concepção de ser humano “como um mero ente totalmente produzido e determinado por circunstâncias externas - no que crê o materialismo vulgar” (PENÃ, 2014, p. 52).

Em “A Ideologia Alemã”, Marx e Engels (2007, p. 533) explicam que a realidade e a experiência são apreendidas como atividade humana sensível, como prática subjetiva, e não sob a forma de contemplação das ideias, portanto, considerando que as circunstâncias modificam e são modificadas pelos indivíduos, assim “o próprio educador tem que ser educado” pela realidade. Com isso, há sempre diferentes interpretações do mundo, mas “o que importa é transformá-lo” (MARX; ENGELS, 2007, p. 535).

Em sentido convergente, a terapia ocupacional se alinhou também à referência de Paulo Freire que, apesar de ter sido influenciado pelo marxismo, não teria sido um marxista. Freire (1979, p. 44) considerava que o modo de pensar dissociado da ação pode se vislumbrar

enquanto pensamento autêntico, mas “perde-se em palavras falsas e ineficazes”. Isso porque as maneiras que um pensamento expressa o mundo

são geralmente um reflexo do pensamento e da expressão da sociedade dirigente. Sua cultura alienada impede-lhe compreender que seu pensamento e sua expressão do mundo não podem ser aceitos além de suas fronteiras, a menos que seja fiel a seu mundo particular. Somente à medida em que sente e conhece de maneira reflexiva seu próprio mundo particular, por havê-la experimentado como mediação de uma práxis coletiva, transformadora, seu pensamento e sua expressão têm significação além deste mundo (FREIRE, 1979, p. 45).

Para Freire (1979, p. 45), apenas uma “autoinserção crítica na realidade” produz conscientização e um gerar-ação, uma práxis, uma ação-reflexão crítica e sensível na relação com a dinâmica social, histórica e cultural. A conscientização, para ele, “não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo” (FREIRE, 1979, p. 15).

Outra perspectiva que se destacou com relação à diferença na produção da terapia ocupacional no Brasil, foi a filosofia da diferença, com a referência de autores franceses como Félix Guattari, Gilles Deleuze, Jacques Derrida e Jean-François Lyotard, tendo como precedentes Michel Foucault e o alemão Friedrich Nietzsche.

Deleuze não via a diferença como aquilo que difere um de outro, mas como possibilidade de diferenciação em si mesmo, uma diferença pura. Esse acontecimento está conectado à repetição, visto que um mesmo nunca se repete, sendo sempre “uma repetição diferida, isto é, que guarda em si a diferença” (p. 111). “Não é à toa que Deleuze apresenta grandes ressonâncias com Bergson, que como ninguém soube trabalhar com a diferença. De acordo com ele, estamos nos diferenciando o tempo todo, ainda que não possamos nos dar conta disto a todo momento” (BARROS; MUNARI; ABRAMOWICZ, 2017, p. 111).

As repetições possibilitam as diferenças e, para Henri Bergson, nunca se percebe o momento da diferenciação. Quando uma diferença é percebida é porque já houve repetição. Esse é um processo no corpo vivo, não seguindo a dialética das contradições, ou seja, não há negação de ideias ou de realidades para sua superação. “As repetições não são nada mais que processos vivenciados pelo corpo em nossa singularidade e que se dão sempre mediante a um encontro fortuito entre corpos” (p. 112). O corpo é considerado “de modo afirmativo, a partir de sua singularidade, de sua potência, e não apenas na forma em que ele se apresenta, mas como

uma infinidade de modos de existência possíveis” (BARROS; MUNARI; ABRAMOWICZ, 2017, p. 112). E o corpo não é totalizado em si, é passível de encontros.

Para Deleuze não há sentido algum pensar em um sujeito identitário. Não importa o meio ou o modo como uma pessoa se apresenta: é apenas uma das infinitudes de modos de existência possíveis. Pois, para Deleuze, um corpo é um domínio no qual coexistem duas grandezas díspares: o *virtual* e o *atual*, sendo que cada um deles já possui realidade em si mesma, sua realidade virtual e sua realidade atual (BARROS; MUNARI; ABRAMOWICZ, 2017, p. 112).

Aos filósofos da diferença interessa mais a produção de subjetividade coletiva incidindo nos processos de singularização e a relação com a multiplicidade, do que com a condição de individuação e os sistemas ou modelos de identificação (BARROS; MUNARI; ABRAMOWICZ, 2017; GUATTARI; RONILK, 2013). Nas palavras dos autores:

As multiplicidades são a própria realidade e não supõe nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco pouco remetem a um sujeito. As subjetivações, as totalizações, as unificações são, ao contrário, processos que se produzem e aparecem nas multiplicidades. Os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos, que são singularidades; as suas relações, que são devires; a seus agenciamentos, que são *hecceidades* (quer dizer, individuações sem sujeito); a seus espaços-tempos que são espaços e tempos *livres*; a seu modelo de realização, que é o *rizoma* (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui *platôs* (Zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem *territórios* e graus de desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.8).

Os territórios que compõem as multiplicidades não seriam externos a si, são um conjunto de movimentos e processos que dizem sobre a existência singularizada. Os territórios existenciais delimitam a organização do existir para cada ser vivo e, por eles, se articulam com outros seres e com fluxos cósmicos. Seria um conjunto de projetos e representações, comportamentos e investimentos nos tempos e espaços. Pode ser considerado um espaço vivido ou “um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma” (p. 388). E, ainda, o “território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir” (p. 388). O ser humano vive um imenso movimento de desterritorialização, em que seus territórios “originais” se desfazem permanentemente (GUATTARI; RONILK, 2010).

O agenciamento de poderes como o capitalismo, a mídia e equipamentos coletivos, explica Guattari, incide em processos de subjetivação que oscilam entre “uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma

relação de expressão e criação, na qual o indivíduo se apropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização” (p. 42). Enquanto a subjetividade é “fabricada e modelada no registro social” (p. 40), a singularização “se faz emprestando, associando, aglomerando dimensões” (p. 46), em uma relação entre singularidade e multiplicidade que não se centralizam no indivíduo ou se totalizam na noção de identidade (GUATTARI; RONILK, 2010).

A crítica não se implica apenas pelos conceitos de contradição e diferença, mas tais perspectivas ajudaram a repensar e reformular a terapia ocupacional no Brasil, incorporando conceitos para atividade humana pautados na relação teórico-prática, a qual desconstrói a manutenção essencialista, ontológica e identitária, tendo como base a experiência e a transformação do mundo.

Porém, o embasamento crítico sobre a desigualdade em Marx e sobre os processos de exclusão em Foucault, lembra Santos (2007b; 2010), não abrangem em si a superação da linha abissal construída pela modernidade. Para Santos, Meneses e Nunes (2004, p. 8), como a produção do ocidente havia se constituído enquanto conhecimento hegemônico submetendo o diferente a “desqualificado, um repositório de características inferiores em relação ao saber e poder ocidentais”, a experiência da alteridade na condição colonial manteve o outro disponível para ser dominado, usado e apropriado.

A produção da alteridade colonial, como espaço de inferioridade, assumiu várias formas que reconfiguram os processos de inferiorização já existentes (sexo, raça, tradição) [...]. A descoberta do Outro no contexto colonial envolveu sempre a produção ou reconfiguração de relações de subalternidade. Três delas revelaram-se particularmente resistentes: a mulher, o selvagem e a natureza (SANTOS; MENESES; NUNES, 2004, p. 8).

Portanto, no questionamento sobre a identidade, vale mais questionar quais condições, para que e contra quem ela interessa. O que a torna uma ficção necessária cujo “êxito mede-se pela intensidade da consciência de que a questão fora, desde o início, uma necessidade fictícia” (SANTOS, 1993, p. 32). Como coloca Santos (2003, p. 56) “temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades”.

A criação da identidade é tanto um efeito quanto a reprodução do poder, tornando-a um mecanismo condenado e obrigado a confessar ou a encontrar discursos de verdade. “O poder

não para de nos interrogar, de indagar, registrar e institucionalizar a busca da verdade, profissionaliza-a e recompensa-a. No fundo, temos que produzir a verdade como temos que produzir riquezas, ou melhor, temos que produzir a verdade para poder produzir riquezas” (FOUCAULT, 2018, p. 279).

Viveiros de Castro (2002) coloca que o perspectivismo seria uma possibilidade de composição com outras cosmologias por promover uma relação entre os diferentes pontos de vista. “O que envolve uma dimensão essencial de *ficção*, pois se trata de pôr em ressonância interna dois pontos de vista completamente heterogêneos” (p. 123 [grifo do autor]). Contudo, ressalta que o perspectivismo – assim como a ecologia dos saberes de Santos (2010) –, não propõe a relatividade do conhecimento. O perspectivismo se aproxima da compreensão de Deleuze sobre relacionalismo, o que “não é um relativismo, isto é, afirmação de uma relatividade do verdadeiro, mas um relacionalismo, pelo qual se afirma que *a verdade do relativo é a relação*” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 129 [grifo do autor]).

Para Santos (2007b), a razão indolente do conhecimento hegemônico desperdiça outras experiências, a razão metonímica encara uma única forma de racionalidade para o todo e a razão proléptica não investe no futuro por julgar concebê-lo como uma consequência linear do presente; por isso, uma *sociologia das ausências* e uma *sociologia das emergências* como combate da monocultura do saber, do tempo linear, da naturalização das diferenças, da escala dominante e do produtivismo capitalista; para produzir uma *ecologia dos saberes*, das temporalidades, do reconhecimento, da trans escala e da produtividade (SANTOS, 2007b).

As Epistemologias do Sul aparecem como caminho de reconhecimento da produção de saberes, fazeres e modos de vida. E o grande desafio será o *trabalho de tradução cultural*, que não se baseie na superioridade de um dos lados da relação para a interpretação ou substituição de elementos distintos, como se concebe na tradução comum, mas que crie inteligibilidade recíproca e possibilite uma verdadeira troca de sentidos anti-hegemônicos na valorização da biodiversidade (SANTOS, 2007b).

propagar (vb.)

‘multiplicar, reproduzindo ou por geração’

‘dilatar, estender’¹

Para aprofundamento dos discursos acadêmicos em torno do enunciado atividade humana para terapia ocupacional no Brasil, foi realizada uma revisão da literatura, a partir da pergunta orientadora “Como o enunciado ‘atividade(s) humana(s)’ tem sido utilizado, embasado e significado pela terapia ocupacional brasileira?”. A busca foi realizada a partir dos descritores “atividade(s) humana(s)” e “terapia ocupacional”, entre abril e maio de 2019, nas seguintes bases de dados: o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, a Scientific Electronic Library Online - SciELO e a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde – LILACS do Sistema BIREME. Também foram feitas consultas diretamente nos portais: Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, Revista Baiana de Terapia Ocupacional, Revista do Centro de Especialidades em Terapia Ocupacional – CETO, Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo e Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional – REVISBRATO.

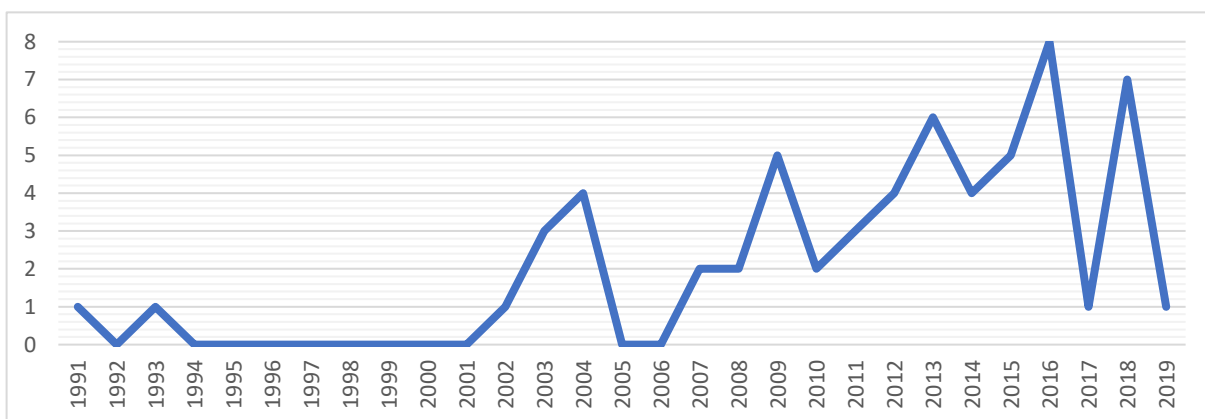
Foram 93 achados publicados até a data da busca, sendo incluídos: artigos de terapeutas ocupacionais brasileiros em português, espanhol e inglês desde que identificados nas buscas com os descritores em português. E aos critérios de exclusão foram: artigos sem autoras(es) terapeutas ocupacionais brasileiras(os), documentos não formatados como artigo (livros, resumos e editoriais) e artigos cujo texto não menciona o descritor “atividade(s) humana(s)”.

A lista dos 60 artigos dos quais derivam os dados gerais que serão apresentados sobre as publicações encontram-se no apêndice 1. Porém, como onze deles mencionava ‘atividade(s) humana(s)’ apenas no título e/ou no resumo e/ou nos descritores, não foram considerados na análise dos sentidos envolvidos com o enunciado, que incluiu 49 artigos. A Planilha Excel® foi usada para sistematização das informações dos artigos (ano, autoria e periódico) e o Software Atlas.ti 8 apoiou as análises qualitativas, como a sinalização dos arquivos de texto ou imagem, contribuindo para identificação e representação dos referenciais, usos (noção, categoria e conceito empregado ou elaborado) e significados (qualidades, dinâmica contextual, desdobramentos, recurso/instrumento técnico, campo de conhecimento e concepções de terapia ocupacional).

Fluxo temporal dos 60 artigos

As três primeiras publicações datam dos anos de 1991, 1993 e 2002, tendo um artigo publicado em cada ano. Tal cenário também se repete em 2017 e no primeiro trimestre 2019 (momento da consulta). Porém, a partir de 2003, aparece uma tendência de crescimento no número de publicações por ano, chegando a oito publicações em 2016 e a sete em 2018, que juntas representam 24% do total encontrado. Nesses 28 anos não foram encontradas publicações nos anos de 1992, entre 1994 e 2001, em 2005 e em 2006, ou seja, durante nove anos da primeira década e em dois anos da segunda não houve nenhuma publicação, mas na última década houve pelo menos uma publicação ao ano, como em 2017 e meados de 2019 (gráfico 1).

Gráfico 1 – Fluxo temporal das publicações



O ano de 1990 é um marco para a produção de conhecimento da área, quando foram criados os dois maiores periódicos de Terapia Ocupacional brasileiros e, embora as publicações dessa década sejam apenas duas, ambas apresentam a discussão sobre atividade humana e terapia ocupacional já em seus títulos. Os achados mostram uma tendência ascendente nas publicações que mencionam o termo, a partir dos anos 2000, o que se mantém até 2016, com uma oscilação importante entre 2017 e 2018. Como já indicado por autoras (CASTRO; LIMA; BRUNELLO, 2001; CASTRO et al, 2004; CANIGLIA, 2005), o termo aparece com mais força na década de 2000, juntamente com as publicações de livros e capítulos sobre a temática, material que não foi abordado nesta pesquisa.

Autoria dos 60 artigos

Foram identificadas(os) 44 terapeutas ocupacionais autoras(es) ou primeiras(os) autoras(es) envolvidas(os) nas publicações que citam o termo ‘atividade(s) humana(s)’. Observa-se que a maioria das autoras(es) são da região sudeste do país, sendo que, 50 (83%) delas(es) adinham do Sudeste, cinco (8,3%) do Nordeste, quatro (6,7%) do Sul e uma (2%) do Centro-Oeste brasileiro. A maior parte das autorias (94%) são de terapeutas ocupacionais, mas também foram identificadas outras três formações: uma fonoaudióloga, uma fisioterapeuta e uma psicóloga.

Verifica-se que a maioria dos artigos identificados foi publicada em coautoria (53%), tendo de um a oito coautores. No total, tem-se a participação de 100 nomes na coautoria dos artigos, sendo 75 terapeutas ocupacionais e 25 de outras formações: cinco da medicina, quatro da fisioterapia, quatro da psicologia, dois da biologia, dois da enfermagem, dois da pedagogia, dois da música e um da assistência social, ciências sociais e imagem e som. Uma coautoria não foi possível identificar. Isso mostra que o enunciado foi absorvido pelos diversos diálogos promovidos pela terapia ocupacional e seus campos de especialidade.

Locais de publicação dos 60 artigos

Os 60 artigos estão publicados em 11 periódicos, sendo que a Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo (RTOUSP) reúne metade dessas publicações. Em seguida, tem-se os Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional (CBTO)⁶ com onze artigos, e a revista Interface: Comunicação, Saúde, Educação, com cinco das produções encontradas. As buscas na Revista Baiana de Terapia Ocupacional e na Revista do Centro de Especialidades em Terapia Ocupacional (CETO) não encontraram nenhum resultado.

⁶ O periódico Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, nomeado em 2017, é continuidade dos Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, iniciado em 1990. Foram incluídos artigos desde 1990, embora estejamos indicando apenas a nomeação atual.

Tabela 1 – Periódicos e representatividade de artigos publicados

Periódico	Qtde de artigos	Porcentagem
Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo	32	53,3%
Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	11	18,3%
Interface: Comunicação, Saúde, Educação	5	8,3%
Revista Institucional Brasileira de Terapia Ocupacional	3	5%
Revista Brasileira de Promoção a Saúde	2	3,3%
Saúde e Sociedade	2	3,3%
Occupational Therapy International	1	1,6%
Reme: Revista Mineira de Enfermagem	1	1,6%
TOG (La Coruña)	1	1,6%
Trabalho, Educação e Saúde	1	1,6%
Trials Journal	1	1,6%

A maioria das publicações está nas revistas de terapia ocupacional brasileiras, que abrangem 46 (75%) das publicações e, em segundo lugar, nas revistas nacionais interdisciplinares ou de outras áreas, que totalizam 12 (20%) dos artigos. Três periódicos são estrangeiros (5%), sendo dois de terapia ocupacional e um da saúde, sendo que em cada um houve um artigo identificado. Vê-se que as revistas interdisciplinares representam um espaço importante para as publicações de terapia ocupacional e o diálogo internacional ainda se mostra incipiente, provavelmente pela divergência no uso do enunciado em outros idiomas, podendo inclusive, estar sendo traduzido como ‘ocupação humana’ na busca por diálogo com os periódicos.

Referenciais em 49 artigos

A apresentação dos dados a seguir se refere a elaborações conceituais do enunciado ‘atividade(s) humana(s)’ a partir do conteúdo do texto de 49 artigos, portanto, não foram considerados nesta etapa os 11 artigos que o mencionavam apenas em seu título e/ou resumo e/ou descritores.

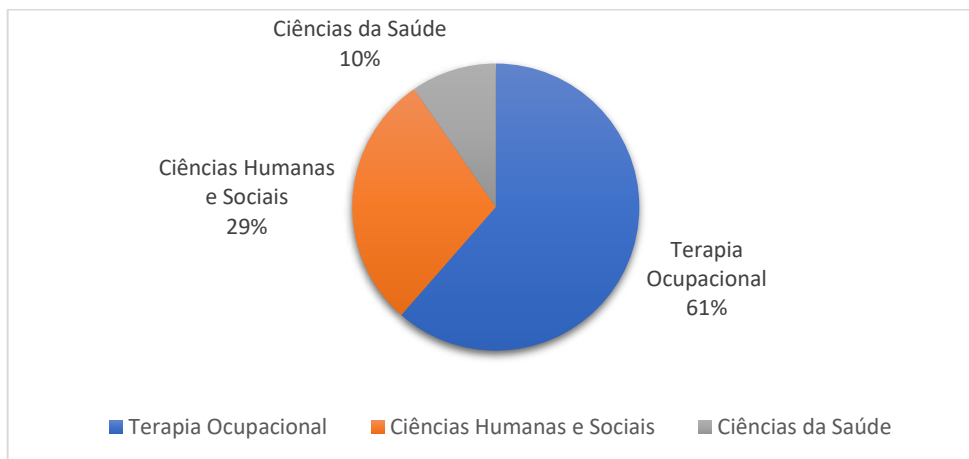
Das 143 aparições do enunciado ‘atividade(s) humana(s)’, somando os 49 artigos, 80 (56%) delas estavam relacionadas a uma ou mais referências. São 83 autoras(es)⁷ citadas(os), sendo: 52 da terapia ocupacional brasileira (119 ocorrências); sete da filosofia europeia, um autor da estadunidense e um autor da brasileira (28 ocorrências); quatro da sociologia francesa

⁷ A lista com os nomes e seus países respectivos está disponível no apêndice 2.

e um autor da brasileira (6 ocorrências); seis da ergonomia ou ergologia francesas; quatro das ciências sociais brasileiras; um da psicologia francesa e um da brasileira; um da geografia, um da psicanálise, um da psiquiatria e um da educação europeias; um da medicina brasileira e um da pedagogia australiana. Além de autores, dois materiais nacionais foram citados, uma vez cada um: o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional - COFFITO e o Folder do Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - FMUSP de 1997.

A maior parte das referências foram, portanto, brasileiras da terapia ocupacional, seguidas de europeias, sobretudo francesas, das demais áreas do conhecimento, e com destaque às ciências sociais brasileiras. Nenhuma outra referência latina ou africana foi citada.

Gráfico 2 – Áreas de autores citados como referência



Dentre as terapeutas ocupacionais que aparecem como referências e também como autoras de alguns dos artigos, estão: Eliane Dias de Castro, Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima, Sandra Maria Galheigo e Marília Caniglia Machado.

Análise conceitual nos 49 artigos

Para adentrar na arqueologia das significações do enunciado, cada uma das 143 aparições de ‘atividade(s) humana(s)’ foi classificada de acordo com o seu uso, considerando: 1) *Noção geral* mencionada brevemente para relatar procedimento técnico (24 vezes); 2) *Categoria agregada* a outros conceitos mais desenvolvidos no texto, permanecendo de forma condicionada ou derivada (25 vezes); 3) *Conceito empregado* em diálogo e/ou apropriação

conceitual de outra área do conhecimento (24 vezes); 4) *Conceito elaborado*, referenciado ou proposto no texto, para terapia ocupacional (70 vezes).

A *noção geral* apareceu em trechos que inferiam alguma concepção generalista de terapia ocupacional implicando a prática profissional. Porém, essas noções não explicitavam significações, como se vê nos trechos: “a prática da terapia ocupacional tem enfoque nas atividades humanas” e “se realiza” através delas. O enunciado também é colocado como componente técnico com intenção de alcançar algum objetivo, como em: “um meio”, “um instrumento”, “um recurso” ou “é utilizada para”.

A *categoria agregada* relaciona o enunciado a outros conceitos desenvolvidos no texto, mas sem expressar um significado para ele, ficando também com noções implícitas. Aparece como base de conceitos específicos como “trabalho”, “brincar”, “comer”, “criação artística” e “atividade lúdica” que, assim, ficam compreendidos em uma categoria maior de “atividades humanas”. Também aparece envolvendo “dimensões” mais perceptivas, quando algo “se manifesta nas atividades” ou por ser “constituída por ações”. E, por fim, foi tratado a partir de áreas do conhecimento, como no caso da arte, da ergologia ou da terapia ocupacional, nesse caso, também esteve junto com outros enunciados, como “ação, fazer e ocupação”.

Considerando os 49 artigos em análise, 22 deles mencionaram o enunciado como colocado nessas duas primeiras classificações. Portanto, a terceira e quarta classificações, as quais aprofundam a compreensão conceitual do enunciado, estarão representando 27 artigos dentre os achados.

Nas 24 menções do *conceito empregado*, apenas duas não citam referencial. Vazquez⁸ aparece como referência em um artigo publicado em 1991, Kagan⁹ em outro trabalho publicado em 2002, e Schwartz¹⁰ em um trabalho de 2011, cada nome tendo sido referenciado quatro vezes no artigo correspondente. Todo os demais autores citados foram referência para apenas um trecho/artigo cada.

Em relação às significações, dez das menções se referiram à atividade humana enquanto práxis, tendo como referência autores marxistas ou terapeutas ocupacionais que tiveram esse embasamento, indicando sua ação transformadora, seja da pessoa em si ou da realidade

⁸ Vazquez, A. S. (1977). Filosofia da práxis.

⁹ Kagan, M. (1987). Estética, selección de lecturas.

¹⁰ Schwartz, Y. (2003) Disciplina epistêmica disciplina ergológica paidéia e politeia; (2003) Trabalho e saber.

material. Outra finalidade adjacente à atividade humana é sua produção do sensível ou da subjetividade, apontada em dois trabalhos, sendo um deles referenciado por Kemmis e Lefébvre¹¹ e o outro por Guattari¹².

Em sete menções, foi explorada a relação contextual, entendendo: que a atividade humana enriquece a relação com o mundo ao promover encontros entre o singular e a coletividade, ampliando a vida (referenciando Guattari⁷); que as comunidades se voltam para atividades humanas específicas (Gil¹³); que sua abordagem abrange determinada situação ou meio (Schwartz e Durrive¹⁴); que ampliam a experiência de vida, sendo a cultura seu principal elo com o mundo (Rotelli¹⁵); e que são atividades vitais, reais, sociais e singulares, constituídas em um processo histórico (Kagan⁴).

Há trechos que reconhecem o encontro de dimensões vistas na complementariedade de elementos, por exemplo, entre: singular e coletividade, individual e social, subjetivo e objetivo, interior e exterior, teoria e prática. Isso foi explicitado em um trecho sobre a relação entre inconsciente e expressão, e, em outro trecho, entendendo que o conhecimento sobre atividade humana abarca graus entre o explícito e o inimaginável (Schwartz⁵).

Outros quatro trechos abordam o conhecimento sobre atividades humanas: referência de Schwartz⁵ aponta que acarretaria um desconforto intelectual ao lidar com esse conhecimento, o que convocaria sua reapreciação, a partir de várias disciplinas, conceitos, métodos, procedimentos; há também uma proposição da criação de uma ciência própria da atividade humana, a praxiologia, com orientação na práxis para embasar a prática profissional vista como praxiterapia.

O *conceito elaborado* para a terapia ocupacional esteve em 70 menções, com 29 sem mencionar referência. Dos 41 trechos restantes, 34 eram referenciados pela terapia ocupacional

¹¹ Kemmis e Lefébvre apud Alarcão, I. (2001). Escola reflexiva e nova racionalidade.

¹² Guattari, F. (2006) Caosmose: um novo paradigma estético.

¹³ Gil, A. C. (2002). Como elaborar projetos de pesquisa.

¹⁴ Schwartz, Y.; Durrive, L. (2007). Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana.

¹⁵ Rotelli, F. (1997) [referência não mencionada].

e sete referiram autores da filosofia (Engelhardt¹⁶, Karl Marx¹⁷, Dardot¹⁸ e Schwartz⁵), da sociologia (Laval¹³, Antunes¹⁹ e Castel²⁰) e da geografia (Harvey²¹).

A análise dos significados do enunciado será apresentada em seis subcategorias: a) qualidades (32 ocorrências); b) dinâmica contextual (14); c) desdobramentos (5); d) recurso/instrumento técnico (5); e) campo de conhecimento (29); f) concepções de terapia ocupacional (16). Essa proposição destaca elementos considerados relevantes para terapia ocupacional; contudo, as compreensões são complexas e interrelacionadas, sendo que um único trecho pode contemplar mais de uma categoria.

a) Qualidades da atividade humana

As atividades humanas mobilizam formas de perceber a si, o mundo e a efetivação da vida. Esses trechos exprimem uma qualidade política multidimensional na significação da atividade humana para a terapia ocupacional, tanto em uma esfera macrossocial, ampliando a consciência sobre as realidades e a possibilidade de intervenção nelas, quanto na micropolítica, no conhecer a singularidade e a autoria que compõem as formas particulares de existência. Mostram que conhecer ou tomar consciência dos sentidos e mecanismos que dão continuidade à vida envolve o processo de conscientização e apropriação que motivam mudanças no conjunto da ação e da reflexão, tal como coloca Paulo Freire.

As atividades humanas traduzem um espaço-tempo experiencial disponível à criação. Essa significação mostra uma qualidade experiencial, processual e criadora intrínseca à atividade humana, que convoca atenção à presença e ao que ela dispara. A incorporação de referências e concepções de arte, criação, cultura e estética, assim como a compreensão da singularização e da diferenciação, colocadas pela filosofia da diferença, mobilizando outras linguagens e racionalidades onde há lugar para o inexplicável e não controlável.

As atividades humanas são disparadoras de uma relação transformadora entre sujeito-mundo. Essa compreensão mostra uma qualidade mediadora de processos e relações

¹⁶ Engrhart, H. T. (1977) Defining occupational therapy: the meaning of therapy and the virtues of occupation.

¹⁷ Marx, K. (2004) Manuscritos econômicos-filosóficos.

¹⁸ Dardot, P.; Laval, C. (2016) A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.

¹⁹ Antunes, R. (2013) A nova morfologia do trabalho e suas principais tendências.

²⁰ Castel, R. (2008) As metamorfoses da questão social.

²¹ Harvey, D. (2008) O neoliberalismo: história e implicações.

que são vistos como transformação mútua e permanente, sem uma funcionalidade ou finalidade implícita. Essa qualidade relacional mostra as marcas da compreensão marxista sobre a produção dialética entre sujeito e seus contornos históricos, sociais e culturais de vida. Essa relação mobiliza a atuação profissional condicionada pelo contexto do qual emerge e pelo qual se implica. A atividade humana é vista em um momento específico de uma configuração complexa da realidade e que mobiliza de sentidos e de novos acontecimentos.

As atividades humanas articulam níveis contextuais indissociáveis. Ainda como qualidade relacional, e reforçando a indissociabilidade das qualidades anteriores, a atividade humana está condicionada a seu contexto, necessitando reconhecimento de sua condição complexa para sua elaboração. Para a terapia ocupacional, algumas especificidades podem estar em destaque como relações temporais, familiares, territoriais, coletivas, comunitárias, culturais, sociais, afetivas, materiais, subjetivas, dentre tantas. O que parece determinar as relações de destaque será o enfoque que cada situação profissional, investigativa, formativa ou teórico-metodológica requirite.

b) Dinâmica contextual da atividade humana

Há dinâmicas próprias entre níveis contextuais da atividade humana, como história, realidade social, cotidiano, modo de vida, cultura, paradigma, entre outros. Refere que o contexto não é apenas o entorno ou momento em que a atividade humana está inserida, mas há uma tecitura que pode estar explícita ou implícita. A atividade humana não é um elemento único ou neutro que possa ser isolado sem alteração de sentido, ou seja, os significados envolvidos ou gerados também irão variar a cada contexto. Atividades humanas, modos de vida e cotidianos expressam singularidades e são condicionados pelas diversas esferas contextuais, independente da atenção do terapeuta ocupacional, incidindo e sendo centrais na vida humana. As ciências humanas e sociais contribuem para o desvelar dessas dinâmicas, recolocando a compreensão sobre intervenção em terapia ocupacional.

c) Desdobramentos da atividade humana

A atividade humana aciona percepções e movimentos singulares ou compartilhados. As descrições de processos investidos pelos terapeutas ocupacionais mostram o termo ‘ação’

como sinônimo de atividade humana, com a compreensão de sua qualidade ativa, que pode potencializar um processo terapêutico ocupacional. Sua ativação é observável, o que auxilia na descrição da intenção profissional, redimensionamento uma atuação singularizada sem a ideia de controle terapêutico, assim como desmancha a ideia de aplicação técnica de um recurso.

Isso torna possível acionar representações compartilhadas, como simbolismos, materialidades e culturalidades, e individuais, como motivações, intenções, desejos, necessidades, sensações, pensamentos, movimentos e afetos. Essas representações, no entanto, nem sempre são de fácil identificação, mas podem ser instauradas e cuidadas no processo terapêutico ocupacional, com uma análise sensível juntamente com as pessoas envolvidas. Com atenção ao processo vivo da atividade humana, a compreensão da composição de sentidos individuais e coletivos e seus indícios de desdobramentos aparecem como preocupações da terapia ocupacional.

Nessa temática, há expressões humanistas, psicanalíticas e esquizoanalíticas, que envolvem singularidade e sensibilidade nas relações, assim como certa expressão cultural e crítica ao considerar significados coletivos e incidência de relações de poder.

d) Atividade humana como recurso ou instrumento técnico

As atividades humanas são idealizadas com finalidades e funcionalidades. Tais construções discursivas indicam uma permanência da compreensão do recurso terapêutico ou do uso instrumental controlado. O uso de um instrumento com finalidade determinada reduz a complexidade da atividade humana, como apresentada anteriormente, a algo funcional caracterizado por sua condição técnica. Prever resultados de sua utilização, por mais amplos que sejam, como ‘para emancipação’, reproduz a visão linear de causa e efeito em que basta boa condução técnica para alcance do resultado esperado. Isso também conduz ao controle da sua aplicabilidade com dosagens que podem ser ‘graduais’.

O controle e a mensuração para comprovação de resultados esperados reaproximam referenciais positivistas que conduzem a busca por legitimidade profissional, assim como a visão corporativista do domínio das técnicas e da produtividade terapêutica, que imperam na contemporaneidade.

e) Campo de conhecimento sobre atividade humana

As atividades humanas representam um conjunto de conhecimentos teórico-práticos complexos e inter ou transdisciplinares relacionados à experiência. Requerem envolvimento de um conjunto de conhecimentos que não se restringem ao domínio de uma determinada área, diferente do enunciado da ocupação, em sentido oposto ao da especialização científica ou da mercantilização das práticas. Reconhecendo a necessidade da interlocução dos saberes e práticas para buscar compreender e lidar com a complexidade da condição humana. Não se trata também de uma somatória de perspectivas, mas da relação entre ou além das disciplinas.

Além disso, esses conhecimentos são indissociáveis da experiência e, portanto, relacionados à produção subjetiva, aos aspectos e saberes singulares e culturais. O que torna um conhecimento plural e contextual. Dependem do processo vivo, o que dificulta tomá-lo enquanto objeto fechado. Ainda assim, é passível de compartilhamento e algum grau de generalização. Encontra-se apoio na filosofia e em teorias do conhecimento, ou mesmo em outras cosmologias não hegemônicas.

Os conhecimentos sobre atividade humana compõem de maneira fundamental a terapia ocupacional. O grau de importância aparece em diferentes expressões, mas sua relevância acompanha a trajetória histórica, epistemológica e conceitual da experiência brasileira. Há nuances entre ‘ter conhecimento sobre’ e ‘ser a Ciência da Atividade Humana’ que consideram as diferentes implicações nos campos de especialidade e trazem contornos singulares para sua discursividade. Sua consideração perpassa ciência, história, método, identidade, formação e prática da terapia ocupacional, o que, no mínimo, insere a atividade humana no debate sobre fundamentos e epistemologias da terapia ocupacional brasileira.

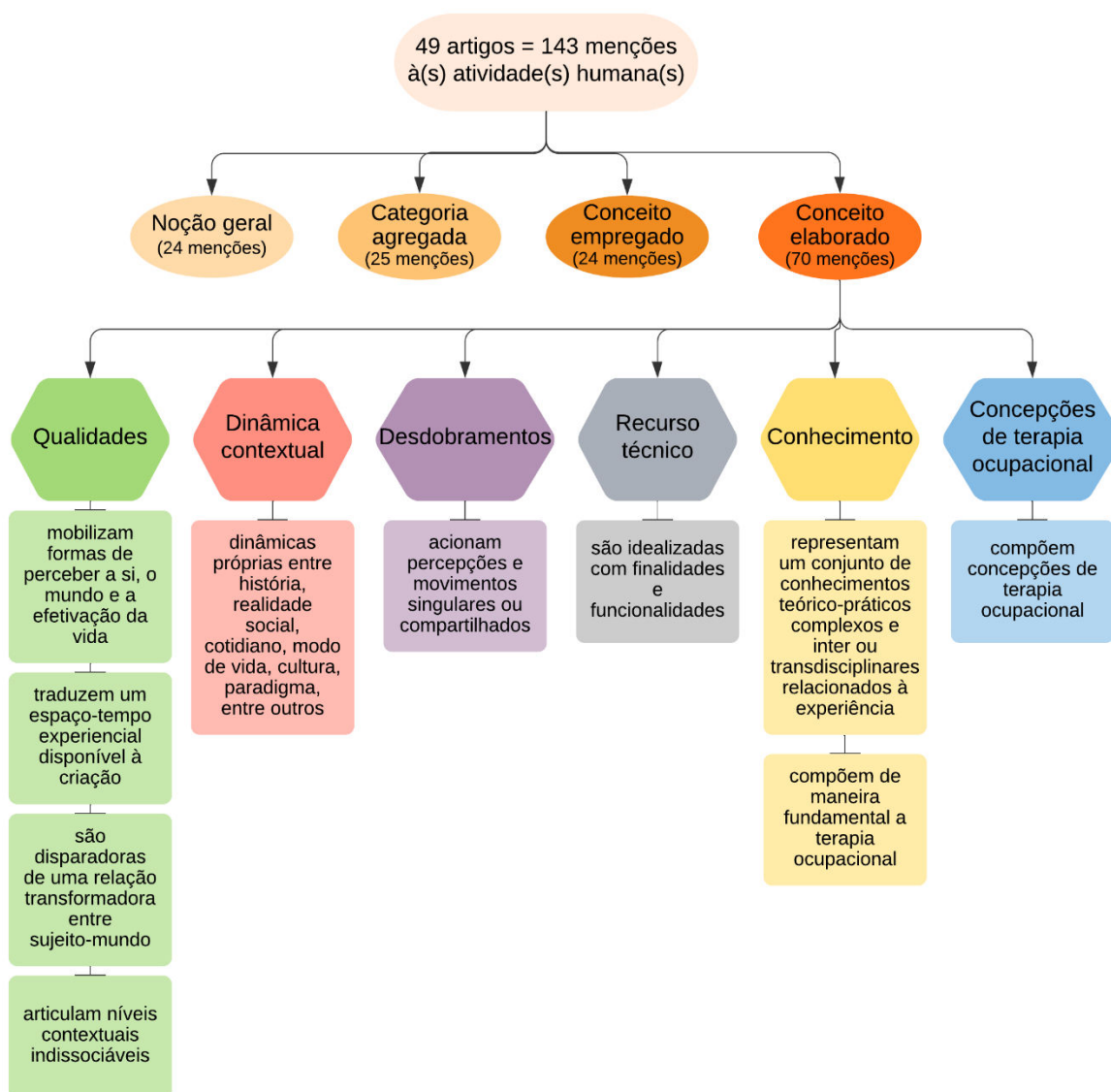
f) Atividade humana nas concepções de terapia ocupacional

As atividades humanas compõem concepções de terapia ocupacional. Os discursos sobre atividade humana e sobre terapia ocupacional podem se referir a uma concepção comum que as coloca em interdependência. Embora isso possa se colocar de formas muito particulares e localizadas, algumas expressões compartilhadas consideram a atividade humana intrínseca ao

saber-fazer da terapia ocupacional. E isso tem a ver, inclusive, com a relevância das definições nacionais da terapia ocupacional.

Essa camada arqueológica, cujo terreno foi uma revisão de literatura da terapia ocupacional brasileira relacionada à(s) atividade(s) humana(s), revela significações de uma elaboração conceitual que tem sido propagada em publicações de terapeutas ocupacionais brasileiras(os). Antes de continuar essa investigação, que terá mais duas camadas de escavação, contempla-se um diagrama com sentidos condutores dos significados apresentados.

Figura 1 – Diagrama conceitual sobre atividade(s) humana(s) na literatura da terapia ocupacional brasileira



discorrer (vb.)

‘percorrer, atravessar’ ‘tratar, expor, analisar’
discursar, discursivo, discurso¹

No aprofundamento de mais uma camada arqueológica, buscou-se acessar discursos de terapeutas ocupacionais atuantes nos cenários brasileiros sobre como utilizam e compreendem o enunciado atividade humana. Para isso, foi elaborado um questionário²² virtual com dez questões, que abrangeram: cinco perguntas fechadas sobre o perfil profissional, duas questões fechadas sobre a utilização de terminologias e três questões abertas relativas à compreensão do enunciado. No final, havia uma consulta sobre o possível interesse em participar de uma etapa posterior desta pesquisa.

O questionário foi criado com a ferramenta Google Forms® e sua divulgação seguiu um plano de comunicação, com disparos semanais em grupos de redes sociais como o WhatsApp, o Facebook e o LinkedIn. Também foram enviados convites por e-mail, com pedidos de divulgação para: coordenações de 35 Cursos de Graduação e o de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional; diretorias nacionais e regionais da Associação Brasileira de Terapia Ocupacional - ABRATO; comunicação dos Conselhos Federal e Regionais de Fisioterapia e Terapia Ocupacional – Sistema COFFITO e CREFITOs; e para o Grupo de Pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional - AHTO. Além disso, o próprio formulário, após o agradecimento da participação, solicitava seu compartilhamento com colegas.

O formulário passou pela apreciação de três terapeutas ocupacionais, que contribuíram para sua readequação. Foi divulgado ao público geral dia 08 de janeiro de 2020, ficando disponível por três meses, até dia 26 de março de 2020. No total, recebeu 81 respostas, entre elas sete assinalaram não utilizar o enunciado atividade humana e não seguiram para as três questões abertas relacionadas à sua especificidade.

Os dados foram organizados e analisados em uma Planilha Excel®. Serão apresentados o perfil, a atuação e o uso de termos indicados de 81 participantes e a análise das questões abertas em quatro categorias, referente a 74 respostas.

²² O questionário está disponível na íntegra no apêndice 3, sendo composto pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos, cujo número do parecer é 3.402.197.

Perfil de participantes (81 participações)

Em relação ao nível de formação, 28 (35%) participantes indicaram ter realizado pós-graduação *lato sensu*, 21 (26%) estava em alguma pós-graduação *lato* ou *stricto sensu* em andamento, 15 (18%) eram doutoras(es), nove (11%) eram mestras(es), quatro (5%) tinham apenas graduação e também quatro (5%) já haviam feito pós-doutorado. Assim, 77 pessoas (95%) que responderam o questionaram já haviam realizado ou estavam em processo de formação pós-graduada.

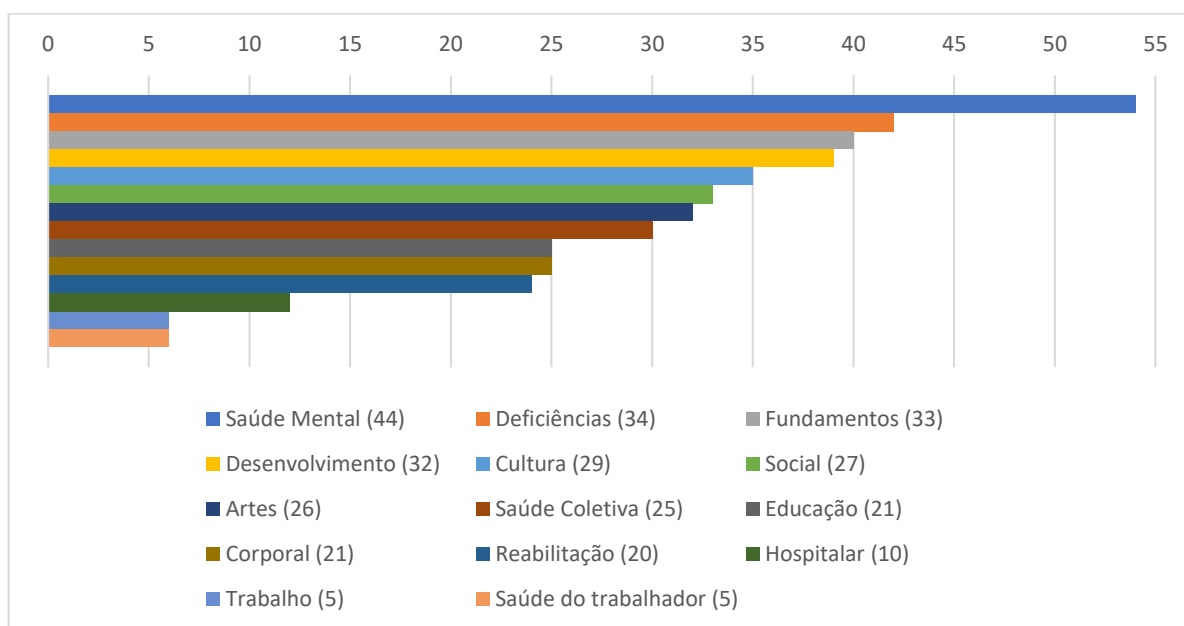
Dentre as regiões de atuação, são apontadas em 61 (75%) casos o Sudeste, 11 (14%) o Sul, cinco (6%) o Nordeste, duas (2,5%) o Norte e duas (2,5%) o Centro-oeste. Comparando com as regiões em que estão localizados os 35 cursos de Terapia Ocupacional contatados para divulgação desta pesquisa, vemos que a região Sudeste reúne 46% deles, seguida por Sul (17%) e Nordeste (17%), Norte (14%) e Centro-oeste (6%). Portanto, houve uma representação maior da região Sudeste.

Como o formulário foi divulgado da região sudeste, isso pode ter influenciado no maior número de compartilhamentos pelas redes sociais de terapeutas ocupacionais dessa região, influenciando seu alcance e difusão. São Paulo continua sendo o estado que reúne a maior quantidade de profissionais no país²³ e, considerando os resultados da revisão de literatura, também a região se destaca na enunciação da ‘atividade humana’.

Em relação ao tipo de investimento profissional, a questão de múltipla escolha mostra que 65% das respostas apontam para profissional técnico da assistência ou da clínica, seguido de docentes do ensino superior (33%), pesquisadores acadêmicos ou independentes (20%) e consultores, gestores ou empreendedores (15%). A questão seguinte, também de múltipla escolha, abordava possíveis áreas envolvidas na prática, investigação e/ou docência em terapia ocupacional, tendo despontado a Saúde Mental (54%), seguida de demais áreas, como se vê no gráfico 3.

²³ Segundo anunciado pela presidência do Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da 3ª Região - Crefito-3, em 2021.

Gráfico 3 – Áreas indicadas na atuação em terapia ocupacional em porcentual



Ainda, com a possibilidade de preencher sua área em Outros, doze pessoas (1% cada) relataram: Relações étnico-raciais, gênero e sexualidade; Filosofia e perspectivas teórico-conceituais; Práticas integrativas; Envelhecimento e atividades significativas; Ética/Bioética; Diversidade, meio ambiente e sustentabilidade; Raciocínio Clínico; Políticas públicas, produção científica e formação profissional; Políticas públicas, movimentos sociais e ocupação dos espaços urbanos; Saúde prisional; Produção de subjetividade e formação profissional; Psicoterapia ocupacional.

Vemos que as áreas tradicionais como Saúde Mental, Deficiências, Disfunções ou Diversidade Funcional e Desenvolvimento Humano ou Ciclos de Vida estão entre as mais recorrentes. Há um destaque nos 40% de participantes que indicaram Fundamentos e Recursos Terapêuticos Ocupacionais, sem necessariamente atuar com docência e pesquisa, mostrando a relevância dessa área inclusive para a atuação profissional. Cultura, Assistência Social ou Contextos Sociais e Artes vêm na sequência, campos de especialidade mais recentes, mas que reúnem fortes debates relacionados ao ensino e à teorização das atividades humanas pela terapia ocupacional, como mostra a literatura (LIMA; PASTORE; OKUMA, 2011; LIMA; OKUMA; PASTORE, 2013; SILVA, 2019).

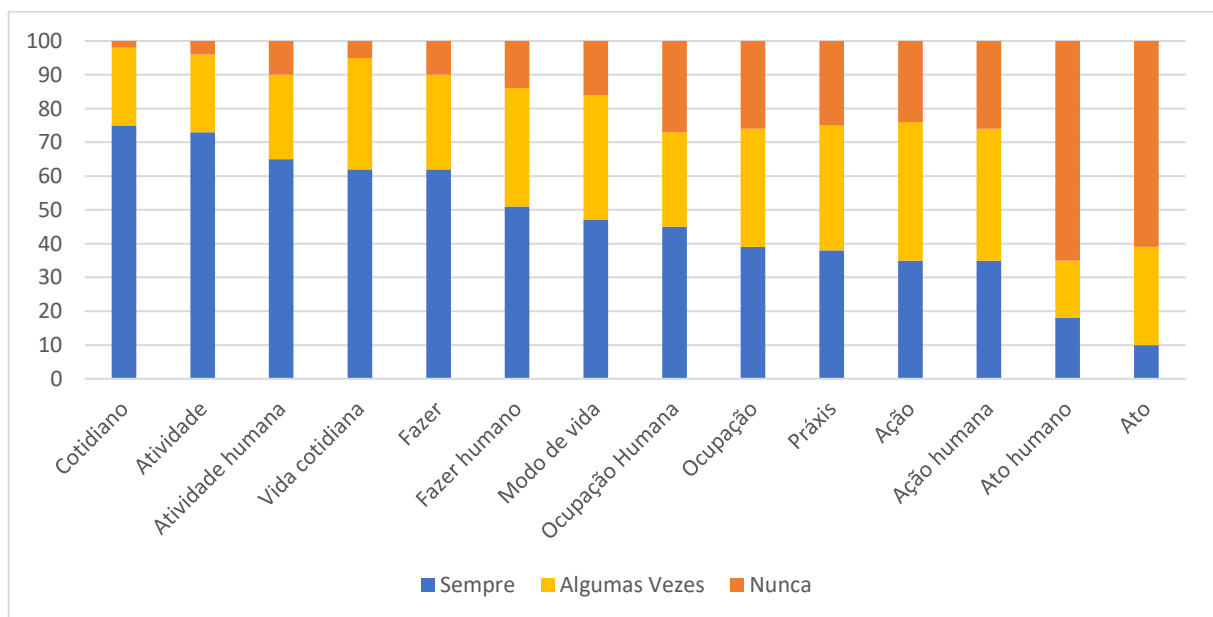
Em torno de 13% das(os) participantes indicaram apenas uma área, tendo a grande maioria marcado duas ou mais opções, corroborando com a complexidade das atuações em diferentes interfaces, que podem ultrapassar um único campo de especialidade.

Terminologia relacionada à atuação em terapia ocupacional (81 participações)

A questão relacionada à terminologia indicava quatorze termos e, obrigatoriamente, deveria indicar sua frequência de utilização de cada um, sendo: sempre; algumas vezes; ou nunca. Os cinco termos mais indicados na coluna *sempre utilizo* foram: cotidiano, atividade, atividade humana, fazer e vida cotidiana, mencionados em mais de 60% das respostas. Em *utilizo algumas vezes*, há quase uma inversão da ordem dos termos, em complementariedade com a lista anterior, sendo: ação, ação humana, modo de vida, práxis e fazer humano citados em mais de 35%. A tendência da inversão fica ainda mais forte diante dos indicados em *nunca utilizo*, que foram: ato humano, ato, ocupação humana, ação humana e ocupação, em mais de 26% das respostas.

Além disso, todos os termos aparecem em todas as opções de frequência, sendo que os mais utilizados são: cotidiano, atividade, atividade humana, vida cotidiana, fazer, fazer humano e modo de vida e os menos utilizados são ato e ato humano. Os demais termos (ocupação humana, ocupação, práxis, ação e ação humana) ficam em uma faixa mediana, mencionados por 30-50% das respostas, destacados entre os *utilizados algumas vezes*. O gráfico 3 mostra a relação entre todas as respostas.

Gráfico 4 – Termos e utilização na atuação em terapia ocupacional em porcentual



A revisão da literatura realizada por Lima, Pastore e Okuma (2011) mostrou que atividade estava em 91% das publicações analisadas, seguido por fazer, ação e ocupação. O estudo de Poellnitz, Silva e Cardinali (2020) nos trabalhos apresentados nos Congressos Brasileiros de Terapia Ocupacional também identificou que o termo mais recorrente foi atividade, seguido de trabalho, ação e cotidiano.

Olhando como se comporta a adoção ou não do qualificador ‘humano’, vemos que atividade é mais recorrente do que atividade humana, assim como fazer é mais do que fazer humano e ação mais do que ação humana. Porém, entre ato e ato humano, assim como ocupação e ocupação humana, há uma inversão quando consideramos apenas os *sempre utilizados*, mas na soma com os *utilizados algumas vezes* há uma reversão que mantém a predileção por não utilizar o qualificador.

Além da própria predileção das palavras de acordo com experiências pessoais (POELLNITZ, 2018), coloca-se a questão do uso de sinônimos, como por exemplo, uma vez colocado o termo ‘atividade artística’, posteriormente, basta-se mencionar atividade que se subentende a relação com as artes e, com isso, atividade sem o qualificador pode se tornar mais recorrente no uso da linguagem. Esse recurso linguístico também pode utilizar outras palavras cujos significados sejam considerados sinônimos ou apenas semelhantes, intercambiando-as para auxiliar na comunicação da mensagem.

Lima, Pastore e Okuma (2011) também mostram que, nos textos científicos, mesmo quando se privilegia um termo específico, por exemplo atividade, outros termos, como fazer, ação e ocupação, apareceram de forma associada na maioria dos achados.

O formulário também contou com uma questão condicionada para avançar às perguntas específicas sobre as significações da atividade humana, confirmando se a pessoa utilizava o termo atividade humana, explicando que, se assinalasse *sim*, o formulário avançaria para mais três questões. Sete pessoas (9%) assinalaram *nunca utilizo*, assim o formulário finalizava com um agradecimento, e, dentre as 74 pessoas (91%) que seguiram com o preenchimento, 52 (64%) assinalaram *sim, utilizo sempre* e 22 (27%) assinalaram *sim, utilizo às vezes*.

Significação da atividade humana no discurso de 74 profissionais

As três questões abertas eram: Em sua compreensão, o que as atividades humanas representam para a terapia ocupacional? Como as atividades humanas estão relacionadas à sua

atuação, investigação e/ou docência? Você indica algum(ns) referencial(is) teórico-metodológico(s), autor(as/es) (terapeuta ocupacional ou não) ou área do saber que te ajudam a pensar sobre atividades humanas?

Na leitura das respostas da primeira questão, percebeu-se a indicação de três vias principais no discurso sobre a atividade humana: é um saber da experiência profissional, existe uma elaboração conceitual para a terapia ocupacional e, de forma independente, é relacionada à vida humana. Com o aprofundamento da leitura, foi percebido que os relatos da prática profissional se diferiam em dois sentidos: uma técnica profissional mais controlável e outra mais flexível e dependente da relação com as populações acompanhadas.

Buscando articulação com as categorias apresentadas pelos discursos da revisão de literatura, foram criadas quatro categorias para contemplar os discursos das(os) participantes: elementos técnicos ou tecnológicos (67% de ocorrência); campo de conhecimentos (52%); constituição na vida humana (39%); e elemento com qualidade relacional presente nos acompanhamentos (36%). As respostas da segunda pergunta também contemplaram as mesmas categorias, mas em outra prioridade discursiva: elementos técnicos ou tecnológicos (79%); elementos relacionais nos acompanhamentos (44%); constituição na vida humana (35%); e campo de conhecimentos (28%).

Cada resposta à primeira pergunta foi alocada em uma ou mais dessas categorias, considerando que, dentre as 74 respostas: 30 foram agrupadas em apenas uma categoria; 25 se dividiram em duas categorias; nove se fragmentaram em três categorias e dez entraram em todas as quatro categorias. Assim como na segunda pergunta: 33 ficaram em apenas uma categoria; 25 em duas categorias; oito em três categorias e oito em todas as quatro categorias.

Quadro 1 – Categorias e significações sobre atividade humana nos discursos de participantes

Campo de conhecimentos teórico-práticos

- 1) são conhecimentos;
- 2) são conhecimentos de grande relevância para a terapia ocupacional;
- 3) são conhecimentos exclusivos ou base para a terapia ocupacional.

Elementos técnicos e tecnológicos propostos na atuação

- 1) são ponto de partida para elaboração em terapia ocupacional;
- 2) são síntese da especificidade da terapia ocupacional;
- 3) podem indicar demandas interventivas em terapia ocupacional;
- 4) são dispositivos avaliativos ou interventivos ou propositivos em terapia ocupacional (ora mais prescritivo ora com maior abertura a singularidades);
- 5) são objetivos da intervenção de terapia ocupacional.

Elementos relacionais e processuais que participam da atuação

- 1) são mediadoras de encontros;
- 2) são um investimento no estar, agir e fazer conjuntamente (saber-fazer aberto e dependente do protagonismo do outro);
- 3) são agenciadoras de/para deslocamentos;
- 4) são ativadoras do tecido coletivo-social.

São constituintes da vida humana

- 1) revelam sobre quem se é e como se vive;
- 2) articulam produções e relações com o mundo (em seus contextos, cotidianos, vidas);
- 3) são gestos e modulações abertos ao devir.

As atividades humanas compõem um campo de conhecimentos teórico-práticos.

Essa expressão de elaboração teórica e conceitual de um saber conectado a um fazer aparece como “objetos de estudo” ou “de pesquisa”, que servem de “fundamentação” ou “ferramenta teórica-conceitual” até a consideração de “uma ciência”. Quando se aponta um tipo de relação com a terapia ocupacional, varia entre serem conhecimentos que a compõem, são “parte” ou “elementos constitutivos”, a serem bastante relevantes para a terapia ocupacional, aparecem como “centralidade”, “núcleo” ou “tema importante”. A posição mais restrita caracteriza como “os” conhecimentos da terapia ocupacional, “a base”, “o fundamento”, “nosso campo”, “nossa ciência”, “a base ontológica” ou “sua essência”.

As dimensões ou formas de denominar esses conhecimentos também variam entre: objeto, elemento, eixo, foco, forma, modo, conceito, léxico, referência, estudo, tema, saber, saber-fazer, campo, centro, cerne, base, fundamento, essência, ciência, tudo.

As atividades humanas são elementos técnicos ou tecnológicos propostos na atuação em terapia ocupacional. Refere-se à atuação ou prática em terapia ocupacional e aborda sua expressão técnica ou tecnológica. A atividade humana é o ponto de partida para proposição em

terapia ocupacional, o “objeto”, “centro” ou “foco” de investigação, que orientará a “intervenção”, o “raciocínio clínico”, os “projetos terapêuticos”, como “possibilidade de análise” para “compreender sujeitos e suas relações”. Assim, “sintetizam” a “especificidade” da terapia ocupacional, pois é onde acontecem as “práticas profissionais”. Também podem ser as próprias demandas interventivas como “oportunidades para a terapia ocupacional”, “objetos de cuidado”, merecendo “compreensão”, “análise”, “intervenção”, ou mesmo “treino”, “adaptação” e “capacitação”.

As atividades humanas também aparecem como “dispositivo de intervenção” ou propositivo em terapia ocupacional, “meio”, “recurso terapêutico”, “instrumento”, “instrumental de agenciamento de forças”, “ferramenta” de “investigação”, “facilitadoras” da “intervenção”, “transformação social”, “entendidas como fim-meio”. E, por fim, a atividade humana também é “o objetivo final a ser alcançado” pela terapia ocupacional, com suas diferentes “linguagens” oferecem “autonomia”, “independência”, “melhor qualidade de vida no cotidiano”.

Retoma-se a definição de que a atividade humana é um elemento orientador e centralizador para a terapia ocupacional, apreendido e reconhecido pelas experiências profissionais. Há uma variação entre um caráter mais prescritivo e controlado desse elemento, considerado como especificidade técnica, e outro mais flexível, com maior abertura e implicação nas singularidades.

Vê-se também nessa categoria a indicação de conceitos hegemônicos em terapia ocupacional, como “habilitação”, “desempenho ocupacional” e “qualidade de vida”, assim como a lógica linear que coloca o recurso condicionado à finalidade. Essa expressão é minoritária entre os relatos, mas exalta a concomitância de perspectivas nem sempre convergentes e até contraditórias.

As atividades humanas são elementos relacionais e processuais que participam da atuação em terapia ocupacional. Retoma a compreensão qualificadora desse elemento como indicação do interesse e relevância para as pretensões da terapia ocupacional. Exalta sua característica mediadora de encontros entre “sujeitos/coletivos/territórios”, “entre profissional e pessoa” ou “entre corpos”. Indica que essa qualificação contribui para um investimento conjunto, como em “pensar com o sujeito”, “traçar o caminho com”, “diálogo com as necessidades”, “auxiliar na escolha”, “auxílio para encontrar outros”, com “engajamento e construção de sentido singular e contextualizada”.

Aborda processos, deslocamentos e desdobramentos, ao “mapear linhas de dificuldade e saída”, possibilitando “agenciamentos com coisas e pessoas, cultivos e artes”, “forças de transformação, expansão, recriação e afirmação”, “possibilidades de fazer/agir que necessitem ser restauradas, reparadas, reabilitadas, e/ou inventadas, inauguradas”, “produção ou desconstrução”, “conhecimento e ampliação de limites”, “potencializar, problematizar”, “possibilidade de conquista, mudança e protagonismo”, e assim, “não pode ter como fim um produto concreto, recursos utilizados para expressão, a importância está no processo”. E mostra a conexão que estabelece com o tecido coletivo, “relações com o mundo e com os outros”, sendo um “universo de expressão cultural”, que facilita o “acesso aos bens sociais e culturais”, uma “prática social”, “novos caminhos” e “espaço de liberdade”, na “luta contra o isolamento e o desenraizamento, investindo em ampliar o horizonte da vida ativa”.

Essa categoria qualifica esse saber-fazer em terapia ocupacional, mostrando as preocupações ético-políticas de suas proposições, indicando que sua contribuição social vai além da especificidade ou reconhecimento técnico. Marca-se um saber-fazer flexível e dependente do protagonismo das pessoas acompanhadas, considerando as diferenças e complexidades nas singularidades. Aproxima a compreensão de que a atividade humana é independente da terapia ocupacional, é parte do mundo comum, porém sua principal orientadora e protagonista na busca pela transformação social.

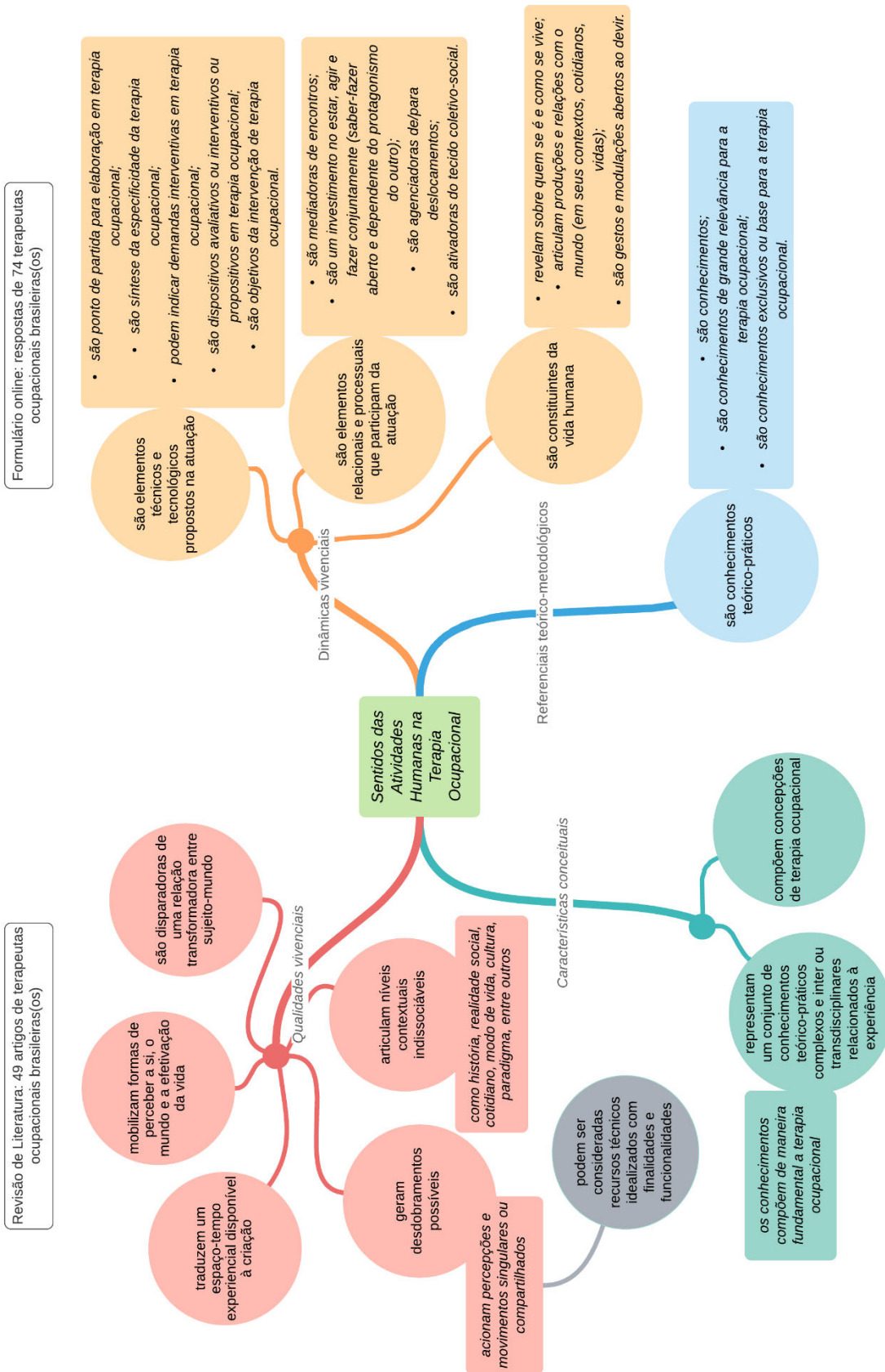
As atividades humanas são constituintes da vida humana. Reconhece que a atividade humana é independente da terapia ocupacional, embora valiosa para sua conexão com as pessoas e para suas pretensões no sentido da dimensão coletiva da vida humana. Considera sua expressão singular e cultural, pelas “trajetórias e histórias”, “modo de se relacionar”, “valores sentidos e significados”, “modo de ser/estar”, “modos de vida” e “dimensões de sua existência”. Articula produções e relações com o mundo “pela política, economia, cultura e relações sociais”, “qualquer expressão, desejo, realização, ação”, “compõem a vida dos sujeitos/coletivos/territórios”, “parte das ações da vida e processos coletivos”, considerando “também a agência de elementos não humanos”. E indica percepções, aberturas e novos rumos no sentido da “qualidade ou estado de ativo do ser”, das possibilidades de “composições infinitas”, como “o sujeito se constitui em um processo criativo e constante”, com “potencialidades e limitações”, “potências em si mesmas como forma de afirmar a existência”.

Tal categoria aprofunda uma esfera pouco expressiva nas arqueologias anteriores baseadas na literatura, pois avança na percepção da atividade humana na vida, independente do

contexto terapêutico ocupacional. Possivelmente, melhor colocada pela percepção da experiência profissional sensível, horizontalizada e disponível à produção conjunta da vida. Abrangendo a compreensão cultural e a característica transformadora da atividade humana, conduz um interesse pelo deslocamento do papel controlador e funcional da prescrição técnica para outro papel pautado no aprender, no fazer e no construir juntamente com as pessoas, um lugar de agenciamento, facilitação ou mediação na produção de deslocamentos na vida, em busca de mundos melhores. Afinal, essa compreensão de atividade humana esgarça o contexto da especialidade técnica para afirmar a dimensão da vida, em que todas(os) estamos implicadas(os) nesse mundo que partilhamos.

Pulso das Atividades Humanas na Terapia Ocupacional

Pesquisa de doutorado de Isadora Cardinali | Julho, 2020



Referenciais indicados que ajudam a pensar as atividades humanas

A última questão pedia indicação de referenciais que ajudavam a pensar sobre a atividade humana. As 67 (90%) respostas que responderam positivamente somaram 354 indicações entre áreas, temas ou teorias, autores, obras e organizações. Entre essas indicações, variaram entre uma (resposta mais frequente entre os resultados) a 50, sendo uma média de cinco indicações por resposta. Para apresentar essas indicações, foi montada uma tabela geral de referências, em que indica se alguma foi sugerida mais de uma vez.

Tabela 2: Conjuntos de referenciais indicados por 67 participantes

Áreas do saber	Terapia Ocupacional (8); Filosofia (4); Antropologia (3); Artes (2); Saúde Mental (2); Sociologia (2); Antropologia Cultural; Antropologia filosófica; Biologia Teórica; Ciências Cognitivas; Ciências Sociais; Contexto Social; Cultura; Educação; Epistemologia; Estudos do Corpo; Estudos Indígenas; Filosofia da Ciência; Filosofia da Diferença; Filosofia Política; Física e Química Quântica; Fundamentos de Terapia Ocupacional; História; Linguagem e processos de Criação; Literatura; Poesia; Psicologia; Psicologia Social; Saúde; Saúde Coletiva; Trabalho.
Temas/Teorias	Modelo da Ocupação Humana (6); Cotidiano (3); Materialismo-histórico e Perspectiva sócio-histórica na Terapia Ocupacional (3); Filosofia da Diferença (2); Filosofia da Práxis (2); Anatomia Emocional; Atividades, linguagens e modos de fazer/pensar/agir; Brincar; Constituição do sujeito; Cosmopolítica; Criatividade humana; Crítica; Desempenho ocupacional; Domínios e Processos da Terapia Ocupacional; Ergonomia e Biomecânica Ocupacional; Estudos Pós Coloniais; Fenomenologia; Método de Terapia Ocupacional Dinâmica; Modos de vida; Neuro desenvolvimento, psicomotricidade e integração sensorial; Normatividade vital; Pensamento Pós-estruturalista e a Crítica da Cultura; Perspectiva Ecológica; Perspectivismo ameríndio; Processo grupal; Psicologia do Trabalho e Clínica da Atividade; Psicoterapia Ocupacional; Reabilitação Cognitiva e Sensorio Motora, Preensões, AVEs, AVPs, AVLs; Realidade Latino Americana; Saber da experiência; Sentido da vida; Teoria da Complexidade; Terapia Ocupacional Psicodinâmica.
Autores	Elizabeth A. Lima (15); Eliane Dias de Castro (11); Carla Regina Silva (10); Jô Benetton (10); Mariangela Quarentei (10); Félix Guattari (8); Gilles Deleuze (8); Sandra Maria Galheigo (8); Michel Foucault (6); Benedictus de Spinoza (5); Rui Chamone Jorge (5); Berenice Rosa Francisco (4); Denise Dias Barros (4); Flavia Liberman (4); Nise da Silveira (4); Agnes Heller (3); Donald Winnicott (3); Eliana Anjos Furtado (3); Érika Inforsato (3); Hannah Arendt (3); Isabelle Stangers (3); Marcus Vinicius M. Almeida (3); Peter Pál Pelbart (3); Regina Favre (3); Stanley Keleman (3); Suely Rolnik (3); Thelma Simões Matsukura (3); Viviane Maximino (3); Ailton Krenak (2); Alejandro Guajardo Córdoba (2); Boaventura S. Santos (2); Eduardo Viveiros de Castro (2); Fayga Ostrower (2); Fernand Deligny (2); Francisco Varela (2); Friedrich Nietzsche (2); Gary Kielhofner (2); Gaston Bachelard (2); Georges Canguilhem (2); Giorgio Agamben (2); Gonzaga Leal (2); Henri Lefebvre (2); Jorge Larrosa Bondía (2); Luiz Cerqueira (2); Manoel de Barros (2); Maria de Lourdes Feriotti (2); Maria Heloisa Medeiros (2); Marilena

	Chauí (2); Maurice Blanchot (2); Michel de Certeau (2); Milton Santos (2); Paulo Freire (2); Walter Benjamin (2); Adolfo Sánchez Vázquez; Alessandra Cavalcanti; Alexander Lowen; Alexei Leontiev; Alfred Schutz; Ana Paula Malfitano; André Leroi-Gourhan; André Nunes; Andrea Jurdi; Beatriz Takeiti; Benedetto Saraceno; Catherine Trombly; Cecília Almeida Salles; Clarice Lispector; Cláudia Galvão; Cornelius Castoriadis; Daniele Gontijo; David Boadela; Débora Galvani; Derivan Silva; Didi-Huberman; Edgar Morin; Eni Orlandi; Érika Teixeira; Erving Goffman; Fernanda Nicacio; Franco e Franca Basaglia; François Tosquelles; Friedensreich Hundertwasser; Gastão Campos; Gerda Boyesen; Gilbert Simondon; Gilles Brougere; Hans Jonsson; Helio Oiticica; Hermann Simon; Humberto Maturana; Ilka Falcão; Ilya Prigogine; Iracema Ferrigno; Isadora Cardinali; Jean Lancry; Jean Piaget; Jose Gil; Joseph-Achille Mbembe; Judith Butler; Juliana Araújo da Silva; Karen Hammell; Karl Marx; Kazuo Ohno; Lev Vygotsky; Lilian Magalhães; Liliana Paganizzi; Lucia Santaella; Lygia Clark; Maria Inês Brunello; Marília Caniglia; Marysia De Carlo; Michel Maffesoli; Michele Karaguilla; Nelson Leirner; Niels Bohr; Nicolas Bourriaud; Othéro; Patricia Dorneles; Paul Feyerabend; Pe. Cláudio Henrique de Lima Vaz; Pichon Rivière; Pierre Bourdieu; Renata Mecca; Ricardo Teixeira; Robert Castel; Rogério da Costa; Rollo May; Rosana Onocko Campos; Roseli E. Lopes; Rosemary Hagedorn; Rudolf Laban; Salvador Simó Algado; Sandra Rey; Sigmund Freud; Solange Tedesco; Teresinha Cid Constantinidis; Theodor Adorno; Viktor Frankl; Viktor Lowenfeld; Vilém Flusser; Wilhelm Reich; Yves Clot; Freitas; Pereira.
Obras	Cotidiano, Atividade Humana e Ocupação: Perspectivas da Terapia Ocupacional no Campo da Saúde Mental - Matsukura e Salles (2); 3 Ecologias - Félix Guattari; Corpo e Arte em Terapia Ocupacional - Marcos Vinicius Almeida; O Cotidiano e a História - Agnes Heller; O Mundo das Imagens - Nise da Silveira; Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas - De Carlo e Bartalotti; Terapia Ocupacional - Willard & Spackman; Trilhas Associativas - Jô Benetton.
Organizações	Laboratório de Atividades Humanas em Terapia Ocupacional – AHTO (4); American Occupational Therapy Association – AOTA; Laboratório de Estudo e Pesquisa Arte e Corpo em Terapia Ocupacional - PACTO USP

Além das áreas, temas e teorias que já abordados nas camadas arqueológicas anteriores, apareceram temas contemporâneos e emergentes, como: Cosmopolítica, Estudos Pós-Coloniais, Perspectiva Ecológica, Perspectivismo Ameríndio, Realidade Latino Americana e Teoria da Complexidade. Destacando também as indicações de Literatura e Poesia como fontes de conhecimentos sobre atividade humana. Contudo, também foram indicados referenciais como o Modelo da Ocupação Humana, Desempenho Ocupacional, Domínios e Processos da Terapia Ocupacional e a AOTA que amparam os debates hegemônicos sobre a ocupação na terapia ocupacional.

Breves apontamentos discursivos

Tais apontamentos sob perspectiva da análise conceitual ajudam a desenhar parte da tecitura de sustentação e promoção do enunciado da atividade humana para a terapia ocupacional no Brasil. A leitura cuidadosa buscou pontos de força e de questionamento nas respostas, considerando que os relatos recuperam e encadeiam memórias das experiências profissionais e formativas. Esse processo é também impactado pelo momento de preenchimento do formulário, ao priorizar aquilo que é considerado relevante de ser compartilhado com esta pesquisa. Portanto, tais respostas não podem ser vistas como totalidade ou completamente definidas, pois é um processo complexo, descontínuo e fragmentado, podendo ter caráter positivo ou negativo a depender do que as memórias relacionadas despertaram (PÁDUA, 2014).

Ainda assim, vê-se a tecitura de sentidos e significados consistentes com os diálogos da literatura e, ainda, aprofundam-se ao considerar a elaboração singular da própria experiência, o que certamente contribui para os discursos que envolvem o enunciado. Destaca-se, também, a ampla e plural rede de referenciais que contribui com sua significação, que trouxe novas referências, em relação às publicações acadêmicas.

As/os 74 participantes da pesquisa, após responderem as três questões abertas, poderiam indicar o interesse ou não em participar de uma próxima etapa da pesquisa. Com isso, 72 aceitaram receber um possível convite para a etapa seguinte. Considerando as respostas das duas questões conceituais sobre o enunciado, 10 respostas da primeira questão e 8 respostas da segunda questão abrangeram as quatro categorias criadas, indicando 18 possíveis participantes a serem convidadas(os) para a próxima camada de aprofundamento arqueológico que, cada vez mais, se aproxima da experiência enquanto apreensão e formulação do conhecimento.

referências do caderno 1

- AATO. Definição de Terapia Ocupacional. 2020. Disponível em: <<https://www.terapia-ocupacional.org.ar/terapia-ocupacional/>>. Acesso em: 15 dez. 2020.
- ALBUQUERQUE, G. M. P.; CARDINALLI, I.; BIANCHI, P. Terapia ocupacional e a expressão “produção de vida”: o que dizem as produções brasileiras? *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v.29, n. e2133., 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAR2133>>. Acesso em: 29 nov. 2021
- AOTA [American Occupational Therapy Association]. *What is Occupational Therapy?* 2020. Disponível em: <<https://www.aota.org/Conference-Events/OTMonth/what-is-OT.aspx>>. Acesso em: 09 fev 2021.
- BARROS, D. D. Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 15, n. 3, p. 90-7, set./dez., 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v15i3p90-97>>. Acesso em: 10 fev 2021.
- BARROS, D.D.; GHIRARDI, M.; LOPES, R. Terapia ocupacional social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 13, n. 3, 2002, pp. 95-103.
- BARROS, G. A.; MUNARI, S. R.; ABRAMOWICZ, A. Educação, cultura e subjetividade: Deleuze e a Diferença. *Revista Eletrônica de Educação*, v.11, n.1, pp. 108-124, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14244/198271992186>>. Acesso em: 09 fev 2021.
- BARROS, J. D. *Os conceitos: seus usos nas ciências sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. 208p.
- BAUERSCHMIDT, B.; NELSON, D. L. The Terms Occupation and Activity Over the History of Official Occupational Therapy Publications. *American Journal of Occupational Therapy*, 65, pp. 338–345, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.5014/ajot.2011.000869>>. Acesso em: 26 jun. 2019.
- BENETTON, M. J. *A terapia ocupacional como instrumento nas ações de saúde mental*. 1994. 190 f. Tese (Doutorado em Saúde Mental), Faculdade de Ciências Médicas, Universidade de Campinas, Campinas, 1994.
- CANÍGLIA, M. *Terapia ocupacional: um enfoque disciplinar*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2005. 180 p.

CAPELATO, M. H. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 341p.

CARDINALLI, I. *Conhecimentos da Terapia Ocupacional no Brasil: um estudo sobre trajetórias e produções*. 2016. 212 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, UFSCar, São Carlos, SP. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8496>>. Acesso em: 09 fev 2021.

CARDINALLI, I. *Trajetórias inventivas e produção de conhecimento: terapeutas ocupacionais e suas relações com a arte e a cultura*. 2014. Pós-Graduação (Monografia). FOFITO, FMUSP, São Paulo, SP. 2014.

CARDINALLI, I.; CASTRO, E. D. Trajetórias inventivas e produção de conhecimento: terapeutas ocupacionais e suas relações com arte, corpo e cultura. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, pp. 584-601, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto27760>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

CARDINALLI, I.; FERIOTTI, M. L.; SILVA, C. R. Intencionalidade, método e aventura: uma trajetória a caminho da complexidade e transdisciplinariedade na terapia ocupacional. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* Rio de Janeiro. v.4, n.1, pp. 255-267, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto31069>>. Acesso em: 09 fev. 2021.

CARDINALLI, I.; SILVA, C. R. Trajetórias singulares e plurais na produção de conhecimento de terapia ocupacional no Brasil. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 29, n. e2040, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO2040>>. Acesso em: 06 dez. 2021.

CARVALHO, M. *Teoria e experiência*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. 80p.

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A.; BRUNELLO, M. I. B. Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. In: CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. (orgs.). *Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Plexos Editora, 2001. pp. 41-59.

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A.; CASTIGLIONI, M. C.; SILVA, S. N. P. Análise de atividades: apontamentos para uma reflexão atual. In: LUZO, M. C. M.; DE CARLO, M. M. R. P. *Terapia ocupacional - reabilitação física e contextos hospitalares*, São Paulo, Roca, 2004.

CASTRO, E. D.; SILVA, R. J. G. Processos criativos e Terapia Ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*. v.1, n.2, 1990. p. 71-75.

- CEPEDA, V. A. Inclusão, democracia e novo-desenvolvimentismo – um balanço histórico. *Estudos Avançados*, v. 26, n. 75, pp. 77-90, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ea/v26n75/06.pdf>>. Acesso em: 09 fev 2021.
- CHAN, S. Occupations and Activities: A Revisit of Occupational Therapy's Core Values in the Local Context. *Hong Kong Journal of Occupational Therapy*, v. 17, n. 1, 2007, pp. 34-36.
- COFFITO [Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional]. *Definição de Terapia Ocupacional*. 2020 Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?page_id=3382>. Acesso em: 09 fev 2021.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010, p. 438.
- DA MATA, C. C. “Chance para uma esquizofrênica”: primeiros fundamentos da Terapia Ocupacional do Prof. Rui Chamone Jorge organização. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* Rio de Janeiro. 2019. v.3(3): 307-315. Disponível em: <<https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto26763>>. Acesso em: 06 nov. 2021.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995. 95 p.
- DICIONÁRIO MICHAELIS. Online. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em 15 abr. 2021.
- ENOTHE. Definição de la Terapia Ocupacional. 2012. Disponível em: <<http://www.enothe.eu/index.php>>. Acesso em: 10 jan. 2013.
- FERIOTTI, M. L. Construção de Identidade(s) em Terapia Ocupacional no Contexto das Transformações Paradigmáticas da Saúde e da Ciência. In: PÁDUA, E. M. M.; FERIOTTI, M. L. (orgs.). *Terapia ocupacional e complexidade: práticas multidimensionais*. Curitiba: Editora CRV, 2013. pp. 43-70.
- FERRARI, M. A. C. *Geriatría: aspectos educacionais e de Terapia Ocupacional*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). 1975. São Paulo: USP, 1975. 110 p.
- FERRARI, S. A Análise de atividades. *Revista do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional*, ano 11, n. 11, 2008, pp. 36-40.

FERRIGNO, I. S. V. Terapia Ocupacional: considerações sobre o contexto profissional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 2, n. 1, 1991, pp. 3-11.

FIGUEIREDO, M. O., GOMES, L. D., SILVA, C. R., & MARTINEZ, C. M. S. A ocupação e a atividade humana em terapia ocupacional: revisão de escopo na literatura nacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. v.28, n.3, 2020, pp.967-982. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1858>>. Acesso em: 5 fev. 2020.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016. 264p.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 80p.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 8ª ed. Roberto Machado (org. e rev.). Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018. 432p.

FRANCISCO, B. R. *Terapia Ocupacional*. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2001, 95p.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. 53p.

FREITAG, B. Política Educacional: uma retrospectiva histórica. In: _____. *Escola, Estado e sociedade*. 4ª ed. rev. São Paulo: Moraes, 1980.

FURTADO, E. A. Percepções acerca da Terapia Ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v.2, n. 1, 1991, pp.34-38.

GALHEIGO, S. M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.14, n.3, 2003, pp. 104-9. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13924/15742>>. Acesso em: 10 fev 2021.

GALHEIGO, S. M. Perspectiva crítica y compleja de la Terapia Ocupacional: Actividad, cotidiano, diversidad, justicia social y compromiso ético político. *TOG (A Coruña)*, pp. 176-189, 2012. Disponível em: <<http://www.revistatog.com/mono/num5/mono5.pdf>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

GALHEIGO, S. M. *Terapia Ocupacional: a produção do conhecimento e o cotidiano da prática sob o poder disciplinar: em busca de um depoimento coletivo*. 1988. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas: UNICAMP, 1988. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000018051>>. Acesso em: 10 fev 2021.

GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional en el ámbito social: aclarando conceptos e ideas. In: KRONENBERG, F.; SIMO ALGADO, S. POLLARD, N. *Terapia ocupacional sin fronteras: aprendiendo del espíritu de supervivientes*. Buenos Aires, Madrid: Médica Panamericana, 2006. pp. 85-97.

GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional social: uma síntese histórica acerca da constituição de um campo de saber e de prática. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (orgs.). *Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016, pp.49-68.

GALHEIGO, S. M.; BRAGA, C. P.; ARTHUR, M. A.; MATSUO, C. M. Produção de conhecimento, perspectivas e referências teórico-práticas na terapia ocupacional brasileira: marcos e tendências em uma linha do tempo. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 26, n. 4, pp. 723-738, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1773>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

GONÇALVES, M. V; COSTA, S. L; TAKEITI, B. A. Terapia Ocupacional e cultura: atravessamento, recurso ou campo de atuação. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* v.1, n.5, 2017, pp.538-555. Disponível em: <<https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto10078>>. Acesso em: 10 fev 2021.

GUIMARÃES, E. A língua portuguesa no Brasil. *Cienc. Cult.*, v. 57, n. 2, Abr./Jun. 2005, pp. 24-28. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200015>. Acesso em: 18 Set. 2021.

HAMMELL, K. W. Ações nos determinantes sociais de saúde: avançando na equidade ocupacional e nos direitos ocupacionais. *Cad. Bras. Ter. Ocup.* v. 28, n. 1, pp. 378-400, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoarf2052>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

HAMMELL, K. W. Sacred texts: A sceptical exploration of the assumptions underpinning theories of occupation. *Revue Canadienne D'ergothérapie*, v. 76, n. 1, 2009.

IVARSSON, A-B.; MÜLLERSDORF, M. An integrative review combined with a semantic review to explore the meaning of Swedish terms compatible with occupation, activity, doing and task. *Scandinavian Journal of Occupational Therapy*, 15, 2008. pp. 52-63.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3ª edição revista e ampliada Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: _____. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. pp. 15-34.

LIMA, E. M. F. A. A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 15, n. 2, p. 42-8, maio/ago., 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v15i2p42-48>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

LIMA, E. M. F. A. Desejando a diferença: considerações acerca das relações entre os terapeutas ocupacionais e as populações tradicionalmente atendidas por estes profissionais. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 14, n. 2, pp. 64-71, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rto/article/viewFile/13918/15736>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

LIMA, E. M. F. A. Terapia ocupacional: um território de fronteira? *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 8, n. 2-3, pp. 98-101, 1997.

LIMA, E. M. F. A. *Vida ativa, mundo comum, políticas e resistências: pensar a terapia ocupacional com Hannah Arendt*. Tese (livre-docência) São Paulo, 2017. 367 p. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/5/tde-05022018-084711/pt-br.php>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

LIMA, E. M. F. A.; OKUMA, D. G.; PASTORE, M. N. Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira1. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 243-254, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/cto.2013.026>>. Acesso em: 5 fev. 2020.

LIMA, E. M. F. A.; PASTORE, M. N.; OKUMA, D. G. As atividades no campo da Terapia Ocupacional: mapeamento da produção científica dos terapeutas ocupacionais brasileiros de 1990 a 2008. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 68-75, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rto/article/viewFile/14122/15940>>. Acesso em: 5 fev. 2020.

- LOPES, R. E. *A formação do terapeuta ocupacional: o currículo: histórico e propostas alternativas*. 1991. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1991.
- LUCCHESI, D. A periodização da história sociolinguística do Brasil. *D.E.L.T.A.*, v. 33, n. 2, 2017. pp. 347-382. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-445067529349614964>>. Acesso em: 14 Dez. 2021.
- MACHADO, M. C. Rumo à Ciência da Atividade Humana. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.2, n.2/3, p.60-65. 1991.
- MAGALHÃES, L. Ocupação e atividade: tendências e tensões conceituais na literatura anglófona da terapia ocupacional e da ciência ocupacional. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 2, pp. 255-263, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.027>>. Acesso em: 24 Out. 2021.
- MAGALHÃES, L. V. *Os terapeutas ocupacionais no Brasil: sob o signo da contradição*. 1989. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Campinas, Campinas, 1989.
- MAGALHÃES, L.; GALHEIGO, S. M. Enabling International Communication among Brazilian Occupational Therapists: Seeking Consensus on Occupational Terminology. *Occup. Ther. Int.*, 17, pp. 113–124, 2010.
- MAROTO, G. N. *Terapia Ocupacional: discurso e prática no Estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Educação). 1991. São Carlos: UFSCar, 1991. 138 p.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007 (5ª reimpressão, 2016). 614p.
- MEDEIROS, M. H. R. *Terapia Ocupacional: um enfoque epistemológico e social*. São Carlos: EdUFSCAR, 2010. 185p.
- MELO, O. J. *Terapia ocupacional: minhas experiências*. Rio de Janeiro: Disflul, 1978.
- CCMS [Centro Cultural Ministério da Saúde]. *Mostra Memória da Loucura*, promovida pelo Centro Cultural do Ministério da Saúde. (s/d) Disponível em: <<http://www.ccs.saude.gov.br/memoria%20da%20loucura/mostra/retratos06.html>>. Acesso em: 03 out. 2021.

- MONZELI, G. A. *Histórias da terapia ocupacional na América Latina: processos de criação dos primeiros programas de formação profissional*. 2019. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11943>>. Acesso em: 07 Out. 2021.
- MORRISON JARA, R. O que une a Terapia Ocupacional? Paradigmas e perspectivas ontológicas da ocupação humana. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* Rio de Janeiro. v.2, n.1, pp. 182-203, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto12699>>. Acesso em: 09 Fev 2021.
- NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.
- NASCIMENTO, B. A. O mito da atividade terapêutica. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v.1, n. 1, 1990, pp. 17-21.
- NASCIMENTO, B. A. *Loucura, trabalho e ordem: o uso do trabalho e da ocupação em instituições psiquiátricas*. 1991. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1991.
- NUNES, J. A. O resgate da epistemologia. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez. 2010. pp. 31-83.
- PÁDUA, E. M. M. *Pesquisa e complexidade: estratégias metodológicas multidimensionais*. Curitiba, PR: CRV, 2014. 132 p.
- PECORARO, R. *Os filósofos: clássicos da filosofia, v. II: de Kant a Popper*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2013.
- PEÑA, M. *O que é o Marxismo? Notas de iniciação marxista*. São Paulo: Sundermann, 2014. 112p.
- PIERCE, D. Desembaraçando ocupação e atividade. *Revista do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional*, ano 8, n. 8, 2003, pp. 13-26.
- PINTO, J. M. *As Correntes Metodológicas em Terapia Ocupacional no Estado de São Paulo (1970-1985)*. 1990. 160p. (Dissertação de Mestrado em Educação) Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. 1990.

POELLNITZ, J. C. V. Atividade, cotidiano e ocupação na terapia ocupacional no Brasil: usos e conceitos em disputa. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional). 2018. São Carlos: UFSCar, 2018. 115 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9818?show=full>>. Acesso em: 4 fev. 2020.

POELLNITZ, J. C. V.; SILVA, C. R.; CARDINALI, I. Reflexiones sobre actividad, cotidiano, ocupación y otros términos utilizados en Congresos Brasileños de Terapia Ocupacional. *Revista Argentina de Terapia Ocupacional*, v.6, n.2, 2020, pp. 6-13. Disponível em: <<https://www.revista.terapia-ocupacional.org.ar/RATO/2020jul-art1.pdf>>. Acesso em: 4 fev. 2021.

PRADO JR., C. *O que é filosofia*. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Coleção Primeiros Passos; 37). 106p.

QUARENTEI, M. S. Criando Lugar(es) para acolher a falta de lugar. *Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 5, p. 195-202, 1999a. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32831999000200029>> . Acesso em: 10 fev 2021.

QUARENTEI, M. S. Do ocupar à criação de territórios existenciais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, X, 2007, Goiânia. *Trabalho* (Anais). Goiânia/GO: 2007, pp. 1-11.

QUARENTEI, M. S. Marcas na construção do conhecimento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, VI, 1999b, Águas de Lindóia. *Trabalho* (Anais). Águas de Lindóia/SP: 1999b, pp. 1-7.

QUARENTEI, M. S. Terapia Ocupacional e Produção de Vida. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, VII, 2001, Porto Alegre. *Trabalho* (Anais). Porto Alegre/RS, 2001, pp. 1-8.

SALLES, M. M.; MATSUKURA, T. S. Conceitos de ocupação e atividade: os caminhos percorridos pela literatura nacional e de língua inglesa. In: _____ (orgs.). *Cotidiano, atividade humana e ocupação: perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental*. São Carlos: EdUFSCar, 2016, pp. 13-35.

SANTOS, B. S. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, v. 5, n.1-2, pp. 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *NOVOS ESTUDOS*: CEBRAP 79, pp. 71-94, novembro 2007a.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez. 2010. pp. 31-83.

SANTOS, B. S. Sociologia das ausências e sociologias das emergências: para uma ecologia dos saberes. In: _____. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007b. pp. 17-50.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. G.; NUNES, J.A. Introdução: para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In: B.S. Santos (Org.). *Semear Outras Soluções - Os caminhos da Biodiversidade e dos Conhecimentos Rivais*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2004. pp.19-101.

SILVA, C. R. (org.). *Atividades humanas e terapia ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências*. São Paulo: HUCITEC. 2019.

SILVA, C. R.; CARDINALI, I.; SILVESTRINI, M. S.; FARIAS, A. Z.; ALMEIDA PRADO, A. C. S.; AMBROSIO, L.; OLIVEIRA, M. T.; DE PAULA, B. M. La terapia ocupacional y la cultura: miradas a la transformación social. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*. 17(1), 109-117, 2017. Disponível em <<https://doi.org/10.5354/0719-5346.2017.46383>>. Acesso em: 10 fev 2021.

SILVA, J. O. M. P. *A arte na terapêutica ocupacional de Nise da Silveira*. 2011. 219 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284451>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

SILVESTRINI, M. S.; SILVA, C. R.; ALMEIDA PRADO, A. C. S. Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 27, n.4, 2019, pp. 929-940. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoarfl727>>. Acesso em: 10 fev 2021.

SOARES, L. B. T. *Terapia Ocupacional: lógica do capital ou do trabalho?* São Paulo: HUCITEC, 1991. 217p.

SOUZA, R. L. *O poder e o conhecimento: introdução ao pensamento de Michel Foucault*. Salvador: EDUFBA, 2014. 201p.

SURJUS, L. T. L. S. Terapia ocupacional, trabalho e deficiência intelectual: subsídios para a atuação no Sistema Único da Assistência Social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 25, n. 4, 2017, pp. 899-907. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4322/2526-8910.ctoEN0872>>. Acesso em: 10 fev 2021.

TOYODA; C. Y.; AKASHI, L. T. Atividade: conceito e utilização pelos terapeutas ocupacionais – docentes do Estado de São Paulo. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, v. 4, n. 1-2, 1993, pp. 26-35. Disponível em: <<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/58>>. Acesso em: 04 Ago. 2019.

USP. Universidade de São Paulo. *Folder do Curso de Terapia Ocupacional da FMUSP*. São Paulo: Centro de Docência e Pesquisa em Terapia Ocupacional do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP, 1997.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O Nativo Relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v.8, n.1, pp. 113-148, Abr. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132002000100005>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

WFOT [Federação Mundial dos Terapeutas Ocupacionais]. *About Occupational Therapy*. 2020 Disponível em: <<https://www.wfot.org/about/about-occupational-therapy>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

WFOT [World Federation of Occupational Therapists]. *Definition of Occupational Therapy (2012) and Statement on Occupational Therapy (2010); and the definitions of occupational therapy used by WFOT Member Organizations*. Revised jun. 2017. Disponível em: <<https://www.wfot.org/resources/definitions-of-occupational-therapy-from-member-organisations>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

ZANGO MARTÍN, I. *Terapia ocupacional desde una perspectiva intercultural: Análisis de las asunciones teóricas básicas*. 2015. 373 p. Tese (Doutorado). Centro de Estudios Socio-Sanitarios, Universidad de Castilla-La Mancha, Ciudad Real, Espanha. 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10578/7735>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

apêndice 1

Tabela 3 - Artigos analisados na revisão

	Ano	Autores	Título	Periódico	Dados
1	1991	Marília Caniglia Machado	Rumo à ciência da atividade humana	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.2, n.2/3, pp. 60-65
2	1993	Marília Caniglia; Fábio Bruno de Carvalho; Roseli Esquerdo Lopes	Terapia Ocupacional: Ciência da Atividade Humana	Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	v.4, n.1-2, pp. 68-78
3	2002	Eliane Dias de Castro; Dilma de Melo Silva	Habitando os campos da arte e da terapia ocupacional: percursos teóricos e reflexões	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.13, n.1, pp. 1-8
4	2003	Elisabete Ferreira Mângia	Alienação e trabalho	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.14, n.1, pp. 34-42
5	2003	Ana Joaquina Oliveira	Passeio pelo mundo do trabalho	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.14, n.1, pp. 27-33
6*	2003	Fátima Corrêa Oliver; Marta Aoki; Maria Cristina Tissi; Stella Maris Nicolau	Reabilitação com ênfase no território: Jardim D'Abril e Jardim Boa Vista, no município de São Paulo	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.14, n.3, pp. 141-146
7	2004	Maria Hercília Dias da Paz; Raimunda Magalhães da Silva	Ações educativas em saúde: uma proposta da terapia ocupacional para pessoas portadoras de dermatoses	Revista Brasileira de Promoção a Saúde	v.17, n.2, pp. 79-85
8	2004	Andrea Perosa Saigh Jurdi; Maria Inês Britto Brunello; Marcelo Honda	Terapia ocupacional e propostas de intervenção na rede pública de ensino	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.15, n.1, pp. 26-32
9*	2004	Elizabeth M. F. Araújo Lima	A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.15, n.2, pp. 42-48
10*	2004	Daniela Sá Leitão Guimarães; Ilka Veras Falcão	Análise de atividades e formação do terapeuta ocupacional: um estudo com os preceptores de estágio da UFPE	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.15, n.2, pp. 63-70
11	2007	Maria de Fátima Guerreiro Godoy; José Maria Pereira de Godoy; Domingo Marcolino Braile	Análise dinâmica de atividades linfocinéticas musculares no tratamento do linfedema de membros superiores	Revista Brasileira de Promoção de Saúde	v.20, n.4, pp. 233-237
12	2007	Eliane Dias de Castro; Dilma de Melo Silva	Atos e fatos de cultura: territórios das práticas, interdisciplinaridade e as	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.18, n.3, pp. 102-112

			ações na interface da arte e promoção da saúde		
13	2008	Caroline Oliveira Alves; Renata Pereira Rodrigues; Erika da Silva Ditz	Oficina de Culinária: resgate da cotidianidade das mães acompanhantes de recém-nascidos de uma unidade de terapia intensiva neonatal	Reme: Revista Mineira de Enfermagem	v.12, n.1, pp. 127--130
14	2008	Marli B. Santos Ribeiro; Marília Bernal; Elen Patrícia Gomes Zaponi	Relato de experiência de aprimorandas de terapia ocupacional em saúde mental em uma enfermaria de pediatria	Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	v.16, n.2, pp. 113-121
15	2009	Andréa Rizzo dos Santos Boettger Giardinetto; Elisa Cressoni Martini; Jucele Aparecida da Cruz; Lígia Oliveira Moni; Luciane Modesto Ruiz; Patrícia Rodrigues; Tâmara Pereira	A importância da atuação da terapia ocupacional com a população infantil hospitalizada: a visão de profissionais da área da saúde	Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	v.17, n.1, pp. 63-69
16	2009	Maria Renata de Macedo Soares; Eliane Dias de Castro; Erika Alvarez Inforsato	Cidade adentro, cidade fora: histórias entre Associação Morungaba e PACTO-USP	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.20, n.3, pp. 193-198
17	2009	Maria do Carmo Baracho de Alencar; Cintia Carolini Orlandini Cardoso; Maria Cristina Antunes	Condições de trabalho e sintomas relacionados à saúde de catadores de materiais recicláveis em Curitiba	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.20, n.1, pp. 36-42
18	2009	Renata Monteiro Buelau; Erika Alvarez Inforsato; Elizabeth M. F. Araújo Lima	Exercícios de sonhar junto: criatividade e experiências estéticas no acompanhamento de uma criança	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.20, n.3, pp. 164-170
19	2009	Sandra Maria Galheigo	Narrativas contemporâneas: significado, diversidade e contexto	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v. 20, n.1, pp. 8-12
20	2010	Maria do Carmo Baracho de Alencar; Janaína Bússola Montezor	Aspectos da organização do trabalho e os distúrbios osteomusculares: um estudo com trabalhadores em instituições de longa	20	2010
21	2010	Lílian Magalhães; Sandra Maria Galheigo	Enabling international communication among Brazilian occupational therapists: seeking consensus on occupational terminology	Occupational Therapy International	v.17, n.3, pp. 113-125
22	2011	Elizabeth M. F. Araújo Lima; Marina Di Napoli	As atividades no campo da Terapia Ocupacional:	22	2011

		Pastore; Danielle Guimarães Okuma	mapeamento da produção científica dos terapeutas		
23	2011	Daniela Tonizza de Almeida; Renata Erika Trevisan	Estratégias de intervenção da Terapia Ocupacional em consonância com as transformações da assistência em saúde Mental no Brasil	Interface: Comunicação, Saúde, Educação	v.15, n.36, pp. 299-307
24	2011	Eliana Anjos Furtado; Maria Clara Bueno Fischer	Método da escavação em terapia ocupacional: um dispositivo dinâmico a três polos?	Trabalho, Educação e Saúde	v.9, n.1, pp. 175-199
25	2012	Marjorie Heloise Masuchi; Eucenir Fredini Rocha	Cuidar de pessoas com deficiência: um estudo junto a cuidadores assistidos pela estratégia da		
26	2012	Patricia Carla de Souza Della Barba; Roseli Ferreira da Silva; Regina Helena Vitale Torkomian Joaquim; Cristiane Miryam Drumond de Brito	Formação inovadora em Terapia Ocupacional	Interface: Comunicação Saúde Educação	v.16, n.42, pp. 829-42
27	2012	Francisca Milena Cruz Justa; Isabel Cristina Luck C. de Holanda	Teatro com adolescentes em risco social: práticas de promoção da saúde no contexto terapêutico	27	2012
28*	2012	Aila Narene Dahwache Rocha; Débora Deliberato	Atuação do terapeuta ocupacional no contexto escolar: o uso da tecnologia assistiva para o aluno com paralisia cerebral na educação infantil	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.23, n.3, pp. 263-273
29	2013	Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima; Danielle Guimarães Okuma; Marina Di Napoli Pastore	Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira	Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	v.21, n.2, pp. 243-254
30	2013	Solanne Gonçalves Alves; Grasielle Silveira Tavares Paulin	Características das ações desenvolvidas por terapeutas ocupacionais nas capitais da região sudeste	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.24, n.1, pp. 1-8
31	2013	Andrea Perosa Saigh Jurdi; Maria Lucia Toledo Moraes Amiralian	Ética do cuidado: a brinquedoteca como espaço de atenção a crianças em situação de vulnerabilidade.	Interface: Comunicação, Saúde, Educação	v.17, n.45, pp. 275-85
32	2013	Marcia Regina Motta; Maria José Gugelmin de Camargo; Nadja Nara Barbosa Pinheiro	O processo criativo de pacientes internados para tratamento quimioterápico: uma contribuição a partir	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.24, n.2, pp. 141-148

			do pensamento de D. W. Winnicott		
33*	2013	Denise Dias Barros; Debora Galvani; Marta Carvalho de Almeida; Carla Regina Silva Soares	Cultura, economia, política e saber como espaços de significação na Terapia Ocupacional Social: Reflexões sobre a experiência do Ponto de Encontro e Cultura	Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	v.21, n.3, pp. 585-594
34	2013	Simone Karina de Souza Vasconcelos; João Marcos Domingues Dias; Marília Caixeta de Araujo; Ana Cisalpino Pinheiro; Marcela Machado Maia; Rosa Centsngela Dias	Land-based versus resistance therapeutic exercises for older women with sarcopenic obesity: study protocol for a randomised controlled trial	Trials	v.14, n.1, pp. 1-7
35	2014	Meire Luci da Silva; Carolina Cangemi Gregorutti	Abordagens corporais: recurso transformador na formação do terapeuta ocupacional	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.25, n.2, pp. 135-141
36	2014	Roseli Esquerdo Lopes; Fátima Correa Oliver; Ana Paula Serrata Malfitano; Julia Rodrigues Lima	II Seminário Nacional de Pesquisa em Terapia Ocupacional: caminhos para a institucionalização acadêmica da área	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.25, n.2, pp. 167-176
37	2014	Aline Ernandes Milhomens; Elizabeth Maria Freire de Araujo Lima	Recepção estética de apresentações teatrais com atores com história de sofrimento psíquico	Interface: Comunicação Saúde educação	v.18, n.49, pp. 377-88
38*	2014	Tais Quevedo Marcolino; Eliane Nascimento Fantinatti	A transformação na utilização e conceituação de atividades na obra de Jô Benetton	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.25, n.2, pp. 142-150
39	2015	Giovana Garcia Morato; Isabela Aparecida de Oliveira Lussi	A prática do terapeuta ocupacional em iniciativas de geração de trabalho e renda: contribuição dos fundamentos da profissão e das dimensões da categoria trabalho	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.26, n.1, pp. 66-73
40	2015	Flavia Liberman; Maria Fernanda Petroli Frutuoso; Laura Camara Lima; Rosilda Mendes; Ana Rojas Acosta	Articulação prático-teórica e a produção de inovação no mestrado profissional em Ensino em Ciências da Saúde	Saúde e Sociedade	v.24, n.2, pp. 716-729
41	2015	Carla Regina Silva; Jéssica Cristina Von Poellnitz	Atividades na formação do terapeuta ocupacional	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.26 n.1, pp 74-82
42	2015	Janaína Armendaris Cruz, Nicole Ruas Guarany	Desempenho ocupacional e estresse: aplicação de manual de orientações e	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.26, n.2, pp. 201-206

			cuidados a gestantes de risco		
43	2015	Cássio Batista Alves; Grasielle Silveira Tavares Paulin	Linha do cuidado ao idoso na atenção primária à saúde: uma perspectiva das ações da terapia ocupacional	Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	v.23, n.3, pp. 571-580
44	2016	Sabrina Helena Ferigato; Sergio Resende Carvalho; Ricardo Rodrigues Teixeira	Cartografia dos Centros de Convivência: a produção de encontros e redes	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.27, n.1, pp. 12-20
45	2016	Monica Villaça Gonçalves	Eu nem sabia que podia entrar aqui: promoção de cidadania cultural como experiência de ressignificação de identidade de jovens em conflito com a lei	Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	v.24, n.1, pp. 127-137
46	2016	Priscylla Emanuella Cavalcanti Pereira; Ada Salvetti Cavalcanti Caldas; Ana Karina Pessoa da Silva Cabral	Inclusão profissional de pessoas com deficiência física em um serviço de saúde do Estado de Pernambuco	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.27, n.2, pp. 146-155
47*	2016	Tatiana Dimov; Ellen Cristina Ricci	A pesquisa acadêmica como atividade humana: participação de usuários da saúde mental e as contribuições da Terapia Ocupacional	Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	v.24, n.3, pp. 651-658
48*	2016	Maria Rita Lorenzon; Fernanda Cristina Marquetti	Oficina de Ação: uma estratégia de intervenção grupal em Terapia Ocupacional no Campo da Saúde Mental	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.27, n.3, pp. 342-348
49*	2016	Monica de Araujo Nagy Fejes; Sabrina Helena Ferigato; Tais Quevedo Marcolino	Saúde e cotidiano de mulheres em uso abusivo de álcool e outras drogas: uma questão para a Terapia Ocupacional	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.27, n.3, pp. 254-262
50*	2016	Thais Clemente Idemori; Claudia Maria Simões Martinez	Terapia ocupacional e o setor de transplante de medula óssea infantil	Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar	v.24, n.2, pp. 275-285
51	2016	Maria de Lourdes Feriotti	Construcción de la identidad profesional del terapeuta ocupacional en el marco epistemológico actual: Una mirada particular desde Brasil	TOG/Revista Colombiana de Psiquiatria	v.14, n.25, pp. 17-31
52	2017	Luciana Togni de Lima e Silva Surjus	Terapia ocupacional, trabalho e deficiência intelectual: subsídios para	Cadernos Brasileiros de	v.25, n.4, pp. 899-907

			a atuação no Sistema Único da Assistência Social	Terapia Ocupacional	
53	2018	Maria do Carmo Baracho de Alencar; Álvaro Roberto Crespo Merlo	A saúde em troca da excelência: o sofrimento de atendentes de nutrição de um hospital público acometidos por LER/Dort	Saúde e Sociedade	v.27, n.1, pp. 215-227
54	2018	Camila Regina Prodocimo; Glenda Milek; Sabrina Helena Ferigato	Atuação da Terapia Ocupacional no Consultório na Rua	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.29, n.3, pp. 270-279
55	2018	Carla Regina Silva; Marina Sanches Silvestrini; Ana Carolina da Silva Almeida Prado; Isadora Cardinalli; Antonio Belforte Lavacca; Débora Isabelle Vasconcellos; Aline Zacchi Farias; Marco Antonio Liu Targa Mancini	Economia criativa na relação entre trabalho e cultura para a juventude	Revista de Terapia Ocupacional da USP	v.29, n.2, pp. 120-128
56	2018	Tialhes Farias Marconato; Silvani Vargas Vieira; Miriam Cabrera Corvelo Delboni; Fernanda Alves Carvalho de Miranda	Guia prático de exercícios de alongamento como promotor de autonomia em um grupo de mulheres	Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional	v.2, n.2, pp. 414-431
57	2018	Jaquelina Maria Imbriz; Fernando Sfair Kinker; Adriana Barin de Azevedo; Andrea Perosa Saigh Jurdi	Narrativas de vida como estratégia de ensino aprendizagem na formação em saúde	Interface: Comunicação Saúde, Educação	v.22, n.66, pp. 929-38
58	2018	Ricardo Lopes Correia	O alcance da terapia ocupacional no desenvolvimento local	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	v.26, n.2, pp. 443-462
59*	2018	Letícia Pereira Santos; Tamara Neves Finarde Pedro; Maria Helena Morgani de Almeida; Rosé Colom Toldrá	Terapia Ocupacional e a promoção da saúde no contexto hospitalar: cuidado e acolhimento	Revista Interinstitucional Brasileira de TO	v.2, n.3, pp. 607-620
60	2019	Carla Regina Silva; Leticia Ambrosio; Brenda Camargo Dias; Dandara Pereira Sousa; Alice Fernandes; Thainá Soares Silva; Jessica Rodrigues Martins; Lucas Vieira	Expressões potentes das juventudes: eu sou porque nós somos	Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional	v.3, n.2, pp. 179-190

(estão assinalados com * aqueles que não foram para a segunda etapa da análise)

apêndice 2

Tabela 4 - Referenciais citados com sua área e nacionalidade

Área Temática	Autoras(es)
Terapia Ocupacional (Brasil)	Roseli Esquerdo Lopes (9); Eliane Dias de Castro (8); Denise Dias Barros (7); Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima (7); Maria Isabel Garcez Ghirardi (6); Sandra Maria Galheigo (6); Maria José Benetton (5); Berenice Rosa Francisco (4); Maria Heloisa da Rocha Medeiros (4); Danielle Guimarães Okuma (3); Marina Di Napoli Pastore (3); Maria Inês Britto Brunello (3); Marília Caniglia Machado (3); Solange Tedesco (3); Sonia Maria Leonardi Ferrari (3); Adriana Leão (2); Fátima Corrêa Oliver (2); Isabella Silva de Almeida (2); Lucy Tomoko Akashi (2); Marysia Mara Rodrigues do Prado De Carlo (2); Reinaldo José Gomes da Silva (2); Sabrina Helena Ferigato (2); Teresa Cristina Brito Ruas (2); Adriana Sparenberg Oliveira (1); Alessandra Camargo Pellegrini (1); Ana Paula Serrata Malfitano (1); Andréa Maria Fedeger (1); Beatriz Ambrósio do Nascimento (1); Carina Marques Vieira (1); Célia Maria Azevedo de Oliveira (1); Celina Camargo Bartalotti (1); Cláudia Pedral Sampaio de Sena (1); Daniela Tonizza de Almeida (1); Dayane Regina dos Santos (1); Denilson Ferreira de Magalhães (1); Érika Renata Trevisan (1); Iracema Serrat Vergotti Ferrigno (1); J. Domingues (1); Kátia S. Barfknecht (1); Marcia Cabral da Costa (1); Marcus Vinícius Machado de Almeida (1); Maria Bernadete S. R. de Faria (1); Marilvia Almeida de Oliveira Claudino (1); Marta Aoki (1); Patricia Bastos (1); Renata Caruso Mecca (1); Rui Chamone Jorge (1); Sabrina Helena Ferigato (1); Samira Lima da Costa (1); Selma Lancman (1); Stella Maris Nicolau (1); Tatiana Andrade Jardim (1)
Filosofia	Yves Schwartz – França (12); Adolfo Sánchez Vázquez - Espanha (4); Matvei Kagan – Rússia (4); Karl Marx – Alemanha (3); Alberto Haruyoshi Hitomi – Brasil (1); Felix Guattari – França (1); H. Tristram Engelhardt Jr. – EUA (1); Henri Lefebvre – França (1); Pierre Dardot – França (1)
Ergonomia e Ergologia	Alain Kerguelen - França (1); Antoine Laville – França (1); François Daniellou – França (1); François Guérin – França (1); Jacques Duraffourg – França (1); Louis Durrive – França (1)
Ciências Sociais, Antropologia e Sociologia	Anelise dos Santos Gutterres – Brasil (1); Antonio Carlos Gil – Brasil (1); Christian Laval – França (1); Iria Brzezinski – Brasil (1); Janine Helfst Leicht Collaço – Brasil (1); Joffre Dumazedier – França (1); Ricardo Antunes – Brasil (2); Robert Castel – França (1); Vincent de Gaulejac – França (1)
Psicologia	Estelle M. Morin – França (1); Wanderley Codo (1)
Educação	Isabel Alarcão – Portugal (1)
Geografia	David W. Harvey – Reino Unido (1)
Medicina	José Jackson Coelho Sampaio – Brasil (1)
Pedagogia	Stephen Kemmis – Austrália (1)
Psicanálise	Donald Woods Winnicott – Grã-Bretanha (1)
Psiquiatria	Franco Rotelli – Itália (1)

Questionário virtual

Pesquisa sobre atividades humanas na Terapia Ocupacional

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Atividades humanas na artesanaria da vida: saberes da experiência de terapeutas ocupacionais”. A participação é virtual e aleatória, sendo que os critérios de inclusão são: ser profissional e/ou docente e/ou pesquisador(a) de terapia ocupacional que trabalhe com atividades humanas e/ou leccione e/ou investigue sobre o assunto. Constam 10 questões no formulário e estima-se que seja respondido entre 10-20 minutos.

Esse estudo tem como objetivo apreender compreensões sobre atividades humanas a partir de saberes da experiência de terapeutas ocupacionais brasileiros e estabelecer um campo conceitual histórico teórico-prático que relacione concepções, procedimentos e princípios profissionais. Vislumbra-se identificar perfis profissionais que utilizam, desenvolvem ou investigam atividades humanas em sua prática profissional, docente e investigativa em terapia ocupacional, indicando procedimentos, além de suas compreensões acerca do tema, articulando referenciais teórico-metodológicos.

Essa é uma pesquisa de doutorado que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos pela doutoranda Isadora Cardinali (Telefone: 16-997910481 e E-mail: isadora.cardinali@gmail.com) sob orientação da Profa. Dra. Carla Regina Silva (Telefone: 16-35518743 e E-mail: carlars@ufscar.br). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, cujo número do parecer é 3.402.197, localizada na Rodovia Washington Luiz, km 235 – Caixa Postal 676, CEP 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil (016) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o formulário

O debate científico em que a pesquisa está envolvida possui tensões e relações poder, como em qualquer campo do saber, que podem representar algum tipo de risco com caráter emocional, físico, moral, intelectual, social ou cultural. A participação nesta pesquisa pode gerar: cansaço ou desgaste ao responder o questionário; exposição de ideias referentes à terapia ocupacional que podem comprometer o anonimato do participante, considerando que a profissão e as publicações na área ainda são restritas; comparação e julgamento de valor das ideias dos participantes realizados por terceiros. As pesquisadoras garantem que o participante terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

A participação nessa pesquisa também compreende benefícios, como oportunidades de: oferecer informações sobre a especificidade da atuação, docência ou investigação em terapia ocupacional; incentivar estudos, pesquisas e produção de conhecimento da profissão; compor uma caracterização atual da produção de conhecimento no Brasil; contribuir com material que possa qualificar a concepção, o ensino e a formação sobre o tema; além de incluir na construção de conhecimento da área sua perspectiva sobre o tema.

Haverá confidencialidade de qualquer elemento que caracterize identidade aos dados e garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa, sendo que a futura divulgação dos mesmos será feita sem a sua identificação. Além disso, não haverá gastos para você pela sua participação na pesquisa.

A sua participação nesta pesquisa não é obrigatória. Ela é voluntária e poderá ser interrompida a qualquer momento, sem qualquer tipo de represália ou outras consequências negativas. Tendo como garantia o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Caso concorde com os termos acima e deseja compartilhar suas respostas com as pesquisadoras, assinale:

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar e em divulgar os dados solicitados anonimamente

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Perfil profissional:

1. Qual seu nível de formação atual?

Graduação em terapia ocupacional; Pós-Graduação lato sensu em andamento; Pós-Graduação lato sensu concluída; Mestrado em andamento; Mestrado concluído; Doutorado em andamento; Doutorado concluído; Pós-doutorado em andamento; Pós-doutorado concluído.

2. Há quanto tempo se formou em terapia ocupacional?

Há menos de 5 anos; Entre 5 e 10 anos; Entre 10 e 15 anos; Entre 15 e 20 anos; Entre 20 e 25 anos; Mais de 30 anos.

3. Você atua profissionalmente... (múltipla escolha)

Como profissional técnico(a) na assistência ou clínica; Como consultor(a), gestor(a) ou empreendedor(a); Como docente do ensino superior; Como pesquisador(a) acadêmico(a) ou independente.

4. Em qual região no país você atua?

Norte; Nordeste; Centro-oeste; Sudeste; Sul.

5. Quais áreas estão envolvidas na sua prática/investigação/docência? (múltipla escolha)

Artes; Assistência Social ou Contextos Sociais; Contextos Hospitalares; Cultura; Deficiências, Disfunções ou Diversidade Funcional; Desenvolvimento humano ou ciclos de vida; Educação ou Contexto Escolar; Fundamentos e recursos terapêuticos ocupacionais; Prática ou expressão corporal; Reabilitação Física; Saúde Coletiva/Pública; Saúde do Trabalhador; Saúde Mental; Trabalho, empreendimentos ou economia; Outros (a preencher).

Terminologia

6. Quais termos estão relacionados com seu fazer-pensar profissional (atuação/investigação/docência)? Marque em todos: nunca, algumas vezes ou sempre:

Ação	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Algumas vezes	<input type="checkbox"/> Sempre
Ação humana	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Algumas vezes	<input type="checkbox"/> Sempre
Atividade	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Algumas vezes	<input type="checkbox"/> Sempre
Atividade humana	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Algumas vezes	<input type="checkbox"/> Sempre
Ato	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Algumas vezes	<input type="checkbox"/> Sempre
Ato humano	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Algumas vezes	<input type="checkbox"/> Sempre
Cotidiano	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Algumas vezes	<input type="checkbox"/> Sempre
Vida cotidiana	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Algumas vezes	<input type="checkbox"/> Sempre
Fazer	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Algumas vezes	<input type="checkbox"/> Sempre
Fazer humano	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Algumas vezes	<input type="checkbox"/> Sempre
Modo de vida	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Algumas vezes	<input type="checkbox"/> Sempre
Ocupação	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Algumas vezes	<input type="checkbox"/> Sempre
Ocupação Humana	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Algumas vezes	<input type="checkbox"/> Sempre
Práxis	<input type="checkbox"/> Nunca	<input type="checkbox"/> Algumas vezes	<input type="checkbox"/> Sempre

7. Se você utiliza 'atividade humana' será direcionado para a segunda parte do formulário, composta por 3 questões

Sim, utilizo sempre

Sim, utilizo às vezes

Nunca utilizo

Compreensão sobre atividades humanas

8. Em sua compreensão, o que as atividades humanas representam para a terapia ocupacional?

9. Como as atividades humanas estão relacionadas à sua atuação, investigação e/ou docência?

10. Você indica algum(ns) referencial(is) teórico-metodológico(s), autor(as/es) (terapeuta ocupacional ou não) ou área do saber que te ajudam a pensar sobre atividades humanas?

Obrigada por participar dessa pesquisa!

Agradecemos sua contribuição com essa pesquisa! Você receberá um e-mail com uma cópia do Termo de Consentimento. Lembre-se de compartilhar esse formulário com colegas terapeutas ocupacionais para ampliarmos o raio de alcance de participantes, fomentando assim as pesquisas em terapia ocupacional.

Você se disponibiliza a participar da continuidade dessa pesquisa?

Sim, gostaria de participar

Talvez, vamos ver

Não, obrigado(a)

Caderno 2

EXPERIMENTAR, APRECIAR E AFIRMAR:

pesquisar é atividade humana

*Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: lata
Pode estar querendo dizer o incontível
Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: meta
Pode estar querendo dizer o inatingível
Por isso, não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudo, nada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha a caber o incabível
Deixe a meta do poeta, não discuta
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora*

(Metáfora – Gilberto Gil)

Sumário do Caderno 2

EXPERIMENTAR, APRECIAR E AFIRMAR: pesquisar é atividade humana.....	0
_____ fio da meada.....	4
Pistas cartográficas de partida.....	7
Devir corpo cartógrafo.....	12
(bastidor).....	19
Criação de um dispositivo que faz-pensar terapia ocupacional.....	23
-- Alinhar – novos – retalhos --.....	30
Narrativas sobre atividade humana e atividades na terapia ocupacional.....	52
Apreciar a atividade humana, conceber uma terapia ocupacional.....	56
--- ponto atrás e ponto haste §.....	61
fio na agulha /.....	64
___ Avesso e fios soltos ___.....	70
Referências do caderno 2.....	78
Apêndice 1.....	82
Carta-convite.....	82
Apêndice 2.....	84
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para narrativas.....	84
Apêndice 3.....	86

Há três dias que não durmo bem, sono leve, pensamento ativado, corpo inquieto. Dia ou noite, tento silenciar algo que há em mim e não é meu, mas me angustia. Quero responder. Tenho preguiça e quero esquecer. Digerir. Digerir. Digerir. É o que eu faço. Mas quando deito, só quero silenciar todas essas vozes que me travessam, me violentam. Lembro que existe um lugar onde sou acolhida, ouvida, respeitada. Procuro este lugar em mim. Procuro a porta onde posso deixar de fora aquilo que me agride, desrespeita, acusa. Pelo menos para dormir. Para aquietar e sonhar meus próprios sonhos. A mesma porta que aprisiona também liberta. Amanhã, remendada, eu tento olhar novamente para esta zona de conflito.

Acho que consegui dormir um pouco. Acordo com uma música na lembrança. Há quanto tempo isso não acontecia? Há quanto tempo não escuto uma canção? Acho que alguma coisa aconteceu. Então começo a pensar nessas últimas semanas e no meu trabalho de doutorado. Foi a segunda vez que ele foi para o mundo e eu voltei assim, ferida. Mas não desisto do que ele é, do que eu sou. Não quero contaminar meu processo com reatividade, com aquilo que não me faz sonhar. E essa canção... Aquieto. Me encontro. Posso voltar a escrever.

Eu não quero mais mentir

Usar espinhos que só causam dor

Eu não enxergo mais o inferno que me atraiu

Dos cegos do castelo me despeço e vou

A pé até encontrar

Um caminho, o lugar

Pro que eu sou

(Os Cegos do Castelo – Nando Reis)

(Fragmento do corpo desnudo 9)

em resistência, requer liberar o que foi capturado, separado e sacralizado pelo poder, “restituí-lo a um possível uso comum”, profanar, dar sentido próprio, restituir sua propriedade e uso (AGAMBEN, 2005, p. 14).

Deleuze, quando estudou o poder em Nietzsche, Espinosa e Foucault, atribuiu ao último a diferenciação entre o poder como prática, relação e estratégia ou como resistência e potência de resistir (HUR, 2016). Dispositivo, para Deleuze, pode ser entendido como um novelo de linhas de natureza diferentes, destacando as linhas de visibilidade, as de enunciação, as de força e as de subjetivação; os dispositivos, portanto, fazem ver e falar (KASTRUP; BARROS, 2012).

Uma “época” não preexiste aos enunciados que a exprimem, nem às visibilidades que a preenchem. [...] Se os enunciados do século XVII inscrevem a loucura como grau extremo da desrazão (conceito-chave), o asilo ou internamento insere-se num conjunto que une os loucos aos vagabundos, aos pobres, aos ociosos, a todas as espécies de depravados: há aí uma “evidência”, percepção histórica ou sensibilidade, tanto quanto um regime discursivo. [...] O que Foucault espera da História é esta determinação dos visíveis e dos enunciáveis em cada época, que ultrapassa os comportamentos e as mentalidades, as ideias, tornando-as possíveis (DELEUZE, 2013, p. 58).

Como vimos, enquanto os dispositivos imperialistas, autoritários, disciplinares e controladores operavam para homogeneização cultural, higienização social e hegemonização científica, implicados com a apropriação local e a imposição do capitalismo, também fortaleceram discursos e enunciados como resistência e potência criativa para a terapia ocupacional. Contudo, não podemos esquecer que os novelos históricos brasileiros mantêm a reprodução do poder dominador pelas disputas e pelo desejo da hegemonia.

A filosofia da imanência proposta por Deleuze e Guattari (1980)¹ reconduz a unicidade e a harmonia, vinculadas aos sistemas organicamente estruturados, à pluralidade, à complexidade das forças produtoras da existência. A realidade criada na perspectiva da imanência recusa um ponto de partida, um sujeito ou uma ideia deflagradores dos acontecimentos. O que se produz é resultado do encontro de múltiplas dimensões ou de linhas de força entrelaçadas, sem que nenhuma tenha o papel de unidade transcendente (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 70).

Quando nos perguntamos, a que essa arqueogenealogia deu passagem? O que as linhas fizeram ver e falar? Diante das regiões de visibilidade e dos campos de dizibilidade, destacamos a percepção da contradição e da diferença por terapeutas ocupacionais em contextos brasileiros.

¹ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mille Plateaux. Capitalisme et Schizophrénie. Paris: Minuit, 1980.

O que Galheigo e colaboradoras (2018) apontam como uma adoção de perspectivas críticas pela terapia ocupacional, vimos no questionamento sobre a dissociação entre teoria e prática, na percepção sobre a diferença de contextos e experiências e na recusa à submissão imperialista. Essa desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008) apresenta novos referenciais que articulam teoria e prática, ética e política de maneira indissociáveis, o que alcançou uma construção de conhecimento em terapia ocupacional a partir de experiências nacionais.

Gilles Deleuze, em conversa com Michel Foucault, explica que na relação teoria-prática a teoria é sempre local e relativa a um pequeno domínio e não consegue se aplicar a domínios muito afastados. Mas, dentro de seu domínio, a teoria encontra obstáculos que requerem seu revezamento com outro tipo de discurso, o que permite eventualmente passar para outro domínio. “A prática é um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria um revezamento de uma prática a outra. Nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar o muro” (DELEUZE apud FOUCAULT, 2018, p. 130).

Embalada pela produção crítica, agora começo a buscar uma relação com a produção sensível. Para isso, começarei a bordar essa pesquisa-intervenção relacionada ao enunciado atividade humana pela terapia ocupacional no Brasil. A constituição da pesquisa-intervenção como abordagem se pauta pela crítica ao positivismo, “apontando para a perspectiva sócio histórico-política” e se dedica a experiências enunciadas como ético-estético-políticas, o que “constrói novas bases para as ações”, constituindo-se como um dispositivo de transformação na formação e investigação acadêmica (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 64).

Como prática desnaturalizadora, o que inclui a própria instituição da análise e da pesquisa, as estratégias de intervenção terão como alvo a rede de poder e o jogo de interesses que se fazem presentes no campo da investigação, colocando em análise os efeitos das práticas no cotidiano institucional, desconstruindo territórios e facultando a criação de novas práticas. Procedemos, desse modo, à crítica ao estatuto da Verdade, interpelando o poder das teorias, das organizações e das formas constituídas no que tange ao conhecimento e às relações socioinstitucionais, frente à realidade complexa e diferenciada (ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 71).

O método da cartografia, que se constituiu como pesquisa-intervenção, implica o conhecer e o fazer de forma inseparável, onde a experiência é entendida como um saber-fazer, um saber que vem do fazer. “Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência a experiência do saber. Eis o ‘caminho’ metodológico” (PASSOS; BARROS, 2012, p. 18).

A cartografia, por isso, propõe uma inversão metodológica que não visa mais o alcance de metas ou objetivos pré-fixados pelo pesquisador, já que o próprio caminhar apresentará metas a seu tempo. A experiência de pesquisar se lança no campo investigado e instaura um plano interventivo, sem metas, garantias ou modelos pré-fixados, sendo que o foco será o próprio modo de fazer da pesquisa. Há, então, um campo de investigação e um plano de intervenção cartográfico e, no processo de produção de dados, a análise dos atravessamentos vai além da observação, promovendo interferências, atualizando as existências e as instituições, fazendo emergir formas de resistência contra os regimes de assujeitamento (PASSOS; BARROS, 2012).

Para se distanciar das prerrogativas da ciência moderna, que afasta e distingue sujeito e objeto, Barros e Kastrup (2012) mostram que cartografar é acompanhar processos inventivos, compreendendo que o conhecimento permanece em constante movimento. A relação que se configura é de agenciamento e de composição entre as heterogeneidades, o que pede que o cartógrafo se mantenha aberto aos encontros. Com isso, o plano dos afetos e das sensibilidades precisa ser acolhido e registrado, o que abrange os efeitos dos encontros com pessoas, forças, experiências, concepções e desejos estrangeiros: tudo isso aparece nas paisagens e sensações singulares e coletivas da produção de dados (BARROS; KASTRUP, 2012).

Nesse caminhar com a pesquisa-intervenção, que abrange arqueologia, genealogia, cartografia, narratividade e fazer-pensar terapia ocupacional, buscamos acompanhar “linhas flexíveis e de fuga”, “processos de ação minoritária”, “movimentos de mudança”, artesanias e tecituras do feminino, “alterações dos regimes de afetabilidade, reconfigurações micropolíticas do desejo” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 11) e o que mais puder ser acolhido e fazer sonhar. A seguir, serão apresentadas quatro pistas que ajudam a deformar esta pesquisa e a conformar uma tecitura possível.

Pistas cartográficas de partida

Como já colocado, além das linhas de visibilidade e de enunciação, os dispositivos comportam linhas de força e linhas de subjetivação que nos interessam no acompanhamento dos *movimentos-funções do dispositivo* – primeira pista. As linhas de força trazem a dimensão do poder-saber em que as palavras e as coisas estão envolvidas e pelas quais participam de lutas incessantes em busca de afirmação (KASTRUP; BARROS, 2012). Quanto a essas, precisaremos manter a atenção para não nos sustentarmos em forças que reforcem a

dicotomização, a hierarquização ou a dominação, ou seja, o desejo de hegemonia junto ao enunciado atividade humana na terapia ocupacional.

Por outro lado, as linhas de subjetivação são aquelas que inventam modos de existir, ou seja, a influência do dispositivo mobiliza processos de desterritorialização dos modos dominantes. Compreender tais movimentos contribui para o distanciamento do sentido universalizante e eternizante, afirmando os deslocamentos que possibilitem apreender o novo (KASTRUP; BARROS, 2012). Espera-se, com o aprofundamento da escavação, acompanhar os movimentos criadores e inventivos na relação entre atividade humana e terapia ocupacional, mobilizadores de novos modos, rumos, discursos, linguagens ou mesmo enunciados, percebendo seus deslocamentos e devires. “Trabalhar com dispositivos implica-nos, portanto, com um processo de acompanhamentos de seus efeitos, não bastando apenas pô-lo a funcionar” (KASTRUP; BARROS, 2012, p. 73).

Kastrup e Barros (2012) apontam três movimentos-funções dos dispositivos: movimento-função de referência, movimento-função de explicitação e movimento-função de transformação-produção. O primeiro diz sobre a repetição de uma referência (em pesquisa e intervenção) quando é afetada por uma força desviante que a conduz à variação e sua diferenciação, isso permite “experimentar a configuração de um novo território existencial” (p. 81). O segundo diz sobre a explicitação de processos de produção de subjetividade nas experiências, que não são a “ocupação do tempo, saída da ociosidade e capacitação profissional” (p. 84), mas “atos de devir-consciente e a transformação da ação” (p. 83). Nesse movimento nos perguntamos: o que este dispositivo faz ver? É o encontro entre linhas de dizibilidade (enunciação) e linhas de poder que se transformam em linhas de subjetivação (KASTRUP; BARROS, 2012).

E o terceiro movimento-função se depara com o território existencial em criação e a experiência da “desterritorialização que permitirá a produção-transformação da realidade” (p. 89). Isso nos convoca a pensar a atividade humana como dispositivo para atuação e pesquisa em terapia ocupacional, que abre um campo de forças, afecções e virtualidades e, com a cartografia, “acompanhar as linhas que se traçam, marcar os pontos de ruptura e de enrijecimento, analisar os cruzamentos dessas linhas diversas que funcionam ao mesmo tempo” (KASTRUP; BARROS, 2012, p. 91).

O que caracteriza um dispositivo é sua capacidade de irrupção naquilo que se encontra bloqueado para a criação, é seu teor de liberdade em se desfazer dos códigos, que dão a tudo o mesmo sentido. O dispositivo tensiona, movimenta,

desloca para outro lugar, provoca outros agenciamentos. Ele é feito de conexões e, ao mesmo tempo, produz outras (KASTRUP; BARROS, 2012, p. 90).

A *política da narratividade* é nossa segunda pista cartográfica. Na pesquisa e na intervenção, lidamos com narrativas que indicam maneiras de narrar e, como toda posição na produção de conhecimento nos implica politicamente, a cartografia convoca essa rearticulação. Vê-se a política como “forma de atividade humana que, ligada ao poder, coloca em relação sujeitos, articula-os segundo regras ou normas não necessariamente jurídicas e legais”, mas “também em arranjos locais, por microrregulações, indicando esta dimensão micropolítica das relações de poder” (PASSOS; BARROS, 2012, p. 151).

Nesse sentido, podemos pensar a política da narratividade como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político (PASSOS; BARROS, 2012, p. 151).

As narrativas são uma aposta no “movimento de abertura comunicacional, de desestabilização dos eixos dominantes de organização” (p. 155), afirmando um princípio da transversalidade. Um traço transversal toma “a palavra em sua força de criação de outros sentidos, é afirmar o protagonismo de quem fala e a função performativa e autopoética das práticas narrativas” (p. 156). Essa inseparabilidade entre os modos de fazer e de dizer é também uma política da transgressão: transgredir os modos verticais ou horizontais da comunicação institucional e enfrentar as práticas de assujeitamento e subjetivação que perversamente se impõem pelo medo. A transgressão do método e como método visa afastar-nos da purificação e do rigor asséptico (PASSOS; BARROS, 2012).

Seu desdobramento valoriza o teor coletivo da narrativa, uma literatura menor como propõem Deleuze e Guattari e linhas de errância como percebeu Fernand Deligny. “O comum, agora, diz respeito a essa experiência coletiva em que qualquer um nela se engaja ou em que estamos engajados pelo que em nós é impessoal. Mesmo quando vivido, enunciado, protagonizado, emitido por uma singularidade, a narrativa não remete a um sujeito” (p. 168), pois o sujeito é visto como um agenciamento de enunciação de sua coletividade (PASSOS; BARROS, 2012).

O que nos leva à terceira pista: *cartografar é traçar um plano comum*. O conhecimento é considerado um processo de construção coletiva, portanto, “é preciso traçar um plano comum,

sem o qual a pesquisa não acontece” (p. 15). Conhecer cria novas realidades, assim como transformar a realidade nos possibilita conhecê-la. Então, o ato de conhecer está implicado na própria construção do mundo comum, são composições e recomposições entre fazer e saber singulares, processuais e heterogêneos. “Tal plano é dito comum não por ser homogêneo ou por reunir atores (sujeitos e objetos; humanos e não humanos) que manteriam entre si relações de identidade, mas porque opera comunicação entre singularidades heterogêneas, num plano que é pré-individual e coletivo” (KASTRUP; PASSOS, 2014, p. 17).

Podemos visualizar a imagem do comum como uma rede ou rizoma em que todos se implicam de maneira transversal e complexa. “O plano comum que se traça na pesquisa cartográfica não pode, de modo algum, ser entendido como homogeneidade ou abrandamento das diferenças entre os participantes da investigação” (p.19). Portanto, o desafio é pensar o comum na comunicação entre as diferenças, favorecer a participação, a inclusão e a tradução. É um comprometimento político com práticas que partilham um bem comum e criam pertencimento através da comunicação e da comunidade, esse “comum porta o duplo sentido de partilha e pertencimento” (p. 21), tomamos parte e nos engajamos (KASTRUP; PASSOS, 2014). Como conceber e experienciar esse comum, essa comunicação, essa comunidade em terapia ocupacional? Essa é uma questão transversal que não deixa de inquietar e não se fecha em uma resposta simplista.

O comprometimento político se dá tanto na busca pelo comum, o que nos lembra que o compromisso também é ético-estético com as diferenças e culturas, os modos de fazer, pensar, dizer, sentir, viver, existir... para que haja uma partilha sensível, como mostra Jacques Rancière, que considere a “importância dos modos de fazer (atividades, procedimentos) que instauram diferentes formas de comunidade” (KASTRUP; PASSOS, 2014, p. 21). “Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas” (RANCIÈRE, 2009, p. 15 [grifo do autor]).

“No mesmo ato, a partilha reparte a realidade e cria domínios de participação. Partilhamos um domínio comum do qual fazemos parte em função do modo como juntos habitamos um território, coexistimos em um tempo e compartilhamos um tipo de atividade, um modo de fazer” (p. 22). “É nesse sentido que a cartografia traça e acessa o plano comum e coletivo abrindo e ampliando as relações intra e intergrupais” (p. 26) em uma rede de composição potencialmente ilimitada (KASTRUP; PASSOS, 2014).

Contudo, “pesquisar com”, “fazer com”, “produzir com”, respeitando o direito à diferença, leva-nos ao problema ou à aventura da tradução. Uma aventura que oscila entre uma língua e outra, a comunicação na tradução precisa dessa oscilação para “encontrar ou produzir equivalentes” (p. 34), não sinônimos, mas uma correspondência e uma sintonia no plano das forças. Nessa busca, haverá transformações e reformulações nas duas línguas, sem a dominação de uma sobre a outra, até atingir o ponto da comunicação. “Traduzir é entrar em contato com a dimensão afetiva, intensiva, intuída e não verbal do texto” (KASTRUP; PASSOS, 2014, p. 35).

O investimento na ação conjunta para a transformação de realidades apresenta a quarta e última pista: *o trabalho cartográfico do ponto de vista da atividade*. Já vimos que é preciso transformar para conhecer, assim como conhecer implica em ação e intervenção, o que coloca a própria atividade de pesquisa enquanto ação criadora – de experiências, de ação-reflexão, de mundos, de sujeitos, de deslocamentos e de devires. A “pesquisa cartográfica como atividade humana” se expressa “como constante reformulação e análise das aproximações a um determinado campo problemático” (p. 129). Lida-se com patrimônios históricos dos modos de fazer, dos modos de pesquisar, normas que antecipam o agir se encontram com a experiência singular em acontecimento (BARROS; SILVA, 2014).

A cartografia se dedica à atividade como fenômeno a ser investigado e analisa a atividade processual do próprio cartógrafo, “uma vez que a atividade de pesquisa produz o pesquisador e o campo” (p. 131). Se aproxima dos movimentos da vida e do vivo com compromisso, interesse e acompanhando as linhas de força das experiências, detendo-se no acontecer, no estado das coisas e no que está em vias de ser. A pesquisadora em atividade se confronta com situações concretas, com ações humanas históricas e suas próprias resistências ao criar e recriar formas de viver, de pesquisar, de estar-fazer com. Ao transformar e conhecer os vetores da atividade, analisa-se e reformula-se o caminho investigativo, criam-se os sentidos metodológicos e acompanham-se os estados e desdobramentos da pesquisa-intervenção (BARROS; SILVA, 2014).

A atividade aparece desdobrada como objeto e como método: a análise da atividade é método de investigação do objeto, não podendo deixar de ser também análise da própria atividade de pesquisa. Pesquisador e pesquisado tornam-se codependentes na análise da atividade, uma vez que o campo de pesquisa coloca problemas que forçam a pensar outros jeitos de agir em situação (BARROS; SILVA, 2014, p. 134).

A cartografia, portanto, caminha junto com a terapia ocupacional pela “perspectiva da atividade”, pela compreensão da “pesquisa situada” singular e com referências históricas e culturais que as atividades convocam, ao “habitar um plano de experimentação” processual, coletivo e partilhável, ao considerar que fazer, sentir, ser, “pensar, pesquisar e viver não se dissociam” e ao se interessar pelos movimentos desejantes, criadores e transformadores (BARROS; SILVA, 2014, p. 135).

Toda atividade é tomada como atravessamentos múltiplos que se agenciam, se interconectam, demandando escolhas e decisões. O poder de agir se constitui num trânsito, no qual o coletivo devém singular e o singular devém coletivo, num movimento no qual singular e coletivo, estilo e gênero, não são dicotômicos, mas efeito de conexão (BARROS; SILVA, 2014, p. 148).

Devir corpo cartógrafo

A cartografia, lembra Rolnik (2014), é um desenho que acompanha movimentos da paisagem, abrange o desmanchamento e a formação de mundos, a perda e a criação de sentidos para expressar afetos contemporâneos. O que requer atenção às linguagens para dar língua a esses “afetos que pedem passagem” (p. 23). Para acompanhar processos de produção de desejo, então, será preciso aprender a a(fe)tivar o corpo cartógrafo, um corpo vibrátil (ROLNIK, 2014).

O desejo seria, para ela, uma produção de artifício, um movimento energético e semiótico indissociável, ou seja, a produção de intensidades e de sentidos. O desejo é a “produção de real social” (p. 45), “produção de realidade, é ao mesmo tempo (e indissociavelmente) material, semiótica e social” (p. 46). E o desejo surge do agenciamento de corpos vibráteis, nesse movimento que cria sentidos e dá passagem aos acontecimentos (ROLNIK, 2014).

O corpo vibrátil, ao encontrar outros corpos, afeta-se por eles, atraindo-os ou repelindo-os. O encontro mobiliza uma mistura de afetos que “só ganham espessura de real quando se efetuam” (p. 31). Portanto, o corpo precisa estar sensível aos efeitos dos encontros e às reações de atração e repulsa para dar passagem aos afetos e esses afetos geram no corpo um estado intensivo de potência de afetar e ser afetado. E cabe a cada um encontrar a própria forma de despertar seu corpo vibrátil, “uma espécie de fator de a(fe)tivação em sua existência” (p. 39). O corpo vibrátil indica direções a seguir e agenciamentos a fazer, “o que nosso corpo vibrátil nos faz descobrir é que o pleno funcionamento do desejo é uma verdadeira fabricação incansável de mundo” (ROLNIK, 2014, p. 43).

As intensidades dos encontros que vivi mobilizaram desejos e percebo *as palavras, a escrita narrativa e o bordar* como fatores de a(fe)tivação de sentidos em meu corpo para a produção dessa pesquisa-intervenção, para a passagem dos afetos: os encontros, a ativação do corpo, a dissipação dos afetos e os agenciamentos do desejo que criam sentidos e mundos. Criou-se um campo que expande em minha vida e tem sido cultivado e sustentado coletivamente em certa comunidade, “enquanto durar seu poder magnético” (ROLNIK, 2014, p. 48). Começo a perceber também sua finitude e os tantos fios soltos e partilháveis cujos efeitos eu talvez nem venha a conhecer.

A prontidão para a ação convoca diferentes disposições corporais em uma relação estreita entre corporificação e criação. Conta sempre com um coletivo de corpos humanos e não humanos e com os afetos em trânsito porque “formar é um processo de aprendizagem também no plano dos afetos” (p. 56). O caminhar da pesquisa depende dos efeitos do campo na pesquisadora-cartógrafa e dos efeitos de sua presença-intervenção no próprio campo. São experimentações que “possibilitam o acesso ao plano de transformação da vida” e as práticas apreendidas indicam uma centralização “do sujeito conhecedor como fonte do conhecimento” (POZZANA, 2014, p. 61).

Sinto a luta contra a esterilização da vida, a formação pela curiosidade e a confiança no acolhimento das possibilidades de invenção. O esgarçamento de uma trama: *rasgar e remendar*. A busca por tecituras do ser-fazer-pensar-sentir em resistência às forças dominadoras. A resistência é a recusa ao que despotencializa a vida. Tensiono um rompimento com coragem para experimentar caminhos com maior liberdade. Vejo o processo de-formativo de um corpo que se afeta e responde a essa afetação, aprendendo enfrentamentos possíveis, pequenos deslocamentos, negociações.

Agora, no processo de doutoramento, tornou-se possível assumir experiências e devires desejanter, com atenção à minha coerência. Despir-me. Estar vulnerável e profundamente curiosa por este *corpo desnudo*, na formação e deformação do corpo pesquisadora. Mapear esse corpo. Um corpo que cria e compõe com incertezas. Sensibilidade, afetos, crítica, criação, transgressão, nudez, vulnerabilidade, resistência, diferença, fronteira, marginalidade.

Trabalhar nesse espaço significa que nos tornamos visíveis com nossas próprias histórias vividas e contadas. [...] Esse confrontar de nós próprios em nosso passado narrativo torna-nos vulneráveis como pesquisadores, pois transforma histórias secretas em histórias públicas. Na pesquisa narrativa, é impossível (se não impossível, então obrigatoriamente decepcionante) como

pesquisador ficar silencioso ou apresentar um self perfeito, idealizado, investigativo, moralizante (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 98).

Como [não] submeter esse corpo? Um corpo que quer resistir à dominação, à capitalização, à reprodução da violência colonial. Um corpo que palpita e sua ao escrever essas palavras. Não é fácil de olhar, de se colocar.

Ver de frente el rostro de la ‘Bestia de la Sombra’ es desenmascarar todas aquellas memorias, traumas y ficciones que han construido históricamente el lado oscuro de los cuerpos inteligibles de la modernidad. En otras palabras, es leer la constitución de los cuerpos modernos desde la perspectiva de la colonialidad, para descifrar la pregunta por las subjetividades, las experiencias y los cuerpos creados por, desde y para la experiencia colonial. En últimas, para reimaginar un ser decolonial en un proceso de resignificación de la existencia, la naturaleza, el poder, el conocimiento [y, claro, el cuerpo] (MARTÍNEZ, 2014, p. 224).

A curiosidade pela atividade humana e seus deslocamentos. A experiência em acontecimento: a narrativa marcada, um corpo. Aterrorar nesse território da pesquisa e apreciar essa atividade investigativa em acontecimento. Iniciar com as memórias, por vezes inomináveis, invisíveis, incompreensíveis, inacabadas, reconfiguradas. Acompanhar com curiosidade o agora entrelaçado pelo antes e pelos desejos, sentidos, pelo porvir. Apreciar sem necessariamente intervir, interferir, julgar esse processo vivo e inventivo. Mas também valorizar o cuidado com o terreno, a escolha das palavras, o agenciamento das relações, a organização de imagens numa experimentação.

É uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção [...] E como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras (EVARISTO, 2017, p. 11).

Revisitar o tempo do brincar. Criar. Acompanhar com amorosidade a experiência. Ser terapeuta ocupacional, educadora, pesquisadora, ser esta presença que pulsa agora. Tecer uma posição singular, situada, ser-fazer-pensar-sentir-viver. Nessa tecitura complexa, ora visível ora não, do processo formativo de um corpo, que compõe e decompõe, se rasga e se remenda. Está vivo. Percebe-se em ato e em constante transformação. Na continuidade das atividades – a atividade humana, a ativação da vida – que constituem territórios de existência (QUARENTEI, 2001). Uma artesanaria de experiências que se tornam repertório da vida.

Um tipo de conhecimento que não se aprende na escola, nem mesmo na melhor das universidades, mas numa verdadeira exposição ao outro como campo de forças que afetam o corpo vibrátil, agitam e convulsionam a subjetividade, obrigando-a a criar novas cartografias de existência (ROLNIK, 2003, p. 84).

Esse caminho não é mais solitário, um coletivo se forma. E este corpo, agora é fértil. “Estão reunidas as condições para uma política de desejo em que resistência e criação se reencontrem num corpo que se abre para as forças do mundo” (ROLNIK, 2003, p. 85).

O que mais falta?

Artigo produzido, submetido, revisado. Bolsa a terminar, pedido de prorrogação, auxílio pela pandemia. Corte de financiamento público aos órgãos de fomento à pesquisa. Programa de pós-graduação vai perder bolsas, ganha bolsas, perde bolsas. Mudança no Qualis dos periódicos, aquele não vale mais, mas parece que ainda vai valer. Periódico indexado, taxa de publicação. Produtividade, prazos, pontuação, pandemia... nem dá mais para acusar a ciência, é preciso defendê-la a cada dia. No Brasil até fazer ciência é militância. Se bem que, aqui do lado de baixo, tudo vira militância.

Vivemos permanentemente sob risco de perda, de destruição, de desnutrição, de precarização, de rompimento, de contaminação, de vazamento, de desabamento, de deslizamento, de terceirização, de privatização, de invasão, de mineração, de exploração, de transposição, de desocupação, de expropriação, de perseguição, de cafetinagem, de bala perdida, de morte matada, tirada em vida. Dessa vida que se faz em luta.

E se somos Severinos

iguais em tudo na vida,

morremos de morte igual,

mesma morte severina:

que é a morte de que se morre

de velhice antes dos trinta,

de emboscada antes dos vinte

de fome um pouco por dia

(João Cabral de Melo Neto – Morte e Vida Severina)

E aquele sentimento da falta, da marginalização, do minoritário, de não estar seguro, de não ser representado que está em cada um de nós. Seria mais fácil se fosse uma questão que acomettesse apenas terapeutas ocupacionais – esse sentimento de não fazer parte ou de descrédito, “rechaço”.

Viver em pandemia escancarou muita coisa que estava camuflada, despercebida. Lendo *Sociedade do Cansaço* (Han, 2017), pensei em toda a produtividade e meritocracia que nos consomem, mas que continuamos buscando atrás de reconhecimento. Afinal, se eu for visto,

se eu for quisto, tudo vale a pena. Vale? E a terapia ocupacional, essa profissão que visa o desempenho. Para provar a quem? Quem é que está olhando aqui para nós? Olhando verdadeiramente. Nós mesmos? O desamparo está cada dia mais em alta. Quem conseguiu trazer o trabalho para casa, teve que reaprender a olhar e a lidar com o lado de dentro. A vida privada, isolada. Quem não pode, ficou desprovido em direitos: de existir, de se proteger, de ter recursos para manter uma vida digna. A desinformação disputando o domínio do "saber". A necropolítica do "não pode parar". Han traz Agamben para explicar sobre uma condição de vida completamente passível de ser morta, vidas que não valem absolutamente nada, assim seus assassinos permanecem impunes. Não há responsabilização. Uns mais suscetíveis que outros, sem dúvidas, mas a condição em que a política global e o sistema econômico nos mantêm se acirra ao passo que o próprio governo brasileiro sabotou medidas de segurança sanitária e contenção das transmissões da Covid-19.

Escuto Ailton Krenak para me trazer esperanças de como sobreviver ao fim desse mundo. Como reinventar? O avanço das tecnologias de informação é a moeda que mais desejamos para manter a existência, mas ela tem dois lados opostos. Mais acesso ou mais controle? Mais canais de comunicação ou mais dados para sermos vendidos? Um e outro. Já diziam os especialistas das redes virtuais, se você não está pagando é porque você está sendo vendido. Mas Krenak não nos deixa esquecer que o amanhã não está à venda e a vida não é útil.

Decidi acabar com a esterilização a que me submeti nos últimos 16 anos. Abandonei o anticoncepcional. Iniciei um reconhecimento de mim e dos meus ciclos. A vida e a morte que passam em mim. Aceitar a circulação hormonal na singularidade do meu corpo. Aprender, sentir, apreciar. Ser natureza. Reduzir a artificialidade. Sentir profundamente a dor que não pode ser vista. Fiz isso nesses tempos de tanta morte, quando também perdi os meus.

Aprendi a bordar. Reuni tecidos, linhas, agulhas, bastidores. A condução e a incisão da agulha conduzindo a linha pela trama do tecido. Perder e achar o fio da meada. Experimentar as espessuras das linhas, as texturas dos pontos, a combinação entre cores e desenhos, riscar ou não riscar, manter ou remover o bastidor, admirar o verso do bordado, os fios, os nós e as pontas soltas. Aprender a técnica e experimentar a fuga, o desvio dela. O bastidor me revela histórias familiares, marcas das minhas avós, mãe e tias que hoje estão em mim.

Aprender e curtir uma coisa nova me permitiu refletir sobre minha experiência em atividade, como me afetava e o que eu conseguia perceber de sentidos que estavam sendo criados e a recuperação dos sentidos resgatados pelas memórias anciãs. Fui fazendo uma pesquisa em mim. Em um processo amoroso, escrevo, bordo e teço fluxos de sentidos. A pesquisa chegou junto com um reconhecimento profundo do que me faz feliz. É assim que eu quero fazer pesquisa.

Apreendi a andar de bicicleta. Arrumei uma composteira. Tenho um companheiro humano que caminha sempre ao meu lado e duas companhias caninas rodopiando à nossa volta. Mantenho encontros semanais online com companheiras queridas. Assim a escrita foi se desenvolvendo. E os prazos chegando.

Um ano de experiência pandêmica se passou e a crise sanitária, política e econômica avançou assustadoramente. Não aprendemos nada nesse último ano? O medo também foi se intensificando. Junto a isso descobri que precisaria passar por um procedimento cirúrgico. Simples, mas me abalou. Um mês para finalizar o texto para a qualificação. Esse corpo despido, fragmentado e agora também costurado. Fiz várias adaptações para conseguir ficar sentada e continuar escrevendo. Lembro do aprendizado com agulha e linha. Sinto os pontos e os fios em mim. Pronto, já foi. Me coloquei para a experiência e ela se colocou para mim. Tudo isso junto ao meu medo diante da aprovação/reprovação – as memórias da violência acadêmica me deixam insegura e me pergunto se eu sei fazer isso que chamam de pesquisa. Mas esse “problema” fica tão pequeno diante de todo medo da morte, diante das intensidades e fluxos da vida. Então percebo que estou pronta.

Tenho percebido os fragmentos e movimentos. Cada parte da pesquisa configurada na escrita tem forma e vida própria, distintas entre si, são como fragmentos corporais que se articulam nessa investigação-escavação-intervenção. Ou seriam etapas da vida de um mesmo corpo que muda e se diferencia a depender das condições?

(Fragmento do corpo desnudo 8)

(bastidor)

Pensando sobre como vejo a terapia ocupacional, o que gosto de pensar que ela mobiliza no mundo, relacionando a como elaboro esse fazer-saber, arrisco um movimento: provocar um olhar para si e para suas relações. Conhecer histórias e percepções sobre a vida. Localizar seu tempo, espaço, condições de existência e desejos, o que se faz ou espera fazer e como age. Acolher, com respeito, interesse e generosidade, as dificuldades e as potências que coabitam e como se lida com elas. Pensar conjuntamente sobre desejos e projetos, analisar as possíveis barreiras e traçar um sentido para onde se deslocar. Ressignificar as experiências nessa nova configuração, promover encontros. Estar e fazer junto. Aprender a se abrir para o novo, experimentar. Apreciar esse movimento, constituir um cuidado de si e do mundo. Criar, cultivar e transformar a si e suas relações com o mundo. Afirmar essa existência partilhada e sonhar, vislumbrar o novo no mundo que se conhece e um mundo novo que está por vir. Celebrar a vida e a coletividade.

Percebo o que me encanta nessa terapia ocupacional investida por mim, pelo coletivo de onde venho e aprendo a ser terapeuta ocupacional. Gosto de pensar que a atividade humana é esse movimento todo, cada um desses verbos em relação uns aos outros, ao passado, ao presente e ao futuro, é o que nos mantém vivos, o que mobiliza a vida. Gosto de pensar que não é somente aquilo que devemos proporcionar àquele que está na relação terapêutica ocupacional. Gosto de pensar que esse modo de fazer, essa reflexividade profissional, esse fazer-saber e saber-fazer pode ser direcionando a qualquer situação, inclusive à própria terapia ocupacional.

Penso isso porque quando sinto a terapia ocupacional como um campo de disputa percebo apenas a reprodução do cerceamento. E assim, penso que a terapia ocupacional também merece atenção e cuidado, uma experiência do comum, tal como é capaz de oferecer. Arrisco esse mesmo projeto terapêutico ocupacional para a própria terapia ocupacional e fico pensando no que promover para despertar acolhimento e cuidado de si.

Modelos, técnicas, termos e conceitos, por si, não indicam o que é a terapia ocupacional. A cada tempo, novas necessidades e desafios se apresentam e cada profissional terá recursos e condições diferentes para lidar com o que se torna ou deixa de ser demanda para a terapia ocupacional. E essa é a beleza da pluralidade, pois, diferente da totalização de um discurso único, ela não se esgota em si. É como a vida, os seres são finitos, mas a vida não, a continuidade é a transformação dos seres e das coisas, é um processo de diferenciação constante. Como nos

lembra Krenak (2019), as hegemonias massacram e promovem fim de mundos, mas nós queremos ideias para adiar o fim do mundo. Queremos novas saídas, caminhos de sustentabilidade da diversidade e não a monocultura que esgota a terra. É possível reinventar a vida, cantar, dançar, sonhar e criar paraquedas coloridos que sustentem aquilo que é nossa existência.

Que ações são essas que sustentam terapeutas ocupacionais no Brasil, apesar de tanta apropriação e violência? Seria o que Michel de Certeau (2014) chama de táticas cotidianas? Táticas são ações que não perduram e não se separam das condições de seu acontecimento, esse não lugar que depende do seu tempo em ato, uma ocasião que reúne forças momentâneas, como em uma bricolagem. Essas forças reapropriam o espaço formulado pelas estruturas tecnocráticas que têm condições para agir estrategicamente. As táticas não se fazem anteriormente, são gestadas sem que se perceba, não estão embasadas por discursos científicos ou decisões controladas, são atos e maneiras que aproveitam a ocasião, são “práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar as refeições etc.)” (CERTEAU, 2014, p. 46).

As táticas são maneiras singulares e significantes de fazer, com criatividade dispersa e inventividade artesanal, são práticas ou operações cotidianas que interferem no espaço da produção sociocultural hegemônica. Para o autor, uma grande parte dessas performances operacionais, as “maneiras de fazer”, são pequenos sucessos “achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos [...] dependem de saberes muito antigos” (CERTEAU, 2014, p. 46). São formas de agir, um tipo de ação que depende de saberes corporificados de resistência, que emergem por sobrevivência, não sendo mapeadas pelo radar do controle, da dominação, da competência, do desempenho, dos discursos disciplinares e científicos.

Não creio ser possível discutir a produção de conhecimento em uma profissão eminentemente feminina sem nos determos nas questões de gênero e trabalho. Mas deve ser igualmente necessário refletir sobre os processos subjetivos e singulares que subjazem ao “ser sujeito” e ao “ser sujeito pesquisador”. Necessitamos romper com o discurso produtivista e retomar o processo artesanal cotidiano, peculiar a cada sujeito, em sua tecelagem de ideias e palavras, levando em conta, sem dúvida, os contextos sociais e políticos em que os estudos são produzidos (GALHEIGO, 2014, p. 218).

Creio que temos tanto a aprender sobre nossas próprias experiências e histórias. Sigo o desejo por conhecer experiências de terapeutas ocupacionais e por pensar em como essas linhas que se tecem podem imbricar no cuidado em/na/para terapia ocupacional – não porque seja frágil, mas para acolher e cultivar suas próprias potências.

Encontrando sentido

2020 seria o ano da pesquisa de campo, análise e preparação para qualificação no início do ano seguinte. Tudo no cronograma, mas 2020 foi o ano em que o mundo mudou e tudo começou a não fazer mais sentido. Embora ainda tivéssemos a sensação de que ia passar.

A proposta para a última etapa da produção de dados da pesquisa era solicitar cartas escritas, o que parecia facilitar naquele momento. Porém, logo que enviei os convites por e-mail comecei a receber devolutivas receosas com as condições de dedicação ao meu pedido. Estabeleci uma relação de muito cuidado e atenção com cada pessoa, revendo os combinados o quanto fosse necessário para que melhorassem as possibilidades de participação. Os prazos para recebimento foram alterados e refeitos caso a caso. Também firmei um combinado de enviar lembretes quinzenais para que não nos perdêssemos no tempo.

Essa etapa acabou se desenrolando em mais tempo, mas também, tudo na vida passou a se desenrolar em mais tempo, ou talvez, em menos tempo. Estávamos todos lidando com um grande impacto em nossos ritmos, tempos, atividades, cotidianos... um prato cheio para a terapia ocupacional, tão cheio que transbordava de tudo. E a vida foi o que se tornou mais frágil e mais importante do que nunca. E a morte, essa sentou-se ao nosso lado e não foi mais embora. O medo da morte e o sentimento de luto entraram em nossas vidas e não foi para uma visita breve.

E agora, como vou analisar tudo isso? Como criar bordas e cuidar do que ficar dentro? Era perto do final do ano e eu continuava com a sensação de que ainda não tinha nada do trabalho. Decidi iniciar a escrita de um texto teórico introdutório. Eu precisava encontrar alguns sentidos para tentar assentar tudo aquilo que pairava no ar.

Preciso começar pelo que eu sei: ser terapeuta ocupacional. Então, olhei para mim e comecei a pensar sobre minha apresentação, a primeira coisa que precisava assentar era a minha experiência. Eu deitava para dormir e os pensamentos brotavam, eu passei noites desperta na cama fazendo anotações pelo celular. Um dia eu acordei com a formação de três pequenas lembranças que brotaram feito histórias. Escrevi os primeiros fragmentos. Dali senti que reunia partes de mim que estavam há muito tempo produzindo o que eu propus para o doutorado.

Na contramão dos distanciamentos físicos, 2020 foi o ano que senti mais perto as amizades e pessoas queridas que estavam em outras cidades. Eu comecei a ter vontade de escrever e ter vontade de mostrar o que escrevia para as minhas companheiras. E elas receberam amorosamente meus escritos e toparam conversar sobre eles. E tudo foi fazendo sentido. É assim que tem que ser, eu pensei. Tem que ser junto, ter dúvida, ter acolhimento, disparar novas descobertas. Estava ativando meu corpo-pesquisadora e estávamos produzindo um corpo-pesquisa.

Eu fui percebendo que algumas questões precisavam ser colocadas antes de tudo. Como olho para a terapia ocupacional, o que me intriga, a recuperação de certas histórias, como encaro as hegemonias, porque eu queria olhar para a atividade humana. Não é só uma pesquisa, é a construção e o investimento do meu caminhar na terapia ocupacional em sintonia com a produção da minha própria vida. Havia um terreno constituído e eu precisava falar dele. Comecei a reunir os livros, textos e referenciais que tinham me marcado nessa minha trajetória e senti como se eles estivessem há tanto tempo ali só esperando esse momento. O olhar para a atividade humana e minha perspectiva foram construídos em minhas experiências e cada uma daquelas composições teóricas contribuía para a tecitura.

Fiquei completamente entregue por meses e quando terminei quase não conseguia acreditar no que tinha se formado. Eu tinha conseguido reunir anos de curiosidade e construção de pensamento. E também percebi uma questão central para mim que a pandemia escancarou: olhar para a morte para valorizar a vida. Consegui compreender o que era importante e como caminhar. Assentei o terreno e contemplei sua preparação para o cultivo. Me senti pronta para iniciar um corpo-tese.

(Fragmento do corpo desnudo 7)

Criação de um dispositivo que faz-pensar terapia ocupacional

A escrita narrativa se coloca nessa próxima camada da escavação no formato de cartas, em que se possa contar sobre experiências, acontecimentos e cenas que fazem pensar sobre atividade humana e terapia ocupacional.

Foucault (2014, p. 143), ao recuperar “as práticas de si”, ou “treino de si por si”, como princípio tradicional da filosofia clássica greco-romana entre os estoicos, pitagóricos, socráticos e cínicos, mostra que a escrita aparece associada à meditação e ao exercício do pensamento sobre si mesmo, o que reativa o que se sabe, refletindo para sua assimilação “e assim se prepara para encarar o real”. Os *hupomnêmata*, como exemplo, eram livros ou cadernetas, “uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas”, “um tesouro acumulado” (p. 144) para si mesmo, para “ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com outros” (FOUCAULT, 2014, p. 145).

Os *hupomnêmata* não eram diários, narrativas de si mesmos ou do não-dito, eles reuniam “o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si” (p. 145) agregando o que vem da relação com o mundo, em uma forma de subjetivação do discurso. O que implica em leitura e em escrita, referindo-se aos discursos com citações, desenvolvendo uma ética para o cuidado de si: “recolher-se em si, atingir a si mesmo, viver consigo mesmo, bastar-se a si mesmo, aproveitar e gozar de si mesmo” (p. 146). Visavam “uma relação de si consigo mesmo” (p. 146), refletindo sobre o passado, “ao qual é sempre possível retornar” (p. 147), afastando as preocupações com o futuro (FOUCAULT, 2014).

O que importa é reunir referências e “unificar esses fragmentos heterogêneos pela sua subjetivação no exercício da escrita pessoal” (p. 148). O papel da escrita é constituir um corpo e “segundo a metáfora da digestão” (p. 149) se apropriando e, também, se assemelhando com sua ancestralidade, mostrando “a filiação dos pensamentos que se gravaram em sua alma” (p. 149). “É sua própria alma que é preciso criar no que se escreve” (FOUCAULT, 2014, p. 149).

A escrita para correspondência também é apontada dentre as tecnologias de si, compreendendo afetações relacionais entre quem escreve e outro que lê. “A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe” (p. 150). O processo envolve um recolher-se em si e o estabelecimento de uma ligação com aquele a quem a carta poderá ter algum efeito, seja o destinatário ou terceiros que a leiam. As cartas da tradição greco-romana clássica continham

orientações, conselhos, advertências, uma preparação ao leitor que enfrentará eventualidades semelhantes às que o escritor já passou, significando uma abertura, “uma certa maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros” (FOUCAULT, 2014, p. 152).

A relação consigo é aquilo que se produziu entre “o corpo e os dias” (p. 154), certos acontecimentos na vida cotidiana. O importante é o “ocupar-se de si mesmo”, algo que não pode ser tirado de alguém ou feito por outro, o “relato de um dia comum” é o relato “de um dia para si” (p. 155). Assim a escrita de si também constitui o registro da memória, uma oportunidade de fazer o exame de sua consciência. O exame de si era uma prática epistolar que mostrava extrema atenção e intensa focalização em si. Esse “procedimento do relato de si no cotidiano da vida, com meticulosa atenção ao que se passa no corpo e na alma” faz “coincidir o olhar do outro e aquele que se lança sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2014, p. 157).

Essa recuperação afirma sentidos da política da narratividade como política da transgressão na pesquisa acadêmico-científica. Não desmanchando a relação consigo e com o mundo, mas buscando “uma forma de expressão do que se passa, do que acontece” (PASSOS; BARROS, 2012, p. 151). E também se alinha com a proposição de Mariangela Quarente e da Terapia Ocupacional como Produção de Vida cuja intenção é fazer-pensar terapia ocupacional (CARDINALLI, 2017), nessa tecitura especialmente dedicada ao enunciado atividade humana.

Desenha-se, então, uma proposta de escrita de cartas-narrativas enquanto um dispositivo para fazer-pensar a atividade humana e terapia ocupacional para contribuir na colheita e produção de dados desta pesquisa-intervenção. O interesse por procedimentos sensíveis e acolhedores das experiências, que lidam com complexidades, fluxos e atravessamentos, solicita o alargamento delicado e generoso para o proceder e o analisar das condições e produções possíveis. Todo o processo-produção de resgate de memórias, da escavação da própria ação e da cartografia do modo de fazer-pensar, sempre diversos, ressalta as potências e as singularidades da atividade humana para a terapia ocupacional (CARDINALLI et al, 2021).

Foram convidadas(os) 18 terapeutas ocupacionais que participaram da etapa anterior da pesquisa, cujas compreensões apresentadas sobre atividade humana no formulário estiveram destacadas. Dia 03 de agosto de 2020 essas pessoas receberam uma carta-convite² por e-mail e, a partir dos retornos recebidos, foram firmados combinados sobre o recebimento de lembretes

² Carta-convite (apêndice 1) e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice 2).

quinzenais até a prazo final, estipulado em 05 de outubro de 2020. Devido aos impactos da pandemia sobre os cotidianos das pessoas, foi necessário ampliar os prazos para efetivar suas participações, o que ocorreu até 16 de novembro. Uma pessoa declarou impossibilidade de participar logo no início, duas pessoas não responderam aos convites e mais uma desistiu por não conseguir efetivar sua participação, tendo permanecido a participação de 14 pessoas.

O convite solicitou a escrita de uma carta que, antes de tudo, fosse para si, enquanto um processo reflexivo, atento e curioso. E que essa carta contasse uma *cena de uma experiência em que a pessoa percebesse, apreciasse ou fizesse pensar a atividade humana em acontecimento*, podendo envolver significados, elementos sensíveis, estéticos, éticos, políticos, entre outros, que fossem relevantes. Não sendo necessário que a cena estivesse envolvida em processos terapêuticos ocupacionais ou que a pessoa estivesse na cena. E, como um segundo convite, caso a pessoa quisesse, também poderia escrever uma segunda carta para contar o motivo pelo qual escolheu a cena e o que fez pensar em/na terapia ocupacional, assim como sobre sua compressão de atividade humana ou de outros enunciados que preferisse utilizar para apresentar o que narrou.

Cinco pessoas escreveram as duas cartas, algumas das demais cartas abrangeram trechos que respondiam aos dois convites. Após o envio do termo de consentimento⁶ assinado pelas(os) participantes, a/o mesma/o recebia uma figura³ com os sentidos reunidos por esta pesquisa, percebidos nos discursos acadêmicos e profissionais da terapia ocupacional junto ao enunciado atividade humana, como forma de agradecimento e troca nessa produção coletiva.

As cartas recebidas trouxeram diferentes enfoques, abrangendo o contexto e condições do acontecimento narrado, percepções de si e/ou de outros envolvidos e de como fez-pensar terapia ocupacional, ou seja, a escrita e o escrever a si – estar nessa atividade e ocupada(o) de si – serviu como elaboração e (res)significação do pensar sobre atividade humana (CARDINALLI et al, 2021).

Esse processo desvelou as cartas-narrativas como um experimento-experiência para fazer-pensar a atividade humana-em-nós como construção de conhecimento-em-si, alinhado à proposição de Quarentei (2006, s/p) sobre experimentar, apreciar e afirmar a “atividade dos sujeitos... a sua ação no mundo e o sentido de si”. A carta-narrativa, mesmo que não

³ Apresentada no Caderno 1 e apêndice 4 do Caderno 2

mencionasse o enunciado, mostrou sua percepção como um encadeamento de acontecimentos, o que apoia uma construção de conhecimento profundamente implicada nas experiências, atravessamentos e significações autorais. Contudo, resguarda-se a atenção e cautela à consideração desse dispositivo como procedimento de pesquisa a priori, pois é significável singular e coletivamente (CARDINALLI et al, 2021).

Configura-se o investimento em dispositivos de potência, isso porque, “quando acontecimentos são narrados e compartilhados, personagens, lugares, conversas, texturas e imagens ganham espaço em nossas vidas. Somos forçados a pensar, suspender e interrogar nossas posições de saber e de poder para nos abrir ao coletivo. Estabelecer uma relação com múltiplos sentidos e com o lúdico que atuam “na desmontagem de um racionalismo e de uma moralidade do cotidiano”, ativando o “potencial de ser afetado” e afirmando um “conhecimento corporificado” (POZZANA, 2014, p. 63).

A ativação da escrita e da troca de cartas dispara novos acontecimentos, afetações, elaboração e criação de sentidos: atravessamentos e produções da atividade humana (escrever, enviar/receber e ler a carta, pesquisar e escrever a tese, ser lida por alguém...) que queremos acompanhar junto ao enunciado (atividade humana). Compreendendo que a escrita de si pode se tornar um dispositivo ético de produção de autoria, um

deslocamento da arqueogenealogia em direção à ética, uma distopia produzida no discurso foucaultiano, cuja importância reside em vislumbrar um procedimento de autorar que, menos que uma função codificada dos dispositivos, funcionaria estrategicamente deslocando as possibilidades subjetivas, segundo formas mais livres e críticas (BUTTURI JUNIOR, 2016, p. 508).

Seguimos com Foucault às suas últimas proposições: as tecnologias de si, a escrita, a ética e o cuidado. Considerando como a subjetivação opera pelos dispositivos de poder, esse dispositivo transgressor se torna um cuidar do que se é. “Autorar, em última medida, poderia ser entendido como um procedimento de dessubjetivação e de resistência e, nesta esteira, de construção de deslocamentos dos próprios dispositivos” (BUTTURI JUNIOR, 2016, p. 508).

Escavar os incômodos

Quando olho os dados do formulário e sinto uma inquietação. Se eu fosse uma participante, o que eu responderia?

Fecho o formulário e penso: como vou seguir para a etapa narrativa? Convido as quinze primeiras pessoas que responderam ou pego representantes das regiões do país ou diversifico os tipos e áreas de atuação ou identifico quem utiliza apenas o enunciado que estou estudando? O que é importante para seguir nessa pesquisa-intervenção?

Começo a olhar as respostas. O que me chama atenção? Tem respostas bem curtas, outras bem extensas. Isso quer dizer alguma coisa? Alguns pensamentos estão atrapalhando a análise. Será que eu não quero acolher o que diverge do meu pensamento?

O que está me incomodando? Reconheço que se relaciona com a visão técnica.

Vinha pensando que a proposição em torno da atividade humana para a terapia ocupacional estava junto com a "superação" do uso técnico da atividade. Mas isso reproduz a condução dicotômica, hierárquica e dominadora do pensamento. Reconheço em mim um desejo de hegemonia atuando no desmerecimento do outro?

Vamos lá: eu estou em atividade. A pesquisa é uma atividade humana. Enquanto eu faço, penso. Enquanto eu penso, faço. Pensar é uma ação humana. Agir, fazer é conhecer. A terapia ocupacional é um fazer-pensar, um conhecimento, uma experiência, uma atividade humana. Quais são suas formas de se realizar?

Será que a técnica é ruim? Por que eu estou tomada por essa questão?

Tenho tentado acompanhar aulas online e discussões sobre ocupação humana na terapia ocupacional no Brasil. Sua história recupera sempre o percurso estadunidense, que se quer preservar, e onde a 'atividade' foi considerada reducionista. Nessa versão, a "hegemonia se inverte", já que no Brasil sua adoção se tornou hegemônica, marginalizando a 'ocupação'. E eu fiquei tão surpresa com essa afirmação. Hegemonia e marginalidade aparecem como conceitos relativos, a depender da perspectiva e dos interesses de quem conta a história? O que se trata, então, não são das condições, mas do sentimento. Mas a raiz desse sentimento de falta de representação/valorização/legitimação/pertencimento não aparece apenas entre os profissionais que falam sobre "ocupação" e "atividade". Essa auto percepção de se ver junto aos desfavorecidos parece, enfim, ser algo que

compartilhamos nessa comunidade, mas continuamos acusando uns aos outros por essa condição. Mas esse sentimento não é compartilhado apenas por terapeutas ocupacionais, então estamos lidando erroneamente com uma problemática muito mais profunda que nós.

Boaventura de Sousa Santos (2010) explica que, embora concomitantes, uma coisa é a concretude da desigualdade econômica, outra coisa é a percepção da exclusão sociocultural. A desigualdade gerada pela produção de hegemonia global afeta a todos, mas a forma e os impactos com que a segregação atinge os desfavorecidos do sistema colonial, os explorados, massacrados, subalternizados e excluídos dos benefícios, são relativos, pois dependem da perspectiva de cada grupo.

Mas a busca por esse “pedacinho do céu” precisa custar a deslegitimação do outro que partilha o próprio campo e, por vezes, as mesmas condições de exclusão? Se eu me sinto tantas vezes acusada e deslegitimada, será que estou investindo em um discurso acusador e segregador sobre quem tem posições diferentes da minha? Precisamos pensar, agir diferente.

Eduardo Galeano (1978, p. 12) escreveu sobre esse sistema que sentimos na carne

“O sistema que programa o computador que alarma o banqueiro que alerta o embaixador que janta com o general que ordena ao presidente que intima o ministro que ameaça o diretor-geral que humilha o gerente que grita com o chefe que pisa no empregado que despreza o operário que maltrata a mulher que bate no filho que chuta o cachorro”.

A busca por superar a construção reducionista que ficou marcada na terapia ocupacional, entre tantos outros dilemas, não são problemáticas da terminologia usada. Seria simplesmente trocar as palavras que “tudo” se resolveria. Um passe de mágica. Um conto, uma ficção. No que tange meu incômodo sobre a técnica, a questão mais adequada, seria: a que serve a supremacia da técnica mecanicista? Foi a técnica que lhe garantiu o reconhecimento científico tão almejado. Contudo, se ela se tornou desinteressante, como construir valor para o campo sem atacá-la ou abandoná-la? Afinal, essa comunidade não é homogênea, os sentidos de terapia ocupacional não são os mesmos. Afinal, por que a técnica é desinteressante mesmo?

Comecei a conversar com profissionais de outras áreas e percebi o quanto as técnicas são importantes. Elas são concretas, por isso os profissionais se apoiam tanto nelas. E são tão atividades humanas quanto quaisquer outras. Isso porque a problemática não está na técnica em si, mas na visão tecnicista. Enquanto ficamos disputando terminologias, a argumentação traz a mesma questão: combater o reducionismo.

As técnicas são fundamentais, são experimentações e são caminhos possíveis para novas saídas ou movimentos, por isso devem ser versáteis, evoluir, mudar e serem superadas. O problema está em compreender a terapia ocupacional limitando-a a uma ou algumas delas, assim como a uma ou outra perspectiva. Isso é a produção de hegemonia positivista operando em nós. Penso que precisamos acolher e refletir mais sobre a importância do saber técnico, mas não sendo o único, para a terapia ocupacional.

Assim como, também, aprofundar o debate da linguagem, das palavras e de seus significados nas experiências culturais diversas, em como os enunciados operacionalizam discursos em terapia ocupacional. Caso contrário, continuaremos lidando com o valor moral e crenças idealizadas sobre elas.

(Fragmento do corpo desnudo 6)

– – Alinhar – novos – retalhos – –

As cartas foram todas lidas, inicialmente, acompanhando um primeiro encontro entre as experiências da escrita narrativa, da leitura-afetação e da busca por pontos de abertura e conexão junto aos sentidos desta pesquisa-intervenção. Começo por sua caracterização: as cartas abordaram acontecimentos relacionados à própria vida e cotidiano de quem narrou (oito cartas) e/ou à sua atuação em terapia ocupacional (oito cartas), considerando que duas cartas narraram cenas dos dois contextos. Em relação ao espaço de tempo envolvido, oito cartas apresentam cenas pontuais (quatro de sua vida, três em terapia ocupacional e uma com cenas de ambas), três relatam um período de tempo estendido por semanas a meses (duas de sua vida e uma relacionando sua vida pessoal e sua atuação) e três abordam sobre anos ou décadas de suas trajetórias profissionais em terapia ocupacional.

As cartas apresentaram: elementos sensíveis e a expressão ou percepção de sentimentos, seus ou de outra pessoa envolvida na cena; uma contextualização singularizada significando condições que envolveram o acontecimento; desdobramentos e elaborações posteriores, como a formação de um saber-fazer ou de concepções em terapia ocupacional. Metade das cartas mencionam especificamente “atividade humana” e a maioria menciona “atividade(s)”. Em sete cartas, foi explicitado como a experiência do convite e escrita da carta-narrativa gerou mobilizações, algumas indicando ter sido a primeira vez que fizeram essa experimentação ou mesmo que olharam para as próprias atividades e cotidiano para pensar em terapia ocupacional.

A diversidade das narrativas mostra o impacto dos desafios da pesquisa, pois não é possível encontrar uma única forma de lidar com elas sem achatar sua singularidade. Em uma leitura mais aprofundada de todas as cartas, alguns meses depois de recebê-las, e mais afinada com o processo da pesquisa-intervenção, percebo como quero lidar com esta colheita. Alguns sentidos e curiosidades me convocaram, me fizeram ver e ouvir. E o que me atravessou nesse momento foi a busca por uma forma possível de continuar a conversa com elas.

Nesse momento, a escavação que vem alcançando sua maior profundidade, são acontecimentos, fazeres e modos de vida que se tornam dispositivos para pensar, fazer-pensar atividade humana e terapia ocupacional. As singularidades expressivas são preciosas, mas os lugares de sacralização disciplinar, acadêmico e científico precisam ser profanados, as verdades colocadas em trânsito e os fluxos e sentidos diversos participarem da construção de um comum.

Quero afirmar o processo autoral, mas não as autorias, busco uma forma delas falarem por si, mas também comporem com a criação dessa pesquisa.

Isso me direciona a um processo interventivo sobre as cartas, que se tornaram fragmentos e passagens, cenas, acontecimentos com/sobre os quais quero conversar. Também removo ou substituo elementos identificáveis, como nomes, lugares, datas ou características explícitas, como combinado sobre manter o anonimato, mas mantendo os sentidos e a particularidade narrativa. Quando refaço as formatações, sinto a violência dessa intervenção, mas reafirmo meu lugar de cocriadora. Com isso, tudo que se apresentará aqui, agora, é nosso. Saio do lugar representativo, interpretativo e avaliativo para assumir um corpo de criação comum.

Nesse território, revelo o que me convoca das cartas para pensar sobre atividade humana e terapia ocupacional. Essas cartas que em seu processo de escrita fizeram pensar a atividade em atividade. Esse processo de leitura e afetação também dispara em mim uma nova camada de sentidos sobre esse enunciado. Fazer-pensar faz pensar. Pensar é fazer, é ato. Também estou em processo de criação. Em encontros, relações e afetos, vou apreciando essa continuidade, essa atividade contínua que é a vida, as vidas entrelaçadas.

Lembro de algumas questões analíticas da cartografia: toda a análise é também análise de implicação da pesquisadora; objetividade e subjetividade sempre caminham juntas; o trabalho é de propor e testar analisadores que não estão em conformidade com o instituído ou institucionalizado, com atitude de analista; manter a curiosidade e achar boas perguntas que levem a novos lugares, pois o que move a análise são os problemas (não os objetos) e a inauguração de novos problemas; analisar é arriscar uma experiência de crítica, de cultivo e de criação (BARROS; BARROS, 2014).

A seguir, apreciaremos as quatorze cartas recebidas em sua nova configuração e edição (seja em fragmentos, recortes ou na íntegra), sendo que, nessa apropriação estética, criei títulos e recriei os elementos identificáveis – estes, por terem sido criados/alterados e se diferenciem da versão original, aparecem com destaque nos textos (estética de rotuladora).

UM OBJETO RELACIONAL E A PERCEÇÃO DE SI

Ela, C., no alto de seus 65 anos de idade encontrava-se sentada num sofá instalado na garagem. O sofá ali está pois aguarda ser buscado para uma grande reforma. C. por decorrência das falhas que o corpo passa a apresentar com o passar do tempo. Há dias que encontra dificuldades em subir as escadas do sobrado e ir dormir no quarto, há dias que desce os degraus durante a madrugada pois troca dias por noites, há dias que a insônia é uma companheira da vida, há dias que adormece na sala num colchão, há dias que ronca sentada sobre a cadeira da mesa de jantar. Às vezes acorda urinada, em outros desperta secona (como gosta de dizer).

Às 7 horas, quando **CHEGO**, essa é pergunta que faço: C. dormiu essa noite? Dependendo da resposta há condições de saber como o humor se desencadeará ao longo do dia. Nessa manhã que a encontrei sentada no sofá da garagem, ela havia dormido no colchão da sala, havia urinado na roupa, estava entristecida com tal fato. Sento-me no outro sofá, ali ficamos conversando trivialidades e papos mais sérios. Do sabor do pastel a se comer 5ª feira na feira da porta de casa, ao canal de TV com Ana Maria passando receitas.

Ao dizer que havia urinado essa noite, comento com ela sobre a possibilidade de usar fraldas geriátricas no período noturno. Ela se indigna, diz ser muito nova, vou tentando pontuar que as fraldas não servem apenas para idosos, mas para todos que por algum motivo na vida, no destino, encontrem alguma dificuldade em segurar a bexiga por um momento. Nisso ela me responde que não é velha, mas sim que está na melhor idade avançada de alma jovem.

Alegro-me ao perceber que a alma sendo jovem possa encontrar algum terreno de mudança. Pontuo que o bom da juventude era podermos mudar as coisas. _ e o corpo, C.? Como anda o corpo? Naquele instante percebo que ela não percebe que seu corpo envelhecera. Percebo que inexitem espelhos no térreo da casa, e que o único espelho de corpo todo presente está afixado dentro do quarto/escritório. Imagino quão desconexo é mostrar fotos por celular, numa imagem mínima de um corpo invisivelmente sem consciência de si.

Olhar-se tomando banho, olhar a mão que percorre o prato e as rugas das mãos e peles, olhar o andar mais lento de um pé que caminha vagaroso pelo equilíbrio que se perde, olhar as dores no estender dos braços para se vestir..., mas e olhar nos próprios olhos, dar ao olho um lugar/objeto certo onde se possa depositar o misto de imagem e concretude. Espelho. C. não se reconhece, não se vê, não constrói a imagem de um corpo que avançou seis décadas e meia.

Ali percebo que a inexistência do objeto-coisa espelho inviabilizava a criação de um corpo mais cômico de si. Ainda mais para ela, cheia de curiosidades, que vasculha bolsas querendo ver o que tem, querendo ver fotos, querendo com os olhos os cantos da casa, querendo a plena atenção numa conversa que só é validada por ela se a olharmos.

Encomendo um par de espelhos de acrílico, de 1 metro por 60 centímetros, para afixar no térreo da casa. Não só para ela, mas para todos, quem não sobe as escadas não se vê de corpo todo.

Decidem afixar um na parede em frente à porta da cozinha-coração da casa, lugar de passagem constante. Surgem caretas, línguas para fora, risadas, mexer nos cabelos, desconhecimentos de bocas banguelas, olhar de perto, de longe ter a imagem alterada por conta das leis da física e fisicalidade do acrílico. Cabeças pequenas em corpos esguios, risos, brincadeiras de olhar. Afixamos o outro no corredor próximo a sala de TV. A. um homem cadeirante que grita diariamente sua vontade de ir ver seu filho que não quer contato, pergunta: o que eu vou dizer? Para a cadeira em frente ao espelho, observa-se. Profere um soco no objeto que não quebra. Os outros se assustam com o barulho. Contornamos a situação perguntando se o que via lhe incomodava, ele silencia.

PEQUENOS GESTOS, ENCONTROS E MARCAS NO MUNDO

Ele chegou sabendo muitas coisas, adaptado e inflexível com regras e normas. Seu corpo e sua presença precisavam se ancorar em algum registro concreto a partir das ações e dos gestos. Hora para dormir, hora para escovar os dentes, hora para tomar banho, hora para ver TV, não pedir para repetir o almoço, garantir que haveria comida no dia seguinte. E quando tudo desmoronava sentir o cheiro e a textura das coisas...se o mundo ruía, era preciso concretiza-lo de novo, reconhece-lo mais uma vez.

Ele fazia muitas coisas, mas sua inscrição no mundo, invisível. Invisível nos registros, invisível na escola, invisível para o sistema. De uma invisibilidade porque não reconheciam nele a intenção, o gesto e a marca no mundo. Falavam toda e qualquer coisa a seu respeito.

Pela possibilidade de furar, de amolecer o instituído que a gente vai se encontrando. Reconhecer o tom de nossas vidas e depois de nossas vidas emaranhadas, pede muito mais tempo do que a gente fantasiava.

Vê-lo no mundo a partir da afirmação de quem ele é e do que realiza. Em cada pequena atividade cotidiana:

quando descobre outros usos para a colher, quando pode escolher o que comer, como vai comer...quando percebe que ao dormir, o tempo passa mais rápido. Quando descobre que tomar banho pode ter uma outra ordem, dormir e acordar de manhã podem ter outro ritmo (não é necessário arrumar sempre a cama antes do café), é gostoso dar bom dia e abraçar, as suas coisas não precisam ficar escondidas embaixo da cama. Isso aos poucos parece suavizar a dureza com que o mundo se apresenta: já não é mais preciso cheirar e sentir a textura para assegurar que o mundo está aqui. Agora sentir e cheirar tem mais a ver com a experiência a se partilhar, com um encantamento com as novidades. Nada precisa dissolver, as experiências e situações compõem nosso repertório comum.

O uso da cozinha. Um espaço de mágica, do inexplorado, daquilo que não tinha explicação, que chegava já pronto, cortado, só para mastigar. Descobrir o tomate inteiro, como cortar o tomate...quebrar os ovos.

E os peixes? Pensar sobre o nariz dos peixes dentro do mar. Como eles respiram? O que acontece quando a gente morre? Tem um céu dentro do céu?

Mudam as palavras, mudam os gestos e surgem os interesses. A partir de nossos questionamentos, as palavras precisam sair mais complexas, é possível desejar, escolher e, também recusar. É um exercício cotidiano que acontece em cada atividade: reconhecer seu desejo, afirmar seu gesto, e inscrevê-lo na nossa história. Saber do que gosta, de que é possível ser diferente, de que há amparo e de que não se está mais sozinho. Segurar nos braços no embalo para dormir e quando machuca o pé; reconhecer que o pé dói, que é possível ficar bravo e que família é também muito chato, às vezes. Sentir que a “recompensa” da vida pode ser o afeto. Isso tudo ajuda a viver a certeza de que na queda, seremos a rede.

LUGARES PARA EXPERIMENTAR O VIVER COMUM

Quando eu cheguei o portão estava aberto. E sempre foi assim. E quando a gente entra, dá de cara com um jardim, muito bonito. Um espaço grande e verde que nos surpreende porque está no meio da cidade. Entrando mais no terreno, dá pra ver uma piscina perto da casa principal e uma segunda casa mais ao fundo do terreno. Também tem um campo de futebol, uma quadra coberta, e atrás da casa uma horta, um canil e um galinheiro.

Nesse lugar todo mundo seguia o ritmo da vida de uma família com muitos filhos **EM UMA CASA COM HÓSPEDES**: tinham as refeições, a parte de organizar e limpar o espaço físico, o próprio quarto e as áreas comuns, ir ao supermercado, lavanderia, levar as crianças na escola e ajudar nas lições de casa e trabalhos escolares, muitas brincadeiras (imagina o que **SE PODE** fazer num lugar como esse...), todos nadavam, jogavam bola, vôlei, cuidavam dos animais, das plantas, da horta. **COMO ME DISSERAM** ali tinha muita atividade...

As pessoas ali eram muito diferentes. Tinha pessoas em situação de rua, pedreiro, funcionário público, estudante, engenheiro, cozinheiro, garçom, médico, enfermeiro, advogado, vendedor, aposentado, desempregado, “afastado” (do trabalho...). As mulheres eram em menor número.

Eu me perguntava como tudo isso poderia ajudar aquelas pessoas, com suas dores e dificuldades, com a bebida e a droga, com os relacionamentos, e seus outros problemas no trabalho, na escola, dívidas, falta de vontade de viver... Eles frequentemente diziam que se sentiam melhores do que quando chegaram, com o tempo faziam planos para a vida. Alguns iam embora para poder fazer o que tinham planejado.

Havia uma possibilidade **DE ELES** desenvolverem projetos pessoais no espaço que lhes era disponibilizado... dependia da criatividade e do desejo de cada um, e eu ajudava a pensar as etapas, o que seria preciso e isso era conversado para ver o que era possível ser feito. Outros propunham retomar estudo ou começar a estudar, voltar a trabalhar ou procurar um emprego, retomar o casamento ou conhecer uma namorada, cuidar dos filhos, se divertir, fazer um curso, descobrir uma vocação, conseguir uma casa para morar, pagar uma dívida...

Cada vez mais eu entendia que eu era essa facilitadora desse processo deles de planejar e realizar suas ideias e entender todo esse processo, se encontrar nele. Também tinha uma mediação que eu fazia para que conseguissem conviver em grupo e fazer a manutenção do próprio espaço além de mediar todo o processo, eu também participava junto, fazia junto com eles. Com o tempo fui entendendo que a terapêutica se dava porque esse fazer era uma oportunidade deles olharem para o modo como faziam e realizavam o que planejavam em suas vidas, o modo como conviviam com as pessoas e se agrupavam e lidavam com tudo isso. Por isso, durante todo o processo, eles eram estimulados a problematizarem o que escolhiam e realizavam (individualmente e coletivamente), buscando compreender-se e aos demais ao fazerem o que pretendiam. Essa ação crítica e reflexiva era tão intensa que em alguns momentos eles diziam estarem cansados daquele trabalho mental, que nunca tinham pensado tanto sobre o que faziam (ou sobre o que não faziam, sobre o que funcionava e o que não funcionava, o que sentiam, o que provocavam nas pessoas, como se relacionavam com elas etc...). Eu entendia o cansaço, porque eram muitas descobertas e algumas eram bem difíceis de lidar com elas. E tinha um espírito de coletividade que era muito importante para que tudo isso funcionasse. Pretendia-se que as pessoas se importassem umas com as outras, buscava-se esse movimento, mesmo sabendo que ele não seria um resultado que poderia ser definitivamente alcançado, esse era o norte que direcionava aquela convivência e formava ali uma comunidade.

E era um espaço com muita diversidade e também muito inclusivo. Nesse sentido, ter uma organização com espaço para a exceção era a regra...de forma que envolvia a todos no cuidado do outro, numa posição de humanidade, equidade e acolhimento, diante das dores e dificuldades das outras pessoas, ao mesmo tempo em que se administrava a própria dor e dificuldade... não era nada fácil e nem simples de ser feito **POR QUEM ESTIVESSE ALÍ**, mas era possível e em muitos momentos funcionou para muitas pessoas.

Fazer-saber-falar. Eu aprendi muito a fazer terapia ocupacional ao fazer (ativamente) essa comunidade acontecer.

DESLOCAMENTOS PARA CUIDAR, APRENDER E CRIAR JUNTO

Respiro fundo e desço os corredores daquele hospital psiquiátrico. As paredes caiadas e o chão de cimento queimado dão o tom da simplicidade das construções térreas que abrigam os pacientes e que se estendem ao lado dos corredores e pátios internos. Um primeiro contrato de trabalho ... e um corpo carregado de vontade e esperança de poder realizar um trabalho que tenha muitos sentidos e gere transformações.

Como será o encontro com aqueles que poderei atender? Como habitar o espaço da terapia ocupacional? Como compor a equipe de profissionais?

O olhar, aos poucos vai descortinando realidades ... a condição cotidiana dos internos: pobreza, desestrutura, isolamento, medicação; a rotina de institucionalização que a internação produz; a solidão, a falta e a insuficiência das relações, as relações de dominação e de subordinação; os materiais-clichês da ocupação possível; o horário de 'fazer terapia ocupacional' que não atrapalhe a consulta médica, a medicação, o almoço, o banho, o horário da visita; a ávida demanda da implantação e sustentação de uma terapia ocupacional que opere fazeres em horários pré-determinados e de segunda à sexta-feira, que trabalhe com auxiliares, que distraia e preencha o tempo do maior número de pessoas possível.

Que terapia ocupacional poderia ser desenvolvida naquelas condições? Como compor com as pessoas em atendimento um planejamento para os fazeres e atividades dos dias, das semanas, dos meses enquanto estariam em resguardo ali. O que era importante para elas e possível nos momentos que estaríamos juntas? A questão que atravessou nosso tempo conjunto: o que gostariam de fazer aqui na terapia ocupacional?

Trazendo para o centro do problema as pessoas em atendimento, abriu-se um campo de interações e conexões, presentes nas relações com cada um, nas rodas de conversas, nos acompanhamentos individuais e nos muitos momentos de atividades realizadas coletivamente.

No plano de desenvolvimento da profissão um trabalho cotidiano foi sendo produzido conjuntamente com as pessoas atendidas enfrentando as necessidades e possibilidades e conversando sobre as insuficiências e impossibilidades de realização conjunta. Pensando juntos modos de acolhermos os desejos e enfrentarmos dificuldades. O cuidado com a qualidade ambiental do espaço físico e dos materiais se fez presente. Era da responsabilidade da Terapia Ocupacional. Ocorria semanalmente: organizar o espaço, as mesas, bancos; cuidar das plantas; disponibilizar materiais gráficos, de pintura, de modelagem e materiais para construções quaisquer; permitir o uso do aparelho de som e instrumentos musicais; estabelecer um lugar para atividade física e experimentações do corpo, dança, teatro; enfim tudo que podíamos reunir, utilizar e compartilhar nos momentos de abertura do espaço, que propiciasse a vontade de fazer, de realizar atividades a partir do que cada um considerasse importante no dia do encontro, e garantir a limpeza e a reposição do que terminava. Assim que configurava a 'ambiência' para se realizar atividades no âmbito da internação e institucional que nos circundava.

Toda essa ambiência era sustentada e tecida por presença e uma atenção a cada um, aos processos relacionais, aos desejos e necessidades expressos, às invisibilidades cotidianas que pediam aproximação. O trabalho relacional estava presente e era o cuidado cotidiano oferecido nos encontros. A reflexão sobre o cuidado vincular ocorria também semanalmente: reuniões com auxiliares e estagiários permitiam atenção aos processos relacionais e interacionais em curso. Rodas de conversa eram feitas com os participantes. Conflitos eram acolhidos e discutidos. Aprendíamos a conversar conjuntamente.

A interação e a fala com outros se constroem numa tessitura onde cada um, a seu tempo vai podendo ouvir e arriscar uma fala, que traz na sua exteriorização um conteúdo que entra em ação, afeta o ambiente, se desmancha e se refaz, num processo de organização

de presença, autorização de si, de mediação de si, de acolhimento de uma certa ambiguidade na qual sofrimento e prazer podem ser experimentados nas enunciações. Há aí, uma dimensão prática da experiência, onde a experimentação se acentua e acentua as modulações singulares aí implicadas e discriminadas no trabalho de seleção e posicionamento de cada um.

Deste modo, múltiplas eram as possibilidades de realização de atividades, mobilizadas pelos desejos e necessidades plurais dos participantes e pelas condições concretas e limitadas que dispúnhamos de verbas e de acesso aos materiais.

O cotidiano das vidas em composição se transformou com as atividades pensadas e vivenciadas coletivamente nas diferentes circunstâncias possíveis... em alguns dias, forças de um processo criativo tornavam-se visíveis e contaminavam a todos que frequentavam o espaço da terapia ocupacional e, por intensidade e contaminação afetava também aqueles que ficavam à espreita vendo que alguma vida se produzia ali.

Para aquela jovem terapeuta ocupacional, na contramão do curso institucional os dias se passavam em emaranhados de conflitos. A angústia e os problemas que emergiam nos encontros e no enfrentamento institucional criaram movimentos profissionais: supervisão, psicoterapia, outros trabalhos com as linhas de afetação para fortalecer a intervenção profissional. Foi necessário um agenciamento crítico, coletivo e militante junto aos profissionais trabalhadores da saúde mental, movimento social com encontros que derivaram na discussão de um conjunto de propostas para a implantação das políticas públicas em Saúde Mental, e no fechamento dos atendimentos baseados no modelo da internação psiquiátrica, - levou um tempo -, mas ocorreu. A internação e o cuidado em saúde mental se transformaram, ganhou outros modelos: hospitais-dia, centros de atenção psicossociais, centros de convivência, reabilitação psicossocial ... o trabalho com as pessoas atendidas pouco a pouco ganhou os territórios da cidade.

A vontade de compor, estar junto às necessidades da população atendida prosseguiu e se fez também a partir dessa experiência profissional e agenciou intensamente outras construções de ações em terapia ocupacional. Deslocou-se com muitos outros elementos, afirmando a constante e necessária emancipação de todos.

PARA CONHECER O QUE SE FAZ, RECONHECER A SI MESMO

A partida de mamãe foi **CEDO**. Claro que ao chegar na fase do vestibular eu só pensaria em uma profissão – a medicina. Cresci e brinquei em vários corredores de hospitais, conhecia várias clínicas médicas da cidade. Que poder, do nascer e do morrer... lugar de muitos poderes...

Mas algo acontecia no dia das provas. Um fenômeno dominava todo meu corpo, o que me fazia passar mais tempo nos banheiros dos colégios dos exames vestibulares do que na sala, em frente à prova. Enquanto minhas atividades se reduziam aos estudos e manutenção da rotina.

Foi quando conheci uma menina no cursinho, que fazia fisioterapia, largou e tentava medicina. Sei lá porque contamos nossas histórias de vida, mas sua mãe também tinha falecido e ela fazia terapia desde então. Mais do que depressa ela me convenceu a fazer uma entrevista com a sua terapeuta. Marcou até o horário. Eu fui porque era do convênio e não teria gastos financeiros...e também não faria mal, né? Era só para ajudar a passar no vestibular.

Realmente passei no vestibular (Só que não!!!). Passei depois de alguns anos de terapia que não me custaram um centavo de moeda real, mas muitas transformações, angústias, raivas, desejos, intensas emoções revisitadas!!! Ficou claro que o preço emocional de uma carreira médica seria muito, muito alto e meu corpo a todo o momento tentava me avisar do peso da escolha.

Enfim, fui construindo em análise quais outros caminhos, menos tortuosos, mas não menos emocionantes poderia seguir. A saúde pública, a defesa pela dignidade de qualquer pessoa doente, independente se ela tem grana ou não - não saiu de cena e fui conhecendo outras profissões-ocupações. Comecei a me ocupar com outros pensamentos, outras atividades menos rotineiras e mais experimentais... sim voltei a experimentar coisas, pessoas e a estudar um pouco menos.

Ai a TO, nunca tinha visto nem ouvido falar... Como coisas tão corriqueiras poderiam gerar saúde??? Pensar o cotidiano, a rotina, a atividade simples do dia a dia fazia diferença para as doenças, para as pessoas??? Fazer uma camiseta tie-dye, ou pipas e balões poderiam ajudar no resgate de memórias??; ou crochê, a costura e a pintura em tela estimulavam a coordenação motora fina e poderia reabilitar???... Encontrei conforto, alegria e potências na profissão que não “conhecia”.

Cá estou relembando tudo isso a mim mesma e compartilhando com você... e escutando todos os dias e a cada dia novas histórias, novos itinerários, (re)inventando/(re)encontrando o cotidiano de muitas pessoas, inclusive, o meu.

Mas queira ainda destacar um processo que fui acolhida por terapeutas ocupacionais no processo de trabalho como TO.

Começo meu percurso no **SERVIÇO** diferente do habitual. Não chego por escolhas ou processos seletivos, mas de rearranjos da rede SUS e do convênio que me contratava.

Fato este que demorei mais de seis meses para me desligar **DE OUTRO TRABALHO** da mesma cidade.

Esse foi o primeiro acolhimento que recebi da gestora (terapeuta ocupacional) e das trabalhadoras **DE LÁ**, a possibilidade de elaborar minha saída, de me despedir das pessoas e ressignificar meu novo lugar.

Com o tempo fui percebendo que mesmo com o pouco que eu consegui dedicar ao espaço, alguns afetos foram se constituindo e fui percebendo minhas marcas singulares no trabalho.

Assim de mansinho cheguei, de mansinho fui indo embora, mas com o coração mais tranquilo. Na despedida final, nos últimos momentos e dias **ALÍ**, fui agraciada por um mar

de afetos, abraços, beijos e lágrimas. Tive a certeza que nunca temos a dimensão de como tocamos as pessoas, quais as marcas que deixamos, mas vivi isso intensamente e temo em usar palavras pequenas tanta potência e de tantos afetos.

NÃO PARAR, A-TORMENTA, A-RUÍNA, DES-SENSIBILIZA

Te conto que quebrou. Alguma vez enrolei o cabo de força e apoiei sobre a tela fechada, dentro do saco almofadado, feito para computadores portáteis, mas não para os cabos de força. Pressionou e formou uma mancha, tipo teste de Rorschach.

Desde que precisamos de dois espaços de trabalho em casa, escolhi a mesa do canto da cozinha para me instalar. De manhã, nessa manhã, abri o computador e a mancha atravessava o vidro. Na chamada de videoconferência, tinha que minimizar a tela e ficar deslizando os dedos na área sensível ao toque, abaixo do teclado. Ia deslizando pra ver os rostos de cada participante da reunião. Na maior parte do tempo deixava fechada a câmera, ia escutando pelos fones sem fio, e adiantando o preparo do arroz. Quando precisava comentar, propor ou me posicionar em relação a alguma questão, voltava a sentar e abria a câmera, e falava. Também era possível responder a algumas das dezenas de mensagens que iam chegando diariamente por correio eletrônico.

A chateação de ter o equipamento danificado parecia menor que a satisfação de ver um elemento externo em ruína, numa certa consonância às minhas sensações de excesso. A máquina correspondia ao meu corpo. Uma espécie de falência se expressava naquela mancha, equivalente à minha relação com as atividades que ia sendo constrangida a realizar e que pareciam não poder cessar, guiadas apenas pela capacidade e não pelas condições. Não parar era o comprovante de humanidade, do modo de existência, do “novo normal”.

E o computador quebrado, retomava essa experiência arruinada com os encaixes dos mundos a que nos obrigam pertencer. Nesses equipamentos, são os dedos que ficam buscando deslizar, apertar com as pontas para responder às demandas. E os ombros vão projetando-se à frente e abaixo, modificando seu eixo e deformando também a distribuição das costelas e das vértebras. Ficamos parecido com árvores frágeis que vão se sustentando ao fixar as torções. Quando a câmera abre, também preciso de alguma maquiagem porque as olheiras foram ficando fundas, o sono parco e o trabalho da madrugada bem prolongado. Foi assim que a tela quebrou.

Ter instalado a mesa de trabalho na cozinha foi o que permitiu que as atividades se multiplicassem em simultaneidade. Predominava uma sensação paradoxal entre o caos, a superação e a efetuação das potências do corpo.

A experiência clínica como terapeuta ocupacional junto ao compromisso formativo parece aos poucos dispor arranjos instigantes. O cansaço vem junto a uma vitalidade curiosa, investigativa. Isso também tem a ver com ter feito muita análise... É um esgotamento que muitas vezes dispara uma operação incessante, ininterrupta, noite adentro, vendo a escuridão cessar e os sinais do alvorecer, deliro imagens de dormir como uma égua, em pé, pra já estar em posição de continuar... Lembro do livro de Jonathan Crary, “24/07 – Capitalismo tardio e os fins do sono”, e o pássaro investigado pelo exército americano para descobrir seus mecanismos que o permitem passar sete dias sem dormir, após 24 horas de sono, e transpô-los aos soldados para aumentar seu rendimento. Sinto-me rendendo, incessantemente e insuficientemente sempre. O peso de estar em falta, em falta diante das exigências sociais, mas pior, falta diante do que considero que sou capaz. Os modos de fazer vão evidentemente expressando a incidência de uma produção de subjetividade que nos põe em prontidão ininterrupta. Tudo ao que nos capacitamos, nossa potência deve compulsoriamente efetuar-se em seu grau máximo em tempo máximo.

Penso nisso. E aquém e além disso. E fora disso. Desisto. Sinto a derrota. Deserto. Percebo-me em arrastões. Viver perto de gente torta, ficar torta, parece permitir o método da loucura, ligações insuspeitas, percursos ilógicos, durações em economias que prezam a extensão do tempo, não abreviar, seguir. Recentemente pensei na possibilidade de desejar interrupções radicais (a cegueira, a paralisia, a surdez...) como modos de acessar zonas sensíveis. Isso não negligencia o sofrimento de quem vive permanentemente sob

essas condições, mas convoca algo dessas condições como frequências de percepção vivas, diferenciadas, assim como a experiência com a loucura, que é mais próxima de todos...

Encontro amigas e amigos, e colegas, comparo as vidas, os feitos. Aprecio em espelho seus modos de fazer, de ocupar o espaço-tempo. Muitos se mudam de casa, de cidade; reformam seus espaços domésticos; viajam... e me interrogo por que não ajo assim também. Afirmo uma posição. De recuo à aceleração, de recusa às entregas comunicativas. Isso também parece poder capturar-se capitalisticamente... qualquer diferença singular é passível de tornar-se uma novidade excêntrica. Assim fazemos com os novos estereótipos advindos da diversidade dos tipos humanos, das comidas, roupas, movimentos artísticos.

Meu equipamento quebrou, e eu até me seduzi pela possibilidade de ter feito isso numa espécie de feitiçaria. Tanto eu queria poder não poder mais por algum tempo, em algum espaço.

(gosto muito da ideia do Giorgio Agamben a partir da noção de potência de Aristóteles). Estou seguindo, acossada por esse não poder não poder, e tenho também alegria em estar viva, em poder pensar, em poder fazer.

DOS MODELOS AOS ENCONTROS E IMPROVISACÕES

Aprendi na faculdade muito do que fazer, mas principalmente do que não fazer, a me afastar de modelos. Aprendi muito com “aquilo que não me servia e que gostaria de fazer diferente”. Sempre tive gosto por ampliar, não me restringir, expandir mundos para poder retornar “a casa”. Neste sentido e já pensando em nosso tema da carta, posso dizer que o repertório de atividades que aprendi na faculdade era bem restrito, apesar de interessante para mim, pouco dotada nos “trabalhos manuais”: macramê, marcenaria, um pouco, talvez de pintura, muito pouco. Por outro lado, eu era boa nas dinâmicas que envolvem o corpo inteiro, os movimentos, os gestos, as danças, as expressividades. A arte e particularmente o dançar, sempre me acompanhou. A certa altura tive até um conflito entre tornar-me bailarina ou TO, mas as coisas não são assim tão fáceis, apesar de ter uma imagem de mim como uma criança que sempre dançou. Não é fácil, pois há valores, padrões, modos de ter de ser. Quando me formei, fui para **OUTRO PAÍS EM** um voluntariado. Quando retornei, depois de ganhar 10 quilos de ansiedade e muita comida, fui colocada na fila de traz das apresentações de dança. Já não era a “melhor”, aquela que poderia estar na fila da frente. Tirando o fato de que depois fui ter muitas e muitas outras experiências menos agressivas e muito pelo contrário, prazerosas por demais com a dança, com técnicas corporais, segui com o desejo de reunir estas duas grandes paixões de minha vida. A TO e a dança.

Mas como trazer uma experiência marcante. São tantas:

Arrisco na cena de grupos de mulheres dentro do hospital psiquiátrico onde eu tateava firmemente a “trabalhar com o corpo”. Ali, como em muitos outros momentos, tive a percepção de um corpo automatizado, desprovido de presença encarnada, corpo-vazio. Um corpo pleno de possibilidade, mas vazio, sem oportunidades. Eu sabia que tinha muito a fazer, propor e experimentar com elas, oferecer possibilidades para que alguma coisa pudesse acontecer. (Talvez uma experiência estética), mas não falarei deste conceito aqui. Também me vem à minha memória intensiva, muitas cenas de muitos grupos, workshops, propostas com diferentes populações e contextos, sempre oferecendo inúmeras possibilidades expressivas, compondo linguagens – o corpo que dança, que desenha, que canta, que ri, se diverte e chora, grupos com **PESSOAS** que com alegria me dizem que comigo se encontraram com a TO. Muitas que como eu “não são muito boas “nas atividades manuais” (se é que podemos dizer assim, pois tudo foi mudando, inclusive pensar nestas atividades como “apenas manuais”).

Experiências de amor através de contatos, de improvisação, de rodas e riscos com o objetivo de oferecer (mesmo que às vezes sem sucesso) experiências boas e marcantes que pudessem conviver e até se sobressair frente a outras experiências tão terríveis que cada corpo/vida comporta.

Atualmente e neste momento de pandemia, sigo cultivando os encontros - entre corpo/vidas agora mediada/agenciada pelas ferramentas virtuais. Sigo pensando no corpo, na virtualidade, no tema das presenças. As atividades são dispositivos para o encontro. Mantra, *retornello*. Não um fim, mas um meio de seguirmos juntos, aprendendo e processos formativos no desejo de prosseguir.

EXISTÊNCIA E PRODUÇÃO DE SENTIDO

Terminar um compromisso na internet e por cima do monitor do computador enxergar o quarto, olhar imediatamente para baixo da mesa e puxar o quadro que há muito tempo esperava uma reforma para ir para a parede da cabeceira da cama.

Fecho o computador, estico bem o corpo e de olhos fechados imagino a imagem de sete mulheres conectadas por sua diversidade guardando meu sono. Sorrio.

Sem muito planejamento pego uma tesoura e corto a fita adesiva atrás da moldura, tem parafusos... Preciso da chave de fenda.

Na cozinha, perto da caixa de ferramentas me percebo com fome, adio e embarco na invenção do almoço que me desafia, pois há poucas coisas disponíveis e sem relação óbvia entre si.

Rapidamente começo a criar uma lógica baseada numa comida regional, misturo, adapto e em pouco tempo tenho vontade de fotografar meu prato. Sorrio.

Termino a refeição com um pesar de saudade, faço uma ligação; assisto a um vídeo teórico na internet; me encho de alegria por perceber pleno sentido em muitas das coisas que vivo e questionar completamente outro tanto....

Um chá.

O espelho.

Na cozinha o banquinho, a chave de fenda, a imensidão do fluxo da vida.

Me lembro de quando via meu pai consertando as coisas em casa, das ferramentas, do arsenal que mais parecia um baú mágico. E que esse poder de transformar as coisas era fascinante.

Criar saídas, viabilizar ideias.... Comunicar as verdades da existência a partir dos fazeres. Meus pais sempre foram assim, sempre se relacionaram com o mundo fazendo coisas, em geral intencionados em cuidar de algo, alguém. Pouco de si, é verdade, mas não seria esse jeito a grande lealdade ao que lhes é mais caro?...

Parafusos tirados, emolduro o painel, encontro uma fita que dê jeito no acabamento e pela frente ninguém diria que essa moldura não foi feita pra ele.

Segredos meus. Tesouros de colocar o que sou, como, o que, de onde, num pequeno fragmento de manhã.

Agora que falta a furadeira, penso no lugar da mulher, nos múltiplos seres em coexistência e coprodução fluida, viva, humana. Sorrio.

Aquela leitura feminista necessária e abandonada, que me espia da estante, parece brilhar, soar, me atrai e seguro o livro com carinho e respeito.

Um copo d'água, um incenso, ajeito a almofada, pés no sofá, suspiro e sigo ativando e sendo ativada pelos meus encontros cotidianos.

COLOCAR EM MOVIMENTO, UM PASSO JUNTO PARA OLHAR A SI

Naquele dia, nosso desafio seria experimentar e talvez comprar um biquíni/maiô. Eu faria companhia para ela sentir se algo da loja que fomos a agradava. Comprar o biquíni tinha relação com uma aula que ela teria na faculdade, na qual deveria em trajes de banho fazer um exercício em sala, de observação do movimento corporal. Ela estava contando dessa situação nos últimos encontros que tivemos e de todo o desconforto que isso a trazia. Em nossas conversas sobre a possibilidade de não fazer esse exercício, havia uma colocação como algo impositivo da disciplina, uma obrigatoriedade, que me soava mais como um desafio com o corpo para ser atravessado. Desafios relativos à imagem corporal e ao compartilhamento das questões estéticas são sempre muito difíceis. E assim, sugeri que vivêssemos algo disso juntas e que pudéssemos ir comprar a peça.

O primeiro passo foi negociar o dinheiro, que envolveu conversar com sua mãe sobre o que ela faria em sua ausência. Não foi tranquilo. Nas conversas ela dizia que tinha perdido a aula pois sua mãe, que tinha ficado de comprar a roupa de banho, não havia comprado ainda. A mãe resistiu e demorou para liberar uma quantia para a filha que seria suficiente para tentar comprar algo. Uma vez em posse do dinheiro, no máximo 150 reais, marcamos uma data para irmos numa loja. Fomos juntas e num misto de vergonha e excitação a jovem observou todos os produtos, pegou em alguns, deu muita risada e após alguns minutos de perambulação teve coragem de ir ao provador.

Colocou algumas peças, me mostrou um pouco, mas decidiu que não compraria nada. Nada a agradou. Voltamos para o serviço e passamos a conversar sobre como era difícil encontrar um estilo. Por toda a sua vida foi sua mãe quem fez todas as compras das roupas que ela usava, a partir da lógica religiosa que habitavam e de uma posição de corpo fora dos padrões. Iniciamos uma conversa sobre outras aventuras desejáveis, como a circulação por lojas de departamento juntas.

Terminada essa ação era preciso que eu a enquadrasse numa das formas de registrar a produção: ação de reabilitação psicossocial, de contratualidade, de autonomia? Como decidir e como dizer de um pequeno gesto, que por algumas óticas poderia ter sido um gesto falho já que o biquíni não foi comprado, mas que para mim dizia de um passo no caminho da construção de um olhar para si e do cuidar de si afirmativo que é tão difícil de ser feito por mulheres, ainda mais no contexto evangélico, com uma história de violência corporal? Como construir palavras/linguagens para dizer da nossa tentativa juntas naquela manhã?

CESSAR ATIVIDADE? MOBILIZAÇÕES, DESDOBRAMENTOS E CONTINUIDADES

Me escrevo,

[digo-o em duplo sentido escrevo para mim sobre mim e por isso mesmo me reescrevo, me reinscrevo em mim mesma contando a mim algo de minha vida... uma história minha.... algo que diz e é meu ser.]

e, essa cena ainda é, existe em acontecimento em mim, isto é, desdobra-se em novas cenas, mais cenas... o tão antigo e duradouro acontecimento-em-mim... desdobra-se em vidaviver...

sou menina... filha... filha mais velha e ela é mãe, professora de desenho e uma exímia desenhista. eu menina-filha sei que ela é exímia desenhista pois vejo seus antigos trabalhos de desenho artístico.

agora quando tenho uns 9 anos ela não desenha mais como artista, tem muitos/outras afazeres: quatro filhos, marido e casa para cuidar e mais, tem uma profissão, é professora de desenho em escola pública, com uma carga horária de trabalho que às vezes chega a 40 horas-aula semanais.

desde sempre é clara minha consciência sobre essa sua realidade de excesso de afazeres e o deixar de lado/abandonar/desistir do desenho/arte e essa consciência opera como uma força que me intriga: Por que? Como? ela desenha tão bem ...são lindos.... de algum modo por vezes me culpa por ser um dos motivos de sua desistência, afinal cuidar de mim-filha faz parte daquele excesso de afazeres.... e de algum outro modo, opera uma força junto ao que em mim é o esplendor de sua arte.

essas forças me atingem e me instigam a imitar/imitá-la...dar continuidade/continuá-la... ser ela, possuir aquele dom que tanto admiro até hoje... foi nesse fazer que meu amor, minha afeição por ela mais se efetuiu... existiu e existe.

a cena se repete muitas tardes durante meus anos iniciais no ensino fundamental (o primário naquela época):

estamos sempre na mesa da copa, onde fazemos as refeições, ela senta ao meu lado e vai me acompanhando com leveza, ideias, sugestões e orientações técnicas de desenho ou pintura para um mapa de história, para uma ilustração de uma redação ou pode ser para a imagem de uma vegetação. guardo até hoje o élan - mistura de alegria e entusiasmo pela vida - da experiência de aprender a desenhar uma árvore com galhos que se bifurcam...com raízes que descem à terra ...ou por ela me ensinar a reproduzir um desenho/imagem por meio de quadricular a imagem e trabalhar proporcionalmente as partes... e mais: como criar tons diversos misturando as cores dos lápis... ou aumentando e suavizando a pressão do lápis no papel, ou me mostrar como colorir em degradê... toda a teoria das cores no arco-íris/prisma da luz, as primárias, as complementares, os contrastes ... e desenhar em perspectiva, como dar volume...como por sombra e luz.

bem...não esqueço o primeiro céu que fiz em textura esfumada com o pó do lápis: que alegria! que surpresa! então pode! então é assim!!!! como não esqueço o modo como me ensinou a ver tantas e tantas cores e suas nuances, como abriu meus olhos: olha aquele rosa ali... tão bonito... é um rosa bem claro, pastel e tem um pouquinho de amarelo... só um pouquinho por isso não chega a ser a cor pêssego, é um rosa que traz na lembrança a cor pêssego... ali eu tinha uma outra mãe uma mãe alegre leve que não me obrigava, não mandava em mim...não me interditava ou me engessava, como nas idas ao cabelereiro desde os 7anos de idade! pra ficar bonita...eu era feia!? e, principalmente tinha uma mãe que gostava... se agradava com o que eu fazia, penso agora que talvez pra ela fosse um tempo de estar com a arte com o desenho/colorir e mais estar com algo que eu agora identifico: a filha-mulher possibilidade de continuidade...no caso eu. ela-desenho também é continuidade ...da mãe... do avô materno.

foi só agora, nesse relatar, que me dei conta do efeito dessa outra mãe, mãe que eu gosto e que eu a reencontrei e reencontro sempre em cenas em que fazemos ou falamos algo sobre arte/desenho/pintura... sua terra.

toda vez que consigo instalar em mim o desenharriscarpintarcolorir em liberdade eu sou inequivocamente e abençoadamente feliz, eu sou pura potência de ser e alegriasatisfação de existir...não é euforia é força de vida, encontro de si.

esse narrar des_dobra - como diria Foucault? - cria novas subjetivações... no escrever, no desenhar traçar...no pintar, no perceber, no pensar atividade humana, no saber sobre minha vida, no amor de filha... esse narrar doa, gesta e gera profundidade no ser... no meu ser. profundidade diz: silêncio e amplidão...

interioridade-intimidade.

caro outro-leitor:

revisei criteriosamente a redação dessa narrativa, corriji tudo o que quis modificar, não há qualquer equívoco, tudo está escrito como deve estar escrito, cada palavra composta com hífen, cada palavracontínua, cada palavra cortada, cada ausência, cada formatação, cada sinal tudo é signo da minha linguagem(sentir, pensamento...singularidade) ... é minha línguaviagem, meu ser em pura afirmatividade. E tudo, em termos de redação, que aconteceu por acaso, ou seja, por fluxo livre foi mantido, são verdades de ato/fato.

AFETOS COTIDIANOS

Ouço, bem distante, alguns barulhos. São leves, mas me fazem ir despertando do sono. Som de água caindo. Tento identificar: é o chuveiro ligado. O barulho de água vai se mesclando com o som de fora... passarinhos, os ruídos na casa do vizinho, um carro que passa na rua. Não abro os olhos. Me certifico que não estou mais dormindo. Que pena... sinto o desejo de continuar dormindo, de ficar um pouco mais no sonho, continuar na cena que foi se evaporando enquanto eu estava tentando a recompor. E assim vou percebendo que já estou desperta e me questiono internamente: será que já está tarde? Estou atrasada? Sinto com os pés e perna dois dos cachorros deitados na ponta da cama, me alegro. Abro aos poucos os olhos e os meus movimentos sinalizam para eles (os cachorros) que acordei. Eles também se movimentam, levantam e espreguiçam comigo. Dou e recebo afagos. Quase instintivamente viro para o lado e pego o telefone que está na minha esquerda para ver as horas. Constato que falta vinte para as sete. – Está na hora de me levantar. Ao ver o horário, começo a repassar mentalmente alguns dos compromissos da manhã... Ah! E tem aquelas pendências do que não finalizei ontem. Uma sensação de apreensão. - Será que conseguirei fazer isso agora pela manhã? Ihh, havia esquecido, tenho que entregar o relatório da universidade hoje. Enquanto penso, olho para uma peça de roupa pendurada na porta do guarda roupa, lembro que não lavei as roupas esta semana... Planejo colocá-las para lavar antes de começar a trabalhar. Vejo as mensagens que recebi ontem depois que já tinha adormecido. Um pensamento entrecorta os demais: - Será que meu sobrinho dormiu bem essa noite? Meu companheiro entra no quarto para ver se já acordei. Ganho bom dia e um beijo com a pergunta brincante diária: - Não vai se levantar hoje, não? Sorrio e digo que irei me levantar já. Respondo a duas mensagens pendentes e me levanto. Vou ao banheiro, faço xixi, lavo o rosto e me olho no espelho. Me sinto descabelada, mas não mecho no cabelo, acho divertido. – Nossa, fazia tantos anos que não tinha o cabelo para baixo do ombro. De pijama vou até a sala e abro a porta para os cachorros saírem no quintal, vão correndo e latindo em direção ao portão. Penso: o gatinho deve estar aí por perto. Sigo os cachorros para ver se o gato está na calçada. Não o vejo. Vou para cozinha e vejo que a água está no fogo para o café. Vou então esquentar algumas fatias de pão (hábito que que aprendi com meu companheiro.. e não é que o pão ganha um gostinho de mais fresco?!). Vou fazer o café e coloco um pouquinho de canela no pó. Gosto do sabor e do cheiro da canela quando sai a fumacinha da xícara. Meu companheiro coloca a mesa, duas xícaras, dois pratos pequenos, talheres, manteiga e um pedaço de queijo. Nos sentamos juntos para tomar o café, conversando sobre a noite que foi e o dia que está sendo, sobre as notícias, sobre as angústias, sobre a vida.

DESAFIOS E POTÊNCIAS QUE SE TORNAM PULSO DE VIDA

Escolhi a cena da primeira vez que meu grupo de dança livre dançou em um teatro. Composto por três bailarinas, cada uma com seu jeitinho e suas peculiaridades, o trio ensaiou muito e se apresentou com a coreografia de minha autoria: através da janela.

Três meninas muito diferentes. Duas cadeirantes, uma delas com outras deficiências associadas e uma criança sem deficiência. Uma branca, duas pretas. Uma que queria estar no teatro porque era onde se sentia querida e era o foco das atenções, a outra porque era muito divertido e a outra para mostrar do que era capaz para sua mãe.

Uma com 13 anos, outra com 11 e outra com 10.

E eu. A professora de dança, coreógrafa e terapeuta ocupacional. Sendo eu essa pessoa, com essa missão, pensei estratégias variadas para criar a coreografia. Tivemos grandes desafios: decorar uma sequência, escolher um objeto cênico que pudesse ser movimentado com facilidade da cadeira, criar movimentos com e na cadeira sendo que não eram cadeiras apropriadas para a dança.

Tivemos também várias potências: conjuntos de passos que as meninas coreografaram improvisando, muita colaboração e determinação (ensaios e mais ensaios e mais ensaios) e também criar movimentos com e na cadeira.

Sim, a cadeira acabou sendo neste processo uma mistura entre desafio e potência.

Após uns 5 meses, era o dia de se apresentar para 400 pessoas em um teatro. Era uma competição. Porque na dança ainda temos muito poucas mostras avaliadas não competitivas, e sim, nós queríamos participar de verdade. Nós fomos muito bem, um terceiro lugar com elogios para a coreografia e a criatividade, que foi parte de um processo construído junto com as meninas. Nossa janela cênica foi uma quarta integrante do grupo se deslocando e dançando junto e isso agradou os olhos do público.

As meninas lembraram a coreografia e fizeram tudo que puderam. Alguns erros, mas muitas conquistas. Que memória mais afetiva.

A dança tomou grande parte da vida dessas meninas também, ela se tornou pulso, desejo, sonho, desafio, estudo.

Das limitações de cada uma criamos possibilidades nos movimentos. Aproveitando para trabalhar tais limitações e minimizá-las, ampliando novos repertórios de força, amplitude, mobilidade, cognição.

De emoção, de ritmo, de afeto.

Nos aceitamos e nos incomodamos, nos afetamos e nos transformamos. Cada aula as relações traziam novas considerações sobre nossas formas de existir, ser, fazer.

Dançar!

FORMAR-SE TERAPEUTA OCUPACIONAL AO FAZER, PENSAR E RECONHECER

Ingressamos em uma profissão que nos incumbia de intervir sobre a ocupação dos sujeitos. Mas como identificar essas ocupações? Como intervir sobre elas? E, afinal, ocupação é um termo que abarca, de forma crítica e consciente, toda a complexidade dos fazeres do terapeuta ocupacional?

No caminhar do meu processo formativo, compreendi que ocupação era um termo limitado e ahistórico, não era contextualizado à realidade e linguagem do português utilizado no Brasil. Com essa percepção, iniciei a busca por palavras e conceitos, já usados pela terapia ocupacional, que referenciassem aquilo que eu acreditava definir a potência e complexidade da ação terapêutica ocupacional. Encontrei duas que se apresentaram para mim de forma bastante integrada e articulada: cotidiano e atividade humana. Compreendo os termos como complementares entre si: as atividades humanas são as ações realizadas no cotidiano da vida comum, de forma reflexiva, consciente e passíveis de promoverem a transformação do sujeito e das relações à sua volta.

Assim, em minhas experiências enquanto terapeuta ocupacional procurava identificar, em conjunto com os sujeitos ou grupos acompanhados, quais eram as atividades que realizavam em seu cotidiano, principalmente aquelas vinculadas às histórias de vida e ao contexto em que viviam, que despertavam sua reflexão e que o colocassem em contato com o coletivo e com a realidade sócio histórico.

Dentre as lembranças que me vem dessas experiências, correlaciono muitas vivências nas quais lancei mão das artes para despertar o processo de reflexão com os sujeitos acompanhados: literatura, música, filmes. Uma das últimas experiências que me recordo foi uma sessão de cinema que fizemos com um grupo de crianças. Fazíamos encontros com as crianças a cada quinze dias, e frequentemente percebíamos uma percepção equivocada do que era meio ambiente, natureza e responsabilidade coletiva. Para trazer essa discussão ao grupo, planejamos uma sessão de cinema com intuito de despertar o interesse na temática. O filme escolhido foi Wall E. A sessão iniciou com pipocas jogadas pela sala, trocas constantes de copos plásticos e embalagens de plástico pelo chão. No desenrolar do filme e da reflexão provocada pelas cenas, as crianças foram se ajeitando, olhando para os cantos da sala e recolhendo os produtos jogados. Ao final do filme, a conversa foi conduzida por elas que se perceberam como corresponsáveis pelo meio onde vivem, puderam reconhecer de forma crítica as ações que faziam e criaram estratégias para se apoiarem no processo de cuidado do meio ambiente, como atividades dentro da ONG que participavam e alertas coletivos quando alguém cometesse alguma “infração”.

No acompanhamento individual, me lembro do processo que construí com Dona **LINDA**. Ela era uma mulher idosa que vivia sozinha e tinha o diagnóstico de esquizofrenia. No nosso caminhar em conjunto, fomos reconhecendo que o fazer manual era uma atividade significativa em sua vida, uma atividade que centralizava sua atenção, fala e percepção de si e do entorno que a circundava. O crochê, por exemplo, era uma atividade artesanal que já compunha sua dinâmica cotidiana. Ao reconhecê-la, passamos a inseri-la em nosso processo para aguçar a reflexão, para auxiliar na condução das conversas e dos projetos. Te escrevo essas linhas, terapeuta ocupacional, para te contar que a terapia ocupacional se desenha para nós no processo, no reconhecimento diário da prática profissional, acadêmica, da pesquisa.

MEMÓRIAS, AFETOS, SENTIDOS E SIGNIFICADOS MÚLTIPLOS. TRANSVERSAIS

Observo minha avó, estou com minha avó, contemplo...participo...sinto...ela, uma mulher que cuida da casa, da neta e tece para ganhar algum dinheiro, além de tantas outras coisas que faz cotidianamente, e que acompanho, atentamente entregue, porque sou criança, e porque sou

...eu, uma criança de três, quatro anos, não mais que isso certamente (sim, tenho uma memória da primeira infância muito presente).

Nós estamos em sua casa, a casa em que passei grande parte dos dias da minha vida até os quatro anos, e outros tantos dias depois disso...minha casa...na minha rua...rua da infância, casa da infância...ninho...comunidade...referências...ali, sem dúvida, aprendi muito sobre as atividades humanas, e seus significados e sentidos múltiplos – sociais, culturais, econômicos, políticos, singulares...

Se destacam atividades com minha avó, nesse tempo, assim como com minha mãe, pai e avô...atividades interconectadas na produção de modos de ser, fazer, sentir e pensar...

Estamos sentadas no “alpendre”, minha avó e eu – alpendre é como diziam antigamente, dos espaços da casa que “davam para a rua”, normalmente abertos, sem muros ou grades altas, sem cercas elétricas, com cadeiras, plantas, redes, e muita contemplação da vida que passa. Lugar que comunica diretamente com a rua, os vizinhos, a vida comunitária...aquela rua, naquela cidade onde nasci, é (àquele tempo) uma comunidade...vizinhos se socorrem, velam as mortes, compartilham comida, fazem festas juntos, maldizem uns aos outros, brigam, fazem as pazes, celebram nascimentos, casam entre si, criam filhos juntos, tomam café da tarde em volta da mesa quase todas as tardes, trocam medicamentos naturais e artificiais... – nascem, crescem, reproduzem e morrem...e no meio disso, criam e compartilham sentidos na re-produção da vida social.

Voltemos ao alpendre – minha avó está sentada em uma cadeira, e eu no chão na sua frente...ela descasca laranjas...em torno da atividade básica de alimentar-se e alimentar os outros, tantos significados, tantos sentidos...naquela época não era tão fácil desembalar coisas, ...era mais comum descascar - nem havia tantas embalagens assim. Arroz, feijão, a gente comprava no mercadinho tirando um tanto dos baldes a granel, colocava no saquinho de papel e pesava na balança de pesos - naquela família, de tradição ligada às fazendas (seja como escravos, seja como proprietários) as frutas são para comer, para brincar, para roubar no terreno alheio e rir muito com as histórias, para fazer outras comidas, para sarar, para fortalecer os vínculos – “ô Dona **DORA**, a estação de manga tá chegando, vou trazer um saco pra senhora!” “Semana que vem vamos na fazenda do irmão do seu avô, chupar as jabuticabas dos pés, que tão carregados” (palavras ditas entre a rua e o alpendre).

Sentidos e significados múltiplos, que na memória afetiva da criança cuidada, centra-se na potência alegre que desemboca em um amor pelas frutas e pelos afetos-acontecimentos de vida...mas que o pensamento ao longo desses anos, em conexão com outras passagens, alcança mais dimensões...

...como a mãe dessa menina, que saía de casa às 6 horas da manhã e voltava às 7 horas da noite, exausta, com o “peso do mundo nas costas” - da exploração da força de trabalho; da desvalorização da mulher na empresa e em casa, e em todo lugar; da saudade da filha que teve que deixar outra pessoas cuidar; das dores de um casamento marcado pela violência patriarcal, que era/é do marido, mas não só; da casa que estaria suja à espera de uma faxina no final de semana, em que a única saída seria se afastar mais um tanto da filha para cumprir suas obrigações e merecer uma migalha de reconhecimento. No fim da noite de sábado, elas duas, mãe e filha, enfim estariam juntas...esperando madrugada a dentro

aquele homem, que estava descumprindo o compromisso afetivo-amoroso-de cuidado, e mantendo fiel o compromisso com o patriarcado.

Esse mesmo homem_marido_filho_pai...com trabalho autônomo instável, tinha mais tempo nessa época para estar com a filha. Em um desses dias de alpendre, avó e laranja (talvez esse mesmo dia)...eu me cortei, não sei como...mexi na faca em algum momento? Não me lembro (afinal, é tenra a fidedignidade factual e sequencial das memórias de infância)...mas bem lembro que chorei...e meu pai enrolou meu dedo sangrando em um pedaço de papel suave e me levou para casa...ao me colocar no berço, lembro de me dizer que se eu adormecesse, o machucado sararia e quando acordasse não teria mais nada com o que me preocupar. E lembro de acordar, a sensação de aconchego, calma...e lembro de sentir-pensar em como meu pai era esperto...e como sarou meu machucado com cuidado e amor.

A partir da leitura das cartas começo a perceber uma possível diferenciação nas expressões das(os) terapeutas ocupacionais sobre os enunciados atividade(s) humana(s) e apenas atividade(s). Apesar do perigoso achatamento da polissemia e da complexidade envolvida com as duas expressões, algumas narrativas referiram sobre a atividade humana ao relatar o que se observava ou refletia, já em cenas relacionadas a proposições em terapia ocupacional, mencionava-se atividade. Isso poderia indicar uma enunciação diferente para o que se observa no outro e para o que se propõe na atuação profissional. O que pode ter se destacado com a experiência de olhar para o acontecimento em sua vida, independente da atuação profissional, favorecendo esse deslocamento da perspectiva para lugares de menor controle e maior imprevisibilidade, como a vida é. Contudo, essa escolha terminológica também pode estar acompanhando uma crítica colocada sobre o antropocentrismo e a produtividade, justificando o não uso do qualitativo “humana” para atividade.

Em relação à construção narrativa, alguns elementos se destacaram como inquietações sobre fazer-pensar atividade humana, que convocam a terapia ocupacional, dos quais proponho quatro analisadores: percepção e significação de singularidades; momento da proposição, articulação e agenciamento; processo e produção conjunta; apreciação do acontecimento. Na cartografia, depara-se com muitas dúvidas e nenhuma certeza, mas os analisadores aparecem como elementos de análise que visam revelar processos desnaturalizando-os, tirando-os da possibilidade de reprodução simplista e mostrando de forma sintética o silenciado em torno do que e do como se institui. Analisar, nesse sentido, implica em invenção, conexão e transgressão, torna-se uma abertura ao devir, cabendo ao cartógrafo cuidar para que não se transforme em disciplinarização (BARROS; BARROS, 2014).

Percepção e significação de singularidades

Narrar atividades convocou a apresentação de dinâmicas cotidianas, modos de vida, memórias afetivas ou laços prévios nos quais a pessoa que protagoniza a cena se insere ou se relaciona no acontecimento relatado. Também resgatou contextualizações históricas, sociais e culturais, dentre outras, que compõem uma constelação singular situada sobre as condições que envolvem tal acontecimento. Há um agenciamento de diferentes elementos singulares nesse

acontecer relacionados a pessoas, contextos, expressões culturais da atividade (materiais e/ou imateriais) envolvida e as múltiplas relações entre eles.

A narração desse agenciamento configura um processo de significação de uma singularidade descritível pela perspectiva de quem narra, seja enquanto protagonista ou na observação da cena. Destaca-se a percepção corporal, características físicas e gestos desse corpo protagonista que se movimenta, a forma que se movimenta, porém não analisando sob uma métrica interventiva, mas sim com atenção àquela presença e como se realiza em ato, como está posicionada no espaço e se relaciona com objetos. Cabe também apontar relações com outros fazeres e saberes, assim como destacar sentimentos e emoções. Como a singularização se torna uma composição daquilo que se destaca ao seu olhar e conduz a uma significação, podemos compreender que esse processo complexo dependerá de sua perspectiva e implicação, o que a tornará diferente para cada envolvido no acontecimento (seja terapeuta ocupacional ou não).

Com isso, dois mitos da terapia ocupacional podem ser repensados, o da “atividade significativa” e do “olhar da terapia ocupacional”. O primeiro diz de uma busca por aquilo que possa ser considerado significativo, quase como um tesouro inato, mas nem sempre existe previamente ou se mantém quase imóvel como uma fruta que pode ser avistada e colhida pelo profissional capacitado, isso porque os significados são constantemente produzidos, modificados e podem nem ter sido percebidos. E, quando o processo significativo acontece na soma de diferentes perspectivas e implicações, será possível construir sentidos comuns, o que se torna mais importante do que os significados em si.

O mito “do olhar” se tornou uma justificativa vaga da contribuição profissional, porém, aqui mapeamos pistas concretas que conduzem análises que configuram um saber-fazer, reflexividade ou raciocínio em terapia ocupacional, implicando observação ativa e escuta sensível sobre a complexidade de condições de existência, contextos, atividades e relações. Essa postura profissional foi apreendida e refinada durante a formação graduada para acolher a singularidade do acontecimento, no encontro e na partilha de um momento comum, recuperando momentos e contextos outros (sócio, histórico, culturais, políticos, econômicos, dentre outros) que participam da configuração de significados singulares e processuais, já que considera as pessoas enquanto seres ativos que se transformam.

Essas pistas ajudam a contar sobre uma práxis profissional e dizem sobre a impossibilidade de seu achatamento e reprodutividade mecânica, linear e positivista. Contudo, a tentativa de simplificá-la também pode alimentar mitos profissionais. Podemos dizer que a

construção de uma perspectiva complexa e processual, que ressignifica o que foi chamado de análise da atividade, diz sobre uma especificidade da terapia ocupacional e agrega valor profundo à contribuição profissional.

Momento da proposição, articulação e agenciamento

Considerando a qualidade da presença e da concentração investidas, percebe-se momentos que se tornam disponíveis a proposições, articulações ou agenciamentos, são apostas que colocam a situação em um movimento novo e mostram aberturas para criação. Esse investimento pode se dar no acontecimento ou posteriormente, pois a atividade e a significação não cessam com o acontecimento, podem perdurar e se transformar requerendo outras elaborações e mobilizações. Isso aparece por meio de questões reflexivas ou perguntas formuladas após se deparar com algo inesperado (sentimento ou situação) ou quando se quer aprofundar algo que ficou pouco aparente, podendo direcionar as perguntas a outra pessoa ou apenas alimentando sua reflexividade.

Há uma percepção de algo como “eu vejo uma abertura e posso provocar algo aqui”, junto a uma segurança diante da impossibilidade de controlar ou garantir um resultado específico. Com isso, assume-se uma postura generosa com o acompanhamento singelo das experiências do viver, participando do movimento da vida humana em constante atividade. Perceber o momento de sugerir, de questionar, de tensionar, de deslocar, de articular, de conectar, de agenciar relações é tão importante quanto a proposição em si. Essa interação contribui para a conscientização do movimento da vida, indo além de uma intervenção pontual.

Para que essa atenção, escuta, disposição corporal e postura ética se construa, é necessário experimentar essa produção em si, o que requer um processo formativo que permita tal preparação e condução de interações sutis. Com a desconstrução de um modelo intervencionista, verticalizado e controlado, a concepção da atividade humana se forma na composição corporal e experiencial do fazer-saber terapia ocupacional, na percepção e elaboração da própria atividade profissional e de sua contribuição social distanciada de fórmulas e conceitos fechados e reproduzíveis.

Processo e produção conjunta

O princípio do estar com o outro e fazer junto, a compreensão de que não se faz nada sozinho e o investimento no compartilhamento se destacam nos relatos. Isso aparece na atenção

à forma e ao ritmo de encontrar e agir conjuntamente, o que implica no cuidado e na preparação desse encontro e no acolhimento do que pode derivar dele. Nesse processo, volta-se para a percepção e constituição de si ou do coletivo, como resultante dessa experiência compartilhada, o que incide na formulação individual-coletiva. O fortalecimento dessa relação gera um corpo-coletivo mais preparado para quaisquer enfrentamentos e para perceber as produções e possíveis desdobramentos. Pois os “resultados” podem diferir das expectativas, podem “não se realizar” ou ficarem “inconcluídos” e, ainda assim, serem vistos como interessantes e importantes no processo: são acontecimentos da vida, não se sabe o que pode acontecer, mas se aposta na forma coletiva de se passar por eles.

Em um relato técnico tradicional, lidar com o imprevisto ou incontrolável não seria visto como resultado esperado e poderia gerar frustração profissional. Porém, ao acompanhar a atividade humana sem propósitos definidos e fixados, perde-se a necessidade de controle das ações ou mesmo a dependência de um significado antecipado que a determine previamente com alguma função, como característica de uma intervenção linear clássica. Nas cartas-narrativas, a racionalidade terapêutica que visa a recuperação de prejuízos, fragilidades ou vulnerabilidades – o suprimento de algo visto como falta – não se apresenta, mas se configura um cuidado com os encontros e seus desdobramentos.

Aqui aparece uma compreensão de atividade humana como ação eminentemente coletiva, que acessa um plano comum, mesmo quando o acontecimento aparece “isolado”, isso porque nenhuma produção humana se dá sem precedentes, sem que outras atividades, experiências e seus produtos tenham existido e constituído uma configuração que tornou possível o fazer observado pontualmente. Essa é a característica cultural que marca todas as atividades e o modo de realizá-las. E compreender e estimular essa condição coletiva é também o próprio investimento na produção cultural conjuntamente com quem dedica a atuação profissional.

Apreciação do acontecimento

Com os apontamentos colocados, vemos que há contextos singulares, significados, proposições, articulações, agenciamentos, processo, produção, produtos, mobilizações, há meios para que algo novo aconteça, mas não há fins determinados a priori. Há apreciação dos acontecimentos e há motivos e sustentação para seguir. A apreciação aparece nas narrativas ao revelar o que sentiu, os impactos formativos, o que apreendeu da experiência, o que elaborou e

estimulou a reflexividade como terapeuta ocupacional, o seu saber-fazer acumulado, a conexão com memórias e sentidos do repertório profissional e de outras experiências e afetividades.

Essa apreciação do acontecimento, de si e das relações conduz ao reconhecimento dessa tecitura que se relaciona também com a valorização da terapia ocupacional. Ser profissional não é renunciar sua implicação, uma visão situada e sentidos particulares, essas variáveis são relevantes para o estabelecimento de processos compartilhados de cuidado e para a afirmação enquanto terapeuta ocupacional. Esses sentidos pessoais incorporados, inclusive, podem estar ressignificados pelo encontro com referências teórico-metodológicas, poéticas e de outras experiências da vida, que contribuem para uma expressão autoral e para o reconhecimento do impacto do que promove.

Na apreciação há um resgate da celebração da vida, de estar vivo, do encontro e produção de possibilidades e comunidades com os outros. É uma consideração generosa da própria produção de afetividade, de subjetividade e de vida, é uma valorização do investimento amoroso no cuidado cotidiano. O que resgata memórias profissionais da terapia ocupacional junto à organização das festas e comemorações nos calendários institucionais, porém em outra condição de sensibilidade, pertencimento e construção de sentidos, dessa forma, menos amarrados a construções sociais e moralidades disciplinadoras, sem a justificativa da inserção de alguma dimensão requisitada como o lazer – quando este se torna meta a ser cumprida. A possibilidade de celebrar o prazer da vida, seja nos mínimos movimentos ou pequenos gestos, ganha outra permeabilidade nessa concepção de atividade humana que acompanha o fluir da vida e sua apreciação também acontece processualmente.

Apreciar a atividade humana, conceber uma terapia ocupacional

As cartas apresentam compreensões sobre a atividade humana, utilizando essa e/ou outras terminologias, o que compõem tecituras de significados, que, alinhavados são:

----- atividade livre e criativa -----
----- atividades se multiplicam em muitas outras -----
----- as atividades são as pontes onde os encontros acontecem, se efetuam -----
----- as atividades são dispositivos para o encontro, não um fim, um meio de seguirmos juntos, aprendendo, são processos formativos no desejo de prosseguir -----
----- toda atividade é multiplicidade e em rede de atividades-seres-mundos num *continuum* e tecem-se novas redes de atividades-seres-mundos -----

----- uma teia de múltiplos significados, na produção plural de afetos e sentidos -----
----- sempre em movimento -----
----- atividades envolvem outras camadas do corpo e outras dimensões -----
----- corpo e atividade/ação, fazer, estão intimamente ligados -----
----- ativação de criações que ocorrem no fluxo contínuo e ininterrupto da existência;
desdobra-se em vida-viver -----
----- cada ação é plena de afirmações, conexões, esvaziamentos, confrontações, emoções, reflexões -----
----- potência e complexidade da ação -----
----- os modos de fazer expressam a incidência de uma produção de subjetividade -----
----- cria novas subjetivações -----
----- cotidiano e atividade humana são bastante integrados e articulados -----
----- as atividades humanas são as ações realizadas no cotidiano da vida comum, de forma reflexiva,
conscientes e passíveis de promoverem a transformação do sujeito e das relações à sua volta -----
----- são vinculadas às histórias de vida e ao contexto em que viviam -----
----- atividades humanas, atividades, fazeres, ações desenvolvidas por indivíduos e grupos humanos,
com signos culturais coletivos compartilhados, que envolvem significados e sentidos diversos (e
também singulares) na produção da vida em sociedade -----
----- no perceber, no pensar atividade humana, no saber sobre a vida, do, gesta
e gera profundidade no ser -----
----- atividades humanas no contexto da produção social, cultural, econômica, histórica e política,
singular e coletivas, complexas -----
----- atividade humana: conceito ocidental, na perspectiva científica moderna de “humano” -----

Junto com isso, acabam indicando formas diferentes de atuar em terapia ocupacional ao se dedicarem à atividade humana, o que envolve outros alinhavos na tecitura:

----- preparar encontros, escutar histórias vividas, acolher múltiplas demandas, acompanhar os fazeres
do corpo e da atividade -----
----- acolher a experiência de sofrimento e de prazer -----
----- cuidar das redes de afeto -----
----- pensar e vivenciar as atividades coletivamente -----
----- possibilitar novas formas e experimentações -----
----- garantir grupos abertos às experimentações -----
----- manter um processo criativo -----
----- criar movimentos, vendo as limitações como possibilidades de criação -----
----- perceber-sentir-pensar-viver as atividades humanas, acontecimentos de vida -----

----- aguçar a reflexão -----
----- facilitar processos -----
----- promover experiências de amor através de contatos, improvisação e rodas, acolhendo
seus riscos -----
----- mediar a convivência e o trabalho relacional no cuidado cotidiano -----
----- promover agenciamentos e a construção de uma rede de sustentação para cuidar da
continuidade da existência -----
----- proporcionar reflexão sobre o cuidado vincular -----
----- manter conexão e responsabilização pela população em situação de vulnerabilidade e
risco social -----
----- tratar em liberdade, na vida e no cotidiano simples e complexo das pessoas, adentrando nas
histórias de vida das famílias -----
----- pensar o corpo, a vida e o fazer, as atividades, em suas múltiplas possibilidades,
singularidades, a seu modo sempre no “possível” para aquela vida em particular -----
----- compreender o corpo como digno de atenção que se revela como fonte inesgotável do
ser-fazer-tornar-se, transmutar-se -----

As compreensões sobre os desdobramentos das atuações também se alinhavam:

----- experimentar a vida fluindo, se fazendo no tempo -----
----- habitar o vivido e aí permanecer, nos demorar, o que nos permite abrigar e cuidar de certas
afecções -----
----- afirmação de quem se é e do que realiza -----
----- reconhecer seu desejo, afirmar seu gesto e inscrevê-lo na história -----
----- conexão entre ideia imaginativa e efetuação gestual -----
----- ampliar novos repertórios de força, amplitude, mobilidade, cognição, emoção, ritmo, afeto -----
----- organicidade e vitalidade corporal constituída por forças autorregeneradoras -----
----- processo de organização de presença, autorização de si -----
----- um passo no caminho da construção de um olhar para si e do cuidar de si afirmativo -----
----- descobrir que é possível ser diferente -----
----- muitas descobertas e algumas bem difíceis de lidar -----
----- oferecer (mesmo que às vezes sem sucesso) experiências boas e marcantes que possam
conviver e até se sobressair frente a outras experiências tão terríveis que cada corpo/vida comporta ----
----- descobertas de si e encontro com outros corpos muito potentes -----
----- oportunidade de olhar para o modo como faz e realiza o que planeja em suas vidas e o
modo como convive com as pessoas, alteridade -----

----- comunicação prática -----
----- fazer comunitário -----
----- repertório comum -----
----- colocar em contato com o coletivo e com a realidade -----
----- engajamento político na construção de novas possibilidades de vida e re-existência -----
----- princípio de um movimento político de autonomia e emancipação fundamentais, com
problemas, com diferenças, com vontade de resolver a situação -----
----- imprimir visualidades e circulação de um contingente populacional que está à margem dos
processos socioculturais hegemônicos -----
----- sentido de potência de vida -----
----- potencializa aberturas num continuum processual da vida -----
----- aumenta a potência de ação e de fazer revoluções, pequenas, mas permanentes -----
----- mais vida no sentido da criação produção da vida, do ser/modos de ser no mundo e de
mundos para ser -----
----- tornar pulso, desejo, sonho, desafio, estudo -----
----- nos afetar e transformar -----

Aparece uma emergência de terapias ocupacionais que não mais se dedicam à correção de algo que falta, é insuficiente ou está fora do padrão, nem buscam o controle, a contenção e a sobreposição de valores que determinem funcionalidades, mas que reconhecem formas e fluxos de vida, dedicando-se a estimular novos caminhos, favorecer trocas culturais e ações coletivas no mundo, reconhecendo-o também em suas durezas e belezas. E, nessa apreciação do encontro de narrativas, um novo acontecimento emerge, um agenciamento coletivo de enunciação sobre a atividade humana, suas alianças e possibilidades de produção de sentido. Assim, há um reconhecimento mútuo onde se confunde o *eu* e o *nós* nessa produção partilhada.

As obrigações

Tudo seguiu sem grandes intercorrências, disciplinas obrigatórias, disciplinas optativas, pensar a metodologia, submeter projeto ao comitê de ética. 55 créditos obrigatórios. Sou a próxima da lista de espera para a bolsa. Uma coisa por vez. Plataforma Brasil. Minha pesquisa tem hipóteses? Resultados esperados? Tantas coisas a fazer... a saber... Já se foi um ano e eu ainda aprendendo a fazer negociações. É um trabalho científico e será avaliado como tal. Vamos torcer que seja aceito. Saiu o parecer: com pendências. Medo. Ah, nada muito problemático! Sei como corrigir. Consegui a bolsa de estudos! Créditos das disciplinas ok. Pesquisa aprovada no CEP. Segue doutorado.

Comecei com a revisão de literatura. Recebi ajudas importantes das estudantes do laboratório, isso me alegra. Lembro da pesquisa do mestrado, foi tão solitária, tinha tantas dúvidas. Agora conheço a afetividade da pesquisa compartilhada. As tabelas parecem infinitas, o software é tão confuso. Conto e confiro várias vezes para garantir que não deixei passar nada. Esse processo me angustia profundamente, me sinto confusa e desestimulada, a pesquisa precisa disso para ser validada? Mas tenho parcerias agora e isso me conforta.

O tempo passa e sinto como se não tivesse feito quase nada. Às vezes eu quero chorar. A ansiedade aperta por eu não ver o fim das análises. Não era assim que eu queria fazer pesquisa. Reúno todas as tabelas e todo passo a passo que estou seguindo e peço socorro para a orientadora. Mal consigo explicar minha ida e volta pescando palavras entre as publicações tentando desenhar uma análise. atividade. atividade humana. ação. ação humana. fazer. fazer humano. ocupação. ocupação humana. ato. ato humano. cotidiano. vida cotidiana. modo de vida... "Mas por que você está fazendo tudo isso?". Por que mesmo? Nem sei mais. Realmente, não preciso ir por esse caminho. Eu não sei se eu choro de desespero por tantas horas que passei com isso ou de alegria por simplesmente poder parar essa pescaria interminável. No fundo me senti livre. Obrigada!

Olho para minha necessidade de controle e de organização. O investimento em ser satisfatória, mostrar meu valor; o valor da minha pesquisa. Esse é o parâmetro para que ela seja relevante para o campo. Será que eu sirvo para isso mesmo? É o que eu quero?

(Fragmento do corpo desnudo 5)

--- ponto atrás e ponto haste §

Bordar uma superfície é gerar uma imagem no lado que se olha e, ao mesmo tempo, uma outra imagem em seu avesso. O “ponto atrás” e o “ponto haste”, no bordado, guardam uma relação interessante, onde o resultado de um é o verso do outro, ou seja, bordar o ponto atrás gera o ponto haste em seu avesso e vice e versa. A pesquisa registrada pela escrita também guarda uma relação com a produção do corpo pesquisador, ao passo que a pesquisa caminha, outra imagem é gerada, desfeita e refeita no corpo que a produz. E esse corpo que se modifica também reconhece, solicita e impulsiona a pesquisa a novas direções a partir de seus interesses, curiosidades e descobertas. Mesclar os *fragmentos de um corpo desnudo*, que são minhas próprias narrativas, com os textos da pesquisa neste caderno 2, traz essa dupla implicação.

A minha primeira escrita para a tese foi desses fragmentos, memórias latentes da formação desse corpo, agora corpo-pesquisadora que aprende a se desnudar. Quando me percebo mulher branca e mortal. Onde afirmo a não separação entre o que sou e ser terapeuta ocupacional, educadora e pesquisadora. São expressões de um processo em que desconstruir é tão importante quanto construir para formar esse ser-fazer-pensar-sentir-viver que se dedica ao mergulho sensível e crítico, necessariamente juntos. Esses primeiros alinhavos afetivos não estão no sumário, ressignificam pesquisa e tese em terapia ocupacional, estão em sentido cronológico inverso e intercalam com os “textos formais”, os contaminando aos poucos.

São afetações entre construir, desconstruir e reconstruir-me, territorializar, desterritorializar e reterritorializar, um “rasgar-se e remendar-se”, como disse Guimarães Rosa, uma artesanaria não aparente o verso de um bordado, mas tão importante quanto à frente, agindo igualmente para a sustentação daquilo que aparente.

A desconstrução não é fácil, ela resiste e tensiona até que rompe com a formatação da racionalidade estéril, são táticas transgressoras nem sempre perceptíveis, mas revelam *outras* possibilidades para o ser-fazer-pensar que é também o sentir-viver. Nessa convocação se forma o plano de uma pesquisa-intervenção, com autopercepção e reativação desse corpo que vibra. Corpo-mulher in-munda do que já viveu. Descubro e assumo a beleza de ser quem sou e invisto na criação de mais vida neste corpo, nesta pesquisa e nesta formação em terapia ocupacional.

Isso não pode ficar nos bastidores, corredores ou cafés. A produção do conhecimento é a produção da vida. O caminho da crítica é a crítica de si. A produção sensível é o que se apreende das relações com o mundo. Não tem como separar.

Conheci o curso de terapia ocupacional nas vésperas do vestibular e foi minha única opção. Entrei na primeira turma de um projeto pedagógico novo, com metodologia ativa. No início, foi desesperador encarar a desconstrução do modelo escolar passivo centrado no saber do professor. Mas também foi revolucionário. Aprendi a me expor para colaborar com o grupo e também aprendi a me calar para ouvir e respeitar o espaço dos outros. Aprendi o que era processo. E que a pergunta era mais importante do que a resposta. O cultivo da curiosidade ativando a eminente construção.

O ensino sobre as atividades foi o espaço-tempo em que mais me reconheci e melhor me formou. Aprendi a olhar e a cuidar de mim para olhar e investir no cuidado com o outro. E, assim, me tornei terapeuta ocupacional e me cativei pela educação na mesma teitura, reconhecendo o papel da referência, da autoria e da recriação.

Após formada, não quis definir um caminho único nem investir em processos muito formatados depois de tanta desconstrução. Queria trabalhar com pessoas. Embora eu não nomeasse assim, não queria o encaixotamento da especialização para o mercado profissional. O dilema ético é que práticas de liberdade não se vendem nem se compram. Comecei, então, a entender sobre negociações possíveis no sentido do que me interessava.

Permaneci perto da universidade, participei da formação de um laboratório e grupo de pesquisa, o qual se constituiu um território de existência e liberdade para mim. Me apareceu a oportunidade perfeita de especialização, desenhada para campos e perspectivas inovadores da terapia ocupacional, tendo a interface com as artes e a cultura. Assim, a conexão entre forma e conteúdo que me interessavam se fortaleceu em mim. Aos poucos, fui aprendendo sobre coerência.

Também me reencontrei com a escrita, a curiosidade investigativa, a liberdade e a criação. Descobri, experimentando, a singularidade da minha relação com a pesquisa. Dali, o mestrado, a docência e o doutorado foram quase um processo contínuo, que foram possíveis pela via da inventividade. Conheci meu tempo e o inacabamento das coisas. Me abri para o encontro e o aprendizado mútuo com as/os estudantes. Aprender, apostar, mostrar minhas dúvidas, formar e deformar na experiência compartilhada. A experiência, a percepção, a relação com o mundo, a construção do corpo, o que potencializa o agir nos contextos possíveis da vida, foi o que acabou me levando para o doutorado.

Ficou mais interessante habitar a contracorrente ou correntezas minoritárias, marginais, fronteiriças, percebendo suas forças de resistência. Afirmar um posicionamento sensível e crítico, ético-estético-político, compreendendo o lugar da criação em vez da exímia reprodução. Reconhecendo meu ser-fazer-pensar terapeuta ocupacional, educadora e pesquisadora.

(Fragmento do corpo desnudo 4)

| fio na agulha /

Fio na agulha, caneta na mão, dedos no teclado... um convite e sua ativação que fazem pensar. Na leitura das cartas, algumas passagens se destacaram, mobilizando processos formativos: pistas para pensar a formação em terapia ocupacional sobre atividade humana. Vê-se uma cartografia do fazer-pensar, a produção de saberes-fazer sobre atividade humana e terapia ocupacional.

A escrita curiosa não busca o postulado de verdades a serem reproduzidas, mas significa a geração de algo para elaboração do que se vive, faz e pensa, que convoca a si para autopercepção e compreensão e a outros que possam se conectar de alguma forma. A escrita não é apenas um resultado, o escrito, mas é o escrever, o apreciar de memórias e a presença, esse instante do acontecer que se torna um registro de algo que estava corporificado e foi nomeado, um saber-fazer nesse encontro de sentidos, agora partilhável.

Me encontro em 2020 em pleno tempo de Pandemia. Com certeza este período será marcante para as nossas vidas e ao contrário de um sentimento de aceleração e ao mesmo tempo “de que nada anda em alguns “lugares” (principalmente ligados as instituições), paro para te escrever esta carta que apesar de digitalizada, guarda uma memória de carta-comunicação que serve para mim mesma, mas também para você curiosa por saber de algumas marcas, experiências e afetos. Tenho receio de me alongar demais. Gosto da escrita, gosto de elaborar as experiências, gosto de me re-pensar sempre. Acredito, portanto, que esta carta pode ser mais uma oportunidade também para mim, mas para te ajudar a pensar, dar contorno a algumas de tuas questões (Sétima carta).

A narrativa sobre o que se faz, a atividade humana, revelou um estado de presença requisitado e um processo de ativação, produção e constante elaboração. Esta apreciação cria e afirma determinados sentidos em terapia ocupacional, assim como se diferencia de outros.

As cenas emergiram num processo de habitarmos o vivido e aí permanecemos, nos demoramos, o que nos permitiu abrigar e cuidar de certas afecções. Foi necessário para isto distanciamento e um certo apaziguamento que resguardava a atividade do pensamento, da memória. Deixar que o vivo de certas experiências se apresentasse. Destas cenas e experiências restam algumas questões? O que ainda precisa ser feito? O que eu posso ainda fazer? Qual pode ser ainda a minha efetiva contribuição neste contexto profissional? [...] Este tema de pesquisa adentrou aquelas ações que tenho considerado no momento ativações formativas para o campo da Terapia Ocupacional. Este olhar e cuidado ético-político vem instaurar um posicionamento inédito e coletivo para o campo. Dá gosto de ver e participar

dessa trajetória. Por outro lado, a ideia de permitir que fluxos da memória encontrassem lugar, e nesta operação lembrar de materiais importantes ao longo de minha trajetória profissional foi o caminho trilhado com muita emoção e prazer. Ofereço algo de minha história profissional para as novas formulações e consistência ao campo. Tive muita vontade de compartilhar (Quarta carta).

Permitir-se parar para pensar, retomar, sentir novamente, sentir outra coisa e elaborar as cenas retomou os sentidos de um processo formativo que depende da experiência e da experimentação para construir o saber em terapia ocupacional.

O convite ativou uma vontade de poder dizer de trabalhos que têm a ver com meu percurso. Eu sinto que o seu convite me reativou a vontade de parar e pensar mais nas coisas que a gente faz, que era o que na graduação fazia mais sentido, os espaços que me faziam incorporar as ideias (Nona carta).

O encadeamento dos sentidos recuperou momentos e trajetórias de vida junto às escolhas em terapia ocupacional, sem separação, são tecituras afetivas e criativas que se retroalimentam, considerando inclusive as situações difíceis, pois envolvem o investimento e o reconhecimento em ser quem e como se é, assim como o aprender e se transformar nas relações.

Confesso que adorei o exercício de me olhar e olhar a TO em mim! [...] Vivi possibilidades e incômodos que me levavam a pensar o quão doloroso um cotidiano cheio de restrições pode ser, ao mesmo tempo cheio de criações domésticas e sutis. [...] A atividade humana, trabalho no nosso sistema capitalista, talvez seja uma das mais conflitivas que vivemos ao longo da vida. Aprendi com a minha coordenadora TO que o trabalho pode ser de bons encontros. [...] Eu arriscaria aqui a lhe afirmar que foi o lugar que sedimentou os sentidos das atividades humanas em TO... sentidos de cuidado, apoio, solidariedade, afetos bons, emancipação, pertencimento, alegrias, sagrados... onde os papéis são fluidos e facilmente borrados, os rizomas deleuzianos são corporificados, abertos e em busca dos bons encontros (Quinta carta).

Nessa percepção de si, viu-se que a motivação é impulsionada pelos sentimentos, emoções, afetações, o que se efetiva como forças propulsoras de investimentos, deslocamentos e movimentos comuns, partilhados e transformadores.

Sobre a primeira carta e as atividades humanas, quis narrar o que tenho vivido com tanta alegria e intensidade e que se mostra com a força da vida acontecendo. [...] Assim, para nós, não há força maior de vida, de vontade de vida, do que a manifesta por ele quando descobre a cozinha e faz comidas, descobre seu corpo e descobre sentimentos e emoções que ao serem compartilhados, fazem o seu mundo, o nosso mundo, o mundo de todos os outros. É nessa força constituinte/transformadora/revolucionária que compreendo e tento transmitir a atividade humana (Segunda carta).

A auto-observação, percepção e conscientização de si se tornou parte do apreender com/sobre a atividade humana, o que constrói esse saber da experiência e o reconhecimento enquanto terapeuta ocupacional, que se implica em observar, perceber e estar com o outro, produzir novos níveis de consciência com o outro.

Escolhi uma cena cotidiana para poder explorar o exercício do ser no fazer. Tentei mergulhar no desabrochar de cada ação, muitas vezes automatizada ou até mesmo imprevista. Porém que é plena de afirmações, conexões, esvaziamentos, confrontações, emoções, reflexões... e descrever a imensidão de atividades, de ativações de criações que ocorrem no fluxo contínuo e ininterrupto da existência. [...] Sinto que refletir sobre a existência constrói a terapeuta ocupacional que sou, que busca desvelar o humano em atividade. Isso me proporciona caminhos terapêuticos, que compreendo como possibilidades de deslocamentos, movimentos (Oitava carta).

A abertura para perceber-se em ato mostra a multiplicidade das atividades e de seus significados naquilo que se vive: sua cartografia de sentidos e sua produção de saberes.

[enquanto escrevo, preciso parar, porque tenho que dar a fruta da manhã para meu filho...pego uma laranja, não porque estou inspirada agora na história que escrevo, mas porque sou mãe, também inspirada todos os dias (mais ou menos consciente) pelas histórias que vivi...além disso, sou mulher, que trabalha e cuida do filho e da casa em um malabarismo por vezes enlouquecedor, outras vezes brincante...assim, percebo que os tempos mudam, mas nem tanto - estão aí nossas atividades cotidianas para falar por/em nós...] por essa “simples” cena de realização de uma atividade (humana), muita coisa passa, atravessa, acontece...no alimentar-se e alimentar o outro atravessam (outras) atividades/fazeres, sentidos, afetos, pensamentos....memórias....formas de vida... (Décima quarta carta).

Perceber que as singularidades, o reconhecimento de suas diferenças e as surpresas com o inesperado e incontrolável compõem os fluxos da atividade humana, em sua complexidade e continuidade, o que se desdobra na efetivação da vida.

Agradeço o instigante, desafiador e necessário convite para refletir sobre o “ser-pensar-fazer terapia ocupacional”. Por mais que o trabalho cotidiano demande o exercício de olhar, sentir e escavar o fazer em terapia ocupacional, penso que me ateno pouco às escritas livres e que possibilitem/provoquem a apreciação da atividade em ato. [...] Discorrer sobre a cena me possibilitou acessar dimensões concretas e sutis dos fazeres, que revelaram e afirmaram singularidades... as atividades que comportam as diferenças e suas formas de expressão, no caminho de se acolher e ser acolhido nos múltiplos modos de ser/estar. Assim, esta narrativa reitera em mim alguns dos sentidos das atividades humanas: sua natureza complexa e contínua. O quanto um breve fragmento capturado como uma cena, ilustra, integra e articula um conjunto de atividade que compôs parte de uma manhã,

um dia, que compõe a vida. [...] Ao apreciar esse conjunto de atividades relatadas, me deparei repetidamente com um tanto de “novo” e de descobertas (Décima primeira carta).

Revisitar acontecimentos fez perceber o quanto ainda estão vivos, ativos, mobilizando a si, aprendendo sobre esse potencial de afetação de certas atividades que continuam produzindo desdobramentos, conectando e ressignificando a si, a terapia ocupacional e a atividade humana.

Há muitos anos procuro afirmar o que emerge-em-mim, o que é gestado e germina-em-mim e isso se intensificou depois do encontro com a fala de Clarice Lispector: “Eu respeito muito o que eu me aconteço”. Me fez sentir e compreender, ainda mais intensamente, o valor, a dádiva, a importância de respeitar muito o que me aconteço...o que nos acontecemos. [...] Refletir sobre como entendo esse agenciamento e emergência do impulso-desejo de narrar essa cena é descrever a ponta de um iceberg. Esse processo-acontecimento é um iceberg no sentido de que a maior parte do agenciamento fica submerso. [...] O narrar e a cena produziram um aprofundar minha concepção de atividade humana. [...] Para narrar e ao narrar eu vi e pude ver como essa cena acontecimento é em mim/existe em mim ainda hoje em acontecimento... isso é, está ativa, viva e conduz parte do meu existir... então há atividades que têm essa dimensão nas vidas das pessoas e [...] eu posso/pude dizer ao narrar como ela é desdobramento-em-mim. Permanece a poesia como modo de fazer falar a atividade em mim... [...] talvez pela atividade humana, esse estado e qualidade de ativo muito mais que uma tarefa, poder (guardar potência de) ser pura poíesis...autopoiésis (Décima carta).

Isso tudo convergindo com a compreensão sobre adoção terminológica e conceitual possível que contribua para promover os sentidos percebidos junto ao que se faz e entende como terapia ocupacional, indicando construções coletivas de significação na profissão.

Iniciei a busca por palavras e conceitos, já usados pela terapia ocupacional, que referenciassem aquilo que eu acreditava definir a potência e complexidade da ação terapêutica ocupacional. Encontrei duas que se apresentaram para mim de forma bastante integrada e articulada: cotidiano e atividade humana. Assim, em minhas experiências enquanto terapeuta ocupacional procurava identificar, em conjunto com os sujeitos ou grupos acompanhados, quais eram as atividades que realizavam em seu cotidiano, principalmente aquelas vinculadas às histórias de vida e ao contexto em que viviam, que despertavam sua reflexão e que o colocassem em contato com o coletivo e com a realidade sócio histórica. [...] Te escrevo essas linhas, terapeuta ocupacional, para te contar que a terapia ocupacional se desenha para nós no processo, no reconhecimento diário da prática (Décima terceira carta).

Em cada relato, vejo uma germinação que a sensibilização da escrita despertou. O encantamento visível não se refere apenas às elaborações conceituais sobre as experiências, mas à potencialidade poética e criativa das narrativas, assim como amorosa e generosa consigo

enquanto reconhecimento do que se é-faz-pensa-sente-vive e novos desdobramentos de sentidos sobre ser-fazer-pensar-sentir terapia ocupacional. Aqui se coloca um posicionamento coletivo dessa produção: a germinação da sensibilidade e a escrita como estética da existência⁴.

Rememoro minhas próprias narrativas, meus processos e construções de sentido que alinhavam cenas da minha vida para afirmar e apreciar o que se produz. Há um resgate da memória e a recriação constante de sentidos e atividades que se desdobram em continuidade. Também imagino cada cenário relatado, o que me instiga a conhecer lugares, ler publicações, ver pinturas, conhecer poemas, assistir espetáculos, observar hábitos, aproximar-me e seguir seus passos... Penso em quantas mobilizações o convite da escrita das cartas gerou e continuará gerando, ainda que imperceptíveis, percebo que estou diante de processos-produções-processos que mantêm o fluxo vivo de produção de sentidos sobre atividade humana na terapia ocupacional. Sinto que já valeu a pena. O que o convide disparou, toda essa ativação e seus desdobramentos em cada uma/um de *nós*, mostra a própria realização do dispositivo criado: o sonho partilhado no cotidiano das vidas em composição.

⁴ Expressão dedicada por Michel Foucault será recolocada à frente.

Batom vermelho

O batom da minha mãe, o esmalte da minha tia, o penhoar da minha avó e o sapato de salto da minha tia-avó fazem parte do meu relicário da infância.

Aos sete anos, provavelmente, eu era a única criança da turma que chegava na escola com a marca do batom vermelho na bochecha, o que fez com que a professora descobrisse rapidamente quem era minha mãe quando a conheceu. Nessa idade fiz minha primeira fotografia 3x4, usando um batom "cor de rosa choque, por isso, não provoque", diria Rita Lee. Com penteados e roupas montadas no corpo, feitas de tecidos presos a alfinetes, eu criava um mundo para mim.

Até eu chegar na escola "particular", aos onze anos, quando os tesouros foram guardados no baú. Vou definir como aniquilamento e competição pautados na homogeneização dos modos e hierarquização dos corpos. Ainda que eu usasse as mesmas roupas e cabelos, alimentasse os mesmos comportamentos e intrigas, nunca me sentia suficientemente adequada. Foi quando senti a esterilização.

Passaram dois anos até que eu conseguisse sentir que amizade é respeito e amorosidade. Apreendi que seria necessário romper com "regras" e padrões que me tornavam carrasca de mim mesma e que não me faziam companhia de ninguém. Apreendi que a transgressão era o caminho para me reconhecer e me transformar... e gostar de mim.

Quanto ao batom vermelho, demorei para conseguir usá-lo novamente, até porque a política de esterilização também se atualiza, mas me serve de lembrete, como quem se prepara para enfrentar o mundo, trazendo à memória força, resistência e liberdade, que gosto quando enxergo em mim.

(Fragmento do corpo desnudo 3)

Averso e fios soltos

“...acontecimentos de vida com dupla vinculação: estão ligados as necessidades...isto é, no que é necessário a continuidade seja do ponto de vista da sobrevivência, de crescimento, da sociedade, da cultura, etc...E, as atividades como acontecimentos de vida também estão ligadas a algo que guarda um mistério...a potência de expressão-criação de mais-vida de tudo que é vivo. Tudo que é vivo se move para isso que eu chamaria de mais-vida” (QUARENTEI, 2001) (Décima quarta carta).

A última reflexão que faço sobre a escrita-leitura das cartas, e seu processo de ativação continuado, é sobre relações e superfícies que nem sempre aparecem, mas ajudam na sustentação dos fazeres-saberes, sem que enrijeçam a caminhada, pois ajudam a produzir um movimento entre *referências, inspirações, recriações e devires autorais*, o que permeia muitas das nossas experiências e elaborações como terapeuta ocupacional.

Fazer-saber-falar. “Atividade livre e criativa”, Rui Chamone Jorge. Fazer comunitário, com “liberdade com responsabilidade”. Incluir o outro (alteridade) no seu projeto existencial. Eu aprendi muito a fazer terapia ocupacional ao fazer (ativamente) essa comunidade acontecer junto com essas famílias (Terceira carta).

As cartas afirmam lugares de sustentação e referências que instigam a fazer-pensar terapia ocupacional, indicando terapeutas ocupacionais como Mariangela Scaglione Quarentei, a autora mais mencionada, Eliana Anjos e Rui Chamone Jorge, ou filósofos, escritoras e poetas cujas proposições contribuam com a conformação dos sentidos que estão sendo desenhados.

(gosto muito da ideia do Giorgio Agamben a partir da noção de potência de Aristóteles). Estou seguindo, aossada por esse não poder não poder, e tenho também alegria em estar viva, em poder pensar, em poder fazer (Sexta carta).

Tais referenciais promovem e apoiam concepções de atividade humana e terapia ocupacional.

Assim, vou entendendo as atividades humanas enquanto dimensão da vida, do exercício da vida, da produção da vida. As atividades humanas são nossas realizações, e nossa vida em ato. Pelas atividades humanas, por aquilo que faço/fazemos/fazem (material e imaterialmente) produzo o mundo, minha realidade, compartilho dela com outros, reconheço os outros, mas também e com tanta força: me refaço, questiono e transformo o mundo. Nesse sentido, atividade humana é tudo aquilo que nossas mãos, corpos, pensamentos, experiências “tocam” e transformam. [...] Entendo que é pelas atividades humanas, realizadas, afirmadas e compartilhadas, que nós vamos constituindo a nossa história. [...] Aí se coloca uma questão tão cara à TO e

que a Mariangela Quarentei nos apresenta com tanta força: as atividades humanas precisam ser AFIRMADAS, criar território. Do contrário, entendo que elas são reduzidas, perdem a força (Segunda carta).

Além das referências, mostram uma dimensão própria da compreensão, convocada pelas experiências singulares e traduzida em suas próprias palavras.

Atividades humanas – atividades, fazeres, ações desenvolvidas por indivíduos e grupos humanos, com signos culturais coletivos compartilhados, que envolvem significados e sentidos diversos (e também singulares) na produção da vida em sociedade. Conceito ocidental, na perspectiva científica moderna de “humano”. Cozinhar, costurar, cantar, cuidar, comunicar, construir, pensar, pintar, transportar, trabalhar, falar, brincar ...[...] Assim percebo-sinto-penso-vivo as atividades humanas...acontecimentos de vida... [...] ...no contexto da produção social, cultural, econômica, histórica e política...singular_coletivas... c o m p l e x a s!em uma teia de múltiplos significados, na produção plural de afetos e sentidos...teia...rede...rizoma...que as categorias e dualidades da ciência positivista são demasiadamente limitadas para apreender_compreender (Décima quarta carta).

O que importa são as marcas que as referências deixam, um rigor que serve de apoio para o que se corporifica, se ressignifica e movimenta, e não a reprodução de uma rigidez recorrentemente vista na institucionalidade científica.

Compreendo as atividades humanas como as criações que citei. Como engendramentos singulares do que se é em meio ao que se faz nos encontros com tudo que nos passa, nos atravessa. Uma dança entre todas as marcas que trazemos (lembranças, sensações, reflexões, imagens) em relação com o mundo que nos cerca, que nos acessa e nos convoca. Minhas referências são baseadas na filosofia principalmente, não sei caracterizar direito as correntes teóricas e isso não compromete minha satisfação com meu processo de pensamento. [...] Encontrei esta interlocução na Terapia Ocupacional como Produção de Vida, desenvolvida por Mariangela Quarentei e pelas discussões trazidas por Eliana Anjos no que chamou de Método da Escavação em Terapia Ocupacional. Além disso há aventuras por Espinosa, Deleuze, Guattari, Foucault, Nietzsche, Maturana, Manoel de Barros, entre tantos outros autores que não tenho pretensão de compreender, mas que me encantam e iluminam (Oitava carta).

A referência também pode ser anônima ou alguém muito próximo que nos ensina mais com a sua presença e seus gestos do que com as suas palavras.

Apreendi com a minha coordenadora TO [...] onde podemos (re)criar, nos transformar a cada segundo e (re)inventar novas formas de estar no mundo através da multiplicidade das atividades humanas e dos cotidianos complexos [...] Transferências de cuidado, maternagem, espaços potenciais com objetos transicionais são criados e deixados sem pesos, apenas processos de

encontros vitais, de vidas, de corpos sedentos pelo humano que há em nós e nos outros (Quinta carta).

Nesse processo formativo, inspirado pelo acompanhamento das atividades, vão se fazendo as recriações, as remodelações, as repetições e diferenciações na relação com quem e o que se convive. E a convivência, tanto com as referências como com as diferenças, ajuda na reafirmação de caminhos a seguir, de caminhos a não seguir e de caminhos próprios.

Eu escolhi essa cena porque não é uma cena que, talvez, as pessoas olhem como “um sucesso”, mas eu acho que tem uma dimensão do investimento do trabalho da TO que é de poder acompanhar essas pequenas tentativas cotidianas de enfrentar os ‘bichos’ que a gente carrega com a gente, sabe? [...] Não bastava acompanhar isso com conversas sobre as relações e os movimentos travados e esperar que ela resolvesse as coisas sozinha. Então, essa cena tem a ver com a perspectiva da TO de acompanhar no agir. De alguma forma, esse agir precisa de uma força motriz que nos coloque na relação com o mundo. Acho que tem muito da atuação da TO nesse mundo do agir e na sustentação do que “não concretizou”, mas que reconhece que o processo já foi muito intenso. Esse jeito de atuar, de fazer coisas que, à princípio, parecem pequenas mas que compõem os desafios da vida de uma pessoa no seu cotidiano (Nona carta).

E assim, vão se constelando concepções singulares e partilháveis em terapia ocupacional:

A terapia ocupacional é a ciência das atividades humanas com toda a certeza. Porque vislumbra o cotidiano de cada ser cuidado, mas com tanta dedicação a cada etapa do seu dia. Está no detalhe de calçar as próprias sapatilhas, de conseguir segurar um instrumento, de chegar até a sala de dança, de ligar o som sozinha ou de ter repertório para escolher sua própria música. Atividade humana para mim é tudo aquilo que se cria, planeja, executa, compartilha, em qualquer idade, por nós, seres humanos. O que dá sentido e organiza a nossa existência, tanto quanto também é influenciado por ela (Décima segunda carta).

...concepções sobre a proposição de atividades em terapia ocupacional:

No pensamento está instalado algumas potências existentes no campo fenomênico do fazer que as atividades são capazes de produzir-processar numa certa continuidade. Surge na forma de uma conversa, onde objetos são apresentados como ideias na resolução da demanda, sendo recusadas faz-se necessidade de desdobrar a questão em si. [...] Objetos ocupam o interior da casa sempre providos de uma intencionalidade, sempre providos de uma possibilidade poética/criacional. Conjugam verbalidades, no caso [do espelho] através do olhar, do perceber, do rir, do ver, do brincar. Ativam afetações e afetividades, do engraçamento a agressividade, do desvelamento/descobrimento a repulsa/raiva. Ao serem coletivizados, compartilhados entre as pessoas conferem uma circularidade ao fazer, que retorna transformado (Primeira carta).

...concepções sobre atividade humana:

O narrar e a cena produziram um aprofundar minha concepção de atividade humana como matéria de vida e visionar ainda mais sua complexidade e condição de processualidades e indiscernibilidades em um processo sempre em aberto, processo vivo que pode mais vida [...]. É essa qualidade da atividade humana e de toda atividade de qualquer ser vivo que guarda toda potência terapêutica/transformadora que a Terapia Ocupacional pode, ou não, operar...no vivo, nos corpos, nas vidas. [...] No vivo não há garantias.... no vivo não há garantias a não ser a poíesis e a(s) morte(s)...criação e destruição (Décima carta).

...concepções sobre a formação em terapia ocupacional:

As narrativas compartilhadas trouxeram algumas cenas, e delas pude inferir linhas conceituais que me fizeram pensar aspectos e problemas no exercício e no ensino da terapia ocupacional. Apresento, portanto as linhas: Linha 1 – as atividades humanas e sua análise; Linha 2 – Outros conceitos que apresentam e dão consistência ao pensamento disparado nas cenas narradas possuem características transdisciplinares e pedem um deslocamento do campo para encontrar em autores da psicologia, da crítica de arte, da estética, da saúde coletiva e da filosofia mobilizações intensivas. [...] Tratam-se de pistas conceituais que foram acompanhando e alimentando os processos vitais do pensamento (Quarta carta).

...concepções sobre o corpo vivo, ativo:

Pensar o corpo, a vida e, portanto, o fazer, as atividades em suas múltiplas possibilidades, singulares para cada um, a seu modo sempre no “possível” para aquela vida em particular, considerando seu texto, contexto, afetos, vulnerabilidades, mas também o desejo, a potência. Tudo sempre em movimento. [...] experimentar a vida fluindo, se fazendo no tempo, no tempo que temos. O corpo como digno de atenção se revela como fonte inesgotável do ser-fazer-tornar-se, transmutar-se. Então para mim, corpo e atividade/ação, fazer, estão intimamente ligados. [...] O mundo para mim é corpo no encontro com outros corpos humanos ou não. As atividades são as pontes onde estes encontros acontecem, se efetuem. São como dispositivos que acionam as múltiplas capacidades de um corpo vivo: um corpo que dança, que cuida, que acolhe, abraça, tira fotos, cheira, conversa, se arrepia, lambe, estuda, sonha, bebe, baba, enfim – corpo-lugar onde todos os verbos, as ações se materializam nesta vida encarnada (Sétima carta).

...concepções que convocam a relação entre conceitos:

Compreendo os termos como complementares entre si: as atividades humanas são as ações realizadas no cotidiano da vida comum, de forma reflexiva, consciente e passíveis de promoverem a transformação do sujeito e das relações à sua volta (Décima terceira carta).

...concepções que são relacionais, interdependentes, situadas, singulares e abertas à curiosidade, investigação, reconhecimento e transformação, que não se fecham em si:

O “despertar” produzido na singularidade dos corpos e dos modos de ser-fazer refletiram os atravessamentos sociais, culturais e políticos e pareceram ir desvelando as atividades humanas como possibilidades de existir e de se expressar (no caso da cena, pensadas e produzidas em acontecimentos cotidianos) que abrigam muitas transposições, processualidades, transitoriedades, historicidades. As atividades humanas foram compreendendo camadas do que se experimenta, que se envolve, que descobre, que cria, se reinventa, o que se aliena, que resiste, que paralisa, que transforma e enfim, do que abriga incontáveis possibilidades. Isto, em um fluxo contínuo por todas essas dimensões (todas ao mesmo tempo ou não) e/ou nenhuma delas... [...] Nesse lugar, me coloco profissionalmente para perceber as atividades humanas com curiosidade, como mediadora, facilitadora, acompanhante do fazer e das vazões de suas expressões, dos deslocamentos de ser/estar no mundo, e quiçá das produções de movimentos de mais vida (Décima primeira carta).

O rigor da produção ética de si, baseada na compreensão da experiência como um registro de si, recupera a questão da autoria que, para Foucault, pode ser “uma das formas de criação diante dos dispositivos do poder-saber” (p. 508). Analisando a produção de Foucault, inicialmente aparece uma “necessidade de se desnaturalizar o autor como uma entidade dada ou natural” (p. 513). Isso porque Foucault criticou a antropologia filosófica e científica que postulou “a continuidade e o papel positivo de um sujeito fundante de todo texto” (p. 516), mas, adiante, percebeu que a autoria também poderia ser a expressão da plasticidade e de deslocamentos constantes que promovem rarefações nos discursos dominantes e produzem formas de subjetivação ao resistir e profanar os dispositivos hegemônicos. Assim, com “resistência, deslocamento e profanação, é possível imaginar um remanejamento tático da concepção de autoria” (BUTTURI JUNIOR, 2016, p. 518).

A ética e a crítica da arqueogenealogia geram um deslocamento do dispositivo de autoria “rumo às práticas de liberdade e de governo, capazes de solicitar outras formas de subjetividade” (p. 520). E a escrita enquanto estética da existência e cuidado de si, constitui regimes singulares de produção de verdade baseados no engendramento de si, “a autoprodução de formas de subjetividade [...] que desfaz a própria capacidade do dispositivo de assujeitar, de exigir e codificar prazeres, práticas e sujeitos” (BUTTURI JUNIOR, 2016, p. 525).

A prática autoral, com essa releitura de Foucault, desvia a intenção de continuidade de verdades normativas do saber-poder e se realiza como desobediência ativa, um ato performativo que reconecta a ética e o conhecimento em sua incompletude. “Esse dispositivo autoral, pois, é

ainda um sistema de coerções, mas surge sempre já marcado pela instância crítica, pela delicadeza da condição do desassujeitado e de sua precariedade que, não obstante, pode agir e criar sobre a maquinaria: um vivente a resistir” (BUTTURI JUNIOR, 2016, p. 526).

O que lembra a proposição de Michel de Certeau (2014) sobre as táticas, que são de combate tanto quanto as estratégias, mas performam, ganham força e perecem, consistindo em condições e sentidos bastante distintos. E isso também acontece na linguagem, onde as estratégias buscam regular o léxico em categorias como uma produção industrial ou administrativa, mas as táticas se expressam pela captação de materiais da prática, de seu movimento astucioso e de sua “atividade de “fazer com””, sua bricolagem inventiva (CERTEAU, 2014, p. 92).

Portanto, interessam as trajetórias desses movimentos táticos da linguagem, mais do que aquilo que ganha forma final. Essas práticas são indissociáveis dos momentos singulares e das condições da ocasião, o que o modelo da gestão funcionalista não compreende, porque as táticas são o “lugar dos atos, uma relíquia no lugar das performances” e as estratégias buscam a manipulação “das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder [...] pode ser isolado” (CERTEAU, 2014, p. 93).

O “lugar do poder e do querer próprios” usa a linguagem “da modernidade científica, política ou militar” (p. 93) no sentido do projeto global, e suas estratégias visam “totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetável” (p. 95). Já a “tática não tem lugar senão o do outro” (p. 94), nem “tem meios para se manter em si mesma” (p. 94), ela é um movimento no campo e aos olhos do inimigo, se aproveitando de ocasiões, mas o “que ela ganha não se conserva” (p. 95). A tática, para Certeau, é a arte do fraco, a astúcia da resistência, fendas de um sistema, maneiras de fazer, a criatividade do agir, o corpo a corpo, são práticas heterogêneas de habitação do tempo e não do lugar próprio, no entanto, elas têm alta probabilidade de sobreviver” (CERTEAU, 2014, p. 99).

Como Foucault e Certeau, vamos nos interessando pela arqueologia das astúcias, ou seja, “todas essas atividades [que] parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas” (p. 98), pelos gestos hábeis que organizam os espaços discursivos, o que são “maneiras de pensar investidas em maneiras de fazer” (CERTEAU, 2014, p. 105). Nesse sentido, tendo a “incerteza e a constante mobilidade” como convites para fazer-pensar a terapia ocupacional, valem-nos mais as “palavras dançantes” e o que elas mobilizam do que o sentido estratégico do controle discursivo (CERTEAU, 2014).

Lembro das tardes brincando de lousinha na lavanderia de casa, era assim que eu chamava esses momentos. Enquanto estava na sala de aula, eu sentava nas primeiras carteiras, sempre disponível. Eu absorvi muito rápido o processo de disciplinarização e o comportamento esperado. Uma necessidade de ser reconhecida. Mas quando eu estava sozinha, a lousinha me ajudava nas dificuldades que eu não conseguia mostrar para os outros.

Tenho muitas memórias da infância em que eu passei sozinha, brincando sozinha. Uma lembrança antiga guarda o desejo pela escrita, eu rabiscava formas aleatórias em um caderninho com pauta. Mais adiante, lembro da dificuldade com os cálculos e a angústia por não conseguir entender, como um gesto que meu corpo não era capaz de realizar, e dos meus pais com pouca paciência para me ensinar. E eu parei de pedir ajuda.

Tive uma formação escolar sem estímulo à curiosidade, à aventura ou ao desbravamento. Pensando agora, teve a professora Sílvia de literatura, no final do ensino fundamental e começo do colegial (ela quem mandou uns versinhos que escrevi para o jornalzinho da escola e depois me inscreveu em um projeto de literatura), mas na época não percebi o quanto foi importante. Assim como a brincadeira da lousinha (típica para as meninas brancas que historicamente se tornam professoras), foi um lugar de existência.

De tanto me ver ali, minha mãe dizia mesmo que eu seria professora. Logo eu, tão insegura e envergonhada! Os anos se passaram e, depois do mestrado, foi o que aconteceu. E, como professora, me constrangi com a lousa grande – não o seu tamanho, mas o peso da responsabilidade de escrever “verdades a serem reproduzidas” me assustou. Acho que foi assim que tudo mudou e também começou a fazer sentido para mim.

(Fragmento do corpo desnudo 2)

Não deu tempo de brincar?

Entre as primeiras memórias da infância no sítio em que morávamos estão os pés de acerola, os girassóis e as jabuticabeiras, brincar com bonecas e suas roupinhas costuradas pela minha mãe. Meu universo foi sempre alimentado pelas criações da minha mãe. Com o tempo, reuni uma imensidão de roupinhas e acessórios das bonecas, a maioria criados por nós. Eu trazia tudo para o chão do meu quarto e passava o dia inventando uma casa para as pequenas, criando móveis, objetos e utensílios necessários.

No final do dia minha mãe entrava no quarto pedindo para guardar tudo e eu insistia que não tinha dado tempo para brincar. Meu quarto ficava inteiro tomado, era preciso pisar delicadamente entre os móveis para atravessar de um lado para o outro. Depois do convencimento de minha situação, eu passava dias compartilhando aquela habitação e admirava intensamente sua arquitetura, que se melhorava com ajustes a cada dia. Uma vida que eu criava.

Uma vez ganhei uma maleta com utensílios de mesa, não era um conjunto de cozinha, era um jogo de jantar do meu tamanho. Brinquedos de antigamente, coisas que não vemos mais, com taças rebuscadas e tudo! Eu levava as cadeiras de madeira para o quintal, que encostadas umas nas outras formavam uma mesa que eu arrumava para um banquete. Depois eu contemplava o máximo de tempo possível. E, então, tudo voltava ao seu lugar.

Hoje entendo que o “não deu tempo de brincar” era a própria brincadeira em si: inventar, arrumar, aperfeiçoar. Uma brincadeira solitária que me permitia criar mundos imaginários com meus pequenos tesouros.

(Fragmento do corpo desnudo 1)

Referências do caderno 2

- AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? *Revista Outra Travessia*, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 5. 2005. pp. 9-16. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>>. Acesso em: 16 mar. 2021.
- BARROS, L. M. R.; BARROS, M. E. B. O problema da análise em pesquisa cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. 2014, pp. 175-202.
- BARROS, M. E. B.; SILVA, F. H. O trabalho do cartógrafo do ponto de vista da atividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. 2014, pp. 128-152.
- BUTTURI JUNIOR, A. A autoria, o dispositivo e a ética: os limites da (des)subjetivação na escrita. *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 3, 2016, pp. 507-530. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-5794-1612-3>> . Acesso em: 16 mar. 2021.
- CARDINALLI, I. *Conhecimentos da Terapia Ocupacional no Brasil: um estudo sobre trajetórias e produções*. 2016. 212 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, UFSCar, São Carlos, SP. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8496>>. Acesso em: 09 Fev 2021.
- CARDINALLI, I.; SILVA, C. R.; FREITAS, H. I.; QUARENTEI, M. S.; CARDOSO, P. T. Cartas-narrativas na investigação de experiências em terapia ocupacional: dispositivos para fazer-pensar atividade humana. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM TERAPIA OCUPACIONAL, VI. *Resumo (Anais)*. Brasília, 2021. pp. 324-326.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 319 p.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2ª ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015. 250 p.
- DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2013. 142 p.

- EVARISTO, V. *Becos da Memória*. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FOUCAULT, M. (1983) A escrita de si. In:_____. *Ditos e escritos*, volume V: ética. sexualidade. Política. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. pp. 141-157.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 8ª ed. Roberto Machado (org. e rev.). Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018. 432p.
- GALEANO, E. *Dias e Noites de Amor e de Guerra*. Porto Alegre, RS; L&PM Editores. 1978.
- GALHEIGO, S. M.. Sobre identidades, latinoamericanidades e construção de saberes em Terapia Ocupacional: diálogos com Boaventura de Sousa Santos. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 215-221, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4322/cto.2014.023>>. Acesso em: 09 Fev 2021.
- GALHEIGO, S. M.; BRAGA, C. P.; ARTHUR, M. A.; MATSUO, C. M. Produção de conhecimento, perspectivas e referências teórico-práticas na terapia ocupacional brasileira: marcos e tendências em uma linha do tempo. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 26, n. 4, pp. 723-738, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1773>>. Acesso em: 09 Fev 2021.
- GUATTARI; F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 12ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 439p.
- HAN, B. C. *Sociedade do Cansaço*. Tradução Enio Paulo Giachini. 2 ed. Ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 128p.
- HUR, D. U. Poder e potência em Deleuze: forças e resistência. *Mnemosine*, v.12, n.1, 2016, pp. 210-232. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41669/0>>. Acesso em: 24 jul. 2021
- KASTRUP, V.; BARROS, R. B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.) *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012. pp. 76-91.
- KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. 2014, pp. 15-41.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 104p.

MARTÍNEZ, M. T. G. Proyectos corporales. Errores subversivos: hacia una performatividad decolonial del silencio. In: Miñoso, Y. E.; Correal, D. G.; Muñoz, K. O. (Editoras). *Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala*. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014.

MIGNOLO, W. D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução de Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, pp. 287-324, 2008. Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2021

PASSOS, E.; BARROS, R. B. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.) *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012. pp. 150-171.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.) *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

POZZANA, L. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (orgs.) *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2014. pp. 42-65

QUARENTEI, M. S. Terapia Ocupacional e Produção de Vida. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, VII, 2001, Porto Alegre. *Trabalho* (Anais). Porto Alegre/RS, 2001, pp. 1-8.

QUARENTEI, M. S. Experimentar, criar... afirmar territórios, vidas... belezas. In: SEMINÁRIO DE CRIAÇÕES CONTEMPORÂNEAS, I, 2006, Botucatu. *Trabalho* (Anais). Botucatu/SP: 2006, pp. 1-6.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009, 72p.

ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. Pesquisa-Intervenção e a Produção de Novas Análises. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2003, v.23, n.4, pp.64-73, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000400010>>. Acesso em: 04 set. 2021

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014. 247 p.

ROLNIK, S. O caso da vítima: para além da cafetinagem da criação e de sua separação da resistência. *ARS* (São Paulo). v.1. n.2. 2003. pp. 78-87. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-53202003000200007>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

SANTOS, B. S. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 2. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

Apêndice 1

Carta-convite

Cara(o) terapeuta ocupacional,

a partir de sua participação na pesquisa sobre Atividades Humanas na Terapia Ocupacional, gostaríamos de lhe convidar para a etapa narrativa, que aprofunda a reflexão sobre ser-fazer-pensar Terapia Ocupacional.

Esse convite é para que escreva uma carta que, antes de tudo, seja para si, enquanto um processo reflexivo, atento e curioso com sua experiência e seus sentidos, conhecimentos, inventividade e singularidade que operam seu ser terapeuta ocupacional. Desejamos que fique à vontade e livre na elaboração de sua narrativa, mas também, sem que limite sua expressão, gostaríamos de contar o que temos olhado: compreensões sobre as atividades humanas a partir das experiências.

Para isso, te convidamos a **escrever uma cena de uma experiência** que você consiga **perceber, apreciar e pensar a atividade humana em acontecimento**. Mais do que pensar conceitualmente, considere sua reflexividade sobre esta cena (que não precisa ser da atuação profissional, ou seja, pode ser de qualquer evento/momento de sua vida, você estando envolvida(o) diretamente ou apenas observando). Interessam os detalhes, **os significados, as sutilezas, as sensações**, o que puder abranger, trazendo elementos sensíveis, estéticos, éticos, políticos, entre outros, que sejam relevantes.

Também faremos um segundo convite, fique à vontade, se quiser ou puder, para ler o parágrafo seguinte após ter finalizado a escrita da carta, para que não crie nenhum bloqueio em sua expressão inicial, já que o conteúdo da narrativa é essencial para o raciocínio que se segue. A carta que resultará poderá ter formato digital ou físico. Ainda que deseje enviar uma versão física pelos correios, pedimos que uma versão digital (pode ser fotografada) seja enviada pelo endereço eletrônico que recebeu este convite. Caso aceite participar, precisaremos também de uma versão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinada por você (podendo ser uma versão digital).

Após sua narrativa ser enviada, nos escreva uma segunda carta para contar o motivo pelo qual escolheu essa cena e o que aprendeu com ela que te faça pensar Terapia Ocupacional. Se fizer sentido, também aproveite esse espaço para elaborar mais sobre o que e como pensa as atividades humanas ou outros conceitos que preferir utilizar para apresentar o pensamento disparado pela cena que narrou. Esse é um convite-intervenção para que, junto conosco, possa pensar e elaborar sobre seu saber-fazer em Terapia Ocupacional (ainda que a cena não tenha sido de uma atuação profissional direta). Assim que recebermos sua primeira carta e o termo de consentimento, compartilharemos com você um fluxograma com alguns sentidos sobre as atividades humanas que já foram identificados nas etapas anteriores da

pesquisa, representando a confiança e o agradecimento por essa troca, caso queira, poderá fazer um diálogo em sua escrita (não sendo obrigatório). Receberemos essa segunda escrita por e-mail.

Agradecemos a possibilidade de trocas que nos permite pensar em um conhecimento auto posicionado, encarnado na experiência, que possa ser compartilhado. Sua participação permanecerá anônima e representa uma contribuição para a pesquisa emergente e que busca formas anti-hegemônicas para produzir conhecimentos situados e comprometidos em Terapia Ocupacional.

Estamos felizes por compartilhar com você esse processo reflexivo em construção e permanecemos disponíveis para qualquer dúvida. Afetuosamente,

Ma. Isadora Cardinali e Profa. Dra. Carla Regina Silva

Apêndice 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para narrativas

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de doutorado “Atividades humanas na arteficialidade da vida: saberes da experiência de terapeutas ocupacionais” que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos. A seleção dos participantes foi realizada após o preenchimento do formulário da etapa anterior da pesquisa, que foi virtual e aleatória, declarando interesse em participar da terceira etapa. Os critérios de inclusão para a Pesquisa Narrativa são: ser profissional e/ou docente e/ou pesquisador de terapia ocupacional que utilize, leccione sobre e/ou investigue atividades humanas.

Esse estudo tem como objetivo apreender compreensões sobre atividades humanas a partir de saberes da experiência de terapeutas ocupacionais brasileiros e estabelecer um campo conceitual histórico teórico-prático que relacione concepções, procedimentos e princípios profissionais.

Sua participação se efetivará com o envio de uma carta virtual, direcionada ao endereço de e-mail da pesquisadora isadora.cardinalli@gmail.com. A carta poderá conter: 1) a narrativa de uma ou mais experiências com atividades humanas que, para você, seja uma expressão do que significa atividade(s) humanas(s); 2) a contextualização da prática profissional, docente ou investigativa que envolveu essa experiência; 3) sua compreensão sobre ‘o que é/são atividade(s) humana(s)’ e também, se houver, 4) referências teórico-práticas que te ajudem a embasar essa concepção.

Vislumbra-se construir uma cartografia sobre a compreensão e utilização das atividades humanas na prática profissional, docente e investigativa em terapia ocupacional, indicando comportamentos de conceitos e categorias, mapeando componentes sensíveis e críticos nos saberes e fazeres profissionais, a partir de memórias sobre experiências vividas, seus sentidos, concepções, procedimentos e princípios profissionais, articulando referenciais teórico-metodológicos, indicando procedimentos e princípios éticos, com vistas a qualificar a concepção, o ensino e a formação sobre o tema.

O debate científico em que a pesquisa está envolvida possui tensões e relações de poder, como em qualquer campo do saber, que podem representar algum tipo de risco com caráter emocional, físico, moral, intelectual, social ou cultural. A participação nesta pesquisa pode gerar: cansaço ou desgaste no resgate de memórias e elaboração das narrativas; exposição de fatos e ideias referentes à terapia ocupacional que podem comprometer o anonimato do participante, considerando que a profissão e as publicações na área ainda são restritas; comparação e julgamento de valor das ideias dos participantes

realizados por terceiros. As pesquisadoras garantem que o participante terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa.

A participação nessa pesquisa também compreende benefícios, como oportunidades de: experimentar, elaborar e expor ideias e reflexões teórico-práticas sobre a especificidade da terapia ocupacional; incentivar estudos, pesquisas e produção de conhecimento da profissão; compor uma caracterização atual da produção de conhecimento no Brasil; contribuir com material que possa qualificar a concepção, o ensino e a formação sobre o tema; além de incluir na construção de conhecimento da área sua perspectiva sobre o tema, suas reflexões e seus saberes.

Haverá confidencialidade de qualquer elemento que caracterize identidade aos dados e garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa, sendo que a futura divulgação dos mesmos será feita sem a sua identificação. Além disso, não haverá gastos para você pela sua participação na pesquisa.

A sua participação nesta pesquisa não é obrigatória. Ela é voluntária e poderá ser interrompida a qualquer momento, sem qualquer tipo de represália ou outras consequências negativas. Tendo como garantia o recebimento de uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Sem mais, pedimos gentilmente sua colaboração com a pesquisa, sua contribuição com o envio de sua narrativa e a autorização da utilização dos conteúdos expressos nela.

(Dados e assinatura da pesquisadora e orientadora)

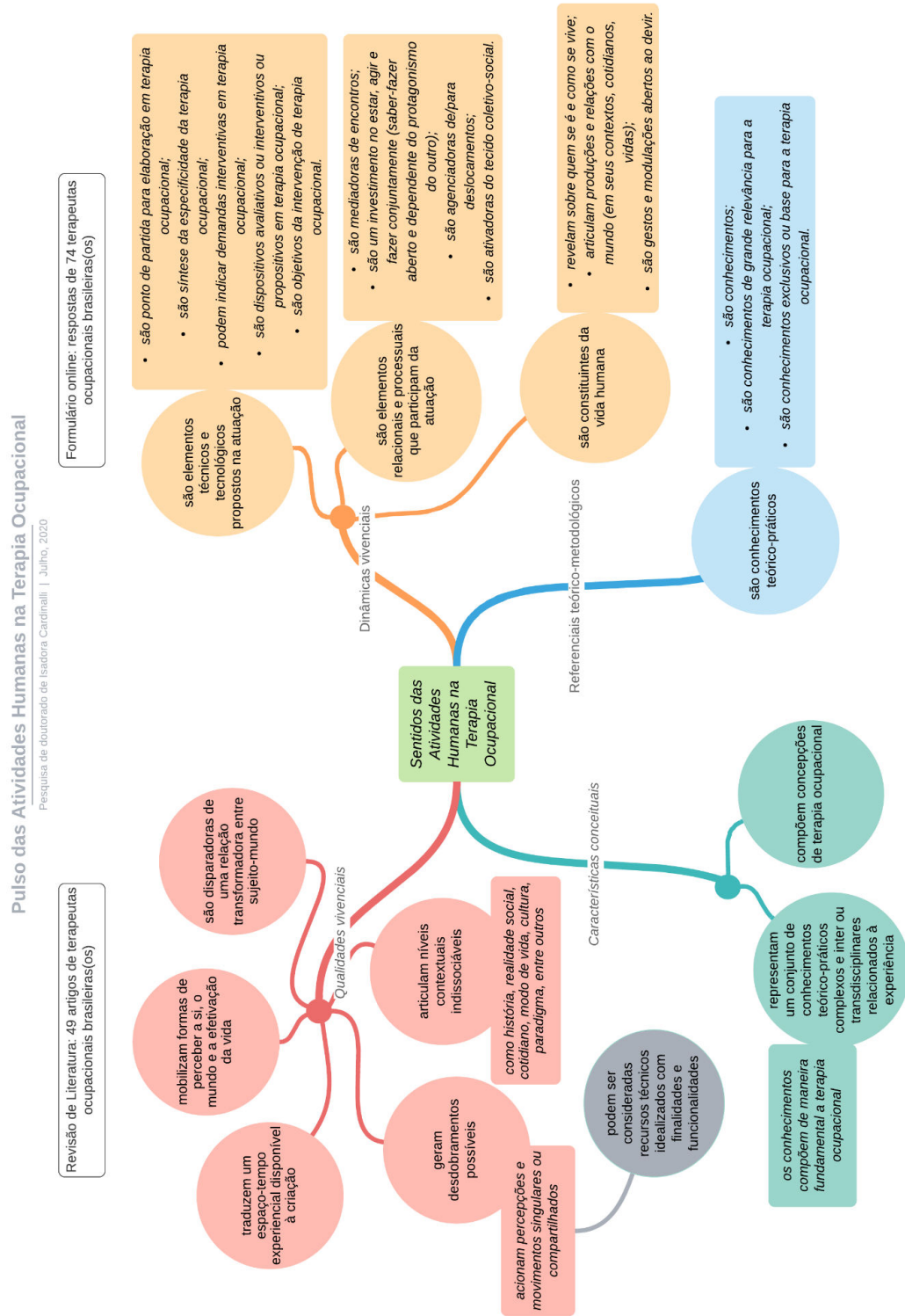
Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar e divulgar minha narrativa anonimamente.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, localizada na Rodovia Washington Luiz, km 235 – Caixa Postal 676, CEP 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil (016) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

(Data e assinatura da/do participante)

Apêndice 3

Figura 1 – Sentidos das atividades humanas na terapia ocupacional



Caderno 3

ESPERANÇAR LUGARES QUE ACOLHAM A
FALTA DE LUGAR: linguagem, experiência e criação

*O Brazil não conhece o Brasil
O Brasil nunca foi ao Brasil
Tapir, jabuti
Liana, alamanda, ali, alaúde
Piau, ururau, aki, ataúde
Piá carioca, porecramecrã
Jobim akarore, jobim açu
Uô, uô, uô
Pereê, camará, tororó, olerê
Piriri, ratatá, karatê, olará*

*Pereê camará tororó olerê
Piriri ratatá karatê olará*

*O Brazil não merece o Brasil
O Brazil tá matando o Brasil
Jereba, saci, caandrades, cunhãs, ariranha, aranha
Sertões, guimarães, bachianas, águas
Imarionaíma, ariraribóia
Na aura das mãos de jobim-açu
Uô, uô, uô*

*Jerê, sarará, cururu, olerê
Blá-blá-blá, bafafá, sururu, olará*

*Jerê, sarará, cururu, olerê
Blá-blá-blá, bafafá, sururu, olará*

*Do Brasil, s.o.s ao Brasil
Do Brasil, s.o.s ao Brasil
Do Brasil, s.o.s ao Brasil*

*Tinhorão, urutu, sucuri
Ujobim, sabiá, bem-te-vi
Cabuçu, cordovil, cachambi
Madureira, Olaria e Bangu
Cascadura, água santa acari, olerê
Ipanema e Nova Iguaçu, olará*

*Do Brasil, s.o.s ao Brasil
Do Brasil, s.o.s ao Brasil*

(Querelas do Brasil - Aldir Blanc Mendes e Mauricio Tapajos Gomes)

Sumário do Caderno 3

Ética-Estética-Política da linguagem.....	5
Saber da experiência, saber-fazer, fazer-saber	21
Criar, compartilhar e cuidar do que se é.....	31
Fazer-pensar atividade humana, reconhecimentos e alianças.....	31
Criar, gestar, cultivar, parir e cuidar em terapia ocupacional	40
Referências do caderno 3.....	56

No primeiro caderno, com o acompanhamento das palavras, recuperamos condições históricas, políticas e sociais do Brasil para discutir sobre a expressão colonial que perpetua formas de dominação, autoritarismo e homogeneização cultural, as quais influenciam também na terapia ocupacional que acontece nesse território. Como já dito, não se espera disputar a narrativa histórica da profissão ou seus objetos de estudo e intervenção, mas recuperar condições e discursos que convergiram enquanto nascente e nutriente para a aparição e manutenção do enunciado atividade humana. As marcas coloniais, assim como da esperança proliferada com o processo de redemocratização do país e a criação das políticas públicas sociais, com implicação na gestão profissional no território e no espaço da vida cotidiana e comunitária, imbricaram-se em novas perspectivas e enunciados profissionais. O que não significa presumir, como também vimos, que as novas perspectivas ou que o uso desses enunciados implique sempre os mesmos significados ou a corrente crítica que foi formada concomitantemente.

Quando acompanhamos os referenciais que contribuem para enunciar a atividade humana, vimos, entre outros, duas correntes principais, que foram o materialismo histórico dialético e a filosofia da diferença. Essa adoção acompanhou um movimento maior que aconteceu na terapia ocupacional brasileira que a levou a se encontrar com referenciais de outras áreas do conhecimento, o que se espera valorizar como condição para a crítica das realidades nacionais e profissionais, com conscientização das contradições e diferenças percebidas na experiência, e também com interesse por desenvolver uma terapia ocupacional voltada para resistência, criação, emancipação e transformação social.

No segundo caderno, criando tecituras, pudemos cuidar do processo artesanal entre o que se faz e o que se sabe, o que mostra um caminho de composição entre a sensibilidade e a crítica, o que se torna mais relevante para a produção da terapia ocupacional do que o desejo identitário da totalidade e do controle do saber-fazer. Nesse desmanchamento da dicotomia e hierarquia saber-fazer, fazer-saber, o interesse pela geração e gestação de terapias ocupacionais brasileiras, terapias ocupacionais do Sul, comprometidas ética-estética-política e culturalmente com a construção de um comum composto por diferentes e heterogeneidades e livre da dominação e do controle exercido por qualquer perspectiva ou enunciado sobre os demais. Com o percurso arqueológico e cartográfico também reunimos sentidos associados ao enunciado atividade humana, que nos dão pistas de como ele pode contribuir para a terapia ocupacional, ainda que seja afirmando *outra* ou *alguma* terapia ocupacional.

Agora, buscando criar sentidos, nesse terceiro caderno seguiremos mais três ensaios para expandir o debate sobre a linguagem, sobre a experiência enquanto produtora de conhecimento e, por fim, sobre possíveis tendências do debate da atividade humana na terapia ocupacional. O interesse se direciona pela produção e transformação do conhecimento, de saberes e práticas que expandam os horizontes e impulsionem a terapia ocupacional a novas direções, frente às novas configurações do mundo e à pluralidade de condições e experiências pelas quais queremos que ela se responsabilize. A produção de saberes-fazer mais responsáveis nos coloca frente aos desafios e poderes que se atravessam, inclusive na imposição da positividade e da produtividade do conhecimento, com caráter homogeneizante, dominador e excludente.

Nesse caminho, proponho um *ensaio sobre a concepção de atividade humana* como experiência que transversaliza tudo o que se é e o que se gera, aquilo que movimenta a vida e que materializa e virtualiza a existência em sua relação com os vivos e o mundo das coisas. Isso não apenas convoca a terapia ocupacional, no cuidado e assistência que realiza, mas a coloca como parte dessa produção humana que se mantém em transformação. Por isso, juntamente com uma proposição para atividade humana, conectando ser-fazer-pensar-sentir-viver, apresenta-se uma proposição também para terapia ocupacional que costura um saber-fazer-cuidar do que se é.

Com o *ensaio* que fecha esta tese de doutorado, apresenta-se mais uma dimensão metodológica que não se implica na *defesa* como conclusão, mas em uma abertura de possibilidades nessa produção do enunciado. Olha-se para as marcas das contradições e diferenças e projeta-se o encontro e a construção comum em terapia ocupacional, tendo como inspiração a própria elaboração conceitual da atividade humana. Ao *ensaiar*, portanto, não se fecha algo para proibir ou disputar poderes como ao *defender*. Um método ensaístico aparece da coragem de tecer leituras inconclusas que inventam o hoje, mantém a imaginação, a criação, o sonho e a esperança como perspectiva ética-estética-política em uma produção sensível e crítica do conhecimento.

Ética-Estética-Política da linguagem

Biscoito ou bolacha? No Brasil, as duas terminologias são consideradas corretas e equivalentes, de acordo com a etimologia e a legislação alimentícia e sanitária. O termo biscoito¹ teria chegado primeiro na língua portuguesa e, como convenção, é priorizado nas embalagens da indústria brasileira, porém a preferência entre o uso popular das palavras biscoito ou bolacha² é considerada uma questão cultural regional. Esse debate é visto como um dos duelos mais famosos da internet, tendo sido realizada uma enquete pelo Facebook, com oito mil participações, da qual foi gerada um mapa do Brasil que mostra o seguinte resultado: onze estados falam preferencialmente “bolacha”, oito estados mais o Distrito Federal preferem “biscoito” e, ainda, sete estados utilizam ambos os termos (BIANCHIN, 2020).

Nesse cenário de debates afetivos sobre o uso das palavras nas regiões de um país amplamente extenso e de múltiplas referências culturais, imagine que fosse instituído politicamente que a palavra biscoito seja o termo oficial, já que chegou primeiro na língua portuguesa e se tornou consenso industrial, e a palavra bolacha seria categorizada como um termo inferior, representando “um tipo de biscoito sem sabor”. Em resposta, vigora-se uma motivação em que “o ataque é a melhor defesa” na tentativa de uma reversão e, assim, biscoito será abominado por uma comunidade científica. E, nesse jogo de forças, mantém-se a rivalidade entre “biscoito” e “bolacha” em uma polarização bipartidária cada vez mais intensa que, no ápice, apenas sustenta a pauta totalitária e a busca pela soberania como único caminho.

A institucionalização da dominação e a reprodução da homogeneização cultural alimenta o interesse pelo poder e o desejo de hegemonia, o que, somado à experiência incessante da colonização e do autoritarismo no histórico brasileiro, não deveria nos deixar esquecer que o argumento pela manutenção colonial foi uma suposta condição sub-humana dos povos não-brancos (ditos “selvagens” e “sem alma”). Será que continuar com a sacralização de uns (cujo mérito é exatamente sua relação prévia com o poder) e o subjugamento de outros seria a única saída para nossas diferenças? E, nesse debate cultural linguístico, só nos interessam as palavras

¹ Palavra derivada do francês *biscuit* e do latim *biscoctus*, significa bolinho doce à base de farinha cozido duas vezes (CUNHA, 2010).

² Palavra derivada do latim *bullus*, que significa tipo de bolo esférico, com o sufixo diminutivo *acha* (CUNHA, 2010).

e raízes indo-europeias? Nessa disputa estabelecida, continuaremos silenciando palavras e experiências, como *mbojape*³, entre tantas outras, até que ninguém mais acesse sua origem e significado, diferente do que fazemos com biscoito e bolacha?

Alguém poderia acusar: são apenas palavras diante de tantas coisas mais importantes. Ainda que essa ponderação não seja irrelevante, também é importante compreender que os modos de vida se expressam culturalmente e afetivamente em palavras carregadas de sentidos e emoções, são condição de existência dos grupos humanos, assim como a hegemonia e homogeneização cultural são expressões de força e poder, sobretudo na perspectiva econômica, o que coloca a pauta da linguagem como alvo de dominação, mas também forma de resistência.

As relações de poder que se exercem pelas palavras, línguas e discursos aparecem na busca por legitimação e dominação, questões que os teóricos críticos se dedicam a desvelar (GIORDANI, 2011). Pierre Bourdieu (2004), por exemplo, mostrou que as palavras são parte do poder simbólico, sendo sua legitimidade conferida por aqueles que falam e que escutam. Roland Barthes indicou que a língua, dentre os sistemas de classificação, é lugar de poder por excelência, o que a torna intrinsecamente política (FIORIN, 2009). Michel Foucault (2018) problematizou sobre a ambição de poder dos postulados – em nome de que os mantém – contribuindo para a discussão iniciada com Friedrich Nietzsche que, por sua vez, colocou que para se conhecer alguma coisa, é preciso conhecer “qual é a força que se apropria da coisa, que a explora, que dela se apodera ou nela se exprime” (DELEUZE, 1976, p. 3).

Volóchinov⁴ (2018) mostra que as palavras são signos ideológicos, ou seja, sua significação se encontra além delas. Isso porque todo signo carrega alguma ideologia, assim como toda ideologia vem acompanhada de signos. O sistema ideológico se estende entre as interações sociais e as consciências individuais, o que faz com que as individualidades se formem e existam repletas de signos e conteúdo ideológico (VOLÓCHINOV, 2018). Isso ajuda a explicar o que fortalece a dimensão emocional e afetiva das disputas pelos enunciados, baseada nas diferenças entre ideias e grupos. Assim, a linguagem se torna condição humana de percepção de si e do outro e tecnologia sofisticada para a relação comunicativa uns com os outros, mas também para expressão de poder entre eles.

³ Palavra guarani que se refere a um alimento assado feito de farinha de milho (HEUSI, 2010).

⁴ Texto anteriormente atribuído a Mikail Bakhtin.

Volóchinov (2018, p. 97) ressalta a compreensão de que a “consciência individual é um fato social e ideológico”, apresentando a abordagem materialista histórica dialética sobre as ideologias. Essa implicação entre a dinâmica coletiva e a consciência individual aponta para a materialização dos signos por meio da comunicação social. A palavra se tornou o meio mais apurado e sensível da comunicação, podendo assumir qualquer função ideológica – científica, estética, moral, religiosa –, além de ser o material mais usual da comunicação cotidiana. “Essa comunicação é extremamente importante e rica em conteúdo. Por um lado, ela entra diretamente em contato com os processos produtivos e, por outro, ela se relaciona com as várias esferas ideológicas já formadas e especializadas” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 99).

Walter Benjamin (2017) escreveu sobre o envolvimento mitológico com a filosofia da linguagem, a partir da consideração de que a língua e a comunicação são funções específicas e, portanto, parâmetro que distingue o humano de outros animais. Nessa compreensão, baseada na ideia de essência, reverbera a metafísica da linguagem, isso porque a língua/linguagem é vista como a essência do homem (branco europeu), o que, por sua vez, torna-o enunciador da essência das coisas. Ou seja, quando o homem nomeia, ele exerce sua essência e se conecta com a essência das coisas nominadas por ele. Nessa perspectiva, o nome (ou palavra) não é um meio, mas a própria essência da coisa nominada, assim como o homem “é o senhor da natureza e pode nomear as coisas” (BENJAMIN, 2017, p. 56).

Esse conhecimento metafísico define “toda essência espiritual como linguística” (p. 57) e tal homem é capaz de conhecer a essência das coisas porque ele detém a linguagem e, portanto, pode nomeá-las. Há uma equiparação entre essência espiritual e essência linguística, com isso, as coisas que não foram nomeadas pelo homem não existem. Esse enraizamento metafísico, que se encontra no centro da filosofia da linguagem, tem íntima ligação com a filosofia da religião e o conceito de revelação: apenas a essência espiritual mais pura e elevada, tal como o homem temente a Deus, alcança o poder da revelação e, portanto, da nomeação (BENJAMIN, 2017).

No mito da criação do mundo, “Deus descansou após depositar no homem seu poder criador” (p. 62) e, assim, a “teoria do nome próprio é a teoria do limite da linguagem finita [do homem] em relação à linguagem infinita [de Deus]” (p. 62). O homem nomeou todos os seres, inclusive a mulher, conhecendo a essência de todos e “com a doação de um nome, os pais consagram seus filhos a Deus” (BENJAMIN, 2017, p. 63).

A palavra humana é o nome das coisas. Com isso, não vigora mais a concepção burguesa da língua segundo a qual a palavra estaria relacionada à coisa de modo casual e que ela seria um signo das coisas (ou de seu conhecimento), estabelecido por uma convenção qualquer. A linguagem não fornece jamais *meros* signos. Mas a refutação da teoria burguesa da linguagem por parte da teoria mística é igualmente equivocada. Pois segundo esta, a palavra é por definição a essência da coisa (BENJAMIN, 2017, p. 63 [grifo do autor]).

É preciso lembrar que as palavras são apenas palavras. Disputar a nomeação das coisas está adensado no vislumbre pelo poder, pureza e elevação humana essencialista, capaz da revelação. Contudo, também não se pode esquecer que as palavras são signos carregados de múltiplos significados que são reproduzidos e sustentados ou negados e questionados.

Aquele que julga, que conhece a purificação e a elevação, o bem e o mal, trará para o tribunal o pecador, que é aquele que conhece apenas a tagarelice e a palavra vã, não sendo merecedor da nomeação já que não segue os preceitos divinos. “No pecado original, em que a pureza eterna do nome foi lesada, ergueu-se a pureza mais severa da palavra judicante, do julgamento” (pp. 67-68). Ainda que se tenha gerado a pluralidade de línguas, persevera a magia do julgamento orientada pela magia da revelação, e apenas quem pode acessar a árvore do conhecimento adquire a insígnia da nomeação e do julgamento. Contudo, lembra Benjamin (2017, p. 69) “a pergunta sobre o bem e o mal no mundo depois da Criação foi a tagarelice” – provocada pela mulher, lembremos.

Depois da queda [do pecado original], que, ao tornar a língua mediada, lançou a base para sua pluralidade, não era preciso mais que um passo para se chegar à confusão entre as línguas. Como os homens haviam ferido a pureza do nome, bastava apenas o distanciamento daquela contemplação das coisas, através da qual sua linguagem adentra o homem, para roubar aos homens a base comum do espírito linguístico já abalado. Os *signos* necessariamente se confundem, lá onde as coisas se complicam. À servidão da língua na tagarelice segue-se a servidão das coisas na doídice quase como consequência inevitável (BENJAMIN, 2017, p. 69 [grifo do autor]).

E, com isso, postula-se quem pode ser o enunciador (homem branco puro e evoluído) e quem será julgado por sua tagarelice e doídice. O distanciamento entre linguagem e mundo contribui para a construção metafísica, mas também para abordagem científica antropocêntrica. Fiorin (2009, p. 151) ressalta que a língua se tornou o lugar da submissão e da sujeição, “o lugar por excelência da inscrição do poder”.

Em português, os seres são classificados em masculinos ou femininos. O genérico é expresso obrigatoriamente pelo masculino. Não posso expressá-lo

pelo feminino nem tenho uma categoria genérica distinta do masculino. *Homem* é “ser humano do sexo masculino” e também “ser humano em geral”, enquanto *mulher* é apenas “ser humano do sexo feminino”. Em latim e grego, havia uma palavra para o “ser humano” (*homo* e *ánthropos*), uma para o “ser humano do sexo masculino (*uir* e *anér*) e uma para o “ser humano do sexo feminino” (*mulier* e *guiné*) (FIORIN, 2009, p. 151 [grifos do autor]).

A linguagem, após o século XVI, tornou-se um dos debates centrais da modernidade. Embora os signos tenham sido explorados para a escrita de novos discursos, esses retomavam à concepção ontológica de uma “escrita primeira” ou do “texto originário”, seja mítico ou não, que referenciasse diversas interpretações. O conhecimento da linguagem, assim como da história natural, dedicou-se a patentear sistemas de semelhanças: “jogo espontâneo que analisa as representações na lembrança, fixa seus elementos comuns, estabelece signos a partir deles e, finalmente, impõe nomes” (p. 219). Assim, as similaridades mantinham as palavras e línguas próximas e solidárias umas às outras, dependentes e fiéis à interpretação dessa enunciação ou princípio linguístico comum (FOUCAULT, 2016).

A disposição fundamental era descrever e ordenar os conhecimentos para representá-los em um sistema de nomes orientado por identidades e diferenças. E esse texto primário limitava o campo de saber, definia o modo de ser dos objetos, induzia teorias sobre o olhar cotidiano e fixava as condições para se reconhecer um discurso como verdadeiro. As palavras foram interrogadas por seus valores representativos até que se questionou essa origem absoluta para todas as línguas (FOUCAULT, 2016).

No final do século XVIII, apresentou-se uma figura de linguagem intermediária, que Foucault (2016) coloca como a flexão das palavras. Com ela, as raízes linguísticas puderam se diferenciar e os conteúdos representativos das palavras perderam sua soberania. As flexões linguísticas, vistas de forma mais complexa, podiam ser análogas, já que foram compreendidas como resultado de misturas históricas, não se sustentando mais a crença em uma gramática geral. A comparação gramatical das línguas buscou modificações no encadeamento das palavras para a comunicação e, com isso, apareceram afinidades que indicaram línguas primitivas e, sobretudo, a historicidade foi introduzida na espessura da própria palavra (FOUCAULT, 2016).

Com o século XIX, a linguagem se tornou objeto de conhecimento em si, não apenas um veículo para outros, com uma organização autônoma, possível de dobrar-se sobre si mesma, em sua história, suas leis e objetividades próprias. A primeira preocupação foi o polimento de uma linguagem científica, “desarmada de singularidade”, cujo sonho positivista era que se

mantivesse um nível fiel e verdadeiro da natureza nos limites do quadro da linguagem. E a segunda foi a busca por uma “lógica independente” que pudesse ser utilizada com implicações universais para as diferentes gramáticas, vocabulários ou palavras, o que fez deslizar essa “neutralidade” para a lógica da linguagem e singularidades das línguas indo-europeias (FOUCAULT, 2016).

Como compensação a esse nivelamento, fortaleceu um valor crítico ao estudo da linguagem como realidade histórica, “o lugar das tradições, dos hábitos mudos, do pensamento, do espírito obscuro dos povos; acumula uma memória fatal que não se conhece nem mesmo como memória” (p. 412). O que significou compreender que a expressão do pensamento em palavras é a própria submissão a suas exigências. Retomou-se certa densidade enigmática, mas não mais recorrendo à ontologia, e sim na busca por torná-la “de novo ruidosa e audível a parte de silêncio que todo discurso arrasta consigo quando se enuncia” (p. 412). Marx, Nietzsche e Freud foram exemplos da busca pela profundidade dos discursos, mostrando que antes de pronunciar a mais íntima das palavras já houve dominação de sentidos sobre a linguagem (FOUCAULT, 2016).

A questão despontou com a afirmação de Wilhelm von Humboldt sobre a estrutura das línguas estar associada “à vida do espírito” (p. 50) dos diferentes povos e Nietzsche associar a constituição da linguagem aos modos de vida culturais das diferentes sociedades. A antropologia, então, passou a se embasar no relativismo linguístico ao olhar para as estruturas das línguas a partir das visões de mundo, crenças e comportamentos dos grupos humanos relacionados. O “debate alemão do século XIX é responsável por colocar em pauta a investigação da linguagem [...] e, mais do que isso, por lançar as bases de uma reflexão que concebe a linguagem como meio de organização da experiência e, assim, como estrutura transcendental de apreensão do mundo” (CARVALHO, 2013, p. 52).

A linguagem pode ser compreendida como um sistema de signos comunicativos corporificado em línguas que se relacionam a comunidades. A língua é um produto e uma convenção social que permite a comunicação entre indivíduos. A hipótese Sapir-Whorf indica que a língua modela a representação do mundo para aqueles que a falam, pois se baseiam em categorias que determinam o pensamento, como tempo, espaço, sujeito, objeto, o que se diferencia de uma língua para outra. Através do discurso, que é uma atividade verbal social, a língua condiciona os modos de compreender e representar o que se conhece (FIORIN, 2009).

As partes do discurso das línguas indo-europeias, que opõem o agente à ação, as coisas às relações, os objetos às propriedades, impõem ao falante uma reificação do mundo, que é visto como um conjunto de coisas. Já uma língua, como o hopi, por exemplo, vê a realidade como uma soma de processos. Whorf formula, então, o princípio da relatividade linguística: há tantas maneiras de representar o mundo, de categorizar a realidade quantas são as línguas existentes. Nenhum falante pode escapar à organização e classificação dos dados estabelecidas por uma língua (FIORIN, 2009, p. 147).

A língua opera com princípio da classificação e condiciona um espaço de poder impositivo, obrigando a iniciação à fala, à representação e à simbolização a partir de suas categorias. A fala convoca a presença do signo, mas a percepção sobre ele pode figurar o indizível, já que o signo é uma abstração que se relaciona com determinados elementos externos os quais conduzem a significações possíveis (FIORIN, 2009).

Para o estruturalismo linguístico, os elementos da linguagem que se envolvem com o signo são o significado e o significante: o signo designa, indica ou representa um objeto; o significado são aspectos da compreensão dos signos, lhe impondo um sentido específico; e o significante é a imagem acústica da combinação indissolúvel entre signo e seu significado, dependente da singularidade gerada pela expressão psíquica ou representação mental da palavra falada e ouvida, ou seja, uma repercussão desse som para quem o recebe (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001).

Desde a descoberta do significante, o que se tem feito é interpretar e formalizar a linguagem na tentativa de iluminar conteúdos que se impõem ao inconsciente ou fazem o discurso aterrar na experiência. “A relevância crítica da linguagem, que compensa seu nivelamento ao objeto, implicava que ela fosse reaproximada, ao mesmo tempo, de um ato de conhecer isento de toda fala, e daquilo que não se conhece em cada um de nossos discursos” (p. 414). Tendo, com Nietzsche, o ressurgimento da multiplicidade enigmática da linguagem sem diferenciar o bem e o mal, o foco se colocou, antes, em quem fala, naquele que detém a palavra e mantém o discurso (FOUCAULT, 2016).

Assim, para reaver a relação entre palavra e experiência, retoma-se o ato do discurso, de quem o faz e o que faz a enunciação e, com isso, compreender as interdições produzidas, as exclusões que vigoram na sociedade ocidental e que atingem a linguagem, revelando sua ligação com o desejo e com o poder. Como a psicanálise mostrou, os discursos não apenas manifestam ou ocultam o desejo, como também são objeto do desejo; não apenas traduzem as lutas e sistemas de dominação, são aquilo pelo que se luta. E as autoridades institucionais

definem quem pode e como se pode falar em nome da verdade, prevalecendo a hierarquia entre o saber e a experiência (FOUCAULT, 2014).

A relação entre linguagem e experiência está implicada na fórmula linguística de apropriação existencial, ou seja, a base linguística introduz o uso das palavras assim como as regras de pensamento e apropriação da realidade. Com isso, o tronco linguístico indo-europeu que originou o latim e, posteriormente, o português, não indica apenas determinadas origens e regras gramaticais, mas seus modos de ver e definir a vida. Os ramos dessa família linguística se tornaram dominantes culturalmente no Brasil durante o período colonial, substituindo as línguas dos povos originários e da diáspora conduzindo a apropriação do pensamento ocidental.

Mesmo considerando o universo de aproximadamente 98% da população brasileira que têm hoje o português como língua materna, uma história sociolinguística que toma como ponto de partida o início da colonização portuguesa não dá conta de todos os processos que concorreram para essa configuração atual, pois não é capaz de explicar, por exemplo, por que a denominação comum de grande parte da fauna e da flora brasileiras, bem como da toponímia, e mesmo da antroponímia e do vocabulário comum, como guri e mingau, são provenientes das línguas tupi e tupinambá (hoje extintas), e não de qualquer outra das muitas dezenas de línguas indígenas brasileiras, das famílias gê, karib, aruak, arawá, ou mesmo da família tupi-guarani à qual as línguas tupi e tupinambá pertenciam (LUCCHESI, 2017, pp. 361-362).

O aprofundamento da questão solicita uma intensa escavação sócio-histórico-política que ajude na aproximação de experiências locais e dinâmicas culturais diversas que se implicam na constituição da língua e na manutenção de palavras. Ainda há muito o que reconhecermos sobre nossos caminhos para possamos afirmar nossos sentidos.

Quando Lélia Gonzalez (1983) afirma que o português é a língua da cultura brasileira, assim como dos países lusófonos da África, faz um chamado para olharmos para essa amefricandade: “este barato chamado Brasil nada mais é do que uma América Africana, ou seja, uma América Ladina” (GONZALEZ, 1983, s/p).

E por falar em português, é importante ressaltar que o objeto parcial por excelência da cultura brasileira é a bunda (esse termo provém do quimbundo que, por sua vez, e juntamente com o ambundo, provém do tronco linguístico bantu que “casualmente” se chama bunda). E dizem que significante não marca... Marca bobeira quem pensa assim. De repente bunda é língua, é linguagem, é sentido, é coisa. De repente é desbundante perceber que o discurso da consciência, o discurso do poder dominante, quer fazer a gente acreditar que a gente é tudo brasileiro, e de ascendência europeia, muito civilizado etc. e tal (GONZALEZ, 1983, s/p).

A experiência formativa junto às mães pretas para a criança chamada Brasil ensinou seus valores e sua linguagem, o que a tornou cultura brasileira. “A função materna diz respeito à internalização de valores, ao ensino da língua materna e a uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente” (GONZALEZ, 1983, s/p). Os discursos atuam na construção da consciência das pessoas (FIORIN, 2009), uma consciência identitária que rejeita o lugar da memória, essa é a expressão do “discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura; por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência” (GONZALEZ, 1983, p. 226).

Mosé (2014), estudiosa da crítica de Nietzsche sobre a linguagem, explica que o anseio por determinado fundamento e identidade, como no pensamento ocidental imperialista, se baseia no raciocínio ontológico e essencialista como verdade. Porém, para Nietzsche, essa ficção substitui a vida pela ideia e isso seria a *vontade de negação*, uma marca do pensamento platônico, cristão e da ciência moderna que tem sua matriz comum na linguagem propagada pela ocupação indo-europeia. Contudo, para retomar a *vontade de potência* seria “preciso explicitar o processo de produção da linguagem, pondo a claro os jogos de força, os interesses e tensões que estiveram, desde sempre, movendo seus códigos e leis” (MOSE, 2014, p. 14).

A crítica de Nietzsche se instaura com o estatuto da pergunta, primeiro é preciso desconfiar para possibilitar a produção de um novo lugar. Não em busca o verdadeiro ou falso, mas simplesmente questionar o que é apresentado como verdade, sua história e função social. A genealogia questiona a crença em qualquer fundamento originário ou ontológico e sua condução à verdade, à essência, à identidade, ao princípio ou à causa. Para Nietzsche, a ideia de verdade, assim como desses outros valores, se remeteria mais à necessidade humana de duração e estabilidade do que à produção e transformação de conhecimento. Isso porque esses valores morais alimentam um sentimento de soberania e divindade – a justificativa “daquilo que tem alma”, capaz da revelação e julgamento, que leva à dominação e colonização –, no entanto, continuam correspondendo ao jogo de forças da história, sem causa ou finalidade intrínseca (MOSE, 2014).

A necessidade de duração é uma tentativa de burlar a morte iminente, a descontinuidade, o sofrimento e a imprevisibilidade da vida, mas, para Nietzsche, o domínio dessa crença impede o exercício da *vontade de potência* da vida em seu caráter intrínseco de expansão, crescimento e superação. Com a manutenção dessa verdade fictícia, a mutação, a luta, a

contradição e a dor não existem, porém, quando reconhecida sua intenção, a afirmação da vida se manifesta nessa luta desigual contra as formas de dominação (MOSÉ, 2014).

Experimentar essa tensão é parte do caminho para que a mudança possa acontecer, segundo ele, já que a dor de olhar para a morte seria condição para o vir-a-ser, uma condição de transformação, criação e proliferação de sentidos, revelando uma relação alegre e afirmativa da vida. A linguagem, então, codifica e propaga as formas de pensar o mundo, podendo ser resultado da *vontade de negação* ou da *vontade de potência* da vida. Enquanto a verdade for fundamento da linguagem, conduzirá ao conhecimento metafísico e não se afirmará a experiência da vida e de sua transformação. Nietzsche questionou a prioridade da identidade com sua genealogia ao buscar “utilizar não a verdade, mas a vida como vontade de potência” (MOSÉ, 2014, p. 38).

Nesse sentido, a palavra como conceito explicita a função valorativa do nome, e como nomear é atribuir valor e identidade, na linguagem também se imprime uma moral. A linguagem se torna possível porque as palavras param de se referir a coisas para se referirem a outras palavras, essa convecção mantém um universo significativo que possibilita a comunicação, mas é preciso lembrar que “as palavras se relacionam com aquilo que está dito que as palavras querem dizer” (p. 73). Na formação da linguagem não há uma essência, mas sim condições para estabelecer uma relação entre palavras e coisas, condições que são esquecidas na propagação de uma abstração, um acordo que torna possível a expressão de uma identidade, verdade e sua dominação (MOSÉ, 2014).

A palavra se afastou da experiência e de suas condições de formação, prevalecendo identidades abstrata como metáforas mortas que transpõem universos distintos. As palavras são como molduras que reúnem significados e sentidos contextuais de experiências esquecidas, não há ideia verdadeira ou alma originária, há experiências de poder. No limiar de sua crítica, aponta o caráter ficcional e estético de todo conceito ao propor uma linguagem própria para restabelecer a relação com a vida. Retomar esse autor, no entanto, envolve dificuldades interpretativas e, inclusive, incoerências junto à linguagem acadêmica, sendo inevitáveis torções e invenções para recolocar sua crítica em relação à linguagem e aos valores que negam a vida (MOSÉ, 2014).

Deleuze e Guattari (2013) consideram que Nietzsche foi o responsável por resgatar a tarefa da filosofia de fabricar e afirmar novos conceitos – e não manter postulados –, privilegiando a desconfiança, principalmente em relação aos conceitos. Os autores acreditam

não ser possível conhecer nada por meio de um conceito, a menos que se tenha criado esse conceito e lhe dado uma existência autônoma, passível de ser modificável. A filosofia, nesse sentido, “não contempla, não reflete, não comunica, se bem que ela tenha de criar conceitos para estas ações ou paixões” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 13).

Ora, apesar de datados, assinados e batizados, os conceitos têm sua maneira de não morrer, e todavia são submetidos a exigências de renovação, de substituição, de mutação, que dão à filosofia uma história e também uma geografia agitadas, das quais cada momento, cada lugar, se conservam, mas no tempo, e passam, mas fora do tempo (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 14).

Os autores valorizam a criação e a história de todo conceito, sobretudo relacionado a seu tempo, participando de seu terreno, compartilhando e se confundindo com seu campo. A criação do conceito se trata de uma construção sobre um plano que lhe garante uma existência autônoma. Nessa compreensão, o conceito, além de criado, se põe em si mesmo, ou seja, ele próprio mantém sua autopoisição. Para olhá-lo, então, não se recorre a enciclopédias e postulados universais, mas a uma “pedagogia do conceito, que deveria analisar as condições de criação como fatores de momentos que permanecem singulares” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 19).

As duas coisas se implicam, já que o que é verdadeiramente criado, de ser vivo à obra de arte, desfruta por isso mesmo de uma autopoisição de si, ou de um caráter autopoietico pelo qual ele é reconhecido. Tanto mais o conceito é criado, tanto mais ele se põe. O que depende de uma atividade criadora livre é também o que se põe em si mesmo, independentemente e necessariamente: o mais subjetivo será o mais objetivo (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 18).

Para Deleuze e Guattari (2013), cabe à filosofia criar conceitos, à ciência criar funções e à arte criar sensações. Os autores nos lembram que essas instituições humanas precisam criar, pois é isso que lhes dá vida. E, com Maturana e Varela (1995), compreendem que a caracterização do que é vivo é sua própria organização autopoietica, ou seja, a rede de relações que produz sua vida e explica o que se é. A árvore do conhecimento, para Maturana e Varela, não é aquela originária, ontológica e essencialista, é a condição do vivo como processo de conhecimento, de autoconhecimento, é o como os seres vivos conhecem a si e ao mundo. “Não nascemos nem amando nem odiando ninguém em particular. Como então aprendemos isso?” (p. 15). E, vivendo, conhecemos e construímos o mundo em que vivemos, e esse mundo também nos constrói nessa vida comum (MATURANA; VARELA, 1995).

Maturana e Varela (1995) nos convidam a sermos observadores das nossas experiências, nos inspirarmos com os fenômenos históricos, sociais e culturais, conhecer o nosso próprio conhecer, “Por que se pensa que isso é assim?” (p. 30), descrever o que se conheceu, pois isso coloca a linguagem como parte da autoconsciência e como desenvolvimento de uma consciência reflexiva. Esse processo autopoietico dos e entre seres vivos se baseia na plasticidade e na ética. A ética, para os autores, emerge dessa estrutura que é, simultaneamente, biológica e social (MATURANA; VARELA, 1995).

Se sabemos que nosso mundo é sempre o mundo que construímos com outros, toda vez que nos encontrarmos em contradição ou oposição a outro ser humano com quem desejamos conviver, nossa atitude não poderá ser a de reafirmar o que vemos do nosso próprio ponto de vista, e sim a de considerar que nosso ponto de vista é resultado de um acoplamento estrutural dentro de um domínio experiencial tão válido como o de nosso oponente, ainda que o dele nos pareça menos desejável. Caberá, portanto, buscar uma perspectiva mais abrangente, de um domínio experiencial em que o outro também tenha lugar e no qual possamos, com ele, construir um mundo (MATURANA; VARELA, 1995, p. 262).

Diante de todo esse percurso reflexivo sobre cultura, criação e poder que envolvem a linguagem, esse trabalho tece caminhos com a ética, a estética e a política para que possa problematizar sobre legitimidade e dominação das palavras na busca por não reproduzir os mesmos mecanismos que criam e sustentam a soberania e o desejo de hegemonia. A investigação de um enunciado não precisa se basear na comparação ou ter como finalidade a construção de um conceito ideal. O que não significa, por outro lado, vislumbrar uma “neutralidade” fictícia, mas afirmar caminhos junto ao enunciado.

Considerando a terapia ocupacional em contextos mundiais, não há como negar o lugar de destaque que o termo ocupação alcançou e como as estratégias para sua disseminação interferem no contexto estudado. Tal processo mediado por especificidades contextuais criou condições para o desenvolvimento do termo atividade que, na disputa pelo poder discursivo, visava ultrapassar certa concepção de ocupação vigente. O acompanhamento histórico, social e cultural não pode reduzir a polissemia de nenhum dos conceitos gerados a partir de “ocupação” e “atividade” para a terapia ocupacional brasileira. Para sair dessa polarização extremista, baseada em perspectivas binárias que classifica um lado enquanto o outro só se faz no seu contraditório e em submissão, atravessou-se uma arqueogenealogia, uma cartografia e um ensaio sobre linguagem. Possibilitando a prática do reconhecimento daquilo que se filia e daquilo que não interessa de tais enunciados. Quais forças envolvem e queremos sustentar.

A própria manutenção de uma pauta bipolar, mesmo no meio científico, é a própria comprovação dos efeitos de seu poder discursivo, como Jana Viscardi⁵ discute, o interesse pela investigação comparativa entre gêneros desiguais, sem considerar os efeitos do poder sobre eles, mostra o esforço constante em comprovar a superioridade de um sobre o outro. A sacralização de certos temas é uma forma sutil de silenciamento sobre outros temas, como lembra Fiorin (2009), a constituição de um discurso conflitivo implica na tradução do outro pela negatividade, silenciando sua positividade.

Priorizando outras relações entre cultura, criação e poder, por uma perspectiva ética-estética-política da linguagem, consideramos o enfoque nas experiências culturais locais, históricas e sociais, o reconhecimento e afirmação da potência criativa sobre as adversidades e interpelações nos modos de viver, de ser-fazer-pensar-sentir terapia ocupacional, e as formas de resistência na produção e transformação do conhecimento. Lembrando que, quando houver descolamento da experiência constitutiva, as palavras parecem apenas palavras, mas quando valer a pena reafirmá-las, as palavras não são meras palavras, nem substituíveis ou intercambiáveis.

Quando Benjamin (2017) fala sobre o conceito de tradução, lembra-nos da significação relacionada ao mito da linguagem, em que se conserva a hierarquização a uma língua superior, considerada como referência de tradução a todas as outras. “A tradução é a passagem de uma língua para outra por uma série contínua de metamorfoses. Séries contínuas de metamorfoses, e não regiões abstratas de igualdade e de similitude, é isso que a tradução percorre” (p. 64). A tradução, portanto, será a passagem de uma língua imperfeita para uma língua mais perto da perfeição, o que não pode acontecer sem acrescentar algo de seu próprio conhecimento sobre o conteúdo (BENJAMIN, 2017).

Santos (2002) questiona a compreensão ocidental do mundo generalizada como única compreensão do mundo, com suas concepções de tempo e temporalidade e sua forma de criar e legitimar o poder social. Contra esse desperdício da diversidade de experiências, o autor propõe a sociologia das ausências, a sociologia das emergências e o trabalho de tradução. Em específico, vê o processo de tradução como uma alternativa à teoria geral, mas precisa ser “capaz de criar uma inteligibilidade mútua entre experiências possíveis e disponíveis” (p. 239).

⁵ Vídeo “Mulher fala mais que homem? - Papo de linguista” no Canal do YouTube da doutora em Linguística Jana Viscardi.

Essa inteligibilidade mútua é o esforço para que não resulte na canibalização de umas pelas outras, ao mesmo tempo, deve considerar a relação hegemônica entre essas experiências e o que existe em cada uma para além dessa relação (SANTOS, 2002).

A tradução é o procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo, tanto as disponíveis como as possíveis, reveladas pela sociologia das ausências e a sociologia das emergências. Trata-se de um procedimento que não atribui a nenhum conjunto de experiências nem o estatuto de totalidade exclusiva nem o estatuto de parte homogênea. As experiências do mundo são vistas em momentos diferentes do trabalho de tradução como totalidades ou partes e como realidades que se não esgotam nessas totalidades ou partes. Por exemplo, ver o subalterno tanto dentro como fora da relação de subalternidade (SANTOS, 2002, p. 262).

O trabalho de tradução incide sobre saberes e práticas, entre saberes hegemônicos e saberes não-hegemônicos ou entre diferentes saberes não-hegemônicos, o que consiste na “interpretação entre duas ou mais culturas com vista a identificar preocupações isomórficas entre elas e as diferentes respostas que fornecem para elas” (pp. 262-263). Para que essa proposta frutifique, precisa haver o cruzamento de motivações convergentes pelas diferentes culturas envolvidas, essa inteligibilidade recíproca seria uma possibilidade de agregação entre saberes não-hegemônicos e construção de uma contra hegemonia (SANTOS, 2002).

A questão da tradução convoca muitas sutilezas além da própria complexidade envolvida com a linguagem, é uma proposta de comunicação entre diferentes racionalidades, cosmologias, cosmovisões e cosmosentidos que, inclusive, envolve questionar o próprio antropocentrismo. Pelos limites deste trabalho, por ora, vamos problematizar a soberania da língua falada-escrita tida como métrica da linguagem.

Ainda que as criações humanas e outros signos ideológicos não-verbais sejam envolvidos pelo universo verbal, “isso não significa que a palavra é capaz de substituir qualquer outro signo” (p. 101), o que pode haver são ressonâncias verbais e o envolvimento da palavra no ato de compreensão e no ato de interpretação (VOLÓCHINOV, 2018). Os diferentes tipos de linguagem também não podem ser traduzidos entre si, a escultura, a pintura, a poesia, a literatura, a narrativa, a poíese e todas as formas artísticas são linguagens inomináveis, “sem nome, sem acústica, de línguas próprias” (BENJAMIN, 2017, p. 71).

[...] a arte tem sempre uma função subversiva. Denuncia o poder, mostra não apenas o que existe, mas também fala do que nunca existiu, apontando para a possibilidade de sua existência. Indica que a realidade não é única, mas uma entre tantas que poderiam existir. Ela não é destino e pode ser alterada. A

linguagem assinala que também outra ordem da linguagem é possível (FIORIN, 2009, p. 160-161).

Assim como é possível vislumbrar a comunicação, a produção do comum e de uma comunidade. A comunicação das coisas forma um “tipo de comunidade que lhe permite abraçar o mundo inteiro como um todo indiviso” (p. 72). Isso permite uma posição em que se atravessa o campo da linguagem relacionando oposições e diferentes sentidos, pois de qualquer modo, “a linguagem nunca é somente comunicação do comunicável, mas é ao mesmo tempo, símbolo do não-comunicável” (BENJAMIN, 2017, p. 72). Um meio possível para a discordância, o exercício da potência criativa com atenção ao desejo pelo poder e pela soberania.

O terapeuta ocupacional Lincoyan Painemal Morales, da Universidad Santo Tomás no Chile, durante o III Encontro de Terapia Ocupacional e Cultura⁶, respondeu-me sobre o uso das palavras pela terapia ocupacional nas diferentes regiões e países do mundo. Recuperando a compreensão do povo mapuche, disse-me que necessitamos sonhar o futuro, o passado e o presente, pois é o que traz esperança. E a terminologia controla o sonho, então uma palavra pode alimentar o sonho ou destruí-lo. Logo, para que a palavra permaneça como esperança, precisamos sonhar com terminologias que possam comunicar nossos sonhos.

Rolnik (2019) conta que, para os guaranis, a palavra *ñe'e raity* se refere à garganta e a ninho das palavras-alma. “É porque eles sabem que embriões de palavras emergem da fecundação do ar do tempo em nossos corpos em sua condição de viventes e que, nesse caso, e só nele, as palavras têm alma, a alma dos mundos atuais ou em gérmen que nos habitam nesta nossa condição” (pp. 26-27). As palavras-alma são o tempo vivente fecundado em nossos corpos. Para os guaranis, essa relação entre palavra e alma é tão fundamental que consideram o adoecimento do corpo quando elas estão separadas. “Eles sabem igualmente que há um tempo próprio para sua germinação e que, para que esta [palavra-alma] vingue, o ninho tem que ser cuidado” (ROLNIK, 2019, p. 27).

Estar à altura desse tempo e desse cuidado para dizer o mais precisamente possível o que sufoca e produz um nó na garganta e, sobretudo, o que está aflorando diante disso para que a vida recobre um equilíbrio – não será esse o trabalho do pensamento propriamente dito? Não estará exatamente nisso sua potência micropolítica? Não será isso o que define e garante sua ética? E, mais

⁶ Realizado remotamente entre os dias 20 e 22 de outubro de 2021, com a divulgação em <https://sites.google.com/site/terapiaocupacionalecultura/agenda-do-grupo/iii-encontro-terapia-ocupacional-e-cultura>

amplamente, não será nisso afinal que consiste o trabalho de uma vida?
(ROLNIK, 2019, p. 27).

Que possamos transar nossa cultura, como dizia Lélia Gonzalez, a cultura e as palavras com as quais nós nos reconhecemos e que nos fazem sonhar e esperar, e manter o ninho de palavras-alma disponível para gestar e cultivar o novo, a vida.

Saber da experiência, saber-fazer, fazer-saber

Walter Benjamin (2012; 2013), na década de 1930, escreveu que a experiência estava em baixa e a narrativa em vias de extinção. Narrar, contar e ouvir histórias seria a “faculdade de intercambiar experiências” (2012, p. 213) e estas estariam sofrendo um processo de privação. O autor avaliou que experiências como as guerras, a ascensão tecnológica, a reinvenção das artes, da arquitetura e da história, o surgimento da categoria de romance literário (o que chamaríamos de *best seller*) e o modismo de aderir a práticas, estilos e visões de mundo sem uma ligação cultural concreta, levavam ao aprofundamento de uma pobreza experiencial (BENJAMIN, 2012; 2013).

Comunicar as experiências em narrativas orais ou escritas, uma memória da tradição oral, mantinha a sabedoria do ouvir e somar experiências coletivas tecidas através do tempo como substância da vida comum. Para o autor, a sabedoria de ouvir e manter o discurso vivo estaria entrando em extinção: o aspecto de aconselhamento ou de provérbio, “o lado épico da verdade”, o narrador, aquele que coloca em palavras uma composição “de sua própria experiência ou da relatada por outros” e a incorporação das coisas narradas à experiência dos ouvintes (BENJAMIN, 2012, p. 217).

A crítica de Benjamin (2012) ao romance se referia à ascensão do sentido da vida burguesa que passava a ser oferecido pronto ao leitor, diferindo da narrativa a qual desperta a pergunta “e o que aconteceu depois?” (p. 230). Os fatos passaram a circular impregnados de explicações, beneficiando a informação e não a narrativa ou a experiência singular. A informação tem valor enquanto é nova, porém a narrativa não se esgota, “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de desdobramentos” (p. 220) e quem a recebe “é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que falta à informação” (BENJAMIN, 2012, p. 219). Imagine o que autor diria hoje sobre as plataformas de mídia digital de transmissão contínua (*streaming*) e os algoritmos analisando padrões de interesse e sugerindo conteúdo similar.

Jorge Larrosa (2016, p. 18) retoma a discussão e diz que o excesso de informações produzido passa pelas pessoas avassaladoramente, diferente da experiência que seria aquilo “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. O que também torna a experiência cada vez mais rara é o excesso de opinião. Informação e opinião juntas formam o periodismo, já apontado por Benjamin como um grande dispositivo moderno, o que vem impactando

sobretudo os processos de aprendizagem, tão relacionados à experiência na construção de saberes (LARROSA, 2016).

Hoje, além do predomínio da difusão da cultura/linguagem dominante (*mainstream*), vemos a disseminação de notícias falsas e a multiplicação de opiniões pelas redes sociais e os aplicativos de troca de mensagem instantânea que, inclusive, têm oferecido riscos à vida, tendo em vista as manipulações sobre o que seriam medidas de segurança durante a pandemia de COVID-19. A aceleração informativa e a profusão de influenciadores digitais e “autoridades” discursivas, dentre outras consequências do avanço tecnológico global, aprofundam a dinâmica de uma vida pobre de experiências, na perspectiva dos autores. E, para a maior parte da população mundial, destaca-se ainda a dependência do trabalho precarizado, com acúmulo de obrigações diárias para a manutenção de necessidades básicas.

A experiência também tem sido destruída pela falta de tempo e pelo excesso de trabalho. As rotinas apertadas são uma ilusão sobre estarmos acumulando experiência, mas o excesso não leva à experiência, o que retoma a reflexão de Benjamin (2013) sobre os soldados que voltaram dos campos de batalha mudos devido a uma pobreza de experiência partilhável. As pessoas se acostumaram a estar permanentemente agitadas e sem tempo, se conformando que o trabalho seria parte da “natureza humana”, o que mobiliza otimismo, progressismo e agressividade, pois crê que seja possível fazer tudo o que se propõe, a ponto de se destruir qualquer obstáculo que atrapalhe essa onipotência (LARROSA, 2016).

Todo esse impacto na experiência é consequência da mercantilização da vida. Após a caracterização da sociedade disciplinar, como nomeou Foucault, Han (2017) aponta que se configurou uma sociedade do desempenho, cuja positividade eleva a produtividade na busca pelo poder ilimitado. Ao passo que cada um se torna empreendedor de si, sendo responsável por seu sucesso ou fracasso e condicionados pela meritocracia, acirra-se não apenas a comparação com o outro, mas também consigo mesmo. Para o autor, vive-se uma violência neural que gera esgotamento, exaustão e sufocamento e essa “aniquilação suave” (p. 17) “penetra em todas as fendas do poder” (p. 18) e alimenta os adoecimentos do século XXI, como a depressão, o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, o transtorno de personalidade limítrofe e a síndrome de burnout, por exemplo (HAN, 2017).

O sujeito sob o modelo do desempenho continua disciplinado, mas não sofre mais com a coerção alheia e a negatividade do dever, ele é considerado “livre” nessa positividade do poder. Contudo, a liberdade se tornou coercitiva no sentido que visa maximizar o desempenho. A auto

exploração se tornou mais eficiente camuflada pelo sentimento de estar livre, mas tal liberdade é paradoxal, tornando-o agressor e vítima ao mesmo tempo. Esse excesso de estímulos e impulsos o leva ao tédio profundo: quanto mais trabalho maior é o prejuízo da sua atenção. A atenção fica fragmentada, é destruída, e perde-se a capacidade de “aprofundamento contemplativo” (HAN, 2017, p. 32).

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2016, p. 25).

O empobrecimento da experiência atua na (in)capacidade de ouvir e de memorizar, incidindo na assimilação cultural, o que “se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro” (BENJAMIN, 2012, p. 221). “Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade”, adverte Rubem Alves (1999, p. 67) quando propõe reaprendermos a escutatória em vez de treinarmos a oratória. A sobreposição instantânea das opiniões não permite que se ouça o que nos acontece, é necessário silenciar por dentro para ouvir coisas que não se ouvia, para perceber a experiência. “Daí a importância de saber ouvir os outros: a beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto” (ALVES, 1999, p. 71).

O sujeito da experiência é marcado pela receptividade e por sua abertura (LARROSA, 2016), não pela atividade produtiva ou pela ocupação constante, seja sob caráter de lazer ou de trabalho. Han (2017) retoma Nietzsche para propor uma pedagogia do ver, pautada em habituar o olho ao descanso e à paciência, o que torna possível aproximar-se de si. Para isso, será necessário aprender a resistir aos estímulos, a dizer “não”, para experimentar a vida contemplativa, que não é passiva, mas tem outra qualidade de ação, é um fazer que sabe hesitar (HAN, 2017).

A palavra experiência vem do latim *experiri* que significa provar, experimentar, encontrar e se relacionar com algo, passar por uma travessia, por algo indeterminado e até perigoso, é aproveitar uma ocasião, viver algo de estranho, acolher o estrangeiro e perceber a existência. “A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita,

imane, contingente” (p. 27). A experiência não pode ser percebida pela lógica da produção, mas a partir da paixão, de uma reflexão de si enquanto sujeito passional, desejoso, que se dedica ao seu desejo, o que convoca também uma responsabilidade em relação ao outro (LARROSA, 2016). Lembremos que o desejo, para Rolnik (2014), é a “produção de real social” (p. 45), a “produção de realidade” (p. 46), o “desejo é criação de mundo” (p. 57).

O sujeito da experiência é compromissado com aquilo que realiza e, assim, está disponível para o conhecimento. Entendendo a experiência em dimensões epistemológica e ética, o que torna o sujeito capaz de perceber saberes e práticas, diferente da ordem técnica e científica. O saber da experiência, portanto, é adquirido nas formas de responder ao acontecimento e em sua elaboração de sentidos ou de falta de sentido. É um saber particular, subjetivo e relativo, que envolve a nomeação e a elaboração sobre o acontecimento e sobre o que se é, correlacionando palavras e coisas, tornando-o compartilhável (LARROSA, 2016).

As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras (LARROSA, 2016, pp. 17-18).

As palavras estão envolvidas na experiência que se funda na relação entre a vida humana e o conhecimento. Um conhecimento que não se reduz às necessidades, como “qualidade de vida” ou “nível de vida” enquanto posses utilitárias que servem para se usar. Não se partilha dessa concepção de conhecimento objetivo da ciência moderna e desse parâmetro de vida burguesa. Para Larrosa (2016), portanto, o saber da experiência é

o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (LARROSA, 2016, p. 32).

O saber da experiência resgata “sua relação com a existência, com a vida singular e concreta de um existente singular e concreto. A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida” (p. 33). Vida que não é determinada por essência, destino, razão ou fundamento fora dela mesma, “vida cujo sentido se vai construindo e destruindo no viver mesmo, podemos pensar que tudo o que faz impossível a experiência faz também impossível a existência” (LARROSA, 2016, p. 33).

Para Benjamin (2012), é a artesanaria da experiência que se liga à narrativa, é como algo que mergulha na vida do narrador e, em seguida, é retirada dele. “Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (p. 221). Quando se escuta esse ritmo, deixando-se apoderar dele, adquire-se espontaneamente a habilidade de narrar. Trata-se de “um ofício manual” (p. 222), “uma lenta superposição de camadas finas e translúcidas, que representa a melhor imagem do processo pelo qual a narrativa perfeita vem à luz do dia a partir de várias camadas constituídas pelas narrações sucessivas” (BENJAMIN, 2012, p. 223).

O narrador está “vinculado à história profana”, “não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas” (p. 226). Ele também conflui anonimato e autoria, representa uma coletividade e uma autoridade. Seja por narrativas, crônicas, literatura ou contos, não se trata da instauração da história sagrada, única ou verdadeira, mas da “imagem de uma experiência coletiva” (BENJAMIN, 2012, p. 232). E como a experiência é aquilo que nos acontece singularmente (LARROSA, 2016), com a narrativa olhamos coletivamente os acontecimentos da vida vivida.

O acontecimento pode ser visto como aquilo “que não pode ser integrado, nem identificado, nem compreendido, nem previsto”, é alguma “interrupção, novidade, catástrofe, surpresa, começo, nascimento, milagre, revolução, criação, liberdade” (p. 282), seja como for, é algo fora da linearidade e da determinação. O acontecimento não apresenta nostalgia do passado, embora se relacione com a produção de memória, nem antecipa um futuro, ainda que dispare um porvir já que algo nasce nele (LARROSA, 2001).

A rememoração resgata “a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração” (BENJAMIN, 2012, p. 228). E “a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura” (GONZALEZ, 1983, p. 226). São frutos da ocasião, táticas cotidianas que só existem em seu acontecimento (CERTEAU, 2014). Relacionando-se, também, ao devir, a partir de encadeamentos de fluxos de desejo (GUATTARI; ROLNIK, 2013).

Portanto, o saber da experiência se afasta dos princípios da ciência moderna, da esterilidade, do caminho seguro e previsível do experimento que busca conhecer a verdade das coisas para dominá-las. Não se pode antecipar seu resultado, não há caminho objetivo que possa ser previsto, não se conhece a meta de antemão, apenas uma abertura para o desconhecido (LARROSA, 2016).

Se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade [...]. Se o experimento é repetível, a experiência é irrepitível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida (LARROSA, 2016, p. 34).

O saber oral está envolvido com experiências culturais comunitárias de cuidado e reprodução de sentidos sobre a vida. Barbosa (2018), ao relatar sobre as tradições orais do povo Kalunga, explica que a oralidade e a escuta do outro são um caminho de integração de universos culturais e de significados que se expressam pelas vozes, gestos e corpos no cotidiano repleto de crenças, hábitos, valores, funções e lembranças.

O cotidiano é o lugar de construção e sedimentação dos valores civilizatórios pertinentes para a vida como o desenvolvimento da memória, da inteligência, sagacidade, força, respeito pelas pessoas mais velhas, autonomia, responsabilidade por si, capacidade de tomar decisões, conhecer o ambiente e interagir com ele [...] na produção material da vida (BARBOSA, 2018, p. 9).

A oralidade é a compreensão da tecitura comum, no dia a dia, dos signos e significados, revela “conhecimentos ancestrais renovados e sedimentados pela vivência e sobrevivência durante gerações” (BARBOSA, 2018, p. 10). Trata-se de uma perspectiva não hegemônica nem fragmentária da experiência e reprodução da vida, mas que existe e resiste em espaços comunitários, sustentados pela coletividade. Porém, sob o olhar e racionalidade estrangeiros, estão em constante ameaça destrutiva.

Muitas transformações chegam cotidianamente e encontros inevitáveis com a modernidade e seus valores hegemônicos desvelam a face contemporânea do colonialismo. Constroem um viés pelo qual os saberes ancestrais são continuamente fraturados, reduzidos ao silêncio, ao passado, ao esquecimento, ao inexistente, às “bestage”. Essa hegemonia da modernidade apresenta-se localmente, em relações predatórias das brincadeiras, do uso do tempo, dos conhecimentos construídos em relação estreita com a natureza (BARBOSA, 2018, p. 11).

Os modos de falar revelam heranças no uso das palavras e em seus significados, que também são modos de pensar e estar no mundo. A oralidade e a escolha de palavras testemunham experiências de pertencimento e inscrevem conhecimentos que unem “cultura, natureza, corpos, saberes, arte, vida, tradições, atividades” (BARBOSA, 2018, p. 12), uma expressão complexa que a lógica colonial ocidental segmenta, cataloga e inferioriza por não conseguir conceber tamanha variação linguística e de formas de existência. Questionar os

processos colonizadores é pautar o direito à memória, aos saberes orais, ao território e à existência em sua diversidade.

Me pergunto sobre como pensar uma terapia ocupacional solidária e acolhedora dos saberes orais, das heranças culturais e que possa compor com memórias de gestos, corpos e vozes outras. Talvez o caminho seja, primeiro, de reconhecimento desses traços experienciais em nossas próprias histórias. As rupturas e criações da terapia ocupacional no Brasil se referem a marcas de experiências narrativas pouco olhadas e até desvalorizadas. Enquanto for continuada a exclusividade dos parâmetros e modelos internacionais, científicos, hegemônicos, estaremos respondendo à violência histórica da colonização com mesma linguagem da dominação.

A cada encontro da categoria de terapeutas ocupacionais brasileiras(os), levanta-se alguma das mesmas pautas sacralizadas: qual a identidade da profissão; como alcançar a cientificidade e legitimidade profissional; como elevar os índices de publicação e produção científica; como tornar a profissão reconhecida; como angariar financiamento; entre outras afins. Todas embaladas pela ordem do poder produtivista e da racionalidade hegemônica. Ao mesmo passo que se julga a dificuldade de alcançar tais padrões, fortalece-se a proposta da resposta ontológica da profissão, que aparece como única origem que se propõe perpetuar.

Todas essas pautas e julgamentos invisibilizam saberes e experiências profissionais fora da ordem estabelecida. Se não temos seguido tal expectativa, o que tem sido feito, então? O que já foi e/ou tem sido feito por terapeutas ocupacionais brasileiras(os)? Até meados de 1980 o ensino era baseado no saber oral de quem inventava sua prática tendo lido um ou dois manuais internacionais, mas aprendido com todo tipo de demanda que se atendia (CARDINALLI, 2017). O que se criou em terapia ocupacional a partir do que se viveu, daquilo que foi mergulhado em si das memórias históricas, sociais e culturais desse país?

Um estudo com terapeutas ocupacionais estadunidenses levou Cheryl Mattingly (2007) a indicar que as/os profissionais compartilhavam um raciocínio clínico narrativo ao contarem e criarem as histórias de seus pacientes a outros profissionais. No contexto brasileiro, Benetton e Marcolino (2013) indicaram que a narrativa histórica, e não cronológica, oferece significados, mesmo que momentâneos, para as atividades em terapia ocupacional dando sentido para um tempo-espaço vivido, no caso, se referindo ao Método Terapia Ocupacional Dinâmica.

O estudo de Marcolino (2009, p. 191) indicou que a construção narrativa possibilita aos terapeutas ocupacionais a apropriação da própria prática e oferece uma percepção privilegiada

diante de outros profissionais, o que “demanda uma descrição detalhada do contexto, das compreensões e dos fenômenos” e se contrapõe ao modelo biomédico orientado por causa-efeito. Marcolino (2017) ressalta que a escrita narrativa aprofunda o processo relacional com os sujeitos e não é centrada na doença como os relatórios e prontuários médicos, porém permanece um desejo profissional de que essa expressão seja reconhecida o que, em última instância, sugere que prevalece uma dificuldade de legitimação desse raciocínio profissional.

A falta de espaços que valorizem tal construção tem instigado a criação de comunidades de prática, baseadas no compartilhamento de relatos, o que tem favorecido sua apropriação e a construção compartilhada de saberes (GALHEIGO, et al, 2015; MARCOLINO, 2017). Terapeutas ocupacionais têm criado lugares para acolher a falta de lugar, como coloca Quarente (1999a), recuperando Gilles Deleuze, para valorizar a criação e a alegria como resistências frente às forças que enfraquecem a potência de realização; tanto a alegria como a criação propulsionam a ação.

Como indicado por Larrosa (2016), o prejuízo às experiências tem afetado a aprendizagem e o conhecimento. Um sentido de aprendizagem e de conhecimento dependente da experiência, do reconhecer e narrar a experiência, da assimilação e do encadeamento da memória cultural. E, quando se baseia nessa autorreferência, tem sido com base na criação e na resistência aos modelos hegemônicos.

Quando estive no ensino em Terapia Ocupacional, nos Laboratórios de Atividade do curso da Universidade Federal de São Carlos, tive apoio da professora Carla Regina Silva e do Laboratório de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional para organizar as ementas dessas disciplinas que acontecem em dois módulos. O primeiro módulo era baseado na autopercepção, no resgate de memórias culturais e na experimentação, para que, no segundo módulo, pudéssemos associar essas experiências e conhecimentos ao saber-fazer terapia ocupacional.

No primeiro módulo apareciam muito expressões como “eu não sei fazer nada”, “não faço isso bem”, “para que serve isso?” e “onde está a terapia ocupacional?”. Mas, no segundo módulo, eu começava a escutar “agora eu estou entendendo”, “por isso fizemos aquilo?”, “por que você não falou o que significava antes?”, “agora tudo faz sentido”. Essa pedagogia da experiência não é possível de ser adiantada, de ser controlada, de seguir a mesma métrica, pois requer um acompanhamento cuidadoso, construir um lugar seguro que possibilite confiança para arriscar, caminhos para olhar para dentro e se reconhecer, reconhecer o que faz, até que o “não sei fazer nada” ou o “não faço isso bem” possa ser desfeito e dê lugar para a afirmação de

si e dos saberes que carrega. Isso que tem sido o ensino das atividades, o que enuncio como atividade humana, tem sido um lugar fundamental para a formação em terapia ocupacional, para a elaboração experiencial do fazer-saber, esse saber da experiência que é menos “para que” e mais “um como”.

Nesse sentido, ao se promover ou convidar à experimentação, implicam-se desdobramentos e deslocamentos com todos os envolvidos, o que requer respeito e responsabilidade. A relação entre formas de ser, fazer, pensar e sentir a terapia ocupacional precisa ser tecida com atenção para que haja reconhecimento da beleza que há na singularidade, que há na diferença. Ao fazer e pensar a atividade, é preciso desconstruir e reconstruir experiências e significados para traçar caminhos e instaurar lugares de acolhimento, pertencimento e criação do novo. É, novamente, o fazer-pensar terapia ocupacional proposto por Quarentei (2001; 2006): experimentar, apreciar e afirmar os acontecimentos.

Rubem Alves (2005, p. 9), no livro “Educação dos sentidos”, diz que “as explicações conceituais são difíceis de aprender e fáceis de esquecer”, por isso prefere o caminho dos poetas, pois é um caminho de imagens. Ele conta que nosso corpo carrega duas caixas: uma caixa de ferramentas na mão direita, que é a da destreza e do trabalho, e uma caixa de brinquedos na mão esquerda, a mão do coração. As ferramentas e seus usos aumentam nossa força e nos dão poder, mas, com o tempo, algumas se tornam obsoletas. A ciência seria uma enorme caixa de ferramentas que, inclusive, guarda o importante saber sobre como fazer as ferramentas (ALVES, 2005).

A caixa de ferramentas é da ordem do *uti*, do útil e utilizável, e a caixa de brinquedos da ordem do *frui*, da fruição, do usufruir e desfrutar, ou seja, “amar uma coisa por causa dela mesma” (p. 14). A caixa de ferramentas nos oferece meios de sobrevivência, mas a “vida não se justifica pela utilidade” (p. 15), por isso, a caixa de brinquedos nos dá razões para viver. A questão é que a chave que abre a caixa de brinquedos fica dentro da caixa de ferramentas e depende de seu poder para que possamos acessá-la. “Tudo começa com um sonho” (p. 19) e, não podemos esquecer, que a capacidade de brincar e fazer arte – que, para ele, são a mesma coisa: “atividades inúteis que dão prazer e alegria” (p. 16) – precisa ser aprendida, por isso, uma educação dos sentidos: “visão, audição, olfato, tato, gosto – são todos órgãos de fazer amor com o mundo” (ALVES, 2005, p. 20).

Precisamos de palavras que nos ajudem a sonhar e a tornar os sonhos possíveis. E o lugar dos sonhos também pode ser cultivado, como lembra Ailton Krenak:

Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que a gente banaliza “estou sonhando com o meu próximo emprego, com o próximo carro”, mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada. Talvez seja outra palavra para o que costumamos chamar de natureza. Não é nomeada porque só conseguimos nomear o que experimentamos. O sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar. Assim como quem vai para uma escola aprender uma prática, um conteúdo, uma meditação, uma dança, pode ser iniciado nessa instituição para seguir, avançar num lugar do sonho. Alguns xamãs ou mágicos habitam esses lugares ou têm passagem por eles. São lugares com conexão com o mundo que partilhamos; não é um mundo paralelo, mas que tem uma potência diferente (KRENAK, 2019, pp. 65-67).

Ressalta-se a importância formativa com o primado da experiência: conhecer a terapia ocupacional que se produziu no Brasil mesmo antes das publicações nacionais e do acesso expandido às internacionais; compreender que as/os estudantes descubrem o que é terapia ocupacional ao passo que olham para si e podem experimentar outras formas e lugares; descobrir a importância da caixa dos brinquedos e se descobrir na brincadeira, na arte e no sonho; reconhecer que é possível sonhar e criar o novo a partir do que já se tem, a partir deste lugar que já existe e é aqui. É uma pedagogia da experiência mostrando que o saber-fazer é um processo de fazer-saber, ou seja, o saber da experiência produzido pela experiência de conhecer.

Criar, compartilhar e cuidar do que se é

Chega, finalmente, o momento em que me dedico a apreciar e ponderar sobre esta pesquisa-intervenção que se configurou enquanto tese de doutorado em terapia ocupacional. Destacarei pontos e questões que gostaria de discutir sobre o que foi produzido na relação com participantes da pesquisa e colegas terapeutas ocupacionais envolvendo o enunciado da atividade humana. Contudo, sei que muito do que a pesquisa produz não se resolve aqui, são muitas janelas que se abrem e possibilidades de encontro com essas experiências, que podem inspirar ou mostrar pistas a outras pesquisadoras e outros pesquisadores. E, como finalização do texto, teço um ensaio sobre atividade humana, terapia ocupacional e o sentido da produção de vida e do cuidar do que se é.

Fazer-pensar atividade humana, reconhecimentos e alianças

O enunciado atividade está na terapia ocupacional desde seus primórdios. O livro *The History of Occupational Therapy* (ANDERSEN; REED, 2017), comemorativo de seu centenário, baseia o início da profissão no “successful use of occupation in the treatment”⁷ e no “therapeutic benefit of occupation”⁸ (p. 3), o que levou os pacientes a serem encorajados “to participate in such activities”⁹ (p. 5), sendo muitas dessas atividades “manual labors”¹⁰ (p. 6). Uma de suas referências constituintes no início do século XX, o Movimento de Artes e Ofícios (*Arts and Crafts Movement*), “embraced the belief that the action of making handmade goods integrated the mind and body”¹¹ (p. 9), reforçando a valorização do fazer manual (*handmade*) e do fazer artesanal (*handicrafts*). Uma das instituições precursoras, a *Hull House*, “offered demonstrations and classes in making crafts”¹² (p. 11). Portanto, ainda que o livro reforce sua construção como “science, practice, and promotion of the therapeutic use of occupation”¹³ (p.

⁷ Tradução livre: “uso bem sucedido da ocupação no tratamento”.

⁸ Tradução livre: “benefício terapêutico da ocupação”.

⁹ Tradução livre: “para participar de tais atividades”.

¹⁰ Tradução livre: “trabalhos manuais”.

¹¹ Tradução livre: “abraçou a crença de que a ação do fazer manual integrava a mente e o corpo”.

¹² Tradução livre: “ofereceu demonstrações e aulas de fazer artesanal”.

¹³ Tradução livre: “ciência, prática e promoção do uso terapêutico da ocupação”.

19), mostra que desde seu contexto originário havia discursos que envolvem enunciados como atividade, ação, fazer e labor, além de ocupação (ANDERSEN; REED, 2017).

Nesse livro, a única personalidade do contexto fundador que é citada propondo o termo atividade é Herbert James Hall, o mesmo que foi rejeitado na formação da Sociedade Nacional para a Promoção da Terapia Ocupacional, por divergências com os demais membros, inclusive em relação à clientela que atendia. Cinco pessoas que partilhavam convicções similares fundaram a sociedade, e “Barton believed that to ensure an organization focused on the therapeutic aspects of occupation rather than promoting just an arts and crafts society, it would be advantageous to invite a small number of hand-selected people with similar viewpoints”¹⁴ (ANDERSEN; REED, 2017, p. 37).

Esses dois parágrafos já seriam suficientes para iniciar uma nova arqueogenealogia sobre enunciados na terapia ocupacional, com foco no contexto estadunidense, discutindo sobre os jogos de poder da discursividade. O que nos interessa, entretanto, não é disputar a história para poder afirmar o que havia primeiro ou o que seria melhor, mas seguir as pistas discursivas para desvelar as forças que propuseram, estimularam ou questionaram enunciados. Quem disse, para quem disse e a que serve o que foi dito? E, com isso, poder acompanhar processos enunciativos historicamente. Isso nos levou ao questionamento da sustentação da disputa terminológica nos estudos históricos em vez do investimento em uma análise comparativa de proposições conceituais. É sensato compreender que, no estudo de um termo, aparecem tensões com alguma faceta de outro termo, mas isso não significa totalizar discursos e submeter um a outro. Segue-se, portanto, na contramão de um processo de unificação, recusando perspectivas supremacistas.

Olhando apenas para os conceitos apresentados no primeiro parágrafo, recordam-se os significados etimológicos apresentados no primeiro caderno deste trabalho. O termo ocupação significaria uma ação dependente de um tempo, lugar e/ou função, que emprega um sentido já determinado, o qual, para *The History of Occupational Therapy*, remeteria a diretrizes científicas e terapêuticas. E o termo atividade seria a ação do vivo, uma qualidade ou processo ativo e, como vimos nessa pesquisa, ganhou significado pela terapia ocupacional brasileira

¹⁴ Tradução livre: “Barton acreditava que, para garantir uma organização focada nos aspectos terapêuticos da ocupação, em vez de promover apenas uma sociedade de artes e ofícios, seria vantajoso convidar um pequeno número de pessoas selecionadas a dedo com pontos de vista semelhantes”.

justamente no questionamento das bases científicas e terapêuticas vigentes. Ambos retomam a ação, mas o termo ocupação fica melhor empregado dentro de uma proposta com intenções terapêuticas ou produtivistas prévias, cuja realização pode ser controlada cientificamente.

A problemática apareceu com a mudança de condições dessa relação interventiva, pois a linha é tênue entre a autoridade e o autoritarismo, o que determinará o sentido do que se promove. Imergindo nas condições sócio-histórico-culturais de um país como o Brasil, cuja experiência colonial, de dominação e massacre dos povos, desdobrando-se em ditaduras e governos autoritários sustentados por políticas imperialistas, marcou a própria significação da palavra ocupação, convergindo com discursos políticos oficiais. Então, o estímulo à ocupação, principalmente institucionalizada e voltada a uma “normatividade genérica”, reproduzia a lógica colonial, racista e segregativa dos valores morais higienistas e eugenistas. E ainda, como a implementação da terapia ocupacional foi parte da política imperialista capitalista, o significativo da ocupação também foi sustentado pela lógica produtivista.

Da necessidade de compreensão e modificação das estruturas de poder, reverberaram novos discursos pautados na luta pela emancipação social. Não esquecendo que se tratavam de uma maioria de mulheres brancas de classes médias e altas, no centro político-econômico do país, cuja formação esteve subordinada a uma elite médica branca, machista, patriarcal, higienista e eugenista, para atuar com problemáticas, antes de tudo, sociais. Portanto, nessa confluência, a proposição da ocupação justificada como terapêutica e científica também foi questionada junto da contradição do discurso sobre uma prática “genérica” ou “neutra” que contribuía para a instrumentalização dos poderes já implicados.

Cresceu um incômodo com essa compreensão de ocupação previamente determinada que tornara ferramenta útil para fins de dominação, principalmente considerando a opressão que se vivia durante a Ditadura Militar brasileira. Vislumbravam-se direitos sociais e pôde-se acompanhar a elaboração de políticas públicas com base na vida coletiva, o que impulsionou uma construção revolucionária no Brasil, contagiando a terapia ocupacional. Também, nesse momento, havia reflexos do movimento de contracultura que defendia a ruptura com o modo de vida ocidental e com os valores capitalistas dominantes. A marca da ruptura já vinha desde o movimento artístico modernista, mas a passagem para o contemporâneo fortalecia a busca pela modificação da realidade, a contestação política e a articulação entre arte e vida (CANTON, 2011).

Nesse período, a difusão de referenciais artísticos, psicanalíticos e filosóficos aqueceu novas possibilidades para a terapia ocupacional. Há uma relação com referenciais como Nise da Silveira e o casal Fidler, mas o destaque está nas proposições que emergiram posteriormente conceituando a atividade para a terapia ocupacional, como fizeram Jô Benetton e Rui Chamone Jorge, depois Eliane Dias de Castro e Mariangela Quarentei, entre outras(os), na intersecção com as artes, a psicanálise e a filosofia. Assim, a funcionalidade da ciência positivista como fundamento da prática da terapia ocupacional, que se apoiava na ocupação, foi sendo criticada por grupos de terapeutas ocupacionais, dando lugar a uma ampliação de visões sobre a sociedade, o ser humano e a vida na busca pela ação libertadora e pela atividade criativa.

Essa construção, se for tomada como linear, é bastante tendenciosa, pois a recusa e acusação da ocupação não significou “pureza” e “lucidez” da atividade. Assim como não foi uma perspectiva partilhada homoganeamente no território brasileiro ou mesmo na região Sudeste. Ainda assim, como visto nesta pesquisa, o enunciado atividade humana se tornou parte importante da construção da terapia ocupacional no Brasil, mantendo-se em seus discursos com diversas nuances: desde um termo com as mesmas noções genéricas anteriormente questionadas; sendo uma categoria relacionada a outros conceitos; como um conceito referenciado de outras áreas do saber; e, apenas uma parcela, como conceito elaborado em/para terapia ocupacional. Não esquecendo que os conceitos são polissêmicos.

Também foi visto que o uso de um termo não anula o uso de outros, o que impacta na compreensão de cada um, inclusive, na relação um com o outro. A própria utilização do termo ocupação no Brasil provavelmente deve divergir de outros países, pois a construção conceitual da atividade não só se diferencia da ocupação, como provavelmente contribuiu para sua ressignificação conceitual ou mesmo se somou a ela. Portanto, após o desenvolvimento conceitual da atividade, certamente a compreensão dos termos não foi mais a mesma neste país, o que deve dificultar tentativas de diferenciação.

As perspectivas críticas que foram convocadas na produção e sustentação de conceitos para atividade humana certamente influenciaram também o conceito de ocupação. Assim como, no ensino em terapia ocupacional, cada docente se remete a uma perspectiva, multiplicando as possibilidades de composição de significados das terminologias para quem está na formação em terapeuta ocupacional. Isso contribui para a manutenção das noções genéricas e para a crença de que as terminologias sejam intercambiáveis.

Destaco, mais uma vez, que essa problemática não precisa vir acompanhada da solução única e totalizante do melhor termo ou do resgate ontológico, pois o totalitarismo é ainda mais perigoso. Por isso, os estudos históricos, sociais e culturais são importantes, para que se conheçam os caminhos e construções e se compreendam as raízes, as alianças, os entrecruzamentos e mesmo as criações e recriações, sobretudo com respeito às trajetórias conceituais e produções que se divergem. Questionar e criticar pode ser respeitoso e construtivo e deve ser um processo constante não apenas frente ao diferente, mas sobretudo com nossas próprias perspectivas. O que coloca para o campo não apenas um desejo da diferença (LIMA, 2003), mas também de sua potência coletiva.

O exercício etimológico sobre a ocupação com a crítica à dominação estrangeira, por exemplo, foi realizado por Costa e Almeida (2004) que propuseram o conceito-exercício *esquizo-ocupação* para se referirem ao processo de diferenciação e multiplicação de singularidades no fazer-pensar terapia ocupacional. Quarentei (2001, p. 1) também propôs um destaque no sentido de *ocupar-a-ação* que deveria começar com o *ocupar-se de si*, ressaltando a ação como “uma pré-ocupa-ação da Terapia Ocupacional”, mas diferindo da promoção da ocupação que parte do terapeuta ocupacional. O que converge em um esforço para se distanciar do significado da funcionalidade e controle da ocupação, assim como da reprodução da lógica colonial, imperialista e da produtividade capitalista.

Em relação ao estudo da atividade humana, os referenciais e campos de conhecimento que foram mencionados ou recuperados mostram a conjunção de saberes filosóficos, artísticos e científicos para sua significação, o que nos lembra da definição de Deleuze e Guattari (2013) sobre tais campos serem responsáveis por criar conceitos, sensações e funções, respectivamente. Essa observação é importante, pois problematiza a dificuldade de comparação com outros conceitos quando são constituídos apenas no pilar científico, baseado na categorização da funcionalidade técnica. Trata-se de uma diferenciação de sentidos que não apenas torna certas composições conceituais inoperantes, como pode justificar a falta de compreensão de um conceito frente à perspectiva do outro.

Segundo os autores, os três campos de conhecimento são complementares e se dedicam à criação para o enfrentamento do caos, buscando, de maneiras distintas, encontrar consistência de vida e modos de viver. A filosofia cria conceitos que se remetem a problemas singulares em uma realidade determinada, dependem dos acontecimentos e se constituem em zonas de vizinhança e relação com outros conceitos. “O conceito é o contorno, a configuração, a

constelação de um acontecimento por vir” (p. 42), ele ajuda a continuar a navegar pelo caos. O problema da lógica clássica é que, ao tentar tornar o conceito uma função, reduz sua condição experiencial e criativa (DELEUZE; GUATTARI, 2013).

A ciência, para responder ao caos, cria “funções que se apresentam como proposições nos sistemas discursivos” (p. 139). As proposições traçam uma referência sobre o estado atual das coisas. A ciência, então, cria pontos de referência para responder a suas perguntas, não lida com a atualização conceitual como a filosofia, mas promove uma desaceleração para criar uma imagem do infinito. “Desaceleração é colocar um limite no caos” (p. 140), pois ela não se interessa pelo infinito caótico, mas pelo ponto de referência. Assim, as funções aparecem ordenando o caos e o estado das coisas remete a seus limites, onde pode se mover com segurança (DELEUZE; GUATTARI, 2013).

A arte cria sensações, “um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos” (p. 193). Ainda que a materialidade seja finita, as sensações são a única coisa que se conserva, então, a obra de arte tem vida própria e traz consistência para o caos, tornando-o sensível. “As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido” (p. 194), a obra de arte “existe em si” (p. 194) e nos faz diferir de nós mesmos. A arte é experimentação no encontro entre corpo e mundo, mas não é espontânea ou consequência de inspiração, é um trabalho árduo de dedicação, cuidado, atenção e insistência na busca por consistência. Por isso é incessante a procura por ferramentas, mas a criação acontece apenas na habitação de um plano de composição e de imanência. O que a arte quer é transformar e criar o novo, “quer criar um finito que restitua o infinito” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 233).

Na terapia ocupacional, há uma prevalência do discurso científico na formação e na pesquisa. Mas, nesse acompanhamento da atividade humana, vemos a confluência dos três conhecimentos, o que gera significados e sentidos complexos para o enunciado. A inserção na dinâmica científica remete a *funções* no diálogo com as ciências humanas e sociais, com destaque à antropologia e aos estudos culturais. Sua elaboração *conceitual* é destacada pela filosofia crítica e dependente da experiência singular, indicando-lhe sentidos próprios para seguir, existir e criar com maior liberdade e possibilidade de afirmação. E essa elaboração singular convoca as *sensações* e belezas que emergem da experiência de estar com o outro, ainda que nem sempre seja possível traduzir para a linguagem falada/escrita, e tem tecido encontros com a estética, teorias da arte e dos processos criativos. Como vimos:

- A atividade humana mobiliza formas de perceber a si, o mundo e a efetivação da vida; é disparadora de uma relação transformadora entre pessoa-mundo; articula níveis contextuais indissociáveis; é idealizada com finalidades e funcionalidades (segundo os textos acadêmicos). É ponto de partida para elaboração em terapia ocupacional; é a síntese da especificidade da terapia ocupacional; pode indicar demandas interventivas em terapia ocupacional; é um dispositivo avaliativo, interventivo ou propositivo em terapia ocupacional; é o objetivo da intervenção de terapia ocupacional; é mediadora de encontros; é um investimento no estar, agir e fazer conjuntamente; é agenciadora de/para deslocamentos; é ativadora do tecido coletivo-social; é um elemento técnico ou tecnológico; é um elemento com qualidade relacional presente nos acompanhamentos (de acordo com os relatos profissionais). É um momento interessante para proposição, articulação e agenciamento (como aparece nas cartas narrativas).
- A atividade humana possui dinâmicas próprias entre níveis contextuais, como história, realidade social, cotidiano, modo de vida, cultura, paradigma, entre outros; representa um conjunto de conhecimentos teórico-práticos complexos e inter ou transdisciplinares relacionados à experiência (segundo os textos acadêmicos). Diz sobre um campo de conhecimentos; é constituinte da vida humana; revela sobre quem se é e como se vive na articulação de produções e relações com o mundo (de acordo com os relatos profissionais). Baseia-se na percepção e significação de singularidades (como aparece nas cartas narrativas).
- A atividade humana é um espaço-tempo experiencial disponível à criação; aciona percepções e movimentos singulares ou compartilhados (segundo os textos acadêmicos); são gestos e modulações abertos ao devir (de acordo com os relatos profissionais); envolve um processo e produção conjunta e a apreciação do acontecimento (como aparece nas cartas narrativas).

É preciso destacar que a presença de referências advindas de outros campos do saber para embasar sobre atividade humana não se trata de uma submissão ou de um desvio que desaproprie a terapia ocupacional. O embasamento em referenciais externos mostra uma influência importante para o trabalho de recriação e autoria, já que aparece fortemente a produção de terapeutas ocupacionais como referência das concepções de atividade humana. Além disso, destaca-se a aproximação de saberes, experiências e cosmologias do Sul para a compreensão e conceituação do enunciado. Nesse sentido, apontam-se também demandas

contemporâneas relacionadas ao conhecimento pós-colonial, descolonial e decolonial, no encontro com outras cosmovisões, cosmologias e cosmosentidos, relações com a natureza e o reconhecimento das experiências culturais ancestrais do contexto brasileiro e latino-americano.

Também se problematiza a ideia de que o referencial teórico deva ser determinante do processo de elaboração e significação conceitual, pois a própria mudança de perspectiva abandona a compreensão de representação do mundo pelas ideias, assim como a separação entre teoria e prática, ou seja, ao conhecer e criar, convocam-se referenciais para acompanhar a experiência que é orientadora. Esse movimento que parte do que se vive requisitando novas alianças conceituais e relações transformadoras para a terapia ocupacional aparece fortemente na significação do enunciado atividade humana.

A escrita das cartas mostrou uma reflexividade narrativa em terapia ocupacional com o interesse e a dedicação por reconhecer os acontecimentos e a recriação poética de seus sentidos. Encontram-se formas de contar e cuidar pelas histórias, experiências e narrativas, compreendendo sua própria vida na produção de experiências compartilhadas e revelando uma *terapia ocupacional como a arte de fazer junto*. Desestabilizando, com isso, a necessidade de sucesso ou a compreensão sobre conquista em um processo terapêutico ocupacional, ao se dedicar ao acompanhamento de experiências singulares da vida. O que reforça à/ao terapeuta ocupacional um papel de *mediação de relações*, de *agenciamento de encontros*, agenciamentos coletivos de experimentação e trocas (CASTRO et al, 2013), agenciamentos de territórios e de redes (INFORSATO et al, 2017), de *articulação social* (GALHEIGO, 1999) e *articulação de ações* (BARROS, 2004).

Destacam-se concepções sobre encontro, presença, fazer junto, formas de a-com-tecer, experimentar, perceber, cuidar de si na relação com outras pessoas, lugares e objetos, o que expressa sobre conscientização, criação e transformação do mundo. Revelando uma terapia ocupacional cada vez mais distante do modelo biomédico hegemônico, não apenas na elaboração profissional, mas compreendendo que o que se faz tem outras dimensões e pode se efetivar sem o cercamento e a censura de um campo e seus discursos disciplinares. Novas pistas discursivas reconfiguram o que parecia imóvel, agitando as forças do campo.

Há um reconhecimento do processo formativo e da influência de pessoas e referenciais não acadêmicos que participaram da configuração do saber-fazer profissional. Mostra-se um diálogo vivo com suas referências, condensadas na significação de seus repertórios e experiências singulares, o que indica novas marcas na elaboração do que lhes aconteceu. O

investimento na presença e escuta cria saberes da experiência, compostos pelo já significado e pela recriação auto posicionada e possível de ser compartilhada. São produções autorais que resistem e profanam a sacralização e perpetuação do saber-poder dominante, mostrando um cuidado de si e do que faz-pensa-sente intrinsecamente. Em seus relatos também mostram sobre o acesso a um plano comum configurado pela interferência da própria pesquisa nas vidas das/dos participantes.

Há indícios de uma possível diferenciação dos enunciados “atividade” e “atividade humana”, onde o segundo abrange a observação nas vidas independente da atuação profissional, com menor controle e maior imprevisibilidade. Mas, também, diz sobre a consideração a elementos não-humanos, com crítica aos impactos do antropocentrismo nas condições de vida, assim como ao excesso de estímulo produtivista e mercadológico próprios do capitalismo neoliberal. Como considera Lima (2019), a compreensão da produtividade capitalista também envolve as atividades humanas. E a forte presença de referenciais críticos, como o materialismo histórico dialético e a filosofia da diferença, também oferece a possibilidade de autocrítica para o debate desse enunciado e de suas próprias contradições, conflitos, diferenças e desigualdades.

Toda essa construção se aproxima do que Galheigo (2012) descreveu como um enfoque sensível e crítico da terapia ocupacional, enquanto uma perspectiva epistemológica de acolhimento das experiências singulares e de problematização dos macroprocessos produzidos pela acumulação capitalista. Assim como coloca o compromisso ético-político que busca explicitar essas tensões macro e micropolíticas e afirma movimentos de resistência da vida na busca por transformação e justiça social, emancipação das pessoas e coletivos, respeito à diversidade e um caminho para superação da dominação e para redistribuição de recursos (GALHEIGO, 2012).

Sensível pelo acolhimento das ideias, afetos e experiências desses sujeitos e *crítica* pela leitura problematizadora dos macroprocessos nos quais vidas e cotidianos estão imbricados. Um compromisso *ético*, por intervir no plano da vida, em seus movimentos de resistência e afirmação; um compromisso *político*, pela contínua explicitação dos jogos de forças macro e micropolíticas existentes, pela defesa da autonomia, da cidadania e do direito e pela busca de novas estratégias de construção e/ou fortalecimento dos coletivos (GALHEIGO, 2016, p. 65 [grifos da autora]).

Retoma também a reflexão de Lima (2019) sobre uma perspectiva ético-estético-política para as atividades na terapia ocupacional, cuja compreensão deve considerar sua condição

intrínseca de não-atividade para restabelecer sua relação com a vida comum. Esse enunciado aparece na proposição de Suely Rolnik (1993), que explica:

Ético porque não se trata do rigor de um conjunto de regras tomadas como um valor em si (um método), nem de um sistema de verdades tomadas como valor em si (um campo de saber): ambos são de ordem moral. O que estou definindo como ético é o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o devir a partir dessas diferenças. As verdades que se criam com este tipo de rigor, assim como as regras que se adotou para criá-las, só têm valor enquanto conduzidas e exigidas pelas marcas. *Estético* porque este não é o rigor do domínio de um campo já dado (campo de saber), mas sim o da criação de um campo, criação que encarna as marcas no corpo do pensamento, como numa obra de arte. *Político* porque este rigor é o de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir (ROLNIK, 1993, pp. 6-7 [grifos da autora]).

Com o que foi abordado, o enunciado atividade humana não se sustenta pelo não lugar da ocupação, ainda que este trabalho não tenha buscado reconhecer os dois enunciados nem realizar comparações. Diante do que foi produzido por esta escavação e cartografia, há diversas pistas pelas quais se possa partir como referência e disparador de recriações e devires autorais, o que revela um lugar enunciativo da atividade humana com tendência à singularização e diferenciação. Como disse Deleuze sobre o escrever (e revejo sua proposição), a atividade humana “é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida” (DELEUZE, 2011, p. 11).

Criar, gestar, cultivar, parir e cuidar em terapia ocupacional

*Eu passo as minhas horas a brincar com palavras.
Brinco de carnaval.
Hoje amarrei no rosto das palavras minha máscara.
Faço o que posso.
- Manoel de Barros¹⁵*

A atividade humana – ação que deriva em ato, ativo, ativação, ator – tem relação intrínseca com a vida, é fluxo e potência da vida humana que gera conhecimento de si e do mundo sendo, portanto, efetivação da existência individual e relacional. A terapia ocupacional se constituiu por expressões de devires considerados femininos como o cultivar e o cuidar, o

¹⁵ Trecho do poema Enunciado
40

tecer e o bordar. A composição da atividade humana e da terapia ocupacional afirma um investimento na criação, sustentação e projeção da vida para si e para um bem comum. A proposição que trago agora, tem referência e inspiração com o enunciado proposto por Mariangela Quarentei (2001): Terapia Ocupacional como Produção de Vida.

A atividade é um acontecimento que se desdobra em outros incessantemente, enquanto houver vida, então, não existe sem um ser vivo, sendo vital à sua existência e seu sentido de vida. A atividade humana é sempre plena de significados, que são ressignificáveis, estando ligados à cultura que compartilha. Sua realização e não realização configuram um território existencial, que diz sobre necessidades de sobrevivência, mas também guarda um mistério sobre sua existência singular, que seria a “potência de expressão-criação de mais-vida” (2001, p. 3). Essa potência sofre interferências macro e micropolíticas que a aumentam ou a diminuem. Portanto, o valor de seu investimento e cuidado está em gerar ou reformular atuações, relações, sensações, significados, sentidos e possibilidades de transformação de si e do mundo que reconhece (QUARENTEI, 1994; 2001; 2006; 2007).

Na terapia ocupacional, a atividade humana está envolvida com experimentação, apreciação e afirmação ética, estética, cultural, política, social e existencial. Experimentar é acolher o inesperado, o desconhecido e a poética do risco sem ter garantias sobre o que pode acontecer. Apreciar é a percepção da presença e da afetação pelo outro e pelas relações com o mundo, deixar-se pertencer e sentir o acontecimento, ver a produção de belezas e sensibilidades. Afirmar é um desdobramento da apreciação que valoriza e legitima os sentidos produzidos, a significação e ressignificação do acontecimento, de seus desdobramentos e das mudanças nas expectativas (QUARENTEI, 2001; 2006).

Como na criação artística, a atividade humana envolve dinamicidades, acasos e incertezas, pois não há como assegurar alguma possibilidade de melhora (SALLES, 2006). A falta de controle não significa que seja uma falta de sentido. Os acasos criativos não são considerados uma aleatoriedade, são estímulos que percebemos convocando algum desejo. É um encontro entre contexto e necessidade que gera um impulso mobilizador para sua realização: o acaso é, portanto, significativo e dependente de esperanças que já existiam em quem cria. São acontecimentos percebidos pela sensibilidade que ativam potencialidades latentes. E, como a vida é uma aventura misteriosa, “a cada momento algo de novo pode acontecer” (OSTROWER, 2013, p. 26).

A terapia ocupacional se dedica a conhecer os valores histórico-socio-culturais, os afetos e as potencialidades da atividade humana no cotidiano das pessoas, grupos e comunidades para investir conjuntamente em formas de enfrentamento de dificuldades, desafios e desigualdades sociais, guiando-se por necessidades, desejos e sentidos singulares; mas a criação depende do encontro e da experiência. A experiência predispõe um não controle sobre o que vai acontecer e uma oportunidade para perceber que essa é a beleza da vida. No encontro há dedicação conjunta para cuidar de adversidades e é onde se gesta e cultiva a criação e a elaboração, é um investimento na tecitura de redes e relações. A atividade diz sobre estar vivo e como é a produção de vida (QUARENTEI, 1994; 1999b; 2001; 2006; 2007; QUARENTEI, et al, 2020).

A percepção sobre estar vivo está na relação entre movimento, conhecimento e descrição. A vida seria uma constante geração de formas, não a forma pronta. Compreender essa constância seria restaurar vida ao mundo e suas constantes relações entre as coisas que existem. A vida é uma geração de fluxos pelos quais se traçam caminhos e se criam formas, “o movimento por esses caminhos é criativo; isso implica ler a criatividade “para frente” enquanto uma reunião improvisada com processos formativos, ao invés de “para trás” enquanto abdução, a partir de um objeto acabado, até uma intenção na mente do agente” (INGOLD, 2012, p. 27).

Essa produção, porém, abrange desafios importantes para a implicação de terapeutas ocupacionais, pois a recuperação das raízes e heranças culturais envolvidas nas atividades nem sempre se refere a traçados que se queira reviver. Assim como a consideração sobre a rede de forças e poderes intrínsecos, sendo um de seus tensionamentos a implicação no modo de vida produtivo e competitivo da contemporaneidade, e sobre a hierarquia colocada nas relações devido seu papel de autoridade. E, sobretudo, a problematização da manutenção da monocultura de experiências e ideais dominantes como parâmetros da vida, o que envolve uma urgência em pautar por relações de interdependência e manutenção da vida comum, não só do ponto de vista social, mas na perspectiva ecológica.

Isso tudo requer da terapia ocupacional responsabilidade com o outro e generosidade consigo para assumir que não se tem controle sobre a vida e que não há garantias para benefícios, como propagam os valores de mercantilização da vida. O que torna seu investimento um viver junto e o compartilhar de formas de existência para construção de uma corresponsabilização pela transformação do mundo e a sustentação e promoção da vida interdependente nesse mundo e vida comum. E, do ponto de vista teórico-conceitual, não é

possível resumir tal empreitada em uma técnica ou uma palavra, portanto, não se pauta em uma totalização do saber-fazer em terapia ocupacional.

Vislumbrar essa terapia ocupacional só é possível compreendendo sua construção histórica na relação com os parâmetros hegemônicos do patriarcado, do colonialismo e do capitalismo neoliberal. Todas as marcas da dominação imperialista e autoritária exercida em séculos de exploração, negligência e silenciamento das condições sociais desiguais, de alguma forma, imbricaram em movimentos de ruptura e reforma que garantiram a construção das políticas públicas sociais brasileiras na defesa pelo cuidado e atenção coletiva enquanto direito e dignidade humana. Como terapeutas ocupacionais estiveram envolvidas(os) com tal construção e continuam investindo na manutenção de seus princípios – e sofrendo constantemente com o sucateamento dos serviços públicos –, a luta pela vida digna se tornou intrínseca diante da atualização da lógica colonial.

Em minha pesquisa de mestrado (CARDINALLI, 2017), perguntei a cinco terapeutas ocupacionais enunciativas, de diferentes perspectivas, quais eram suas concepções de terapia ocupacional e, de alguma forma, todas mencionaram o olhar para a vida: ao tirar a pessoa da internação e levar para a vida (Jô Benetton); considerando a qualidade da vida ocupacional (Lourdes Feriotti); lidando com fazeres, cotidianos e modos de vida como recursos humanos para produção da vida (Sandra Galheigo); investindo na potência da atividade humana que é um território existencial onde a vida acontece (Mariangela Quarentei); vendo a participação social, a autonomia e a liberdade como valores para sua tarefa que é fazer a vida acontecer de uma forma melhor (Roseli Lopes).

Essa construção de sentido convocou em mim a esperança por uma coerência entre o ser-fazer-pensar-sentir-viver terapeuta ocupacional, que possa criar, gestar, cultivar, parir e cuidar em terapia ocupacional, assim como da própria terapia ocupacional. E, se não for pelo enunciado da atividade humana, que seja por outras formas de enunciar, mas que se possa encarar a reprodução das violências e dominações, para desestabilizar as hierarquias, hegemonias, totalizações e continuidades sacralizadas; que possa querer conhecer e cuidar do que é, dessa diversidade e múltiplas singularidades que são produzidas.

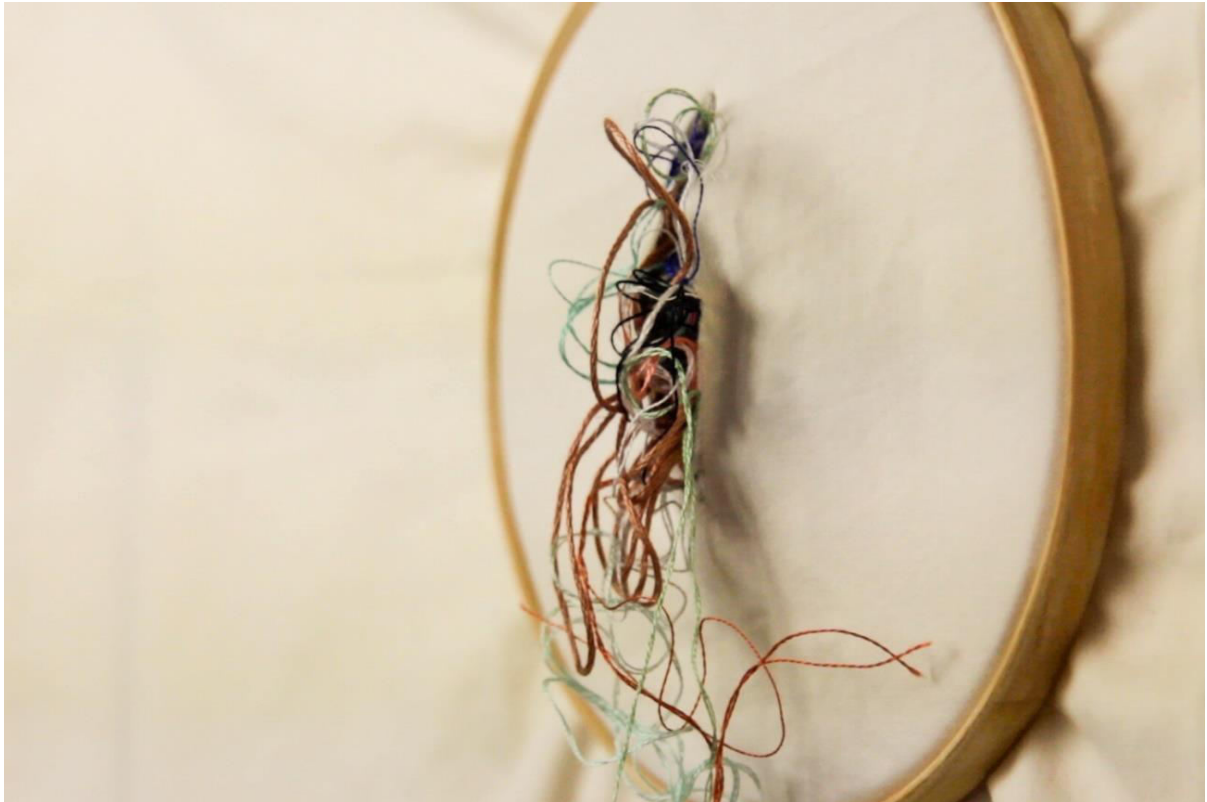


Figura 1: Incisões nas paisagens. Conversa com Adriana Varejão: “a construção de uma desconstrução”. 2022. Bordado livre. Tecido de algodão, bastidor de madeira e linha para bordado. Obra de Isadora Cardinalli. Fotografia de Romerito Pontes.

A forma com que se aprendeu a olhar para a vida diz sobre o histórico de experiências com a morte, o abuso e a repressão. Olhar para a morte, diz Han (2017), é olhar para a vulnerabilidade da vida, é um desnudar da existência, mostra que a liberdade de agir é finita. E, nos territórios do Sul, compartilham-se experiências de submissão que se baseiam na sacralização de outro referencial inacessível, o que nos mantém em uma condição de sacrifício, para que ele sobreviva. Han (2017) explica, com base em Agamben, sobre a diferença da vida sagrada do soberano, que merece ser conservada, e da vida daquele que é passível de ser morto, cuja condição social mostra que sua vida é desnuda e transitória.

A compreensão da brevidade da vida gera angústia e tentativas de garantir seu prolongamento. Uma das formas de responder a isso é investir na expectativa de uma vida sadia, o que condiz com os investimentos em profissões e tecnologias para aumentar o desempenho saudável e produtivo, em busca de uma vida significativa e satisfatória (HAN, 2017). A terapia ocupacional, no geral, coloca-se nesse lugar da busca pela qualidade da vida funcional, com significado e plenitude. Contudo, a especificidade das experiências brasileiras agrega também

a percepção sobre essa vida desnuda de menor valor, mas corporificada pela luta política por uma vida mais justa, o que motiva uma esperança.

Lima (2003) fala sobre a identificação entre terapeutas ocupacionais e os públicos com os quais atua, já que ambos habitam o lugar da diferença. É possível que nessa diferença compartilhem também essa percepção sobre a morte e a nudez da vida e, ao perceber o quanto se é passível de ser morto, motive-lhes a esperança pela resistência à ordem social estabelecida e pela criação do novo. Com isso, o valor sobre o sentido da vida é ressignificado, de forma que a ideia genérica sobre “qualidade de vida” como “significativa e plena” não satisfaça.

Furtado (1999), baseada em Arendt, aponta que a terapia ocupacional precisa superar a reprodutividade para se aventurar no desconhecido, pois este caminho incerto seria a única forma de alcançar a libertação. “Sendo que esta [libertação] só vem se o viajante primeiro ousar revelar as coisas terríveis que viu” (p. 48) e, somente depois, será possível “cuidar do que se é” (FURTADO, 1999, p. 48).

Lima (2019, p. 124), também referida em Arendt, aponta “que a existência de alguém e o que ele é, ultrapassa em grandeza e importância tudo o que possa fazer ou produzir, é [portanto] o elemento indispensável da dignidade humana”. E, complementando com Guattari, aponta que não seria “apenas questão de qualidade de vida, mas, sobretudo, do porvir da vida” (LIMA, 2019, p. 124). Furtado (1999) e Lima (2019) vão buscando possibilidades para a terapia ocupacional e seu investimento nas atividades, com foco na vida e no cuidado de si.



Figura 2: Estou viva. Conversa com Lygia Clark: “o ato de se fazer é tempo”. [seleção de fragmento da obra Fragmentos de um corpo desnudo] 2021. Bordado livre. Tecido de algodão e linha para bordado. Obra de Isadora Cardinalli. Fotografia de Romerito Pontes.

Han (2017) pondera sobre o estímulo à produtividade na sociedade do desempenho, considerando o conceito de potência, que Lima (2019) também apresenta, a partir de Agamben. A potência envolveria não apenas a possibilidade de fazer, mas também a possibilidade de não fazer, de dizer não, de permitir-se a reflexão e o vazio da contemplação – este que não seria um estado de passividade, mas de atividade livre (HAN, 2017). A ordenação da vida pelo trabalho, como única atividade humana valorada, e a impossibilidade de parar teriam separado o ser humano de sua potência, sua diferença de ritmo, suas pausas, silêncios e “suas incapacidades, tudo aquilo que não pode fazer, ou pode não fazer” (LIMA, 2019, p. 119).

Num tal contexto, é urgente a relação de cada um com sua impotência, a atenção à sua própria vulnerabilidade, o cuidar-se que só pode se dar com a possibilidade da pausa e da lentificação. É a compreensão daquilo que nós não podemos, ou do que podemos não fazer, que dá consistência à nossa ação (LIMA, 2019, p. 119).

Como vimos no trecho de uma das cartas: “Estou seguindo, acossada por esse não poder não poder, e tenho também alegria em estar viva, em poder pensar, em poder fazer”. A

compreensão sobre atividade humana que quer produzir vida precisa se reaver com os desafios históricos e com aqueles de seu tempo. Retomar as potências da atividade humana para a terapia ocupacional também precisará reaver o poder não poder, o poder não fazer, o que aquele passível de ser morto talvez nem reconheça, problematizando a hiperatividade que é, paradoxalmente, “uma forma extremamente passiva de fazer, que não admite mais nenhuma ação livre” (HAN, 2017, p. 58).

O cansaço da sociedade do desempenho é solitário, individualiza e isola, é um tipo de violência que destrói a comunidade, os elementos comuns e a possibilidade de proximidade (HAN, 2017). Arendt também falou sobre as consequências de o trabalho ser a atividade humana predominante nas sociedades totalitárias – o que vemos hoje no mundo globalizado, seja no trabalho ou na busca por ele, sua centralidade condiciona a reprodução da existência –, gerando isolamento social e desenraizamento cultural, destruindo as possibilidades de sentir, pensar, agir e investir na produção do mundo comum (LIMA, 2017; 2020).

Por outro lado, o demorar-se contemplativo está ligado ao cultivo do ninho da experiência, onde mora o processo criativo, onde o belo é imperecível, onde se acessam as formas e estados de duração da vida, uma atenção profunda, um repouso (HAN, 2017). O que impacta a possibilidade de experiência também impacta a existência (LARROSA, 2016). A criação de mais vida está ligada à resistência aos estímulos opressivos, é um entregar-se à crise, pois somente interrompendo um estado é possível iniciar outro. Esse é um chamado para olhar para as violências incessantes e cuidar do que se é, as violências que também perseveram na/pela terapia ocupacional.

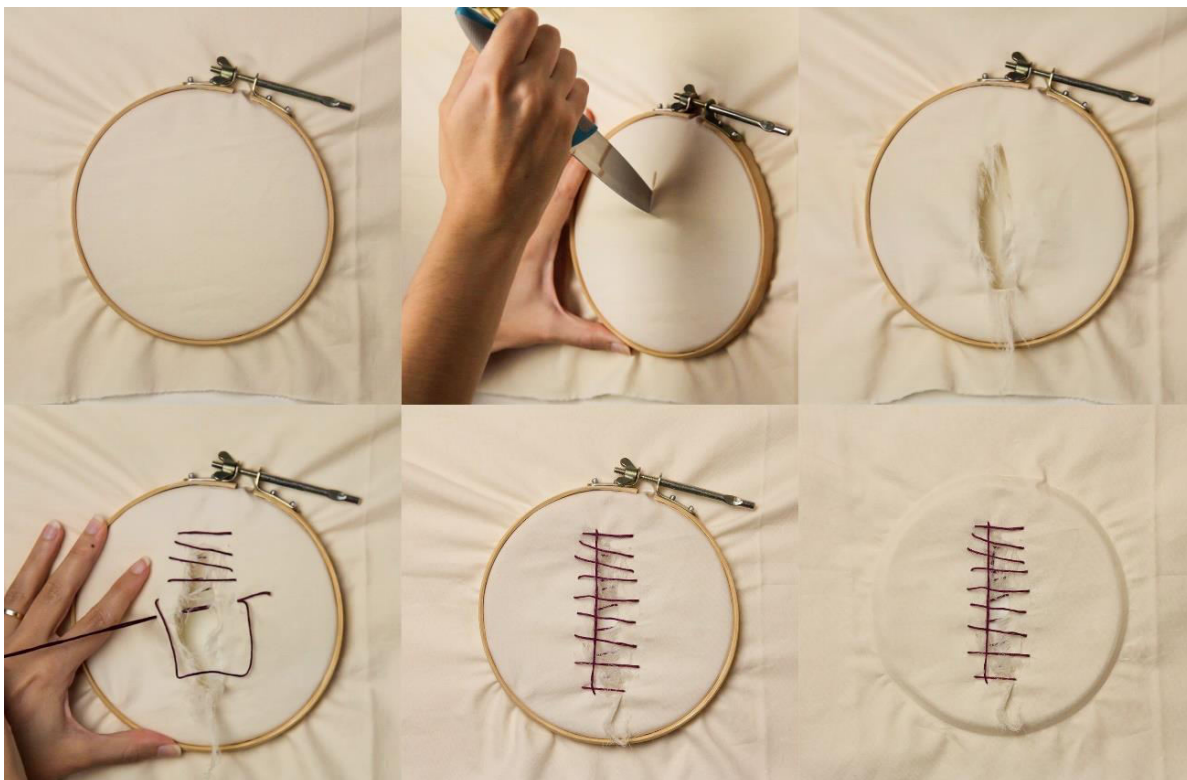


Figura 3: Rasgar-se e remendar-se. Conversa com Louise Bourgeois: “destruição do pai reconstrução do pai”. 2022. Performance. Tecido de algodão, bastidor de madeira e linha para bordado. Obra de Isadora Cardinalli. Fotografia de Romerito Pontes.

Existem marcas que não podemos apagar. Esta é uma profissão majoritariamente composta por mulheres que enfrentam métricas machistas. A condução da ciência moderna é masculina, machista e patriarcal (JAPIASSU, 2001), burocratizando o conhecimento pela dominação, julgamento e defesa. A terapia ocupacional recebe constantes análises negativas sobre sua suposta fragilidade e sobre sua produção ser confusa, o que a manteria em risco, mas também recebe promessas objetivas de como alcançar seu fortalecimento. Sua memória oral e suas experiências diversas são majoritariamente ignoradas. Porém, dentre tantas violências perpetuadas, não cansa de lutar e resistir, de promover mudanças e produzir belezas junto com as pessoas diariamente, o que mostra sua força, seu jogo de cintura (GONZALEZ, 1983) e suas táticas cotidianas (CERTEAU, 2014) nessa sociedade tão desigual e regida por políticas devastadoras. Por isso, será preciso rever o lugar da falta e da resposta objetiva, machista, patriarcal, colonial, racial, capacitista, opressora para compreender que uma produção autopoicionada a mantém viva.

A angústia já está aí, pois a cada postulado que se desestabiliza, propaga-se uma iminência do fim da terapia ocupacional, mas não se percebem os novos lugares que estão sendo

criados, os que já existem e a emergência por novos. O mundo já vive seus próprios fins enquanto se disputam conceitos e instituições. O futuro já está contaminado pelo descompasso de hoje, reflexo dessa concepção de humanidade, progresso e desenvolvimento separados da natureza, focados na hegemonia antropocêntrica do homem branco. Ailton Krenak nos alerta que agora é o momento em que o cuidado deveria estar acontecendo (CARDINALLI, et al, 2021).

Não tem fim do mundo mais iminente do que quando você tem um mundo do lado de lá do muro e um do lado de cá, ambos tentando adivinhar o que o outro está fazendo. Isso é um abismo, isso é uma queda. Então a pergunta a fazer seria: “Por que tanto medo assim de uma queda se a gente não fez nada nas outras eras senão cair?” (KRENAK, 2019, p. 62).

Tantos povos já viveram seus fins de mundo, populações que desapareceram e modos de vida que foram silenciados. Esse “tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos” (KRENAK, 2019, pp. 26-27). Em vez de ficarmos presos ao medo, deveríamos estar inventando e projetando formas prazerosas para passar por esses fins e encontrar outras formas de viver, de criar e cultivar a vida coletivamente. Formar nossas constelações de pessoas dispostas ao cuidado e à criação (CARDINALLI, et al, 2021). Aprender com “as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram [...], da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos” (KRENAK, 2019, p. 28).

Tomara que estes encontros criativos que ainda estamos tendo a oportunidade de manter animem a nossa prática, a nossa ação, e nos deem coragem para sair de uma atitude de negação da vida para um compromisso com a vida, em qualquer lugar, superando as nossas incapacidades de estender a visão a lugares para além daqueles a que estamos apegados e onde vivemos (KRENAK, 2019, p. 50).

Guajardo Córdoba (2016) vê o papel importante que as Terapias Ocupacionais do Sul têm tido para o reconhecimento e divulgação de suas historicidades, fundamentos sociais e propósitos críticos de transformação social. O encontro entre as Epistemologias do Sul e a terapia ocupacional latino-americana, para Galheigo (2014), tem se destacado pelas perspectivas críticas e espera-se que seu fortalecimento possa expandir o diálogo profissional e tornar mais promissora a troca entre saberes-fazeres em nível intercontinental.

Barros e Galvani (2016, p. 107) ressaltam a importância do estabelecimento de diálogos Sul-Sul e do reaprendizado sobre nossos conhecimentos e “parâmetros políticos complexos e vinculados à grande multiplicidade de linguagens, expressões estéticas e éticas e de formas de trocas culturais”.

Talvez seja necessário aproximarmos nossos conhecimentos antropológicos, culturais, artísticos e éticos daqueles científicos [...] captando os elementos intuitivos que estão no senso comum e nos diversos saberes até agora renegados [para que] possam[os] encontrar soluções localizadas, descolonizadas. Necessitamos de nossa capacidade humana criadora, criativa e, neste sentido o papel do técnico está na sua capacidade de por em crise seu próprio saber, questioná-lo para encontrar soluções (BARROS, 1991, p. 103).

Porém, para falarmos de uma relação entre as terapias ocupacionais do Sul, Galheigo (2012) lembra que, apesar de compartilharmos experiências, visões, linguagens, inquietações e contradições, devido a conexões sociais, culturais e históricas ou mesmo pela introdução da terapia ocupacional anglo-saxônica em nossos países, também temos nossas diferenças e contrastes. O que, mais uma vez, leva-nos ao desafio da relação intercultural em busca de uma construção que envolva o diálogo dos saberes-fazer e que os valorize e integre, acolhendo as diversas visões de mundo e afastando o etnocentrismo propagado pela hegemonia (ZANGO MARTÍN, 2015).

A diversidade cultural brasileira em si já retoma tal necessidade de diálogo e acolhimento para a composição. Isso fez com que terapeutas ocupacionais, no final dos anos 1990, pensassem sobre uma identidade profissional flexível: processual, complexa e feita de diferenças (LIMA, 1999), plural, multirreferencial e transdisciplinar (GALHEIGO, 1999) e positiva, o que requer olhar e “cuidar do que se é” (FURTADO, 1999, p. 47).

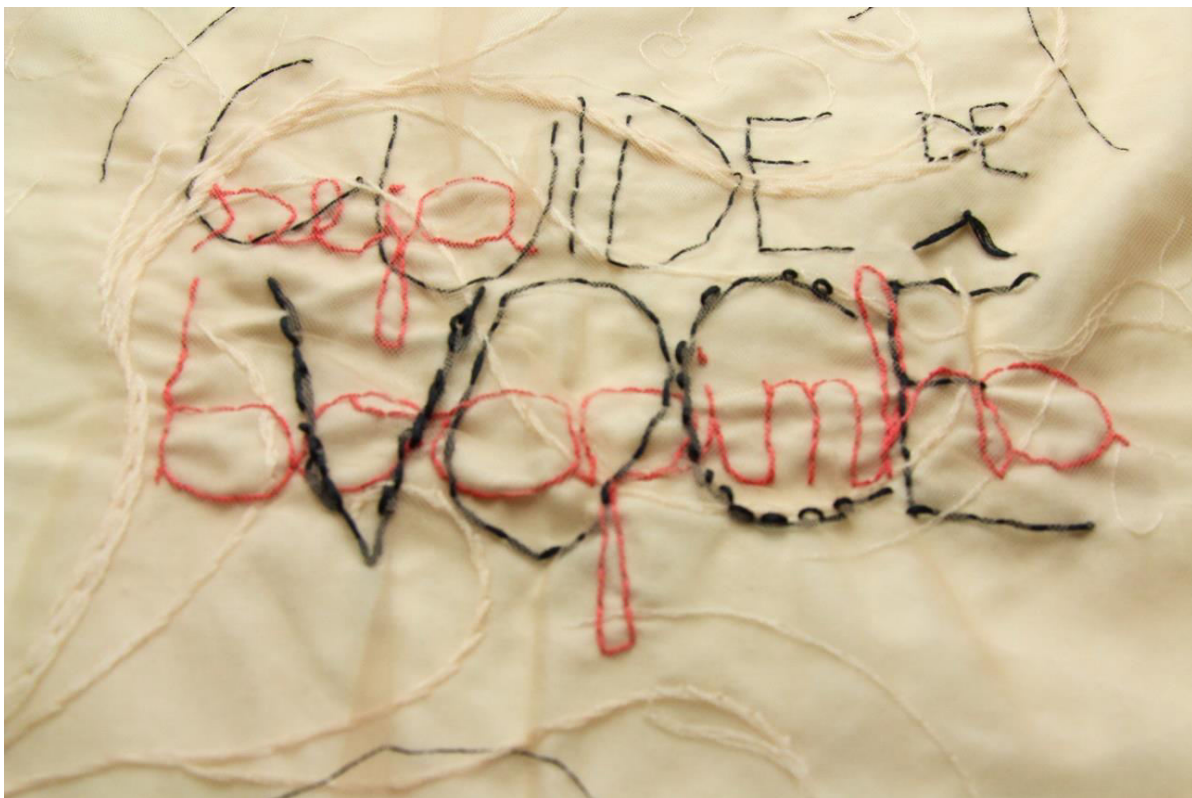


Figura 4: Ocupar-se de si. Conversa com Sophie Calle: “cuide de você”. [seleção de fragmento da obra Fragmentos de um corpo desnudo] 2021. Bordado livre. Tecido de algodão, tule e linha para bordado. Obra de Isadora Cardinalli. Fotografia de Romerito Pontes.

Paro e me apronto para mais um dia de poucas criações. O texto se revolta. Ele começa a ganhar corpo e demanda nascer. A inquietude toma conta de meu corpo. Escrever em um corpo feminino é mantê-lo frequentemente grávido. Sinto as pontadas e pontapés de meus filhos na barriga em meio às falas e às conferências. Como antes, as ideias agora demandam vida; o texto reclama existência, autonomia e quer se separar de mim. Mas precisa ainda que eu o mantenha vivo. Se relegá-lo a segundo plano posso perder “o fio e as meadas” (GALHEIGO, 2014, p. 218).

A referência ao cuidado de si trazida por Furtado retoma o dispositivo apresentado por Foucault (2020) junto às tecnologias de si, o que relaciona concepções como estética da existência, ética, práticas de liberdade e exercício político, e implicam moral e outras considerações sobre a compreensão de verdade, o que requer aprofundamentos que não farei aqui. Entretanto, como já apresentado neste trabalho, envolve a palavra e a escrita enquanto uma dedicação consigo e para comunicação com outros. A liberdade estaria relacionada com o dedicar, cultivar, cuidar e conhecer a si mesmo, desde que o sujeito não se sinta dominado por outros ou por si mesmo (FOUCAULT, 2020).

Gomes, Ferreri e Lemos (2018) destacam, a partir da análise de Foucault, que o cuidado de si pôde ser visto como um dispositivo que atravessa o campo da política a partir de uma problematização ética. Dizer aquilo que é verdade para si demanda uma certa coragem, pois arrisca-se à violência diante do outro. Assim, o grande desafio do cuidado de si no exercício político seria a relação entre cuidado e as verdades, sobretudo, em sua transposição para os tempos atuais em que o biopoder submete a vida e a morte ao comando da política econômica. Carecemos de formas de cuidado como enfrentamento e possibilidade “de traçar caminhos juntos, em prol de uma coletividade” (GOMES; FERRERI; LEMOS, 2018, p. 195).

Paulo Freire (1981) abordou a cultura do silêncio como herança colonial brasileira que continua se propagando pela opressão. As experiências da ausência de diálogo e de uma vida comunitária estariam relacionadas com esse mutismo, que continua sendo mantido estrategicamente pela dominação cultural, como se a falta de consciência histórica e social e de criticidade fosse uma condição natural. Tais condições prejudicam uma construção solidária e democrática da sociedade brasileira. Por isso, junto da mudança econômica estrutural se torna necessária uma mudança cultural tecida com diálogo e ação cultural (LIMA, 2011).

Buscamos diálogos que tornem possível uma coerência entre o cuidado da terapia ocupacional com o outro, mas também consigo e, portanto, com o cuidado comum. Não mais um cuidado que propaga valores genéricos, nem um comum baseado no totalitarismo. A partir do conhecimento e do cuidado com as singularidades, efetivar um cuidar do que se é e produzir comunicação, investir em uma comunidade, em uma coexistência e interdependência. Esperançando uma terapia ocupacional com base no “cuidado do que se é” e no “conviver no mundo comum”, compromissada com sua própria comunidade, assim como deve ser com as populações que acompanha.

Nossas ancestralidades, culturas e histórias sociais são nossas verdades, valores e condições de existência. Os povos da floresta fizeram das alianças afetivas uma possibilidade de cuidado de si e da floresta, não porque a natureza lhes garante subsistência, mas por compreenderem a interdependência da vida de todos os seres. Assim como nossa sobrevivência não depende dos países que se intitulam desenvolvidos, ao contrário, tem sido nossa vida que os alimenta e os enriquece. É uma revisão de valores, pois nossa existência só depende de nós, ainda que estejamos vendo apenas os conflitos que nos distanciam (CARDINALLI, et al, 2021).

Krenak (2016) fala sobre as alianças afetivas dos povos da floresta como uma possibilidade de enfrentamento e construção de saídas criativas:

A marca fundamental dessa relação é o conflito. O tempo inteiro uma pegada pesada do mundo exterior, com pouca colaboração, com pouca aceitação e muita revolta também, muito sentimento de injustiça, de perda. E olhar o mundo dessa perspectiva não oferece muitas aberturas, não apresenta muitas rotas para caminhar. Eu me neguei muito cedo a ficar observando as janelas só como se fossem rotas de fuga. Eu não queria tomá-las desse modo, mas queria eleger algumas dessas saídas como uma possibilidade criativa de interação com o que viesse pela frente. Em vez de o mundo ser só fechadura e impossibilidade, em vez de ele ser cheio de trancas, ele passa a ser cheio de janelas. Essas janelas todas vão ganhando um sinal positivo, de possibilidade de troca. Então, aliança na verdade é um outro termo para troca. Eu andei um pouco nessa experimentação até que consegui avançar para uma ideia de alianças afetivas – em que a troca não supõe só interesses imediatos. Supõe continuar com a possibilidade de trânsito no meio das outras comunidades culturais ou políticas, nas quais você pode oferecer algo seu que tenha valor de troca. E esse valor de troca supõe continuidade de relações. É a construção de uma ideia de que seu vizinho é para sempre (KRENAK, 2016, p. 170).

Investir nesse mundo comum nos lembra que o poder econômico não é o único valor de troca e que os interesses não precisam ser destrutivos. Vamos buscar outras janelas que nos possibilitem tecer novas narrativas e constelações afetivas.

O que nos sustenta são as alianças afetivas dessa nossa constelação e coletividade, são as trocas e variações na sensibilidade, o engajamento crítico, a consciência das nossas resistências diante dos poderes que reduzem a potência da vida e a coragem para reinventar o que somos, o que fazemos e como vivemos. Essa forma acolhedora, amorosa e generosa intrínseca a como compreendemos as relações, a criação, o corpo, a arte, a cultura e a subjetividade, nos faz problematizar e pousar reflexivamente nas atividades humanas (CARDINALLI, et al, 2021, p. 11).

A tecitura de redes e a formação de constelações afetivas são uma busca por possibilidades de reconhecimento e sustentação. O que sustenta os fios de uma rede não são apenas os nós, eles podem ser desfeitos, refeitos, movimentados, apertados ou alargados, assim como os conceitos, são apenas pontos de referência transitórios, o que nos importa mais são o que essa rede sustenta e o como. Como as constelações seriam apenas estrelas se nossos olhos humanos não traçassem as conexões, se não criarmos as conexões. Até as estrelas, embora nos pareçam fixas, também permanecem em movimento.

Salles (2006, p. 17) fala sobre a criação como uma “rede de conexões, cuja densidade está estreitamente ligada à multiplicidade das relações que a mantêm” e que “ganha complexidade à medida que novas relações vão sendo estabelecidas”. O conceito de rede, explica a autora, abrange certa plasticidade que corrobora com o processo de criação e seu potencial de

estabelecer nexos. Também abrange uma simultaneidade de ações, a ausência de hierarquia e uma não linearidade (SALLES, 2006).

Ingold (2012) prefere a imagem da malha, em vez da rede, já que seria o “modo como os movimentos e ritmos da atividade humana e não humana são registrados no espaço vivido” (p. 39). A malha estaria implicada com a condição da vida, como os fios tecidos por uma aranha, o que se projeta é a tecitura de fluxos e não a função de conectar pontos, “são as linhas ao logo das quais a aranha vive, e conduzem sua percepção e ação no mundo” (p. 40), a própria tecitura da vida e produção desse mundo (INGOLD, 2012).

Finalizo aqui essa tecitura, que são também linhas e fluxos pelos quais eu vivo, são minha vida diante de tanta morte, são desejos de que esses fios possam se encontrar com outros na malha desse mundo comum. Dessa pesquisa-atividade-cuidado em terapia ocupacional, seguimos caminhos construídos antes de nós e que nos possibilitaram estar e criar hoje. Olhamos para feridas das violências, mas também para tantas resistências e produções de vida. Compartilhei essa produção amorosamente com intercessores, parcerias e constelações afetivas. Acreditamos nas belezas e sentidos que a pesquisa em terapia ocupacional é capaz de criar. Seja qual for a inspiração, dentre estas ou ainda outras, continuo sonhando em criarmos, gestarmos, cultivarmos, parirmos e cuidarmos de nossos fios, nós, redes, malhas, relações, alianças, comunicações, comunidades, vidas e produção de mais-vida em, pela e para terapia ocupacional.

*Nascemos imensidão
Perdemos a conexão
Pela doença de ouvir
A voz da falsa razão
Abrindo os olhos sem acordar
Fechando o olho da intuição
Abrimos mão de enxergar
O desabrochar da vida
Obedecer, entristecer
Procrastinar, sem tempo de ser
O que a nossa alma pede
Dentro de nós acumulamos pesos cruéis*

*Acreditando que é assim que a vida é
É, é, é, é...*

*Tá na hora de reagir
Entender que somos gigantes
Ocupar o nosso lugar
Acolher nossas almas
Nunca é tarde pra replantar
Nossa terra é de amor infindo
A semente vai germinar
É assim que a vida é*

(Germinar - Flaira Ferro e Ylana Queiroga)



Figura 5: Ninho e nós. Conversa com Karen Dolorez: “parindo novos nós”. [seleção de fragmento da obra Fragmentos de um corpo desnudo] 2021. Bordado livre. Tecido de algodão e linha para bordado. Obra de Isadora Cardinalli. Fotografia de Romerito Pontes.

Referências do caderno 3

- ALVES, R. *Educação dos sentidos e mais...* Campinas, SP: Verus Editora, 2005. 126p.
- ALVES, R. Escutatória. In: _____. *O amor que acende a lua*. Campinas, SP: Papirus. 1999. pp. 65-71.
- ANDERSEN, L. T.; REED, K. L. *The History of Occupational Therapy: the first century*. Thorofare, NJ: SLACK Incorporated, 2017. 397p.
- BARBOSA, M. G. *O Que É O Que É? Infâncias Kalunga*. Goiânia: Kelps, 2018. 126 p.
- BARROS, D. D. Habilitar - Reabilitar... O rei está nu? *Revista de Terapia Ocupacional da USP*. v. 2, n. 2/3, pp. 100-104, 1991.
- BARROS, D. D. Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v.15, n.3, p. 90-7, 2004.
- BARROS, D. D.; GALVANI, D. Terapia Ocupacional: social, cultural? Diversa e múltipla. In. LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. *Terapia ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016. pp. 83-116.
- BENETTON, J.; MARCOLINO, T. Q. As atividades no Método Terapia Ocupacional Dinâmica. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, v. 21, n. 3, pp. 645-652, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/cto.2013.067>>. Acesso em: 02 Abr 2021.
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: _____. *O anjo da história*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. pp. 83-90.
- BENJAMIN, W. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012. pp. 213-240.
- BENJAMIN, W. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In: _____. *Escritos sobre mitologia e linguagem (1915-1921)*. 2ª ed. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2017. pp. 49-74.
- BIANCHIN, V. O certo é “biscoito” ou “bolacha”? *Super Interessante*, Grupo Abril, 2020. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-certo-e-biscoito-ou-bolacha/>>. Acesso em: 02 Dez. 2021.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

CANTON, K. *Do Moderno ao Contemporâneo*. Coleção Temas da Arte Contemporâneo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 56p.

CARDINALLI, I. *Conhecimentos da Terapia Ocupacional no Brasil: um estudo sobre trajetórias e produções*. 2016. 212 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, UFSCar, São Carlos, SP. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8496>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

CARDINALLI, I.; CARDOSO, P. T.; SILVA, C. R.; CASTRO, E. D. Constelações afetivas: cotidiano, atividades humanas, relações sociais e Terapia Ocupacional entrelaçados à cosmovisão Krenak. *Interface* (Botucatu), v. 25: e210262, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/interface.210262>>. Acesso em: 03 Jan. 2022.

CARVALHO, M. *Teoria e experiência*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. 80p.

CASTRO, E. D.; ASANUMA, G. D.; BARBOSA, N. D.; GHIRARDI, M. I. G. Agenciamentos coletivos na experimentação do PACTO Trabalho. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 1, p. 163-170, 2013. Acesso em: <<http://dx.doi.org/10.4322/cto.2013.021>>. Disponível em: 09 Set 2021.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 320p.

COSTA, M. C.; ALMEIDA, M. V. M. Esquizo-ocupação: uma ferramenta de análise da instituição Terapia Ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 15, n. 1, p. 11-6, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v15i1p11-16>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª ed. revista pela nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010, p. 438.

DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Palbert. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 208 p.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio. 1976.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia?* 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

FIORIN, J. L. Língua, discurso e política. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, jan.-jun. 2009, pp. 148-165. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33013421012>>. Acesso em: 13 Dez. 2021.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 80p.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. 10 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016. 541p.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 3*: O cuidado de si. 7ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 8ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018. 432p.

FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981. 149 p.

FURTADO, E. A. Conversando sobre identidade profissional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, São Paulo, v.10, n2/3, 1999, pp. 46-48.

GALHEIGO, S. M. Perspectiva crítica y compleja de la Terapia Ocupacional: Actividad, cotidiano, diversidad, justicia social y compromiso ético político. *TOG (A Coruña)*, pp. 176-189, 2012. Disponível em: <<http://www.revistatog.com/mono/num5/mono5.pdf>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

GALHEIGO, S. M. Repensando o lugar do social de um campo de conhecimento em terapia ocupacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, VI, 1999, Rio de Janeiro. *Trabalho (Anais)*. Rio de Janeiro/RJ: 1999.

GALHEIGO, S. M. Sobre identidades, latinoamericanidades e construção de saberes em Terapia Ocupacional: diálogos com Boaventura de Sousa Santos. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 215-221, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4322/cto.2014.023>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional social: uma síntese histórica acerca da constituição de um campo de saber e de prática. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (orgs.). *Terapia Ocupacional Social*: desenhos teóricos e contornos práticos. São Carlos: EdUFSCar, 2016, pp. 49-68.

GALHEIGO, S. M. Transdisciplinaridade enquanto Princípio e Realidade das Ações de Saúde. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, São Paulo, v.10, n2/3, pp. 49-54, 1999.

GALHEIGO, S. M.; BRAGA, C. P.; MIETO, F. S. R.; PARREIRA, F. V.; SARMENTO, G. Q.; MOTTA, M.; SILVA, M. C. A.; SANTOS, M. F.; SPINOLA, P. F.; LIMA, R.; MITRE, R. M. A.; LAGÔA, T. R. O.; OLIVEIRA, T. A.; SANTOS, W. A. Comunidade de prática em terapia ocupacional: a avaliação do processo pelos participantes e pelos pesquisadores. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos. v. 23, n. 3, pp. 463-474, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0471>>. Acesso em: 02 Abr 2021.

GOMES, M. M.; FERRERI, M.; LEMOS, F. O cuidado de si em Michel Foucault: um dispositivo de problematização do político no contemporâneo. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 30, n. 2, maio-ago. 2018, pp. 189-195. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5540>>. Acesso em: 03 Jan. 2022.

GIORDANI, R. L. As relações de poder exercidas através do discurso. *BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*, 2011, pp. 1-18. <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/giordani-rosselane-as-relacoes-de-poder-exercidas-atraves-do-discurso.pdf>>. Acesso em: 15 Dez. 2021.

GONZALEZ, L. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS - ANPOCS, IV, 1983, pp. 223-244. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/eurocentrismoemxeque/para-compreender-a-amefrica-e-o-pretugues/>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

GUAJARDO CÓRDOBA, A. Terapias Ocupacionais desde el Sur: texto inaugural. In.: SIMÓ ALGADO, S. et al. *Terapias Ocupacionales desde el Sur: derechos humanos, ciudadanía y participación*. Santiago: USACH, 2016. pp. 41-62.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 12ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 439p.

HAN, B. C. *Sociedade do Cansaço*. 2 ed. Ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 128p.

HEUSI, N. A comida *mbya* como reflexo da relação com os brancos. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS - ANPOCS, XXIV, 2010, Caxambu/MG. *Trabalho (Anais)*. Caxambu/MG: 2010,

pp. 1-19. Disponível em: <<https://anpocs.com/index.php/papers-34-encontro/st-8/st28-2/1632-nheusi-a-comida/file>>. Acesso em: 03 Dez. 2021.

INFORSATO, E. A.; CASTRO, E. D.; BUELAU, R. M.; VALENT, I. U.; MORAES E SILVA, C.; LIMA, E. M. F. A. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 29, n. 2, p. 110-117, 2017. Disponível: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v29i2/2160>>. Acesso em: 21 Set 2021.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 18, n. 37, jan./jun. 2012, pp. 25-44.

JAPIASSÚ, H. O projeto masculino-machista da ciência moderna. In: SOARES, L. C. (org.) *Da Revolução Científica à Big Science*. São Paulo, Hucitec/EDUFF, 2001, pp.67-104.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3ª edição revista e ampliada Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KRENAK, A. As alianças afetivas. [Entrevista concedida a] Pedro Cesarino. *Ministério da Cultura*, Bienal e Itaú. 32ª Bienal de São Paulo - Incerteza viva: dias de estudo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo; ago. 2016. p. 169-84.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 104p.

LARROSA, J. Dar a palavra: notas para uma dialógica da transmissão. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (orgs.) *Habitantes de Babel: política e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. pp. 281-295.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: _____. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. pp. 15-34.

LIMA, E. M. F. A. Atividades, mundo comum e formas de vida: contribuições do pensamento de Hannah Arendt para a terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*. v. 28, n. 3, pp. 1037-1050, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1995>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

LIMA, E. M. F. A. Desejando a diferença: considerações acerca das relações entre os terapeutas ocupacionais e as populações tradicionalmente atendidas por estes profissionais. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 14, n. 2, pp. 64-71, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rto/article/viewFile/13918/15736>>. Acesso em: 09 Fev 2021.

- LIMA, E. M. F. A. Identidade e Complexidade: composições no campo da Terapia Ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, São Paulo, v.10, n.2/3, p.42-45, 1999.
- LIMA, E. M. F. A. Uma Perspectiva Ético-Estético-Política para as Atividades em Terapia Ocupacional. In: SILVA, C. R. (org.). *Atividades humanas e terapia ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências*. São Paulo: HUCITEC. 2019. pp. 97-127.
- LIMA, E. M. F. A. *Vida ativa, mundo comum, políticas e resistências: pensar a terapia ocupacional com Hannah Arendt*. Tese (livre-docência) São Paulo, 2017. 367 p. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/5/tde-05022018-084711/pt-br.php>>. Acesso em: 09 Fev 2021.
- LIMA, V. A. *Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire*. 2 ed. rev. Brasília: Editora UnB: Fundação Perseu Abramo, 2011.
- MARCOLINO, T. Q. *A porta está aberta: aprendizagem colaborativa, prática iniciante, raciocínio clínico e terapia ocupacional*. 2009. 307p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSCar, São Carlos, SP. 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2219>>. Acesso em: 02 Abr 2021.
- MARCOLINO, T. Q. O discurso público em Terapia Ocupacional: sentidos construídos em uma comunidade de prática. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* Rio de Janeiro. v.1, n. 2, pp.149-162, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto4775>>. Acesso em: 02 Abr 2021.
- MATTINGLY, C. A natureza narrativa do Raciocínio Clínico. Tradução Taís Q. Marcolino. *Revista CETO*. ano 10, n.10, pp. 4-18, 2007.
- MOSÉ, V. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. 238p.
- OSTROWER, F. *Acasos e criação artística*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. 398 p.
- QUARENTEI, M. S. Atividades: territórios para expressão e criação de afetos. *Boletim de Psiquiatria – EPM*, São Paulo, v.27, n.1, 1994, pp. 26-67.
- QUARENTEI, M. S. Criando Lugar(es) para acolher a falta de lugar. *Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 5, p. 195-202, 1999a. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32831999000200029>> . Acesso em: 10 fev 2021.

- QUARENTEI, M. S. Do ocupar à criação de territórios existenciais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, X, 2007, Goiânia. *Trabalho (Anais)*. Goiânia/GO: 2007, pp. 1-11.
- QUARENTEI, M. S. Experimentar, criar... afirmar territórios, vidas... belezas. In: SEMINÁRIO DE CRIAÇÕES CONTEMPORÂNEAS, I, 2006, Botucatu. *Trabalho (Anais)*. Botucatu/SP: 2006, pp. 1-6.
- QUARENTEI, M. S. Marcas na construção do conhecimento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, VI, 1999, Águas de Lindóia. *Trabalho (Anais)*. Águas de Lindóia/SP: 1999b, pp. 1-7.
- QUARENTEI, M. S. Terapia Ocupacional e Produção de Vida. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, VII, 2001, Porto Alegre. *Trabalho (Anais)*. Porto Alegre/RS, 2001, pp. 1-8.
- QUARENTEI, M. S.; PAOLILLO, A. R.; SILVA, C. R.; FREITAS, H. I.; CARDINALLI, I.; AMBROSIO, L.; CARDOSO, P. T.; FERIGATO, S. H.. NÓS-EM-PANDEMIA: um ANTImanual do fazer em tempos de paradoxos na atividade. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, v. 4, n.3, 2020, pp. 302-317. Disponível em: <<https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto34476>>. Acesso em: 10 fev 2021.
- MATURANA, H.; VARELA, F. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Editorial Psy, 1995. 281 p.
- ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014. 247p.
- ROLNIK, S. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. 2ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2019. 206p.
- ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, v.1 n.2, pp. 241-251, 1993. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>>. Acesso em: 09 Fev 2021.
- SALLES, C. A. *Redes da Criação: construção da obra de arte*. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2006. 176p.

SANTOS, B. S. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 63, 2002, pp. 237-280. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/rccs/1285>>. Acesso em: 18 Dez. 2021.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Batkhtin). *Marxismo e a filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2018. 376p.

ZANGO MARTÍN, I. *Terapia ocupacional desde una perspectiva intercultural: Análisis de las asunciones teóricas básicas*. 2015. 373 p. Tese (Doutorado). Centro de Estudios Socio-Sanitarios, Universidad de Castilla-La Mancha, Ciudad Real, Espanha. 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10578/7735>>. Acesso em: 09 Fev 2021.